VIII CONCURSO LITERÁRIO OLIVEIRA CARUSO



ORG.: PAULO ROBERTO DE OLIVEIRA CARUSO

2019

ÍNDICE

CONCORRENTES	
ABÍLIO KAC (RJ)	6
ADRIANA PAVANI (SP)	17
ALDO NORA (SC)	19
AMETISTA NUNES (BA)	41
ANA MARIA TOURINHO (RJ)	48
ANÉSIO FRAGA (SE)	52
ANGELA GUERRA (RJ)	56
ANTÔNIO FRANCISCO CÂNDIDO (MG)	63
ANTÔNIO FRANCISCO PEREIRA (MG)	67
CARLOS ALBERTO DE ASSIS CAVALCANTI (PE)	72
CELSO GONZAGA PORTO (RS)	76
CORACY BESSA (BA)	85
DARCY REIS ROSSI (SP)	98
DÉBORA NOVAES DE CASTRO (SP)	103
DENISE REIS (RS)	107
DENIVALDO DOS SANTOS (SE)	115
DUCARMO SOUZA (PA)	129
EDIR FIGUEIRA (AC)	132
EDITE NUNES (MG)	143
EUGÊNIO MARIA GOMES (MG)	149
FRANCISCO BANDEIRA LIMA JUNIOR (CE)	165
FRANCISCO GONDAR (RJ)	172
GABRIEL RIBEIRO ELEODORO (RJ)	183
GLÁUDIA FÉRRER (RJ)	188
JERÔNIMO LUIZ GONÇALVES (GO)	200
JOÃO BOSCO DO NORDESTE (BA)	205
JORGE FREGADOLLI (PR)	222
JOSÉ CARLOS PANAZZOLO (SP)	226
JOSÉ DE ANCHIETA MENDES DE OLIVEIRA(PI)	231

JOSÉ NEDEL (RS)	255
JUÇARA VALVERDE (RJ)	259
LÚCIA PÉRISSÉ (RJ)	263
LUIS LAÉRCIO GERONIMO PEREIRA (SE)	268
LYGIA DE ALMEIDA MARQUES (RS)	279
MÁRCIA REJANE DE ALMEIDA SANTOS (SE)	285
MARIA ESTHER RODRIGUES (RJ)	291
MARIA LUCIENE DA SILVA (CE)	320
MARIA RITA DE CÁSSIA PRETO MIRANDA (MG)	326
MARILZA THEREZINHA DE ABREU FIALHO (RJ)	331
MARISA PONTES (MG)	335
MARLI TEREZINHA ANDRUCHO BOLDORI (SC)	340
MITIKO YANAGA UNE (RJ)	350
NERI BOCCHESE (PR)	362
PAULO VALENÇA (PE)	365
PIETRO LEMOS COSTA (DF)	374
RENATA BARCELLOS (RJ)	381
RENÉ JOSÉ BLIMER (SP)	385
RÔMULO CÉSAR MELO (PE)	389
ROZELENE FURTADO DE LIMA (RJ)	415
SALETE NASCIMENTO (SE)	420
SÉRGIO RODRIGUES PIRANGUENSE (MG)	424
SÔNIA NOGUEIRA (CE)	427
VALÉRIA GUERRA REITER (RJ)	440
VALÉRIA MELLO (RJ)	448
VALÉRIA VICTORINO VALLE (GO)	452
VANDA MARIA JACINTO (RN)	456
WILSON RODRIGUES PEREIRA (DF)	468
YARA OLIVEIRA (MG)	474

JURADOS	
ANDRÉ FLORES (RS)	482
EVANDRO FERREIRA RODRIGUES (CE)	485
JESSÉ MAIA DE OLIVEIRA (RJ)	490
JOSÉ FELDMAN (PR)	495
ORGANIZADOR	
PAULO ROBERTO DE OLIVEIRA CARUSO (RJ)	498
AGRADECIMENTOS	500

IMPORTANTE:

A REVISÃO ORTOGRÁFICA COUBE A CADA AUTOR.

CONCORRENTES

ABÍLIO KAC
(RIO DE JANEIRO - RJ)

. Poeta, Trovador, Cronista, Contista, Ensaísta e Escritor.
. Possui 39 livros publicados e trabalhos em mais de 150 Antologias.
. Ex-Presidente da ABRAMES e da UBE/RJ. No momento é Diretor Cultural da ABRAMMIL.

ALVA FLOR

Sonhei que era uma flor branca,
a única entre as flores do jardim.
Achava sofrer discriminação...
Entristecida, tentei voltar a ser botão...
Tentei, tentei, tudo em vão...
Vivia com as pétalas tristes, cabisbaixas.
Com esforço, levantei-as para o céu
e pedi à Deus explicação.
A natureza em nome dele respondeu:
- Não lamentes pela alvura!
És a flor da paz e da ternura,
a união das cores, a mais pura.
Foi Deus que a fez brotar assim.
És a flor mais invejada do jardim!

OBS.: MENÇÃO ESPECIAL EM POESIA

TROVAS HUMORÍSTICAS

De tudo já fui chamado.
Só não gostei de “abelhudo”.
Sem ter sogra, sou xingado
pelo sogro “linguarudo”!

É preciso ser prudente
quem é banguela e caolho
ao falar dente por dente
e também olho por olho.

Assaltos! Balas perdidas!
Um turista em polvorosa
gritou na sua partida:
- Cidade Maravilhosa!

Não é lorota, morou?
O pescador ganhou fama.
Com obesa se casou.
Teve baleia na cama.

Velhas feias se chocaram
num simultâneo tropeço.
Ao caírem se entreolharam
e disseram: - eu mereço!

A mestra em computação
sofria pesada carga
por sempre ouvir “que avião”
e a chamar de “banda larga”!

TROVAS LÍRICAS / FILOSÓFICAS

Num cofre tranquei problemas
constantes da vida afora.
Vivo feliz, sem dilemas,
pois a chave joguei fora.

Aprender pouco falar
nunca é tarde, seja breve.
Falar muito vai levar
a falar o que não deve.

Europa no inverno? Não!
Tenho medida caseira:
vou a Campos de Jordão,
a Suíça Brasileira!

Minha musa tão amada
jamais será esquecida
por se encontrar estampada
no painel da minha vida.

Pensamento fica quente
quando a cabeça fica oca:
nem toda fala na mente
deve sair pela boca.

Vou lhe dizer o porquê
que o nosso amor não tem fim:
para a fuga de você,
preciso fugir de mim!

OLIMPÍADAS E GOLFE

Os Jogos da Antiguidade foram criados pelos gregos há quase três mil anos em nome de Zeus, o Senhor dos Deuses que ostentava um raio como símbolo do seu poder, segundo a Mitologia, a quem os jogos eram dedicados num período denominado Olimpíada. Tais jogos sempre foram organizados em Olímpia, considerada um santuário entre as cidades da Península do Poloponeso, no Sul da Grécia. Os Jogos da Antiguidade foram abolidos em 393 d.C pelo Imperador Romano Teodósio I, que extinguiu todos os centros e cultos pagãos durante sua campanha para promover o Cristianismo à religião oficial do império.

Não mais pela honra dos Deuses, mas pelo prazer da competição, o francês Pierre de Frédy, o Barão de Coubertin, trouxe de volta os Jogos Olímpicos, que teve abertura em 6 de abril de 1896. Passados 1500 anos, a Era Moderna manteve a tradição da Antiguidade. Os símbolos gregos foram mantidos a começar pelo local escolhido, Atenas, capital da Grécia. A partir daí, de 4 em 4 anos, a competição acontece numa cidade.

Acabamos de sediar a 31ª Edição da Olimpíada. Em 2009 o Brasil e o Rio de Janeiro ganharam o direito de sediarem a Olimpíada, a primeira realizada na América do Sul. Ela ocorreu de 5 a 21 de agosto de 2016, onde competiram 205 países, em 42 modalidades esportivas, com participação de 10.500 atletas e 2 milhões de turistas. O Brasil participou com mais de 400 atletas. Já os Jogos Paraolímpicos foram realizados entre 7 e 18 de setembro, sendo a Delegação Brasileira composta de 278 atletas, que participaram de todas as 22 modalidades pela primeira vez. O Rio de janeiro já havia tentado

ser a sede das Olimpíadas em 2004 e em 2012, sem sucesso. Desta feita, venceu, tendo como concorrentes: Madri, Tóquio e Chicago.

As Olimpíadas da Nova Era ocorreram em: Atenas (1896), Paris (1900), Saint Louis (1904), Londres (1908), Estocolmo (1912), Antuérpia (1920), Paris (1924), Amsterdã (1928), Los Angeles (1932), Berlim (1936), Londres (1948), Helsinque (1952), Melbourne (1956), Roma (1960), Tóquio (1964), México (1968), Monique (1972), Montreal (1976), Moscou (1980), Los Angeles (1984), Seul (1988), Barcelona (1992), Atlanta (1996), Sydney (2000), Atenas (2004), Pequim (2008), Londres (2012) e Rio de Janeiro (2016). Em decorrência da 1ª Guerra Mundial, a Olimpíada que seria realizada em Berlim (1916) foi cancelada. Também em virtude da 2ª Guerra Mundial, as Olimpíadas de 1940 e 1944 não se realizaram.

Como tradição nas Olimpíadas, ocorre o revezamento da Tocha Olímpica, partindo da Cidade de Olímpia (Grécia), até a sede dos jogos. Ela começou em Berlim (1936) e o ritual permanece até hoje. No Brasil, a tocha rodou mais de 300 cidades espelhadas pelos 27 estados do país. O tour começou em Brasília no dia 3 de maio e chegou no Rio de Janeiro no dia 4 de agosto, acendendo a Pira Olímpica no dia 5, na Cerimônia de Abertura. Pela primeira vez a Pira Olímpica ficou de fora de um estádio (Esplanada da Candelária – Boulevard Olímpico).

Das 42 modalidades olímpicas, o golfe tem uma história inusitada. Esse esporte foi criado no século XV, na Escócia. As primeiras (e únicas) participações em Olimpíadas ocorreram em 1900 (Paris) e 1904 (Saint Louis). Após 112 anos, tal esporte de elite voltou a participar e poderá também ter participação na próxima olimpíada que será em Tóquio (2020). Cerca de 25%

dos golfistas do mundo são mulheres. Uma partida de golfe dura, em média, 4 horas. Existe um carregador da bolsa de tacos (caddy). Cada jogador pode ter 14 tacos na bolsa. Um deles é o putter, usado para finalizar bolas curtas. Os jogadores devem percorrer 18 buracos. A meta do golfista é correr os buracos em poucas tacadas. A primeira batida é a mais longa (swing). Nenhum esporte paga mais em premiação do que o golfe. O líder do ranking, o Australiano Jason Day já ganhou US$5,8 milhões somente numa premiação. O golfista Tiger Woods, em sua carreira, já ganhou US$448 milhões e o golfista alemão Bernhard Langer já arrecadou US$1,5 bilhões.

Alguns atletas cancelaram sua participação na Rio-2016 por causa do Zica vírus. Os principais golfistas mundiais não vieram. Acontece que a possibilidade de se pegar Zica era muito remota. Era mais fácil contraí-la no verão da Flórida do que no inverno do Rio. Segundo Paulo Pacheco (Presidente da Confederação Brasileira de Golfe), existem outros fatores que justificariam a não vinda dos atletas, especialmente dos golfistas. Eles estão acostumados a jogar torneios que pagam até US$2 milhões para o vencedor fora os acordos que eles fazem como os patrocinadores do evento após a vitória. Não estão acostumados a jogar por uma medalha. Eles também jogam por si, nunca tiveram experiência de representar um país. Acho tudo isso lamentável. Lembro aqui, as sábias palavras do Barão de Coubertin: “O importante não é vencer, mas competir. E com dignidade”. Faço, então, uma complementação: Dinheiro não é tudo na vida. O amor ao esporte não tem preço!

UM BEM NECESSÁRIO

A mulher participa em múltiplas tarefas até nas dominadas pelos homens. Com presteza e determinação movida pela vontade e superação, segue mostrando capacidade no labor. Com humor e trabalho duro, vai superando antigo preconceito que, aos poucos, vai sendo quebrado. É flagrante o avanço feminino em todos os postos de comando. Hoje, a mulher já disse a que veio, tudo resultando por uma questão de mérito, levado pela sua competência.

Infelizmente ainda existe desequilíbrio nas questões domésticas e criação dos filhos. É inconcebível o assédio sexual e moral... O respeito, ela já está conquistando!

Tornou-se importante a incorporação da mão de obra feminina na construção civil. Por ser detalhista, contribui pelo bom gosto na pintura e no acabamento.

O contingente feminino já é maior nas faculdades, academias literárias e magistério. O labor da mulher está crescendo dia a dia em grandeza, número e grau, já chegando até a presidência da nação.

Estudos nos mostram que empresas com mulheres na liderança ou em conselhos de administração têm melhores resultados econômico-financeiros. Elas apresentam uma melhor compreensão das variáveis de cenário e tomam decisões mais acertadas à longo prazo. Apesar de tudo isso, elas ganham menos do que os colegas homens em todas as situações ocupando os mesmos cargos, trabalhando nas mesmas áreas de atuação ou com os mesmos níveis de escolaridade. Há necessidade, por critério de justiça acabar com essa desigualdade de gênero. É um bem necessário.

Falando agora do ponto de vista amoroso, segundo Honoré de Balzac, a vida do homem é a glória, a da mulher é o amor. Já Oscar Wilde nos diz que as mulheres foram feitas para serem amadas e não compreendidas.

As mulheres, mais que os homens, estão fadadas à encontros que podem ser programados ou até sofrerem imprevistos. Estes, ocorrem no cotidiano sejam encontros amorosos, a negócios, esportivos, de lazer, de

estudos ou simplesmente para um bate-papo. Segundo Vinicius de Moraes, a vida é a arte dos encontros, apesar de tantos desencontros.

Uma antiga lenda indiana nos leva a reflexão. Ela fala sobre a criação da mulher e nos diz: após criar o homem, Deus não tinha mais material adequado para formar outro ser humano. Mas queria criar a mulher. Então tomou a redondeza da lua, a sinuosidade da serpente, o entrelaçamento da ramagem das plantas, a esbelteza do talo da rosa, a vaporosidade da neblina, a inconstância do vento, a timidez da lebre, a vaidade do pavão, a amargura do fel, o suave sabor do mel, o ardor do fogo, a frieza da neve, a tagarelice do gaio, o arrulho amoroso da pomba, misturou todos esses elementos e fez a mulher. E ofereceu-a ao homem.

Durante cinco dias, o homem ficou feliz com a inesperada companheira. Mas no sexto dia, apresentou-se diante de Deus e disse: “Meu Senhor, esta criatura que me deste envenena-me a vida. Fala demais, queixa-se o tempo todo, não se desculpa de nada e está sempre doente. Por favor, aceite-a de volta”. Deus pronunciou então o primeiro divórcio humano.

Cinco dias depois, porém, o homem voltou à presença de Deus, mortificado: “Meu Senhor, disse, não consigo mais aguentar a solidão. Aquela criatura fazia a alegria de minha vida. Por favor, devolve-ma”.

Mais uma vez, Deus acedeu ao desejo do homem. Depois de outros cinco dias, contudo, o homem voltou com novas queixas. Mas desta feita, Deus não o atendeu, sentenciando: “Não podes viver com ela. Mas tampouco podes viver sem ela. Trata de encontrar nesse dilema tua felicidade”. E o homem, foi-se resmungando: “É verdade. Não posso viver com ela mas tampouco posso viver sem ela”.

Daí, uma reflexão. Viver com ela seria um “mal necessário”? Não! Desde que houvesse um respeito mútuo e amor, se tornaria um “bem necessário”. Senão, em caso contrário, procuraria outra, a metade da sua maçã, a sua alma gêmea!

UMA GATA DE PRESENTE

Joãozinho, um menino de sete anos, esperto e bem humorado, morava numa casa de vila. A janela do seu quarto dava para o quintal onde havia um muro que a separava do vizinho. Na última casa da vila morava o seu amigo Zequinha. Eles tinham a mesma idade e eram tão amigos que pareciam irmãos. Zequinha tinha uma gata que acabara de ter filhotes, cinco de uma só vez: dois brancos, dois brancos com manchas pretas e uma pretinha. Quando Joãozinho ia à casa do amigo, costumava brincar muito com os gatos, principalmente com a pretinha, com a qual mais simpatizava. As visitas se sucediam e os gatos iam crescendo.

Certo dia, Joãozinho já sentindo amor pela sua gata preferida, pediu para ficar com ela, levando-a para sua casa sem os seus pais saberem. Colocou-a no quintal e pediu a empregada para nada contar. Assim, dava comida e leite ao felino e brincava com ele sempre na ausência dos pais. No final de semana, Pedro, pai de Joãozinho, indo ao quintal, encontrou a gata. Logo pensou ser ela do vizinho. Então, pegou-a, subiu num banquinho, e colocou-a no muro para que ela voltasse à casa do seu dono. Por várias vezes procedeu desse modo, até que um dia, encontrando o seu vizinho, conversa vai, conversa vem, acabou sabendo que ele não era o dono da gata. Pensando então estar ela perdida e pelo fato de muitas vezes ficar incomodado com os seus miados, resolveu tirá-la dali. Pegou um saco, colocou-a dentro dele e levou para um terreno baldio. Sentindo a falta do bichano, Joãozinho, que era uma criança alegre, começou a ficar triste, muitas vezes chorava, passando a se alimentar mal e em consequência começou a emagrecer. Seus pais, preocupados, pensaram em levá-lo a um pediatra. Joãozinho, então, tomou coragem, confessou tudo aos seus pais. Eles, logo entenderam o que se passava. Tudo que estava acontecendo com a criança era pela ausência da gata. Pedro prometeu ao filho que voltaria ao local onde havia deixado o animal, na tentativa de encontrá-lo. Tudo em vão... O remédio adequado era arrumar outra gata... Acontece que Joãozinho, por já ter se acostumado com o

felino, não aceitava outro. O impasse estava criado e em consequência a procura da gata pela vizinhança se intensificou...

Joãozinho, devido ao empenho dos pais, sem perder a esperança, teve melhoras em sua saúde. Ao se aproximar o dia de Natal, Joãozinho teve uma idéia. Escreveu uma cartinha para Papai Noel. Pediu a empregada que levasse a missiva para o correio. Assim foi feito. Quanto mais se aproximava a maior festa da cristandade, mais ansioso e esperançoso ficava. Após a ceia daquela noite especial, deixou seu sapatinho na janela e foi se deitar. Por volta da meia-noite, os sinos de uma igreja próxima a vila começaram a badalar anunciando o nascimento do menino Jesus. Com o som dos sinos, Joãozinho que já dormia um sono leve, sempre preocupado com a resposta ao seu pedido, despertou. Foi quando entre uma badalada e outra, ouviu um miado. Pensou inicialmente que estava sonhando. Resolveu, então, abrir a janela do seu quarto. Sem conter a alegria, gritou erguendo as mãos para o céu através da janela aberta e soluçando, chorando de felicidade, falou:

- Obrigado Papai Noel! Foi meu melhor presente de Natal! E ainda tem gente grande que não acredita em Papai Noel!!!

Imediatamente, Joãozinho foi ao quarto dos seus pais para contar a novidade e aproveitou a oportunidade para olhar para o sapatinho que havia deixado na janela. Nele havia um presente. Sem perda de tempo, abrindo-o, teve uma surpresa. Nele havia uma gata preta de pelúcia!

OBS.: MENÇÃO ESPECIAL EM PROSA

ADRIANA PAVANI
(BARRA BONITA - SP)

Nascida em São Paulo, capital. Atualmente, mora em Barra Bonita, interior do Estado. Bacharela em Direito. Escreve desde sempre, mas passou a dedicar-se mais a partir de 2005. Tem trabalhos publicados em várias antologias poéticas. Possui dois livros de poesias publicados: "Do caos à poesia" (Ed. Pragmatha, 2010) e "Os Girassóis voltaram a sorrir" (Autora/Costelas Felinas, 2015) . É membro da International Wrighters Association), e acadêmica correspondente da ACADEMIA INTERNACIONAL DE ARTES, LETRAS E CIÊNCIAS. 'A palavra do século *21*' – *ALPAS 21.*

O voo

Expectativa, mas nenhum medo.
A espera de uma vida,
Quase que um segredo.
Caminho, velocidade, impacto...
Subir aos céus com tanto desvelo,
Traz grata felicidade
Pela realização de um desejo,
Com sabor da eternidade.
Ver de cima o mundo tão pequeno,
Atravessar as nuvens de verdade.
Sentir-se mais perto de Deus
Ou ser d'Ele minúscula parte?
O primeiro voo é momento único
Guardado na memória da alma,
Que se carrega por toda parte.

OBS.: MENÇÃO ESPECIAL EM POESIA

ALDO NORA
(FLORIANÓPOLIS - SC)

Alfredo Nogueira Ferreira (pseudônimo literário, Aldo Nora) exerceu o magistério da Universidade Federal de Pelotas. É bacharel em Direito pela Domus Juris, da mesma universidade. Tem premiações vencedoras em torneio literários em vários estados brasileiros e em Portugal. Colabora com o Diário do Minho, da cidade de Braga, Portugal.

É membro correspondente da Academia de Letras, de Teófilo Otoni e membro correspondente da ALPAS, 21 e comendador da mesma entidade. Reside em Florianópolis.

LITANIA DOS HOMENS DE COR

Eu sofro na carne por causa da pele,
Não sou senão coisa mas dão-me um fuzil,
Não tenho direitos mas pago tributos,
Das sórdidas coisas eu sou a mais vil.
Se penso, se existo não sou mais "robot",
Se sei o que quero não sou mais escravo,
Sou carne, sou ossos, sou dor e prazer,
A cor é a cruz do meu negro viver.

Eu sou como os outros mas não tenho escola,
Eu sou como tantos e morro de fome,
Carrego a doença, sou filho do crime,
Eu sinto a ignomínia, eu choro o ferrete,
Eu coro à vergonha da triste barbárie,
Vergonha sem conta – tragédia sem nome.

Se peço um direito – me mostram o relho,
Se luto por ele me crivam de bala,
Se a voz eu levanto e recito o Evangelho
Me calam berrando – "um negro não fala".

Os homens se enojam da cor que me cobre,
Não importa o que possa ter dentro de mim.
Já fui dissecado – medido o meu crânio,
Já fui discutido em altos congressos,
Exposto ao ridículo, venci a má-fé.
A douta ciência me fez reverência,
A falsa doutrina curvou-se a meus pés.

No mundo das luzes, no século vinte,
Um homem de cor é, ainda, um farrapo
Envolto em sarcasmo, jogado ao acinte.

Não vale o trabalho, não vale a virtude?
Não vale a nobreza do bom sentimento?
Não vale a grandeza da honesta atitude?
Não vale um passado de dor e tormento?

Não quero mais leis, não quero elogios,
Não quero fingidas palavras de apoio,
Não quero homenagens, discursos vazios.

Dos meus irmãos brancos só quero o amor
E a pura amizade. Queremos no mundo
Ser gente de cor mas sem medo da cor.

OBS.: MEDALHA DE PRATA EM POESIA

O MENINO QUE LIA

A folha com a frase estava ao lado do menino, recostado na cama, os olhos cerrados.

O garoto ainda não tinha idade para a escola, mas já estava na escola. Tanto pediu, tanto pressionou que os pais o levaram para um colégio das redondezas.

O menino ouvia a professora que dizia coisas que ele não entendia. O palavreado da professora, sempre em monocórdio, levava-o ao sono. E ele, sentado, dormitava na sala de aula. Mas não deixava de ir à escola. A sua vontade de aprender a ler e a escrever tudo superava.

Em casa, o irmão mais velho, metido no seu quarto a estudar e a fazer os deveres do dia, era visitado pelo irmão menor que lhe fazia perguntas e mais perguntas. A começar pelas letras. Queria saber o nome daqueles símbolos e porque se juntavam em palavras. O irmão explicava-lhe da melhor forma que podia.

O menino tinha uma memória inexcedível. Às vezes, quando entrava no quarto do irmão, este, em voz alta, recitava versos. O menino ficava quieto e ouvia. Quando o irmão terminava ele perguntava porque ele falava assim, em voz alta. E ele explicava que o professor mandava decorar aqueles versos para serem apresentados num festival de poesia na escola. O certo é que o menino, em duas

ou três vezes que seguiu o ensaio do irmão, aprendeu toda a poesia – e era longo o poema.

Quando, finalmente, foi levado para a escola e oficialmente matriculado, já sabia ler e escrever. E, a partir daí, começou a sua grande aventura – ler. Ler era conhecer o mundo em todos os seus aspectos. Chegava da escola e sua primeira tarefa era estudar as lições do dia. Ele fazia isso com entusiasmo e desusado empenho. Estudava as lições do dia e, curioso, avançava sempre para os capítulos seguintes. Muitas vezes, a mãe chegava ao quarto do filho e via-o de cabeça baixa, dormitando. Ele, na realidade, levantava-se cedo para repassar as lições do dia anterior. Depois de cumpridos os deveres da escola vinha o melhor – o tempo livre para ler. E ele lia, lia, escurecia, às vezes e ele continuava lendo. E nenhum assunto era desprezado. Do infinitamente pequeno ao cósmico infinito, tudo era consumido e absorvido. Ficava impressionado com a força destrutiva de um ser invisível (aos olhos, claro), como uma bactéria ou um vírus sobre o corpo humano.

E ficava intrigado ao pensar no futuro da humanidade. O homem com todo o poder da ciência, lutando para sobreviver contra esses seres sem visibilidade, mas de uma capacidade formidável de destruição. Por outro lado, deslumbrava-se com o universo prodigioso. Os cientistas falavam em um formidável “Big Bang”. Uma tremenda explosão pôs a

girar um universo sem fim. O menino cismava. Lembrava-se de uns versos que havia lido em que o poeta "mirando bela e luminosa estrela / fascinante na escuridão da noite / indagava: mas, como de uma explosão resulta essa estrela coruscante e bela?"

O menino costumava visitar umas tias, muito simpáticas e acolhedoras. Levava sempre consigo um livro. Aliás, para qualquer lado que fosse, um livro o acompanhava. Todos o conheciam como "o menino que lia".

As tias recebiam-no com carinho e logo lhe serviam algum tipo de guloseima. Conversavam muito. As tias davam-lhe trela. Logo, ele abria o livro para ler algo de que havia gostado. Foi o caso de uma poesia . Leu-a como se estivesse declamando num palco. As tias ouviam com redobrada atenção. E aplaudiam, no final. Uma delas acrescentou "isso é que é poesia. A gente lê ou ouve e chega a se emocionar. Agora, lê-se um poema e não se entende. Parece uma charada..."

No dia do aniversário do professor, os colegas elegeram o menino para entregar o presente ao mestre e dizer algumas palavras de apreço. O presente ele já havia escolhido – um livro.

Os colegas esperavam-no no lugar combinado, mas os minutos se escoavam e ele não aparecia. Três deles se dispuseram a ir procurá-lo. Sabiam que no caminho da casa do garoto havia uma

livraria com um pequeno cibercafé. Não tiveram dúvida. Lá o encontraram refestelado numa poltrona e a ler. Quando viu os companheiros, meio desnorteado, comprou o próprio livro que lia. E saíram todos para a casa do mestre.

Apesar da pouca idade, o menino já ingressava na universidade. Agora, o ritmo do estudo aumentara. Mais disciplinas e a carreira ao fim do curso. Antes, lia; agora, lia muito mais. A mãe sempre preocupada, notou que o rosto do filho era uma máscara esbranquiçada. Era certo que ele não apanhava muito sol, mas aquela brancura era demasiada. Estaria ele anêmico? levou-o ao clínico. Vieram os exames de laboratório. E, então, veio a confirmação. O menino sofria de leucemia.

Tudo foi feito para lhe devolver a saúde.

Na cama, enquanto isso, ele lia e escrevia. No papel que caíra de suas mãos, a frase era de fina ironia: “leu-ce-mi-a a doença de quem muito leu”.

OBS.: MENÇÃO HONROSA EM POESIA

TÉCNICOS DE FUTEBOL – UMA FALÁCIA

Chega a ser engraçado ver a ânsia – às vezes, desespero – de certos dirigentes na busca de um técnico para seus clubes. Dirigentes há, que, driblando a ética, tiram técnicos em pleno gozo contratual de outros clubes. Outros, ingênuos e desesperados, crentes na eficácia de um treinador aureolado pela fama, esperam meses pelo término de seu contrato (porque o treinador deu a palavra – coisa rara – de que ficaria até o fim do referido contrato). O "monstro", o "salvador da pátria" chega e, ao cabo de três meses, dão-lhe um pontapé no traseiro e põem-no na rua.

Há os que, pela força do dinheiro, desfazem contratos de técnicos acabados de entrar em funções de um determinado clube. Vemos, todos os dias, uma verdadeira dança de técnicos pulando de uma equipe para outra. Bastam dois ou três jogos sem vitória e o técnico é despedido. Este, estreia-se em outro clube e vai – bem ou mal – ensaiando vitórias. Vez por outra, perde, mas, logo empata e volta a vencer. E, então, estabiliza-se no time. O que houve? porque um treinador é perdedor num clube e, logo, vencedor em outro? há algo que pode explicar essa questão. E aos dirigentes, compete analisar o que se passou. Parece, entretanto, que não estão interessados em análises e explicações. Os

dirigentes, pressupõe-se, são pessoas esclarecidas, que agem segundo os moldes do bom senso e de acordo com as normas legais e éticas. Mas, a irracionalidade da paixão, veda-lhes o consciente raciocínio. E, então, dão-se a esses estapafúrdios destemperos, a essas insólitas decisões.

Gostaria de saber o porquê dessa ânsia quase doentia de contratar um técnico e, por ele, desencofrar os já parcos recursos do clube. Pois, é coisa tão clara como a luz do sol que todos os clubes estão com a mão estendida recolhendo espórtulas. Não se oferece até "cheque em branco", ao técnico? por ventura, essa demonstração de apego a um técnico não será uma infeliz aventura? por que tanto dinheiro para quem tão pouco faz na órbita de um clube?

Escrevi, algures, que o técnico é um desperdício para o clube, porque ganha muito e rende pouco. Não passa de uma figura decorativa. Creio, mesmo, que é uma figura inventada. Procurei e li muito a respeito dos primórdios do futebol. As regras, as dimensões do campo com suas referências, o número de jogadores de cada equipe (admitindo substituições) e — o que mais me chamou a atenção — não aparece a figura do técnico. Mostram-se fotografias da época com a pose dos jogadores; as primeiras disputas nacionais e internacionais com os respectivos resultados e nem

uma palavra para o técnico. Pode-se deduzir, então, que os primeiros encontros futebolísticos dispensavam a figura do técnico. Sendo assim, e, atendendo às regras que determinavam que no conjunto dos "onze", um, o capitão, comandava o time, é de supor-se que este ditava a estratégia e a tática do jogo, as substituições (que se justificassem) e o que mais coubesse na movimentação dos noventa minutos.

Como surgiu, então, essa peça (o técnico) na estrutura de um time de futebol? a resposta, diante deste quadro, só pode ser especulativa.

Em qualquer atividade humana, o decorrer do tempo e na sequência das operações relativas ao trabalho que se desempenha, mostra-nos, às vezes, que um pormenor pode ser acrescido ou suprimido no intuito do melhor rendimento.

Pensou-se (é uma hipótese) que seria mais conveniente para a equipe desobrigar o capitão das tarefas técnicas dentro de campo para concentrar-se, apenas, no ato do jogo.

Eleger-se-ia para o efeito, alguém com conhecimentos já adquiridos por experiência como jogador ou pelo estudo, em privado ou em grupo, da concepção do futebol. Sem querer afirmar que foi este o procedimento que deu vez ao técnico de futebol, deixo-o aqui como uma probabilidade, até que algum dado — como prova — diga o contrário e

estabeleça a verdade. Tudo parece, no entanto, que a figura do técnico foi "inventada".

Pesquisando a respeito de treinadores, encontramos em fontes oficiais dado que confirmam a nossa assertiva. Diz-se, por exemplo, que na Copa do Mundo de 1930, a seleção brasileira teve Píndaro de Carvalho, ex-zagueiro do Fluminenses, como responsável pela escalação e orientação técnica da seleção. Ele era, na altura, um dirigente da CBD. Já na Copa de 1934, a seleção foi escalada e treinada por Luiz Vinhais, um dirigente do Botafogo.

Chegado a este ponto, torna-se manifesto e, agora mais verossímil, a ideia referida atrás da inutilidade do técnico. Reitero o que sempre afirmei: o técnico é um desperdício para o clube. Joga-se muito dinheiro num indivíduo que não joga. É um verdadeiro despropósito o que se paga por um técnico. Uma diretoria esclarecida e consensual não pode cometer tal despautério. Quatro ou cinco bons jogadores podem ser adquiridos pelo preço pago a um técnico. E, neste caso, sim, o time se fortalece e se torna vitorioso.

Algumas observações são interessantes. Lembremos algumas.

1°. Quem ganha o jogo são os que estão dentro do gramado. E dentro do gramado estão os jogadores — onze de um lado; onze do outro. São estes e só estes que dão cifras ao marcador. São estes que

decidem a partida. Isto é certo. É um fato indesmentível, irrefutável, incontestável. O próprio técnico reconhece isso, ao afirmar que "técnico não ganha jogo, quando muito ajuda". Ou seja, vale tanto quanto a torcida que não joga, mas pode (fortuitamente) ajudar.

2°. O que faz o técnico ao lado do gramado? não podendo jogar, ele gesticula e grita para os seus jogadores. Temos aqui, o verdadeiro retrato do técnico: gestos, gritos e um rosto aflito. E isto, que eu saiba, não ganha jogo. Quem analisa, seriamente, a conduta do técnico dentro de seu retângulo particular, vê claramente (e até com tristeza), a inutilidade de tudo o que faz. Então, alguém vai acreditar que mesmo gritando (as mãos em concha para dar reforço às palavras), o jogador, lá num extremo do campo e com toda a barulheira dos torcedores, vai ouvir alguma coisa? puro blefe. O jogador não ouve nada e nem sequer vê os gestos. Fazer isto ou ficar sentadinho no banco a dormitar dá o mesmo resultado — nada. O jogador está com a bola (ou a espera) e com ela pode produzir algo de útil para o time. O técnico, por sua vez, perde o seu tempo com gestos e gritos inúteis.

Serve, ao menos, para divertir o público. Mas, compreende-se toda essa encenação. Isso, também, é trabalho que faz jus ao salário que percebe. Dir-se-á que não é nesse limitado e conturbado espaço

que ele constrói o time, que dita as regras do seu saber para aqueles que correm no relvado. É nos treinos diários que ele mostra o seu valor. É nos treinos que ele ejacula o seu talento quando faz a preleção. A tão propalada preleção faz, agora, dos técnicos — um professor. Técnicos quase iletrados que falam mal, usam muita gíria de permeio com palavrão, são, agora, professores. Enfim, ele faz o que se pode, embora saiba que quase nada pode. Alguns são, pelo menos, honestos e dizem após uma suada vitória: "não fiz nada, só pedi a eles calma e mostrei os caminhos a seguir". A confissão do técnico diz tudo: "não fiz nada..." e há gente brigando por técnico e pagando por ele minas de ouro. Esses senhores (da diretoria) deveriam saber que o "quantum" pago ao técnico revertido em excelentes jogadores, constituiria uma equipa de topo vitoriosa sempre.

3º. Um técnico é, para os entendidos, a figura precípua de um time de futebol. É tão importante que, se ao cabo de três jogos acumular outras tantas derrotas é logo chutado e gloriosamente gozado. "Já vai tarde!" comemoram todos. E, então, enquanto se procura, avidamente, "o salvador', entra em cena o interino. Esse cidadão nada mais é do que o ajudante do subadjunto, do adjunto do técnico. É uma espécie de aprendiz de futebol. Esse interino toma conta do grupo e põe-no a trabalhar e o time vai

jogando, vai vencendo, chega a seis vitórias consecutivas. Os torcedores começam a ficar satisfeitos com o interino que logo é destituído porque chegou o "salvador". Dir-se-á, então, os interinos conhecem melhor as coisas do futebol do que os já consagrados técnicos. Essas surpresas acontecem, vez por outra, mas nada significam. No futebol há resultados que, por mais que tentemos, não conseguimos explicar. Porque se dissermos que isto mostra que há interinos que podem operar maravilhas assim, tão estranhas quanto reais, estaremos dando argumentos à tese que defendo: um técnico nada vale ou vale pouco.

Mais, ainda, poderíamos afirmar que os clubes deveriam ter à frente do plantel, um interino, ou seja, um aprendiz de técnico. E se um interino, totalmente desconhecido, operasse tais milagres, então porque pagar somas astronômicas por um técnico de fama?

Ouvimos, muitas vezes, os técnicos de pequenos clubes justificar suas derrotas, apelando para a desproporção dos orçamentos entre os dois clubes. É o caso para dizer — como acentuada verdade — que quem ganha o jogo é o dinheiro e não o técnico.

Esse "salvador" a que todos se referem como técnico, ganha fama graças ao clube grande e rico. Grande e rico é quase uma redundância. É grande porque é rico e por ser rico é grande. Na equipe de clube grande, o cofre comanda e põe à testa do

grupo um técnico. Esse clube tem os melhores jogadores porque tem dinheiro. Esses jogadores, por serem os melhores ganham sempre ou quase sempre. O técnico vê os jogadores desfilarem em campo as suas habilidades técnicas e beneficia-se delas. Isto significa que os jogadores fazem o técnico. Jamais se viu um técnico dar nome (ou fama) a um jogador. "Os líderes são os jogadores. Os treinadores só dão pistas em relação à organização do jogo".

4°. Com tantos argumentos a favor da desnecessidade do técnico em uma equipe de futebol, vamos apresentar o argumento que seria — salvo melhor juízo — a prova real nesta questão do técnico. Dirão muitos que não passa de um simples jogo, de um entretenimento, de uma brincadeira, enfim, mas, é tão concludente que dissipa dúvidas. Chamemos o melhor técnico do mundo para treinar um time de pequeno porte técnico, desses que abundam nos campeonatos distribuídos pelo mundo.

Essa equipe vai perder sempre diante de um grande. Excepcionalmente, ganhará ou empatará um jogo. Diz-se amiúde, quando um time considerado pequeno vence um dos grandes, que o futebol não tem lógica. E tem. Um jogo não faz estatística. Acabei de ler dados estatísticos que se referem a jogos disputados entre os chamados grandes e pequenos, dados referentes à América e Europa, ou seja, nos dois polos mais importantes do futebol.

E os números confirmam a lógica – as vitórias dos designados clubes pequenos sobre os grandes, cifram-se em 2% mais ou menos. A diferença é abissal. Agora e para completar o nosso raciocínio, troquemos os técnicos. O técnico do time considerado pequeno vai orientar o time grande (o das "estrelas"). E o que vai acontecer? é fácil adivinhar. O time das "estrelas" vai continuar na senda das vitórias. E o técnico pode sentar no banco e até dormitar, ou ficar de pé no seu retângulo a remascar chiclete.

Continuemos em nossa divagação e especulemos. O técnico do time pequeno (por alguma razão que não interessa; é só para argumentar), recebe três excelentes jogadores. Os resultados desse time serão outros, seguramente para melhor. Já não perderá todos os jogos; e, em vez de um, como antes, ganhará mais jogos. E se o técnico pudesse juntar mais três bons jogadores seriam, então, seis, ou meio time. A partir deste momento, o time estará jogando de igual para igual com seus adversários mais fortes. Claro que isto é, apenas, um raciocínio; clube pequeno não contrata, vende. Em sentido oposto, o técnico dito vencedor e famoso que começasse a perder seus melhores jogadores (venda, por dificuldades financeiras, graves lesões, castigos...) e não mais vencesse ou dificilmente vencesse, seria afastado sem dó nem piedade. Isso é indesmentível. O onze faz o

técnico. Técnico sem grandes jogadores não é nada. É um privilegiado assistente do jogo com direito a lugar especial, banco, água, atenções da imprensa et reliqua. Assim, para um clube pequeno basta um interino, um aprendiz de futebol. Quem não sabe que todo o técnico — técnico famoso, de nome — contratado para dirigir o time de um clube que já possui excelentes executantes, ao tomar o comando do grupo seu primeiro passo é pedir jogadores. Ele já tem os nomes dos melhores à disposição no mercado e indica-os ao diretor de futebol. Em pouco tempo, os pretendidos jogadores — mesmo que estejam sob contrato em outros clubes — estarão à disposição do técnico. A força do dinheiro consegue estas maravilhas. E, então, com mais craques ao dispor, o técnico, ovante, monta o seu grupo — uma seleção internacional.

Esse técnico a quem dedicam os maiores e os melhores elogios está diante de uma decisão de título. O jogo, nos noventa minutos e na prorrogação, finalizou com um empate. A decisão vai para a marca das grandes penalidades. O técnico faz a sua escolha levando em conta o estado físico, anímico e a experiência dos jogadores. Na execução, o jogador escolhido como o mais lúcido e experiente atira a bola para fora. O adversário aproveita todas as oportunidades e sagra-se vencedor. O jogador que desperdiçou a penalidade é o vilão do time. O técnico fica imune

às críticas. Ele escolheu os jogadores e um deles não aproveitou a chance. Pode-se dizer, em princípio, que a culpa foi do técnico pois escolheu mal os jogadores. Isto já poderia ser traduzido como um indicador da nulidade do técnico. Mas, quem atirou a bola para fora foi o jogador. A conclusão é só uma — o jogador é que decidiu o título. É o mesmo caso do jogador que, sozinho, diante da goleira vazia, chuta para fora. Esse elemento ditou a sorte do jogo. Sempre e sempre, em qualquer jogo, em qualquer situação, em qualquer momento da disputa é ele que decide. O técnico olha, faz gestos, grita e é tudo. E esse tudo nada decide.

O técnico é figura indispensável num time de futebol, dizem todos. E para contratá-lo esvaziam-se as bolsas dos clubes. Se se disser que os técnicos são perfeitamente dispensáveis vai haver, certamente, um alarido zombeteiro e universal. Jamais, alguém vai aceitar tal afirmação. Um time de futebol sem treinador? impensável. Quem disse isso? só pode ser um doidivanas, um estulto, um esquipático. Ora, todos conhecem a força da tradição. Ela é tão acatada e, ao mesmo tempo, tão pressionante que deriva em lei. E a tradição é essa — anos e anos de história mostrando sempre que, à frente de uma equipe de futebol, tem de haver um treinador.

Mas, como anteriormente dito, nos primórdios do futebol não havia o treinador. E o futebol era jogado como hoje, onze contra onze, em campos com as demarcações que vemos em nossos estádios e arenas, as goleiras nos topos do campo, uma defronte à outra, regras estabelecidas e que pouco mudaram. Veja-se o caso do impedimento, o "calcanhar de Aquiles" do atraente jogo que é o futebol. Por conta dele, quanta discussão, quanta briga, quanta irascibilidade. Pois, o impedimento permanece até hoje. Ah! e importante! no "onze", havia um capitão. E, hoje, toda a equipe possui um capitão. Chegamos, aqui, ao ponto fulcral desta dissertação – o capitão. O capitão serve para capitanear e capitanear é comandar, dirigir. Ora, as pessoas a quem falo a respeito da desnecessidade do treinador, perguntam logo: quem vai comandar o time? respondo: o capitão. Quem vai ditar a estratégia? e a tática? o capitão. E as substituições, como ficam? e quem vai pedir calma e concentração quando for o caso? ou pedir mais agressividade quanto tal se fizer necessário? quem, no intervalo, vai tomar decisões? quem vai injetar ânimo nos jogadores abalados por uma indesejável derrota, embora parcial? quem vai apelar para o brio, para o amor à camisa que veste, para o caráter, enfim, para o profissionalismo de cada um? o capitão do time. Este é o homem indicado para dirigir o grupo. Mas

esse homem tem de ser um verdadeiro capitão. Não, necessariamente, o melhor jogador. É notório, porque comum, ver-se a braçadeira de capitão entregue ao mais técnico, ao mais habilidoso, numa palavra, ao melhor jogador do conjunto. Maiúsculo engano. Ser capitão é ser, em essência, um líder. Um líder capaz de arrastar os demais companheiros em campo. "Ser líder não se aprende. A liderança é algo de natural que nasce com a pessoa", disse um jogador e extraordinário líder dentro de campo. Temos que aceitar que há entre os jogadores, um — o eleito — que se evidencia pela sua liderança. É ele que, dentro de campo, vai tomar decisões. Tem, esse jogador, uma posição estratégica que o faz sobressair em relação ao treinador — está dentro do gramado, misturado aos seus colegas. É um técnico infiltrado no grupo ou, se quiserem, um jogador travestido de técnico. É um igual. Um que corre e sua por um bom resultado. Um que quer ganhar o jogo, pois isso significa fama, valorização, dinheiro. Esse capitão carrega consigo uma dupla missão. Primeiro, ser o porta voz do grupo diante das decisões arbitrais, informando, defendendo, reclamando como um advogado atento e cortês. Vemos, às vezes, capitães nada condizentes com a sua condição de liderança, recebendo o cartão amarelo. Numa segunda missão, vai interferir nos aspectos técnicos. Sua visão de jogo é ampla e, mesmo,

minuciosa. Ele está em toda a extensão do gramado, diferente da posição confinada do treinador. Portanto, não lhe falta oportunidade de se aproximar de um companheiro e dar-lhe um recado, sem que alguém o perceba. No intervalo, com tempo e calma, viriam as decisões técnicas adequadas ao andamento do jogo, incluindo as devidas substituições. Podem objetar que o capitão não tem os conhecimentos de um técnico. Diria que, talvez, não tenha tantos quanto o treinador, mas tem os conhecimentos básicos do esporte que pratica e as lições transmitidas pelos treinadores em suas preleções. Percebe-se isso quando, após os jogos, ou no intervalo, são entrevistados pela mídia. Há alguns técnicos (para não dizer pouquíssimos) que estudam e se aprofundam nas coisas do futebol. Mas, mesmo esses, não operam milagres. A sua teoria serve para os embates acadêmicos. E nada mais. As substituições são um claro exemplo. O técnico abraça o jogador, cochicha-lhe o que deve fazer. E lá vai ele, imbuído de sua tarefa. O adversário não lhe permite, frustra-lhe todas as suas intenções.

A atuação do capitão no comando técnico evitaria as cenas muito comuns dos recadinhos para os jogadores por meio de um deles e até por escrito. A visão da cena atiça-me a memória e leva-me à Grécia Antiga, onde se desenrolou o famoso episódio protagonizado pelo soldado

Philipedes que correu de Maratona a Atenas para levar aos governantes a notícia da vitória sobre os persas.

Senhores dirigentes de clubes, no cenário de crise geral que envolve, também, o futebol, economizem no técnico para comprar jogadores de categoria e, dentre eles, os que sabidamente, ostentam o perfil de capitão, jogador-técnico que vai escalar o time, ditar a estratégia e moldar o estado anímico de seus companheiros.

Para terminar, relembro as palavras, atrás aludidas, do célebre técnico que disse ao mundo, com toda a sinceridade, a razão de sua carreira vitoriosa: "eu ganho porque tenho os melhores jogadores". Na realidade, e reafirmando o já dito, são eles que decidem os jogos sempre, sempre e sempre.

OBS.: MENÇÃO ESPECIAL EM PROSA

AMETISTA NUNES (SALVADOR - BA)

Ametista Nunes com nascimento na Cidade de Salvador, Estado da Bahia/Brasil ,em março, signo de peixes e com o ascendente também em peixes, constantemente em conflito de direções a tomar na vida. Sempre guiada pelo fazer poético que a levou à formação profissional de Belem Direito, Pedagoga pelo 477 (Jubilamento), Mestrado em Educação ,todos pela UFBA (Universidade Federal da Bahia) posteriormente, à Professora de algumas Faculdades, além da militância política e cultural! Entre acertos e desacertos cotidianos, participação, organização e Coordenação de alguns movimentos literários e Antologias, a exemplo dos **Cadernos Literários** do Centro Acadêmico de Direito, do **MONOPO** (Movimento dos Novos Poetas), **BaldeAÇÃO**(poemas ilustrados nos muros) e **MOVIMENTO POETAS NA PRAÇA**, entre outros. Livro autoral, **MEU GRITO**, publicado em 1980 e outras Coletâneas, como **Anuário de Poetas do Brasil**, **Palavra de Mulher**, **NosOTROS**, Poemas Ilustrados, Poemas Ilustrados no Espelho, Atualmente, integra vários grupos e movimentos de poesia , de Saraus na Cidade de Salvador.

BOM DIA!

Acordou bem cedo
estranhamente diferente...
E nem um *bom dia* me deu...

Pegou do armário
sem o meu consentimento
a nossa mala de viagem
E nem um olhar me deu...

Sua roupa foi arrumando
na nossa mala vermelha
e nela foi desaparecendo...
(sem nada esquecer)
E nem um olhar me deu...

Incrédula e paralisada
acompanhava em taquicardia
aquele ritual nunca esperado...
E nem um olhar me deu ...

Um olhar apenas implorava ...
Uma palavra apenas eu pedia...
Apenas um pequeno gesto...

E nem um olhar me deu...

E pregava os olhos naquele rosto
e fixava meu desejo naquele corpo
e procurava uma qualquer explicação
e tremia
e tremia
e como tremia...
E nem um olhar me deu...

Aguardei
nem que fosse
de ódio
de raiva
de mágoa
de desamor
de vingança
um olhar que não me deu...

Ainda tentei tocá-lo
com as mãos
com o desejo
com as palavras
com o sentimento
mas não havia mais nada
nem alma
nem corpo
nem desejo
e muito menos coração...
E nem um olhar me deu ...

E sem a dimensão do tempo
que teceu a nossa rotina
e o nosso desatino
vi diante do meu ser trêmulo
dos meus sentidos confusos
um ser inexistente
um robô programado
uma escultura em pedra ...

No tempo que paralisou
o tempo tecido
a vida tecida
os sonhos tecidos
nem um olhar me deu...

Então foi-se
arrastando a nossa mala
onde tantos sonhos couberam
E nem um olhar me deu...

Fechou calmamente a porta
deixando esbagaçados os projetos
(que pensei tão nossos)
e esbagaçado o meu agonizante coração ...

E partiu
sem um olhar
sem um aceno
sem um muxoxo
e sem nem um respirar...

Partiu!
sem um único olhar
deixando-me partida...

Foi-se!
E nem um olhar me deu!...
E nem um *bom dia* me deu!

OBS.: MEDALHA DE OITAVO LUGAR EM POESIA

VILAREJO

O Vilarejo acorda...
O sol amanhece.
O mar amanhece.
Os cães amanhecem.

Existe vilarejo
sem parque?
Existe vilarejo
sem circo?

Existe vilarejo
sem loucos
sem beatas
sem padres?

Existe vilarejo
sem valentão
sem "periguete"
sem cachaceiro?

Existe vilarejo
sem bares
sem polícia
sem vizinhos?

Existe vilarejo
sem cães vadios?

Fazemos o Vilarejo?
ou
o Vilarejo nos faz ?

OBS.: MENÇÃO HONROSA EM POESIA

ENCONTRO

Vinde a mim
os pacificados
os apaziguados
os silenciados
pelo
Rivotril
ziprex
canabis sativa
citalopram
cocaína
fluxene
venlaxin
carbolitium
craque
pregabalina...
Vinde a mim
que o nosso inferno
no terror cotidiano
não terá fim...
Vinde a mim
os pacificados
os apaziguados
os silenciados...
Seres inadequados
neste deteriorado tempo

DISSOLVENDO

Olhas a paisagem
e te olho...

E olho
os carros
as luzes
o molhado asfalto ...

E dos olhos
lacrimejam poesias
feito rio em vertigem...

E das mãos
salpicam versos suando
pelas calçadas
pelos passeios
escorrendo dos poros
as rimas jorrando
a poesia fervente...

E pelas artérias
correm palavras
saudades
desesperos
que vão se dissolvendo
entre escarros
plásticos
e latas...
E assim
entre dissimulações
trapaças
e enganos
vou escorrendo
vou desaparecendo
na enxurrada de poesias
que ensopam meus dias
e a existência
sem qualquer poetar!...

OBS.: MEDALHA DE NONO LUGAR EM POESIA

ANA MARIA TOURINHO
(RIO DE JANEIRO - RJ)

Escritora, poetisa – nasceu em Belém do Pará, reside no Rio de Janeiro, autora dos livros: de poesia - ***Pérolas & pimentas***, 2018, e de aldravias - ***Desfolhando Aldravias***, 2019; Vice-Presidente da ALALS: Académie de Lettres et Arts Luso-Suísse, Genebra, Suíça; Membro Académico Honorário da ACLAL, Academia de Letras e Artes Lusófonas, Lisboa, Portugal; Membro Delegada do Conselho do Diretório Executivo Nacional (DEN) e 1ª Diretora Financeira da AJEB-RJ, Associação das Jornalistas e Escritoras do Brasil-RJ; Membro da Diretoria da UBE-RJ, União Brasileira dos Escritores-RJ; Acadêmica Honorária da ABRAMES, Academia Brasileira de Médicos Escritores; Membro da ADABL – Associação dos Diplomados da Academia Brasileira de Letras e da Associação de Poetas Portugueses.

Urgências

Precisamos trocar beijos
amar, num pique de enfrentar leões
amansar tigres e fugir das formigas

Tomar banho de chuva
abraçar, trocando calores
de nossos corpos nus

Voar, no ar te encontrar
Deitar na lua
Te cobrir com estrelas e rolar

Cair na terra e suspirar
Receber carinhos do vento
por todo o corpo

Feliz por estar em teus braços
em relva umedecida de afagos
Sentir teus pés descalços
riscando lembranças em mim

Vida Vivida

Acontecimentos se sucedem
no mundo, no tempo e na vida
Na opressão a paixão fala alto
o amor, um direito, tal qual o viver
os amigos, amizades
Ah! Meu grande amor!
Crescemos em uma realidade dura
diferente, sem sonhos, apenas vida
Viver é mais importante que sonhar!
Precisamos lutar pelos sonhos e amor
Sem eles, ódio, dor e angústias nos derrotariam
O perigo na esquina
de modo diferente, continua existindo
verdadeira assombração!
Vamos lutar pela democracia
sem desilusão, censura ou medo
A voz é para ser ouvida
A boca para ser beijada
Sem repressão ou perseguição
Jovens, não se acovardem, gritem por melhores
dias
sem dor, com muita poesia
Nada de viver sem sonhar
O amor é importante? Vamos amar!
Mesmo que seja repetindo
velhos hábitos herdados
conselhos dados, no presente ou passado.
Que chegue o novo, o bem a liberdade
Amém!

Gurugudum, Bereguedê,

(*Homenagem a João Gilberto)*

Chega de saudade
A realidade é que você se foi
estamos órfãos
Chega de saudade, João!
Encontre o Tom e o Vinicius
que certamente dirão: ***Se todos fossem iguais a você seria maravilha viver***
Componham, estamos ansiosos por belas criações
Chega de saudade!
Vou levando, João
escutando baixinho a batida da bossa
seu toque especial
Espero refinada inspiração
para, com belas síncopes e compassos compor nova canção
A vida anda
Triste é viver na solidão!
Chega de Saudade!

OBS.: MENÇÃO ESPECIAL EM POESIA

ANÉSIO FRAGA SOUZA (ARACAJU - SE)

O “Poeta Aprendiz” nasceu em 15/06/1960, em Lagarto/SE.

Escrevo poesias desde os vinte e um anos de idade. Participei de vários concursos poéticos promovidos pelo antigo INPS, hoje INSS, vencendo oito deles. Além destes, venci em terceiro lugar com o poema Homofobia do VII CONCURSO O LIVEIRA CARUSO.

Sou coautor em diversas antologias poéticas lançadas no Brasil e no Exterior. Também publico textos em redes sociais.

Sou casado e tenho duas filhas, Lorena e Isadora. Sou formado em Administração de Empresa e Contabilidade. Trabalho como funcionário público federal no INSS há 38 anos, e estou me aposentando no dia 02 de janeiro de 2020.

Para mim, “poesia é vida e superação, entre as linhas do coração”.

SOU LINHAS

Sou poeta e tenho linhas...
Nas entrelinhas, meus sentimentos
Meu conhecimento da vida é o amor!
Com fervor, busco preencher minhas lacunas
Que por acaso queiram se instalar na minha vida
Mas, sigo forte e imbatível
Nas estradas da vida!
Por isso, amo ser poeta, amo a vida,
A alegria em todos os espaços
Até nos menos desejados!
Para acordar o que está adormecido nos esconderijos.
Deixo para trás,
Envergonhado,
Desorientado,
Desestimulado!
Deixo de não ter coragem
De enfrentar meus próprios desafios,
Meus próprios medos.
Com a poesia, tudo fica mais suave, alegre e flamejante.
Essa chama acalma e dá sustentabilidade
O peso torna-se mais leve e suave.
Possivelmente, surgirei das cinzas
Para recomeçar.
Tornando-me senhor do meu destino.

OBS.: MENÇÃO ESPECIAL EM POESIA

Detalhes

Detalhes são simples
São retalhos que transformam
São coloridos requintes
Detalhando a história
Retalhos soltos, detalhes
No mais profundo dos olhos
Que encantam os homens
Cada olhar, cada ponto
Um deslumbrar em encontro
São festivais de detalhes
Detalhes apreciáveis
Que embelezam a mulher
A cor que ela quiser
No batom, sua cor
Detalhe que provoca amor
E o prazer de costurar
Retalhos são só detalhes
Um conjunto de entalhes
Simples de apreciar
Faz a paixão aflorar
Aperta o coração
Em apenas um detalhar!

OBS.: MEDALHA DE DÉCIMO LUGAR EM POESIA

NOSSA FLORESTA

Floresta amazônica
Rica fauna brasileira
Latifoliada e úmida
Maior bacia da América do Sul
Flora diversificada
Montanhas e planícies
Selva selvagem
Desmatada!
Aquecimento global
Devastação, bandidagem
Tudo fere a natureza
Caçadores, invasores
Querendo vencer a natureza
Pobre linda floresta!
Impacto para os olhos
Seus rios, suas aves sem solo
Quilômetros de beleza ameaçada
Sua biodiversidade é sem paralelos
Seus pássaros, seus insetos
Milhões de espécies em extinção
Engloba 60% de nove estados
Cerrados e pantanais
Nas águas barrentas os peixes deslizam
Sem entender a malvadeza dos homens
Passeiam nas poucas águas
Sua grandiosidade é tão grande quanto a sua destruição
Do sistema desacreditado das falhas fraudulentas
Os índios, que já são poucos
Numa luta desigual contra invasores
São expelidos do seu habitat
A floresta pede socorro!
Pede seu curso natural
Sendo vítima de homens maus
Pobre fantástica floresta!

OBS.: MENÇÃO ESPECIAL EM POESIA

ANGELA GUERRA
(RIO DE JANEIRO - RJ)

ANGELA GUERRA - Escritora carioca, poeta, trovadora, revisora, tradutora, Prof.ª Mestra (inglês), cantora, artista plástica (desenho). Prêmios em literatura e desenho. Entidades que participa da Diretoria: UBE-RJ, AJEB-RJ, InBrasCI, AMPLA, ANLA e FALARJ. Publicações: poesia e prosa - 4 livros, 1 infantojuvenil e 4 de literatura infantil; 4 CDs.

Fantasia ou realidade?

E dizer-se que tudo se iniciou com Harry Potter e sua escola, Hogwarts! Claro que levado a extremos, pois se tratava de feitiçaria...

Como me encantei com os personagens dos *portraits* a conversar uns com os outros e até a fugir da obra de arte! Criavam vida, invadiam o cenário dos outros! Mas eram todos bruxos! Tudo perfeitamente verossímil naquele universo!

Agora vem a nossa Maga maior, a Tecnologia, e imita a literatura, mexendo nas obras de arte consagradas, dos museus!...

Que maravilha de comemoração! Os quadros do Museo del Prado, em seu aniversário de 200 anos, com movimento!

Delícia de beijo apaixonado, quase concretizado; "La maja desnuda", piscando os olhinhos; a feminilidade sensual, ao despir-se uma luva; mulheres, crianças, o pintor, um olho na modelo, outro na tela, a retocar sua obra.

Depois da beleza, a guerra, o sangue vivo, relâmpagos, trovoadas, surrealismo, ferimentos, sofrimento, morte, loucura!...

Mas, não, nada danificado! Tudo magia virtual!

À noite, todos os gatos são azuis?

Os prédios de Ipanema, acinzentados
— um cenário de desenho animado —
descansam no rosa quente do pôr do sol.
Flocos de algodão flutuam; alguns, ainda debruados
em ouro, do calor do astro-rei,
que se retira para o repouso.

Todo o entorno se prepara. A Rainha da Noite fará entrada triunfal. O pisca-pisca das primeiras estrelas anuncia, na brisa perfumada das damas-da-noite, que a luminosidade será outra, favorável aos enamorados.

Feliz de quem mora defronte ao oceano ou nos descampados interioranos! Pode vê-la surgir, em todo o seu esplendor! Os enamorados vão-se chegando e buscando um banco de praia, ou, mesmo, a areia; um banco de praça, ou, talvez, um capinzal? Ali trocarão juras de amor, carinhos e beijos apaixonados. E seu amor será eterno, enquanto dure.

Quando ?

Quando terei no olhar novamente aquele brilho, o brilho das sonhadoras, que navegam pelas estrelas nas noites de luar? Daquelas, que alçam voo em asas de águia e se deslumbram com a magia do panorama? E será que algum dia isso ocorrerá?

Quando verei novamente beleza nas pequeninas coisas do cotidiano? A beleza no perfume dos jardins, nas cores e maviosos gorjeios dos pássaros, no riso cristalino das crianças? E será que algum dia isso ocorrerá?

Quando eu vir asas negras franjadas pousarem na minha inspiração, vou ter que reagir. Não sei se as espante com meus braços enrouquecidos ou com meus pés comedidos, mas sei que as afugentarei.

O brilho, não sei como será, se algum dia retornará. A beleza, talvez consiga enxergá-la com um olhar mais concessivo. mas a inspiração, resolverei, certamente, sem relâmpagos ou trovoadas.

Premência

Em fantasia flutuo
num fugaz encontro
com a alma da criança
suas preferências e carências.

No universo infantil mergulhada
deparo-me com pérolas
escondidas em conchas
a mim agora uma revelação.

A inocência das trocas
a criatividade e a graça
dos brinquedos pueris
me envolvem em nuvens de sonho.

Há fadas, fábulas, folguedos
artimanhas animais, encantos
feitiços, mistérios, sumiços.
Inspiração sem fim.

Tudo no desenrolar dos enredos.
Me debruço e escrevo, embevecida
para esse público tão querido
que tanto necessita ler!

UTOPIA

Despertar num mundo melhor.
Num mundo melhor, abrir a janela e
se embriagar com o ar puro, despoluído.
Descansar o olhar na verdejante mata.
Viajar para longe, no canto dos pássaros.
Permitir que a alegria do novo dia
dance no seu coração.

Despertar, olhar em volta,
olhar em volta, perambular
sem encontrar carência.
Toda criança na escola, fome zero.
Todo mendigo reabilitado
com a família, alojado.

Despertar, respirar liberdade.
Poder transitar a qualquer hora
em qualquer lugar
sem temer bala perdida
qualquer tipo de violência.
Instaurar-se a PAZ.

Viagens de um escritor-trovador

No meu trajeto diário,
vou às nuvens, teço sonhos,
rezo preces no rosário:
conquisto dias risonhos.

Encontro amigos fiéis,
esbarro nos carrancudos.
Os primeiros, são bedéis
dos segundos, quebro escudos.

Assim vou, dia após dia.
Se, em casa, curto as musas,
escrevo muita poesia;
vêm inspirações profusas.

Às vezes, só me vem prosa,
literatura infantil:
crônica espirituosa
ou folclore do Brasil.

Tudo é válido ao escritor,
que procura, sem descanso,
aos leitores, com amor,
ofertar sempre um avanço.

ANTÔNIO FRANCISCO CÂNDIDO (CONGONHAL - MG)

Sou filho único e órfão de pai e mãe. Nasci em Pouso Alegre em 1968. Trabalho na Prefeitura Municipal de Pouso Alegre, onde comecei minha carreira como capinador de rua, depois fui gari, lixeiro e atualmente sou recepcionista na Casa da Cultura Menotti Del Picchia, tendo antes trabalhado no Teatro Municipal da mesma por doze anos. Estou com vinte e dois anos de vida pública. Tenho 51 anos de idade. Sou solteiro. Escrevo desde criança e já fui premiado em dez estados do país, entre eles, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Sergipe, Distrito Federal, entre outros. Tive a honra modesta e humildemente falando de ver uma poesia de minha autoria traduzida para o espanhol.

MURALHAS DA SOLIDÃO

Por detrás de muros altos,
Pessoas frias, desprezadas e oprimidas.
O passar dos anos...
O desprezo da sociedade,
A carência do amor familiar,
A rivalidade entre os próprios companheiros.
A vida a mercê de segundos,
A violência como testamento,
A ociosidade como pensamento.
Revoltas, brigas e mortes,
Quanto sangue derramado?
Os filhos sem pais...
Os pais que nunca vêem seus filhos...
Uma flecha que transpassa o coração.
Cimento armado,
Amor abandonado,
Sonhos são meras ilusões,
Muralhas da solidão.

MOMENTOS

Momentos de vida,
Momentos vividos.
Momentos alegres,
Momentos sofridos.

Momentos ganhos,
Momentos ingratos.
Momentos perdidos,
Momentos sensatos.

Uma vida... Um momento.
Um momento... Uma vida.
Um momento de glória,
Um momento de recaída.

Momentos de um beijo,
Momentos de uma traição,
Momentos de ternura e carinho,
Traição a apunhalar o coração.

A vida é composta de momentos,
De momentos se compõe a vida.
Uma dor, uma cicatriz, uma ferida,
Um sorriso, um beijo, uma despedida.

CONTRADIÇÕES HUMANAS

Os homens falam e pregam a paz,
Porém, preparam-se para a guerra!
Pesquisam longínquos planetas.
Sobre as miserabilidades da terra...
A tecnologia triplicou a produção de alimentos,
Todavia, muitas mesas continuam vazias!
A medicina avançou sobremaneira,
Mas não liberta as drogas que acorrentam o mundo.
Muitos inocentes estão presos,
Superlotando suas casas e as celas das prisões.
Pessoas honestas, bondosas e corretas,
Inseridas com as mentiras, falcatruas e ilusões.
As pessoas lotam as igrejas...
Distantes do próximo e dos necessitados!
Os homens realizam conferências ambientais,
Enquanto agridem e destroem a natureza.
Alheios se perdem no apenas: falta respeito
Contradições só originam dentro do peito!

ANTÔNIO FRANCISCO PEREIRA (BELO HORIZONTE - MG)

ÚLTIMAS PREMIAÇÕES LITERÁRIAS:

2015 : 2º lugar no concurso crônica AFEMIL (“O amor de cabelos brancos”);

1º lugar no concurso contos sobre os 125 anos da Justiça Federal de M. Gerais;

Medalha no 9º Festival de Sonetos da Academia Jacarehyense de Letras;

2016: 2º lugar na categoria crônica adulto (“O rugido da montanha”) do 3º Concurso

Internacional da ALACIB, Mariana-MG;

5º lugar no VI Concurso Nacional de Contos “Cidade de Lins” (“Nossos Ossos”);

2017: Menção Honrosa no XV Concurso Fritz Teixeira de Salles de Poesia (“Noctívaga”);

2º lugar, poesia, no 6º Concurso Literário da AML-Academia Madureirense de Letras

(“Devaneios”);

2º lugar na 29ª Noite Nacional de Poesia da SECTUR/UBE/MS (“Identidade”);

1º lugar no Prêmio SESC de Crônicas Rubem Braga-DF (“O Último Desejo”);

Medalha de ouro no IV C. Liter. Amor Entre Mães e Filhos, prosa (“Notícias de Alice”);

2º lugar, crônica, no 4º Concurso Nacional Literário da ALACIB (“Mundo Digital”);

1º lugar, novo trovador, no Concurso Nacional de Trovas “Mara Souza” da Academia

de Letras de Balneário Camboriú (“Universo”);

2018: 4º lugar na 30ª Noite Nacional da Poesia da SECTUR/UBE/MS ("Réveillon de Sangue");

1º e 2º lugares no XXIX Conc. Nacional de Trovas UBT– Bandeirantes/PR ("Regresso");

Menção honrosa, novo trovador, na III Láurea Cidade Poesia da UBT – Seção Bragança

Paulista ("Trajeto");

Menção honrosa, novo trovador, no XXVI Concurso "Cidade Belo Horizonte – 2018", da

UBT Seção BH ("Ouro");

2019: 1º lugar, crônica, no Concurso Adélia Prado, da AFEMIL - Academia Feminina Mineira de

Letras ("Salve-se Quem Puder");

1º lugar, categoria soneto, Prêmio Cidade de Conselheiro Lafaiete, da Academia de Ciências e Letras de C. Lafaiete ("Hora do Ângelus");

1º lugar, no XXXIX Concurso de Trovas ATRN -2019, categoria HUMOR ("Mancada");

3º lugar (menção especial), 2019, veterano, da UBT/Natal, categoria HUMOR ("Figura").

PLANTADOR DE SONHOS

Quem me vê assim, velho e claudicante,
com as mãos vazias e olhos tristonhos,
não sabe que, numa época distante,
já fui o maior plantador de sonhos.

Plantei tantos, no afã da juventude,
sonhos que pareciam não ter fim.
Mas – oh, Deus! - como a gente se ilude:
com o tempo eles fugiram de mim.

E hoje, quando olho no retrovisor,
eu vejo a plantação bem reduzida,
mas ainda floresce o sonho do amor.

E é por ele que, com a alma serena,
eu deixo escrito no livro da vida:
só de ter sonhado valeu a pena.

OBS.: MEDALHA DE QUARTO LUGAR EM POESIA

A VISITA

O Amor, vizinho da Loucura, veio,
insinuante, visitar-me um dia.
Como eu estava só, não fiz rodeio:
- Venha! Entre e me faça companhia.

Só que infelizmente eu não sabia
que era amor proibido, amor alheio.
E quando vi o mal que me fazia,
já era tanto que nem expulsei-o.

Aí então chegou a outra, a Loucura,
dizendo que o Amor é inconsequente
e se envolve o coração não tem cura.

Meu drama enfim, querida, não é pouco,
pois tenho agora de seguir em frente
sem demonstrar que a amo e que sou louco.

OBS.: MENÇÃO ESPECIAL EM POESIA

MESSALINA

Mulher de todos! Oh, mulher devassa
que se entrega a quem chega primeiro!
Hoje tu és minha. Vem e me abraça.
No cais do teu corpo eu sou marinheiro.

Hoje quero impregnar-me do teu cheiro,
mistura de suor, vinho e fumaça.
Será uma orgia louca, o tempo inteiro,
para esquecer, cada um, sua desgraça.

Mulher pública, objeto de desdém,
com tantos homens não és de ninguém
e eu, solitário, já sem esperança.

Vamos tirar prazer das nossas dores,
resgatando hoje, como pecadores,
a inocência perdida de criança.

OBS.: MEDALHA DE QUINTO LUGAR EM POESIA

CARLOS ALBERTO DE ASSIS CAVALCANTI (ARCOVERDE - PE)

Professor do Centro de Ensino Superior de Arcoverde – PE (área de Letras)
Mestre em Teoria da Literatura - UFPE
Autor de: Itinerário Poético – poesias – Menção Honrosa no Concurso Nacional de Poesias da Academia Pernambucana de Letras (2001); várias premiações nacionais em concursos de poemas; sonetos e trovas.
Laureado com a Medalha Machado de Assis pela Academia de Letras e Artes Rio – Cidade Maravilhosa – Rio de Janeiro – RJ;
Membro Correspondente da:
Academia Cachoeirense de Letras – Cachoeiro do Itapemirim – ES;
Academia de Letras e Artes Rio – Cidade Maravilhosa, RJ;
Academia de Letras e Artes de Ponta Grossa – PR.
Delegado Municipal da UBT (União Brasileira de Trovadores).
Sócio da UBE (Recife).

PUBLIQUE-SE!

Nos Cartórios da cidade
há uma escritura permanente;
autores e personagens se veem frente a frente
diante das páginas daqueles enormes livros
de Registro Civil (ou de Imóveis);
são tantos relatos sobre fatos tão distintos;
esse encontro inusitado reúne, a um só tempo,
no cenário do Cartório, autores e personagens
(coautores de uma longa história?!)
Onde está a ficção ou a realidade
dessa múltipla narrativa?
Até parece que as duas coisas se misturam
nessa obra surreal onde os próprios personagens
se antecipam ao narrador e expõem in loco
suas confidências aos autores ouvintes.
E assim, entre um registro e outro,
a cada página escrita, uma obra se registra
nos Cartórios da cidade.

HORIZONTALIDADES

Deitado na cadeira do dentista,
a boca aberta pouco diz,
pois o dente sai com a raiz
e assim o paciente
não dá com a língua nos dentes.

Deitado no divã do psicanalista,
a boca é porta aberta
para dar fuga aos assombros
que pesam nos ombros
do paciente (e na consciência);
talvez o doutor exorcize
esses fantasmas internos
e assim, mais leve,
o paciente se liberte
das incômodas dores
que lhe causam dissabores.

Deitado na cama funerária,
a boca é porta fechada
que não dá um pio;
sem qualquer arrepio
(e em silêncio sepulcral)
o sujeito perde o verbo transitivo,
pois a vida é transitória.

OBS.: MENÇÃO ESPECIAL EM POESIA

IDENTIDADES

Bem postadas em sua pose vertical
sobre a parede do quintal,
as lagartixas dialogam entre si,
num discurso de secretas afirmações.
A que coisa elas se referem em comum
nesse consentimento intermitente?
Essa dialógica postura linear
da enigmática linguagem das
lagartixas
parece uma ação involuntária,
contraída por defeito congênito,
pois não se vê movimento de negação
no decorrer da conferência entre
elas;
talvez tenham elas aprendido tal
hábito
com outros répteis que frequentam
os recintos palacianos da República
e adotam uma retórica viciada,
onde também as cabeças balançam
na sincronia dos sofismas
entre quatro paredes.

CELSO GONZAGA PORTO (CACHOEIRINHA - RS)

Nasceu no dia 13 de março de 1946 na cidade de Arroio dos Ratos/RS. Tem formação em Engenharia Operacional de Produção e Professor do Ensino Técnico Industrial. É autor dos livros; *"Razões e Maneiras para Você não Fumar"*(1980) *; "Retornando do Inferno"*(2004) *; "Reminiscências, Devaneios e Percepções – fontes vivas da inspiração"*(2005) *; "Não Nascemos Aqui"*(2012) *e "Um Mito Chamado Gardel/Un Mito Llamado Gardel"*(2018) *(bilíngue lançado em Buenos Aires).* Tem participação em 20 coletâneas com outros autores. Possui várias premiações na área da Literatura, sendo as mais recentes o 1° lugar no Desafio Literário 2018 promovido pelo Instituto Estadual do Livro e premiações no I°; II° e III° e IV° Prêmio Literário Gonzaga de Carvalho instituído pela Academia de Letras de Teófilo Otoni entre os anos de 2016 a 2019. É sócio do Partenon Literário de Porto Alegre/RS e Membro Correspondente da Academia de Letras de Teófilo Otoni MG.

MADRUGADA

A noite era mansa e serena
Alguma coisa mudou
No gorjear do primeiro pássaro
No varredor da calçada
No apito do primeiro bonde
No ambulante que monta a barraca
No boêmio curtindo a ressaca
Na mariposa cabisbaixa e cansada
No vadio que acorda na praça
Na bailarina despenteada e sem graça
No gigolô contando dinheiro
Na criança acordando no viaduto
No travesti voltando ao seu reduto
No abrir das cortinas de ferro
A vida se transforma num momento
Onde o nada passa a ser tudo
E o tudo passa a ser nada
É o intercâmbio do tempo
A mostrar que aquele momento
É o romper da madrugada.

OBS.: MENÇÃO HONROSA EM POESIA

REENCONTRO

Parecia tudo esquecido
Como uma sombra no passado
O par de passos estava apagado
De repente. . . o reencontro inesperado
A surpresa calou as palavras
Mas reacendeu a chama do pensamento
Num olhar para trás havia lá, bem longe
Quatro marcas de pés
Mais próximo, restavam só duas
Parecia não restar mais nada. . . nem lembranças
Passado o encontro surpresa
Percebi que mesmo havendo só meus passos
Continuavas comigo no pensamento
Por isso teus pés já não deixavam marcas
Notei teus olhos marejados na despedida
Percebi que também algo havia permanecido em ti
Mas agora? Que fazer?
Há novos rumos em nossas vidas
O que fazer agora?
Eu não sei
Mas espero que a vida saiba.

SOMBRA

Na sombra da taça vazia
Quem sabe um pouco de saudade
A lembrar que naquela taça
Alguém dividiu momentos.
Terá ficado o carmim
Dos lábios da doce amada?
Terá nele o perfume
Que ela usava naquela noite?
Foram só instantes ambíguos
Passados num mero acaso
Lembranças tão passageiras
Que logo serão apagadas
Quando o sol da alvorada
Apagar a sombra da taça.

ESCREVER POESIA

Escrever poesia é um dom
Que nasce junto com a gente
Que representa acalento
Quando acalma num momento
As mágoas que a alma sente

Escrever poesia é arte
Que por si já se define
Não precisando de estudo
P'ra que se fale de tudo
Sem que ninguém nos ensine

Escrever poesia é alimento
Que sacia o nosso interior
Quando um vazio nos consome
É ela que mata a fome
Quando falta ilusão e amor

Ou quando revela o enlevo
Das coisas do dia a dia
Onde a história sempre termina
Na estrofe em forma de rima
Enfocando tristeza ou alegria

Escrever poesia é magia
Que nos desvenda o universo

Que nos comove e acalma
Colocando os mistérios da alma
Na sutileza de um verso

OBS.: MENÇÃO HONROSA EM POESIA

C U I A

Cuia, porongo curtido
Símbolo da tradição
Tem o contorno bem feito
Na forma de um coração
E cabe bem direitinho
Na palma da minha mão

Em teu bojo preparo o mate
Que sorvo com reverência
Sentindo o gosto do amargo
Que alimenta a minha vivência
Pois me lembra em qualquer pago
O ambiente da querência

Quem dera, no dia em que a morte
Me encobrir com seu negro véu
E lá na querência do espaço
Andando de déu em déu
Eu encontre os ingredientes
E possa matear no céu

Terei de parceiro os anjos
E os santos em geral
E nesta roda de mate
Espero não me dar mal
Mateando em divino respeito
Com o velho Patrão celestial

ALMA GAUDÉRIA

Eu tenho a alma gaudéria
E os pés presos neste chão
Querência, Pátria e Rincão
Que levo sempre comigo
O campo é o eterno abrigo
Nas campereadas da vida
Com meu santo protetor
E o pala por cobertor
Vou fazendo um novo amigo
Em cada etapa da lida.

Sou cavaleiro sem rumo
Andando pelo caminho
No andar lento e sozinho
Buscando algo adiante
Quem sabe, quando o sol levante
Eu acorde na madrugada
E olhando a natureza
Na sua singela beleza
Me inspire seguir avante
Em busca de nova morada.

De teto levo o chapéu
Com as tralhas na garupa
Vou indo de upa em upa
A buscar nova jornada
A noite é vida passada

E o que passou já vivi
Não quero ficar prisioneiro
Como raiz no potreiro
Teatino não tem parada
Porque mora dentro de si

O que passou já sumiu
O amanhã sei lá se vinga
Com mais um gole de pinga
Enfrento o inverno agora
E vou pelo campo afora
Andando sem rumo ao léu
Um dia terá a parada
Será o fim da jornada
É a hora de ir embora
P'ra estância grande do céu

OBS.: MEDALHA DE OURO EM POESIA

CORACY BESSA
(SALVADOR - BA)

Natural de Salvador, Bahia. Médica e Socióloga (aposentada). Membro Emérito da Academia Brasileira de Médicos Escritores (ABRAMES). Membro Correspondente da ALPAS 21 (RS), da ALUBRA (SP) e da ALTO (MG). Premiações em diversos Concursos Literários estaduais, nacionais e um internacional (Prêmio Hebron de Literatura (Brasil/Portugal), pela UMEAL. Livros publicados pela Garcia Edizioni: Mulheres Milenares (Contos) (2ª edição), Sementes Amargas (Romance), Universo Reverso (Romance) e Ximbica – Crônica de uma vida canina. Páginas Escolhidas (Coletânea de Contos e Crônicas Premiados em Primeiro Lugar) publicado pela Assembleia Legislativa da Bahia (ALBA).

A MÃO QUE ACENA

Desde que vira as imagens do ataque ao Trade Center, teve certeza: dentre aqueles desesperados visualizados a meia altura da primeira torre, era Celina quem acenava! Por mais desarrazoada que lhe parecesse a sua conclusão, confiou no seu instinto. Ao discernir aquele vulto postado na esquina da fachada, sentiu a contração espasmódica do seu coração. O pobre coitado já se acelerara, assim que ligara a TV no canal de notícias, e disparara, enlouquecido, a cada imagem absurda mostrada na tela: corpos que despencavam, gente que corria, crianças atônitas nas ruas próximas, sangue escorrendo da face de alguns privilegiados que conseguiram escapar. Então, repetidamente, mostraram os infelizes nas janelas: alguns debruçando-se sobre os parapeitos, em busca de sinais de socorro, outros, olhando para cima como à espera de um anjo salvador. Mas a mulher, naquela última janela à direita, apenas acenava com um lenço branco, num ritmo monótono, infindável. Não um agitar frenético que indicasse desespero — era mais como a marcar o compasso da vida no limiar da morte.

Celina era assim: compassada. Nos folguedos, nas disputas e, até, nas discussões. Jamais a vira apressada, impaciente. Parecia viver num ritmo de

adágio. Seus olhos grandes, escuros, boiavam nos lagos plácidos das órbitas. Os gestos eram suaves, graciosos, gentis. A voz, ligeiramente rouca, adquiria tonalidades múltiplas ao sabor das emoções, porém o ritmo, não se alterava — tal qual o lenço branco a ondular naquela atmosfera de tragédia.

Celina crescera em direção diferente da programada pelas expectativas da família. Recusou-se a exercer magistério, a casar-se, a deixar-se dominar. Não se indispunha com os demais, mas fazia o que queria. Foi assim que decidiu deixar a família, o país, e aventurar-se pelo mundo. Sabia-se de suas andanças pelas pistas deixadas por cartões postais, contidas cartas e raros telefonemas. Jamais deixou um endereço. Jamais sugeriu um regresso. Aquela irmã era, para a mulher, um enigma. Inteligente, cativante, vivia assediada por pretendentes, desde garota. Entretanto, não se enamorava de nenhum — até que acontecera David — por quem a mulher diante da TV se desgraçara.

David entrara em suas vidas como um turbilhão. A mulher não podia precisar quem primeiro por ele se apaixonara: ela ou Celina? Sabia, apenas, que lhe entregara, de pronto, seu corpo e seu coração. Teria Celina feito o mesmo? Jamais tivera certeza. E, então, descobrira-se grávida. O cinismo com que o amado recebera a notícia, a humilhação que a fez

passar ao exigir-lhe livrar-se da criança, tudo isso voltava-lhe à mente, diante do lenço que acenava.

O homem transitara pelos seus sentimentos como viajante incólume. Relembrou o calvário de angústias, decepções e ciúmes por que passara ao perceber que Celina manipulava, tranquilamente, a atenção e o desejo de David. Seguira-se uma guerra sem fronteiras e sem tréguas, entre as duas irmãs. Ainda agora, a incredulidade com que aceitara, na esperança de reconquistar David, o desprezo, as pirraças, as pequenas maldades e, por fim, a extrema crueldade de Celina, a deixava arfante. Se, ao menos, eles tivessem ficado juntos! Teria se sentido justificada, teria sido porque o amor dos dois era mais forte que o seu. Porém, o que ocorrera fora o exílio voluntário de Celina, sem justificativas nem desculpas à família. Simplesmente, se fora. David, desvairado, tentara encontrá-la. Debalde! Esfumara-se no espaço.

Decadente, um arremedo do homem que amara, David retornara para a mulher, em busca de consolo, talvez. Sem conseguir anular o desejo de vingança, a mulher forjara uma carta de despedida de Celina e entregara-lhe. O desespero estampado no rosto do homem, outrora tão amado!, enchera de júbilo a sua alma. Entretanto, o seu coração se desgraçara ao encontrá-lo sobre o leito, inerte, frio, fugitivo das agruras do desespero, do

abandono, do amor não correspondido — a carta numa das mãos e o frasco vazio de veneno rolado ao pé da cama.

A mulher recordava, olhos fixos no lenço que acenava. Toda aquela admiração incondicional que devotara à irmã ruíra por terra. Como ruíra o seu respeito por si mesma. Como agora ruía... Oh, Deus! Não! A torre, não! A torre está ruindo! Não! NÃO! NÃO!

E o corpo envelhecido, retorcido, tombou diante da TV…

***

OBS.: MEDALHA DE NONO LUGAR EM PROSA

O FILHO DESEJADO

Atrasado, apressou-se em vestir-se para acompanhar a esposa ao centro médico. O agendamento do procedimento na clínica de fertilização fora confirmado alguns dias antes. Vitalina, ansiosa e nervosa, aguardava-o de pé junto a porta. Nem tomara café, ele também não teria tempo para isso. A mão trêmula de Domício teve dificuldade de encaixar a chave de ignição do carro. Com um brusco solavanco o carro atravessou o portão da garagem e alcançou a rua. Com aceleração mais moderada, o casal avançava para a realização do sonho de... ambos? De Vitalina? De Domício? Até o momento o homem não tinha certeza.

Domício crescera em uma família grande, oito irmãos, os pais, a vovó Belinha, as tias Serafina e Petúnia e os primos Gerônimo e Joventino. Ninguém se queixava de falta de filhos. Pelo contrário! Domício se perguntava, desde que se casara com Vitalina, porque os filhos não aconteciam. Passados alguns anos de aridez, o casamento começou a cambalear, cada um a culpar o outro pela infertilidade. Finalmente, nem que fosse para salvar as aparências perante amigos e parentes, decidiram averiguar a questão. E Domício viu-se diante da realidade arrasadora para o seu orgulho masculino: o estéril era ele! Passado o impacto inicial, cedeu à pressão de Vitalina e aceitou que ela se submetesse à inseminação artificial. Porém, iniciou o processo de postergar por maior tempo possível a realização do projeto. Sentia-se muito inseguro: esse futuro filho não seria seu, na verdade. Seria de um desconhecido, um intruso, como se fosse de um invasor que penetrasse em sua casa e estuprasse a sua mulher deixando-a grávida! Tinha horror de imaginar como seria essa criança a sugar os mamilos da mãe, a roubar dele as atenções e o carinho da sua mulher. E, mais tarde, a apossar-se daquilo que construíra com tanta peleja, ao longo dos anos! Sim, porque

seria um filho único. Ele não se submeteria uma outra vez a esse martírio!

O buzinar feroz do carro às suas costas, alertou-o de que o sinal abrira e ele estava obstruindo o trânsito. Em vez de avançar, inopinadamente arrancou o cinto de segurança, abriu a porta do carro, indiferente aos apelos da mulher e correu em direção ao outro veículo. Antes que alcançasse a porta do motorista, esta se abriu e um homem alto enfrentou-o com um porrete. Enlouquecido de ódio, Domício atirou-se sobre o homem, ignorando o perigo. A paulada o alcançou na têmpora esquerda, deixando-o atordoado. De mãos limpas, lançou-se novamente sobre o agressor e agarrou-o pelo pescoço. Sentiu um prazer imenso ao perceber o oponente estertorar, deixar cair o porrete, amolecer as pernas e derrear o corpo entre as suas mãos. Somente então percebeu a pequena multidão que se formara em torno e sua mulher agarrada ao seu braço, gritando desesperada. Soltou o corpo do homem como se fora um boneco de pano. Sorte sua que não chegara a matá-lo. Retornou ao seu carro, acompanhado pela mulher, e seguiu para a clínica, indiferente à gritaria do populacho.

Apesar do atraso, a equipe de prontidão não cancelara o procedimento. Vitalina foi levada ao centro cirúrgico e Domício, como que escabreado, dirigiu-se ao médico: “Doutor! Veja se consegue implantar logo dois cabras machos porque passar por isso outra vez, eu não aguento!”

***

OBS.: MENÇÃO HONROSA EM PROSA

VIVÊNCIAS

Batidas desordenadas, insistentes.

Acordou assustada. Precipitou-se para a porta. Com ódio. Não se podia dormir, nesta casa?! Bastava pensar que iria dormir até tarde — estava exausta — e alguém ou algo a acordava. Semana passada fora o rádio ligado alto na casa vizinha, tocando *"A mosca que caiu na minha sopa".* Odiava aquela música. O compositor, bom, conseguira irritá-la com a insistência da *"...mosca que caiu na minha sopa ..."*, repetida *ad infinitum.* Concordava que o autor atingia seu objetivo: instigar, fazer pensar, de uma forma contundente, questionadora. Mas não o perdoava às sete horas da manhã de um domingo.

Abriu bruscamente a porta. Um homem estava lá. Manso. Sorriso triste. Olhos enevoados pela catarata incipiente. Pensou bater-lhe a porta à cara, antes mesmo que dissesse algo. Controlou-se.

"Que quer?"

"Um pedaço de pão..."

"Um momento...", e fechou a porta, devagar.

Pensou em deixá-lo ali, plantado, esperando o que não viria — até desistir e ir perturbar alguém, mais adiante. Teve remorso. Ele não tinha culpa: o cansaço era só seu, bem como a irritação.

Retornou com um pão, um copo de leite e algumas bananas. Não respondeu ao *"Deus lhe pague"*

e trancou a porta. O mundo poderia desabar que não atenderia a mais ninguém.

Então, o telefone tocou.

Teve vontade de arrancá-lo da parede e atirá-lo ao chão. Deveria tê-lo desligado na véspera, mas a compulsão (ou o senso de responsabilidade?) não a deixara fazê-lo: alguém poderia precisar dos seus serviços a qualquer hora. Havia muitos colegas que faziam isso, sem maiores pruridos de consciência: se não eram contatados, não tinham responsabilidade nos chamados, argumentavam. Pareciam, até, certas mulheres que procuram ignorar a traição dos maridos, alegando que *"o que os olhos não vêem, o coração não padece".* Ela, porém, cobrava-se muito, em relação às clientes: sentia-se na obrigação — como num compromisso de honra — de estar sempre disponível, por mais cansada que estivesse. Não conseguia se convencer de que seria muito melhor a cliente ser atendida por alguém que estivesse em melhores condições físicas e psíquicas do que ela, assim exausta e irritada. Uma única vez em que se recusou a atender a um chamado, ficou com remorso — que durou anos, a remoer-lhe o espírito —, mesmo sabendo que tudo dera certo, com o profissional que atendera à paciente. Por sinal, desconhecida para ela, mas indicada por um parente. Talvez, por isso mesmo, tivesse conseguido dizer "*não*", ao telefone. O sentimento de culpa, entretanto, se

atenuado por esse fato, foi agravado por um outro aspecto: a sua recusa não se deveu ao cansaço, doença ou outra qualquer justificativa mais válida, mas sim, porque estava de saída para ir ao teatro. Iria assistir a uma apresentação do *balé* estrangeiro, há muito esperado nesta cidade de tão poucos eventos culturais...

Planejara, com muita antecedência, essa noitada: comprara o ingresso (com poltrona bem localizada), conseguira um horário extra no cabeleleiro, vestira-se com esmero, colocara um perfume francês guardado para ocasiões especiais, escolhera cuidadosamente as jóias que combinassem com o traje — e sorrira satisfeita para o espelho, dirigindo-se à porta de saída. Foi quando o telefone tocou. Quis ignorá-lo, mas não conseguiu. Voltou — as chaves e a bolsa na mão, uma onda de ódio avançando e apertando-lhe a garganta. Do outro lado da linha, alguém com a voz assustada requisitava-lhe atendimento de urgência para uma parente. Com uma determinação ainda desconhecida para si mesma, disse não ser possível atender ao chamado, mas orientou o interlocutor a encaminhar a enferma ao hospital e entrar em contato com um dos colegas que indicou. O fone pesou como chumbo na mão que o recolocou no aparelho. Resoluta, saiu.

O teatro estava cheio e o zum-zum dos espectadores progressivamente mais audível.

Tornou-se impaciente com a demora do início do espetáculo. Vagueou o olhar pela platéia, discretamente curiosa em identificar conhecidos. A poltrona vazia ao seu lado punha uma nota de expectativa em sua ansiedade. Tomara que não se apresentasse algum retardatário para perturbá-la, ao acomodar-se, quando o espetáculo já houvesse iniciado! Procurou distrair-se observando os trajes das outras mulheres: havia de tudo, do melhor ao pior gosto. Sorriu complacente, sentindo-se muito elegante — ela, que poucas oportunidades tinha de assim se apresentar. Constantemente trajada de branco, a desfilar apressada pelos corredores dos hospitais, não se permitia luxos ou modas. Aliás, não se permitia muitas outras coisas: vivia mergulhada no trabalho, não frequentava ninguém, tinha poucos amigos e prazeres. E a vida passando...

O tempo passando e o *balé* não começava. Quarenta e cinco minutos de atraso! Cedeu à irritação: nada começava no horário, nesta cidade! Era a *"cultura da impontualidade"* imperando. Seu relógio já mostrava uma e dez de atraso, quando deram início ao espetáculo. A luz suave e colorida acompanhou as evoluções dos bailarinos — os passos sincrônicos com a música de Tchaikovsky. Deixou-se levar pela fantasia, sentindo-se como protagonista da estória de amor. E, então, um vulto atravessou-se-lhe à frente com um sussurrado *"com licença"* e

sentou-se ao seu lado. Procurando novamente se concentrar, recusou-se a olhar para o retardatário. Esqueceu tudo: o trabalho, a solidão, as insatisfações — e deixou-se levar pelo prazer do momento.

Cerraram-se as cortinas do palco e a torrente de aplausos trouxe-a de volta à realidade da platéia.

—*"Você aqui?!"* A voz ao lado chegou a assustá-la.

—*"Olá, Jaime! Que surpresa! Não sabia que você também gostava de* balé*. E que coincidência! Antes de vir para o teatro, indiquei você, entre outros, para atender a alguém que me procurou, com urgência. Acredito que deve ter entrado em contato com outro nosso colega".*

—*"Que nada! A cliente procurou a mim, lá na portaria do hospital, eu já pronto para sair. Dei instruções à enfermagem, apressei-me a atender à paciente e ainda cheguei a tempo de assistir a quase todo o espetáculo. Perdi apenas o início — mas não me sinto prejudicado. Além do mais, ganhei uma nova cliente, e muito rica, ao que parece. O que faturei com ela vai dar para cobrir o que paguei pelo ingresso do teatro, o que vou gastar esta noite e ainda uns trocados, para aplicar na poupança. Quer me fazer companhia?",* arrematou, sorrindo, o homem ao seu lado.

Enquanto se dirige ao telefone, ela ainda não sabe se sentira raiva do Jaime porque ele conseguira administrar melhor o binômio prazer-trabalho ou porque ganhara, de mão beijada, uma cliente abastada e agradecida. Levantou o fone e a voz, do outro lado, estridulou ao seu ouvido:

—*"Doutora! Preciso da senhora com urgência! É a Lucidalva quem fala!"*

—*"Estou às suas ordens, D. Lucidalva!"...*

***

OBS.: MENÇÃO ESPECIAL EM PROSA

DARCY REIS ROSSI
(SÃO PAULO - SP)

Darcy Reis Rossi – Nasceu em São Paulo, Capital, é pedagoga, pós-graduada em Economia e Política. Amante das letras sempre escreveu poesias, crônicas e artigos sobre educação. Desenvolveu projetos âmbito municipal nas áreas de Educação e Saúde. Na poesia, seus versos adejam desde o Romantismo Parnasiano até a Poética Contemporânea. Canta o amor em todas as gamas e cores sublimando-o no sentimento universal. Além da poesia, nas artes dedica-se, também, à Pintura no estilo clássico paisagístico com nuances impressionistas. Na linha poética editou Brumário, Mosaico , Labirinto, Antares e participou das sete Antologias Poéticas da Sociedade de Poetas de Vila Prudente, da qual é uma das fundadoras e atual coordenadora. É membro da Academia de Letras de Piracicaba, cadeira número 07, da União Brasileira de Escritores (UBE) e participa das Bienais do Livro em São Paulo.

Aceite-me

Eu sou solitária como um túnel
E sou infinita como o cinza
Que veste as manhãs, viúvas de sol.

Eu sou a fuga de palavras indecisas
Que em busca de uma sintaxe plena
Possam panspermiar o universo
E atingir o ápice do início de tudo.

Em mim, fundem-se
O beijo obscuro das noites sem destino,
Que se mesclam
Com o cortejo natimorto das estrelas helicoidais.

Eu sou o patamar catenário
No qual, das ondas translúcidas brotam
Borboletas centenárias
Desenhando descendentes sálicos de Cristo.

Eu vicejo por fachadas arcobotantes
Escrevendo alucinadas cenas de um amor impoluto
Capaz de sobreviver a hecatombes carnais.
Por isso creia nos meus versos
Que me povoaram visceralmente antes de você
Que foram aurora semi dormida antes do sol nascer
Que foram relva fresca antes da névoa cair
E foram sonho e inspiração divinas antes de eu os escrever.

OBS.: MENÇÃO HONROSA EM POESIA

O Doce Sabor do Nada

Vivo a vida que me vem,
Sem perguntar de onde e como ou quando vem,
Sem estalar fibras,
Sem dilacerar estrias,
No grito arrepiante de luzes escorridas,
Fugidas dos olhos marejados duma lua fundida
Entre nuvens gaseificadas de néon...

Ando estradas poentes, tálamos de sóis mortos,
Que descubro na densa inquietação dos olhos vãos,
Que me espreitam de dentro de espelhos derretidos,
No vapor de espadas fincadas no meu peito...

Sigo, afoitamente, na direção irracional do ser,
Como abantesma hediondo, predestinado a vagar semi-morto
Entre os que se julgam vivos...

Busco o sentido das causas originárias, das crenças terrenas,
Interpreto símbolos, crio imagens,
Nas estilhas destroçadas de mim,
Distribuídas nos dolorosos encontros com a ausência...
Companheira fiel das horas mortas,
Sombra eterna de minhas existências redivivas...
Espectro fantasmagórico de um passado onipresente.
Vago acima dos ideais mais nobres, porque sou pura,
Vôo acima das virtudes, dos vícios e das calamidades, porque sou mulher,
Navego além das ostentações mundanas, porque sou única,
Vivo a morte, morro a vida, porque sou poeta!

OBS.: MENÇÃO ESPECIAL EM POESIA

Em nome de Maria

Maria Júlia, Maria Neide
Maria José, do Rosário,
Das Dores, Maria Ana...

Estou há pouco aqui em cima,
Agora estou com a Virgem
E o querido padre Cícero.
Faz tempo deixei a vida
Nem sei se viva fiquei...

Fui u'a mulher comum
Advinda do nordeste
Fui porreta como todas
Valente cabra de peste.

Levantava às quatro e meia
P'ra cinco pegar o trem
Ou então pegar carreto
Pra puxar ele no lombo.

Catadora de papel!
Catando só papelão,
Que os ricos jogam no chão.
Ou então ia pra faxina
Deixando sós, minhas meninas.
Daz vez ia pro lixão
Com sorte às vezes conseguia
Um bico na padaria
Por vil salário comum.

Esse foi o meu sustento
Tanto quanto meu tormento.
Vesti trapo de algodão,
Dos dentes que tive antes
Só me ficou um grandão.

Quarenta anos de vida
De pobre mulher parida,
Abandonada da vida
Saudosa do meu Nordeste,

Chorando minha caatinga
Até o pó do meu sertão.

Um dia vinda do nada
Como o nada da minha vida.
Era o dia da partida
Não pro norte da caatinga
Mas pro norte que termina
O tão esperado norte
O dia da minha morte.
A família dividida
Cada qual foi pra um canto,
Viver o seu desencanto
Não pra viver a vida
Mas pra aguardar penando
A sua hora de partida.

Por isso daqui de cima
Orando à Virgem Maria
Peço, não em nome do Pai,
Nem mesmo em nome do Filho
Mas em nome de Maria
De dez, de cem, mil Marias.
Maria Dorcas, do Socorro,
Maria Geralda ou Gerusa
Maria, tão só, Maria,
Maria, Maria, Maria
Que alguma se salve um dia!

DÉBORA NOVAES DE CASTRO (SÃO PAULO - SP)

Débora Novaes de Castro (Débora de Castro), Profa.Me, escritora, artista plástica, nasceu em Bento de Abreu (antiga Alto Pimenta - Fazenda Valparaíso) Comarca de Araçatuba) - SP, 22 de maio de 1935. Aos 6 anos veio com os pais para São Paulo, onde vive até hoje. Graduada em LETRAS e PEDAGOGIA. Pós-graduada em Jornalismo Cultural e outros Cursos. MESTRADO em Comunicação e Semiótica: Intersemiose na Literatura e nas Artes, Puc-SP, 2004. Verbetes: Instituto Biográfico e Histórico de São Paulo, Dicionários, Enciclopédias, Antologias e outras mídias. Publicações: 19 pessoais, a mais recente O HAICAI NO BRASIL Comunicação & Cultura, Grupo Editorial Scortecci, São Paulo/SP, dez.2016; 6 Coordenações em Poesia (1995 e 2008). Participação em Antologias nacionais e internacionais. Distinções: Comendas, Diplomas, Medalhas, Láureas e Troféus. Pertence: Academia Cristã de Letras-São Paulo/SP; Academia Paulista Evangélica de Letras-São Paulo/SP; Academia de Letras, Artes e Ciências Brasil-Mariana/MG; RD-InBrasCI-MG–Instituto Brasileiro das Culturas Internacionais-Mariana/MG; SBPA–Sociedade Brasileira dos Poetas Aldravianistas-Mariana/MG; UBE-União Brasileira de Escritores-São Paulo/SP; REBRA-Rede de Escritoras Brasileiras-São Paulo/SP; Casa do Poeta “Lampião de Gás” -São Paulo/SP; UBT - União Brasileira de Trovadores - Seção São Paulo - SP; Grêmio Haicai Ipê-São Paulo/SP; e outras Instituições da cultura. Coordenadora do Grêmio Pitangas de Haicai - São Paulo/SP; Grupo Bem-te-vi de Estudos Haicaísticos-São Paulo/SP; entre outras Instituições.

Anima mea

Alma doce e gentil, que não partiste;
que ficaste, no intrínseco do instante
unida ao "ser" exangue, que resiste
à letal dama, de império inquietante.

Alma doce e gentil, que não partiste;
que ficaste em peleja, assaz renhida,
a ruflar asas ao "saber" que insiste,
e vence a morte, ao ressurgir da vida.

Alma doce e gentil, que não partiste;
e ao fragor da peleja, que então viste,
revive o "ser" que em honra se extasia.

Alma doce e gentil, que não partiste;
a chama que de ti, em mim persiste,
ora e canta, radiosa na porfia!

———

* Anima mea: Latim = Minha alma.

OBS.: MENÇÃO ESPECIAL EM POESIA

Bolhas de sabão

Naveguei tão docemente
pelas águas da ilusão,
um amor, a névoa ausente,
companheira, a solidão.

De antanho, manhã ditosa
ao pé da roda do poço,
a menina, venturosa,
à vista de "guapo" moço.

Inocente amor nascia
ao raiar da doce vida,
nem falava, e só sorria,
a menina embevecida.

Nessas águas mareantes
de saudade e sedução,
reluzentes, como dantes,
essas "bolhas de sabão"!

Maré-cheia

Como uma flor na noite serenada,
sob um profundo azul todo estrelado,
quisera a ninfa bela na ramada,
alçar outeiro, ao longe, enluarado;

quisera ser a concha nacarada,
que sob as águas, berço camuflado,
primores gera na missão sagrada
de fluidos mundos, de gentil condado.

Ser ninfa, concha, mito, sedução,
uma parideira, outra fantasia,
vida desfiando o régio condão.

Divinal, o fio que a vida enleia
a recoser os sonhos na porfia,
colheita factual da "maré-cheia!"

OBS.: MENÇÃO ESPECIAL EM POESIA

DENISE REIS
(SANTA MARIA - RS)

Denise Beatriz da Silva Reis nasceu em Santa Maria. Cursou Comunicação Visual e Com. Social - Publicidade e Propaganda na UFSM. Formada no curso Técnico de Contabilidade, Auxiliar Desenho de Arquitetura e Corretor de Seguros.

Realizou diversas exposições de pintura a óleo e desenhos no Museu Gama D'Eça, FEISMA e em outros locais diversos. É escritora, ilustradora e diagramadora, integrante da Diretoria da CAPOSM - Casa do Poeta de Santa Maria - desde 2002, e Estância da Poesia Crioula É Sócia fundadora da Casa do Poeta de Santiago e de São Pedro do Sul. Conquistou diversas premiações em Concursos Literários, cabendo citar: Concurso Felippe de Oliveira - Santa Maria, Concurso Literário Aureliano de Figueiredo Pinto-Santiago, Concurso Cultural Poemas no Caminho, promovido pelo Sistema Integrado Municipal (SIM) e RBS TV, e outros. Participante das Comissões Julgadora do Concurso Literário Felippe D'Oliveira, Concurso Martinho Pereira de São Pedro do Sul e Lei do Livro da Câmara de Vereadores de Santa Maria.

Organizadora das Antologias CAPOSM e "Elas por Elas". Participação em mais de 40 Antologias, Poesia 2013, Organizada pelo educador Marciano Vasques com poetas do Brasil e outros países, em antologias da CAPOSP- Casa do Poeta de São Pedro do Sul, "Elas Escrevem" Editora Andross, Os mais belos poemas sobre cães - Ulisses Tavares da editora Nova Alexandria.

Contemplada com o Troféu Destaque Expressão Cultural 2018 – Roda Brasil Amigos.

Despertar

Enluarei-me dentro do verso
não haviam virgulas, pontos, muros...
Toda entrelinha e espaço eram pesadelos.
As palavras eram voos
sem penas e pesos - apenas tempo
inconsciente de seu passar.

Sonhei com estrelas embriagadas de luz
e anjos líricos de amor.
Tudo era constelado de reflexos e reflexões.
As dúvidas eram solitárias e ilegíveis
mas não abismavam meus olhos
cerrados de esperas.

Inevitavelmente o dia irrompe
com passos mansos e a vida
acorda para o real desorbitado.
Acordada - sou outra.
Sendo estranha me desconcerto.
No contexto da razão
tudo palpita fora do coração.

Como é difícil despertar
quando o mundo se dissolve em reticências
e os viventes se recusam a acreditar
na fluidez das auroras.

A escuridão suscita o sonho
mas é a luz que o desperta.

OBS.: MENÇÃO ESPECIAL EM POESIA

Oh dois Oh!

A vida é fecunda
como um sol que se derrama,
pelas frestas dos casebres
iluminando suas tristes extensões.
No ar, o extremo óxido
onde o oxigênio se estende,
como um lençol sobre corpos
maquiados e bem vestidos
para a morte.

(Como o rio que era para a transparência
dos que nele se desdobram
o básico da vida
seria apenas viver como o rio.
Mas há bandeiras
e dentes afiados
roendo os ossos dos viventes
para alimentar o poder
de ser mais que o mar.)

Uma criança dorme
pura como os poetas
que incineram seus escritos
para permanecerem inconfessos,
como um olho sem vidraça
alcançado pelo silêncio das imagens
que mesmo reais não são vistas.

oh ar! oh sol! oh mar! oh verde!
e suas espessuras fotossintéticas
quem dera fossem as dores
apenas anônimos pardais
na lucidez das cidades
e despertassem os fatos
no sonho ilegítimo dos homens.

Oh eu! Insana a pensar em Deuses
em alturas e verdades cósmicas
Oh eu! Insípida, inodora, comburente,
não combustível e pouco solúvel em água
rodeada por incautos suicidas
que respiram cor para a visibilidade dos dias
venho falar das palavras que a tão pouco aprendi
sem ao menos me plantar no mundo
e ser fórmula- como tudo é.

Delação de Castro, alvo de cansaço

"Crime?” Não é crime jiboiar
morder e esmagar a palavra
até *jaguar os dentes*
e quebrar os ossos do dizer.

E nós que somos homens de bem
que temos família, leis e um Deus
- para rogar sorte e perdão –
do mundo somos a jogada
- anjos caídos para a morte.

Sucedem-se provérbios macios,
onde rolam santidades, ociosidades
e outras idiossincrasias
onde a lei pouco acaricia o custo de ser bravo
de abrir as porta de ferro da palavra verdade.

Nós somos repteis
- sim, espécie que rasteja
como uma lesma vil, gosmando a vontade
de não dizer mais nada e calar os horizontes
inflamados de vendidas vogais e consoantes.

A escura palavra amanhã está foragida
dizem que cumpre prisão domiciliar
numa alcova qualquer

entre a pátria e o cansaço
de ver *triunfar as nulidades.*

Não, não é zombaria
é lodo que se escreve
com as sobras das palavras falsas
para caber na boca dos miseráveis.
Pois vês, morremos todos os dias
debaixo dos escombros das Zelotes
e nem remorso causamos
aos sombrios senhores santos.

Inocente é a palavra que se apaga
com a saliva podre
dos que rompem todas as barreiras
da cativa palavra que morre
bem antes de ser morta
(e ainda reza um pai nosso
pede a virgem – alento
para não cair na tentação
de revelar a irrevelável
verdade da palavra alvo.)

A mentira sepulta améns.
Fora da oração tudo é golpe.
Sem verdade tudo é corrupção e cansaço.
Dentro do crepúsculo nada é sorte
- tudo é alvo – como é alva a lua
quando aos céus confesso:

- Minha culpa, minha máxima culpa. Perdoai-me!

“Essas coisas me mudam para cisco”.

“É preciso transver o mundo”

fora do cansaço de olhar
e ver somente o dessaber.

DENIVALDO DOS SANTOS (RIBEIRÓPOLIS - SE)

Pároco da Paróquia Santo Antônio, na Caueira do Município sergipano de Itaporanga D'Ajuda. Formado em Filosofia e Teologia pela Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro. Formado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio. Pós-graduado e Mestre em Educação Global, Inteligências Humanas e Construção da Cidadania pela Flórida Christian University. Desenvolveu atividades de Tutor do Curso de Teologia para Leigos na PUC-Rio. Ocupou funções importantes na Província Vocacionista do Brasil como Conselheiro, Reitor, Educador Vocacional e Diretor Espiritual. Além do ministério sacerdotal, dedica-se ao exercício da Psicologia, escrita de textos, contos, crônicas, cordel, poemas, dentre outros.

UM OLHAR PARA O QUE FOI!

Quando se começa a viver,
A vida foi depositando no cofre do nosso ser,
Riquezas humanas aprende-se a ter,
Isso é munição para o viver.

Fazendo memória do passado,
Pode-se mensurar e diagnosticar:
O arquiteto Senhor da vida,
Com verdadeira engenharia nos presentear;

Mas, tudo que começa tende a findar,
E foi assim que retornou foi se iniciar,
E pessoas preciosas vieram a nos deixar;
Na esfera celeste estão a habitar.

A saudade é uma emoção,
Dada aos que pelo amor foram afetados,
E por razões alheias à vontade,
Para Céu foram levados.

Falar em saudade,
É trazer a razão amor, dor, separação,
É tatuagens nas entranhas,
Que jamais serão pagadas.

Fazer memória do que foi,
É Antes de tudo fazer a emoção,
se entrelaçar com o sentimento e a razão,
para saudade a alma arejar.

Saudade do que foi bom,
É olhar no túnel do tempo,
Uma dose de bem-estar experimentar,
E com os que nos marcaram celebrar.

Saudade é chegar,
Pelo sentimento de amor e pela dor,
As experiências vivas que é memória registrou,
Para cantar e festejar.

Há como seria magnífico,
Se pudéssemos aprender na própria entranha olhar,
E experimentar que no útero de nossas vidas,
Os que foram... estão a reinar.

Pensar o que concretamente já teve,
E, em outro território foi morar,
É chamado a vida ressignificar,
Para a melancolia não ter lugar.

A saudade é escola,
E nesta academia de ensino,
Precisa-se formar,
Para não permitir na vida estagnar.

Mas a saudade é mestra,
Ensina que na vida os ganhos e as perdas,
As vitórias e as derrotas estão a vida a mesclar,
Sendo assim do coração ninguém pode tirar.

A saudade é sentimento, sim
Mas, antes de tudo é fragmento
De relações interpessoais que o outro deixou,
Gravações na alma que nada consegue apagar.

Ter saudade é ter ciência,
Que foi afetado pelo amor, bondade ...
Do outro a vida se encarregou de separar,
Mas que muito perto de nós está.

A saudade é companheira,
Parceira que não permite o outro desaparecer,
Pois os mais sublimes registros
Nas próprias entranhas a pessoa fez por merecer.

Minha Família

Quero aqui em poucos versos,
Fazer meu depoimento,
De uma família justa e honesta,
que da humilde terra tirou seu sustento,
com garra, oração e alento,
nas terras do Riachão, nesta mesma região,
Viveu na pureza de alma e coração.

Uma linda jovem com nome de Maria,
Com mais ou menos quinze anos de idade,
Com o jovem Ulisses de casaria;
Ambos o dom da fertilidade Deus daria,
E onze filhos teriam,
Mas apenas nove na vida permaneciam.

Maria mãe bem criativa,
Pai homem pouco letrado,
Com uma tripa de boi, a fome saciaria
Este grande talento foi dado.
Não posso negar, nada faltaria
Com preciosa família fui presenteado.

Esta história tem início
La nos tempos dos meus avós,
que sabiam ensinar por ofício
O que filho precisava pra viver só,
Meus pais sempre declamava
O que receberam como lição dos vovós.

No dia do seu casamento,
Muita farra e alegria,
Eram dois jovens no sacramento,
Que para a vida partiam,
Pediram forças a Deus,
Para viverem unidos até o ultimo dia.

Começaram a lida de cada dia,
Depois de nove meses,
Maria do Carmo nascia,
E onze meses depois,
José da o ar da alegria,

Quando a tristeza,
A esta jovem família visitaria.

Na casa de farinha de vovô,
Meus pais trabalhariam,
Entre as raspagens e o movimento do rodo,
Meu avô fumaça avistaria,
Chama meu pai e diz filho...,
Na direção de sua casa que agonia.

As presas meu pai correu,
Minha mãe com dois filhos ficaria,
Chegando a cancela fogo avistou,
A pistola no guarda-roupa disparou,
Em lagrimas pai a porta abriu,
Quando o fogo a cumeeira atingiu.

Tudo foi queimado,
O investimento do casamento,
Ali desmanchado,
Com dor no coração e lamento,
Só com a roupa do corpo haviam ficado,
Para ir à feira roupa do irmão tomou emprestado.

No ano seguinte minha mãe engravidou,
E na hora do parto,
Dois por encomenda Deus mandou,
Os dois meninos nos braços,
Cosme e Damião nome dado,
Que no batizado foi sacramentado.

Agora já são seis,
Por causa da benção de Deus,
De manda dois de uma vez,
Meus pais ainda não se reerguerem
A casa é mesma que as chamas,
Outrora lamberam.

Pra trabalhar meu pai sai cedo,
E pra alimentar os meninos,
Cria uma vaca e um bezerro,
Para ajudar no orçamento,
Cria galinha e pouco celeiro,
Galinheiro e chiqueiro é o terreiro.

Um ano e meio depois,
Olhe mãe grávida de novo,
Nasce um novo pimpolho,
Denivaldo é seu nome consagrado,
Seus pais felizes orgulhosos,
O ver no altar consagrado.

Meu pai havia anunciado,
No próximo uma nova vida,
Logo mãe aumentada apareceu,
E depois de nove meses,
Valdês nasceu,
Irmão esta família te mereceu.

Que Valdes desmamou,
Mãe e pai não perderam tempo,
E assim outra vez mãe engravidou,
E foi justo neste momento,
Que mais uma mulher,
Logo nome de santa ela ganhou.

Era a Cássia que brilho mostrou;
Menina bonita brilho ganhou,
Muita gente beleza nela encontrou,
Deus assim com sua bondade infinita,
Nossa família abençoou;
Mais uma alegria na família chegou.

O tempo foi se passando,
Mais dois frutos do céu mãe gerou,
Evandir e Antônio Marcos,
A família celebrou,
E para o céu ainda muito crianças,
Nosso bom Jesus Levou.

Mãezinha lágrimas derramou,
Pois dois filhos do seu ventre,
Deus para o céu levou,
Sofrimentos e muitas lágrimas,
Toda família derramou,
A Jesus meus pais os encomendou.

Depois que a dor passou,
A saudade e a dor,
Mãezinha sempre manifestou,
Mas feliz estava, confessou,
No juízo não passou,
Dois anjos com Jesus Salvador.

A família precisa continuar,
E no ano seguinte nossa mãezinha,
Veio a engravidar,
Era mais uma menina,
Que a família veio abrilhantar,
E Márcia veio se chamar.

Menina bonita,
Todos queriam mimar,
No balanço modas antigas,
A rede pra lá e pra cá,
Um a um todos os irmãos,
Queriam balançar.

Quase dois anos depois,
Mãezinha começou a engordar,
Viva o sagrado coração,
Pois outro filho vai chegar,
Mãe gritou com emoção,
Pois desta vez o canal vai fechar.

Nove meses depois,
Mãe deu a luz,
Um menino distinto,
Fábio veio se chamar.
E como o mais novo,
Na família veio se consagrar.

Eram onze pessoas a somar,
Um time de futebol,
Dava para formar,
Os mais velhos de sol a sol,
As camisas vieram a suar
Para os mais novos ajudar a criar.

Era desafio para os onze sustentar,
Para ter o que comer e vestir,

Na roça dos outros fomos trabalhar,
Um ovo de galinha mãe repartia,
Para cada filho experimentar,
De sede e fome nunca sucumbirá.

E assim se foi e assim se deu,
As três irmãs, os seis irmãos,
Ave Maria ia esquecendo eu,
Constituímos uma nobre família,
Como a força da oração,
Lá em casa Deus nos unira.

Os filhos foram crescendo,
Os mais diversos destinos,
Cada um ia escolhendo,
Para São domingos,
São Paulo, Bahia e outros rumos,
Pai e mãe a turma ia mantendo.

Chegou certo dia,
Que a família se dispersou,
O plano de cada um Jesus iluminaria,
Depois de muitos anos pela força do amor,
Na casa de meus pais todos se reuniriam,
Para juntos celebramos a fonte amor.

Carminha a primeira a sair de casa,
Um amor ainda jovem arrumou,
Em São Domingos fez morada,
A primeira neta ela doou,
Por tentação do diabo,
Com facada seu marido quase a matou.

Nossa casa experimentou,
Com muita tristeza,
Um forte dor,
Com medo da frieza,
Que aquele infeliz,
Quase sua vida tirou.

No hospital Carminha se internou,
Para ser operada,
Das facadas que quase a matou,
A tristeza lá em casa se manifestou,

Um mês inteiro para lá pai e andou,
Na alta alegria Deus nos daria.

Quando a minha irmã bem não sarau,
Aquele infeliz das costa oca,
Lá na cidade chegou,
Mãe deu parte ao delegado,
Para prender o malfeitor,
Na casa de tia ele se hospedou.

A família se indignou,
Os pertences em São Domingos
Minha mãe pegou,
Com ela Carmerino e um "menino",
O irmão quis atrapalhar,
O "menino" disse: deixa-me eu matar.

Na casa de tia o delegado prendeu,
O irmão dele de joelhos,
A minha mãe intercedeu,
Tá em suas mãos Maria,
O destino do fariseu,
E mãezinha do homem se compadeceu.

No meio de tudo isso,
José e Cosme para não padre não deu,
Vai Denivaldo para os encontros,
Guloseimas dona Glória ofereceu,
Lá em muito bom assim manifestou,
E padre serei eu, assim se sucedeu.

É por que agente não sabia,
Mas certo tempo,
Quando a missa com seu pai ia,
De olhos no santo templo,
Teve um sentimento,
Na cadeira do padre um dia me assentaria.

Tenho muito ainda falar,
Queira saber por este Brasil,
De Avião, ônibus e carro,
Nossos pais a viajar,
Todos os filhos e filhas,
Suas vidas a glorificar.

Vinte e um de junho de dois mil e treze,
Nossas vidas veio marcar,
Na madrugada deste dia,
Pra salvador iam viajar,
Na estrada de Aracaju,
Com um ônibus vieram a se chocar.

Eram cinco e vinte da manhã,
Quando suas vidas cessaram,
Os corpos de mãe e Caminha,
No asfalto caíram,
E nas ferragens pai e Fábio,
Deram seu último suspiro.

Uma tragédia sem precedente,
Nossa família e nossa cidade,
A Deus pede clemência,
Solidariedade e amor,
Gente de perto e de longe;
Traz de alento em meio a dor.

A dor de ver a morte cruel,
Chegar de uma vez só,
E levar quatro pro céu,
Dor no peito e na garganta nó,
Geme nossa alma debaixo do véu;
De nós Senhor tenha dó.

Na casa de Damião e família,
Muita gente gemendo e na agonia,
Que grandeza! alguns exclamaria,
Os filhos sem destino estariam,
Amparados por muitos seriam,
Que no amor os recebiam.

Uma grande multidão ali estaria,
No velório, o bispo viria,
Padres Vocacionistas e outros religiosos
Pêsames com misericórdia dariam,
Uma multidão com sentimento religioso,
Na missa de corpo presente estaria.

Missa presidida pelo padre filho e irmão,
Concelebrada por dom Lessa por muitos padres,
Gemendo e chorando a todos comovia,
Palavras de força e fé,
O padre filho daria,
E a todos envolvia tirando-lhe a agonia.

Hoje somos órfãos de pai e mãe,
Irmã primeira e irmão último,
Sem começo e fim, salve mãe!
Vamos viver como se entre estivessem,
Manifestando alegria de pai e mãe,
E assim Deus nos enriquece.

Por hora vou terminar,
Quero a todos de coração
Tendo ainda força pra animar,
Vamos no amor e na oração,
Caminhar juntos e juntas
Com emoção até a vida TERMINAR.

OBS.: MENÇÃO ESPECIAL EM POESIA

O Vazio: Oceano, Cristal e Flor

Em algum lugar, existiu um dia, uma flor
Sua beleza e sua grandeza
Fazia com que o coração de um poeta
Inclinar-se numa perfeita reverência, eterna destreza.

Neste lugar, momento longo, interminável
Numa pedra, no meio do oceano,
O amor cravou a sua residência,
Sua existência, sempre lá, no oceano.

Esta flor tem característica cristal
Com formosura humana, cuja admiração,
Estava velada ao humano
Que não cultivou em si
O infinito com a arte do amor.

Esse cristal humano era tão polido,
Que tinha característica de rainha,
Cuja luz divina foi vista acesa em seu Ser,
Quem experimentou jamais vai esquecer.

Para toda rainha existe um rei,
Precisam de um castelo, esfera do amor,
Seu Ser contem mistérios
Que um ser humano comum jamais contemplou.

O Castelo bonito e perfeito, enriquecido pelo amado e a amada,
Se tornou a mais perfeita casa do amor humano
Onde o Divino habitou,
No meio do oceano se edificou.

Esse castelo foi construído em algum lugar do oceano,
Não se sabe há quantos anos,
Só se sabe que o amor é construtor,
E por isso casa eterna do amor se confirmou.

O amado e a amada se alimentam pela flor da mística,
Quem não tem a alma ungida pelo amor,
Pode até admirar sentir o bálsamo,
Mas só castelo pode deste mistério desfrutar.

Ninguém pode entender o que estou a dizer,
Porque essa linguagem não pode ser dada
Aos ignoram o amor e vive na ilusão de amar,
E no castelo do divino jamais entrou.

No meio de tantas pressões coletivas,
O cristal resistiu
Singularidade encontrou
Jamais vista em sua existência,
Cuja vida afetou.

Amada, do rei Cristal,
Tornou-se acadêmica do amor,
A destruição do cristal feito no amor
É a comunhão de duas realidades, mas não constitui o fim,
Pois o amado é sempre ponte para outro mundo,
Que a eternidade alcançou.

Alguns dias antes de sua passagem...
Um insight luminoso ao rei assustou,
Essa iluminação sabe-se que da sua amada surgiu,
A distância infinita é difícil de suportar.

O funeral num lugar sagrado foi se dar,
Lá mesmo onde o divino as duas realidades foi juntar,
Do amado rei o soluço a escutar: era minha Rainha e foi longe morar,
Quando o amor é perdido a dor consome a alma daquele que ama.

E o castelo perde o seu sentido,
Pois o amor partiu,
No vazio o que ama perde seu reinado,
Só no amor configurado.

Quando o amor partiu, o rei alguns dias depois,
Encontrou na solidão a cura que deu sentido a sua vida,
Depois da trágica partida de sua Rainha,
O consolo da eternidade buscou.

Falar é quase um tormento,
É preciso de muitos dias de silêncio,
Para ressignificação do novo momento.
O mais é simplesmente dor e silêncio.

O Rei sofreu incompreensão e isolamento,
Foi relegado por fazer coisas que as pessoas não entendem,
Que só na relação com o amor divino pode ser revelado.
Naquele castelo, no meio do oceano, aonde o amado e amada
Viveram um amor com errática qualidade de humanidade,
Suas raízes alcançaram a eternidade.

Um amor é uma magia,
Pra quem não foi contagiado,
E quem não carrega o atributo eterno,
Tornasse realidade sem onde a mística do amor não é encontrado.
Esse tipo de amor, cuja flor o ser foi irradiado,
Não é destinado ao matrimônio,
Mas um processo construído
Numa sincronicidade com o divino
E assim já sacramentalizado.

DUCARMO SOUZA
(BELÉM - PA)

Comerciante, aposentada. Escrever é o passatempo preferido. Várias obras publicadas com poemas e contos. Várias Menções Honrosas, algumas medalhas. Membro da Academia Paraense de Literatura de Cordel. Com vários títulos publicados.

ESTRELA DA MANHÃ

Minha Estrela preferida
Você tem a Luz brilhante.
Diga, linda Estrela Dalva!
Como é a sua vida
Nesse Mundo tão distante.
- Digo sim, caríssima amiga.
Eu vivo bem, aqui no alto
No Firmamento bordado.
Falar sobre minha vida...
Sei que sou muito querida
Aqui no Céu estrelado.

Agradeço a gentileza.
Saiba que sou sua fã
Admiro sua beleza
Linda, Estrela da manhã!

A CANETA

A minha caneta - é amiga exemplar
Está sempre comigo - aonde quer que eu vá.

A minha caneta - me causa atração
Ao olhar para ela - vem inspiração.

Com ela escrevo a dor - com ela escrevo a paixão
Com ela escrevo o amor - que tenho no coração.

A minha caneta - é minha companheira
Está sempre à mão - na cabeceira.

A minha caneta - é amiga fiel.
Mas. tem seu parceiro - e companheiro.

OBS.: MENÇÃO HONROSA EM POESIA

EDIR FIGUEIRA
(RIO BRANCO - AC)

Edir Figueira Marques é poetisa, declamadora e pedagoga pela Universidade Federal do Acre e mestra pela Universidade Federal Fluminense. No Acre, foi Diretora do Departamento de Cultura, membro do Conselho Estadual de Educação, Secretária de Educação e Cultura e Assessora-chefe de Comunicação Social do Governo. Comendadora da Ordem da Estrela do Acre, membro efetivo da Academia Acreana de Letras e membro honorário da Academia dos Poetas Acreanos, da Academia de Letras e Artes de Paranapuã – RJ, do INBRASCI, da Academia Amazonense de Artes, Ciências e Letras, da Academia Cearense de Ciências, Letras e Artes do Rio de Janeiro; membro correspondente da UBE – RJ. É vice-presidente da AJEB - Coordenadoria do Acre e da Federação das Academias de Letras e Artes do Estado do Acre. Publicações: "Educação Básica no Acre: 1962-1983”; "CONFIDÊNCIAS” - poesias, escrito a quatro mãos, com o poeta Mauro Modesto, em 2016 e “GOTAS MADURAS”, em 2018, além de poesias e contos publicados em Coletâneas e Antologias.

Ano novo! Vida nova!

Como taça de *champagne* transbordante,
Assim vislumbro seu amor por mim!
Como fogos de artificio retumbantes,
Carinho e ternura são como estopim
Que clareiam meu céu de esperança
e perfumam minha terra de jasmim.

E assim, inebriada, estonteante,
Pressinto um ano novo de bonança!
Alegrias nos esperam no porvir
Ancoradas neste amor tardio
Construído no alicerce do sentir
Latente e quente como tarde de estio!

Fortalecido no desejo de carinho
Que juntos trocaremos em nosso ninho!
Despertando uma paixão a eclodir,
A nossas vidas trazendo completude
Como se a vida voltasse à juventude.
Qual dois adolescentes apaixonados,
Carícias, afagos e beijos serão trocados!

A dor do mundo

São tantas as desgraças, tanto horror
Que se disseminam na civilização,
Que parecem amortecer a sensibilidade,
Descolorir o amor, a empatia, a compaixão
E tornar tudo mera trivialidade!

É preciso sacudir os homens do torpor.
Despertar os mais nobres sentimentos
Da humanidade que está anestesiada.
É preciso acordar e, num levante,
Pulverizar a terra com o pólen do amor.

Neutralizar a tristeza com a alegria,
Semear a solidariedade entre os povos,
Fazer germinar a fraternidade, a amizade,
Distribuir saúde, paz, compreensão,
Respeitar as diferenças, restaurar a felicidade!

AS OBSOLETAS CARTAS DE ANTIGAMENTE

Estive pensando que a literatura e a memória de histórias familiares, das relações entre amigos e até o registro de negócios comerciais estão em decadência, com a ausência de relatos escritos, na medida em que a tecnologia se desenvolve e as informações são trocadas por telefonia ou pelas redes sociais.

Tenho a mania de guardar lembranças e lembrancinhas, desde simples cartões de natal e de felicitações de aniversário, até longas cartas trocadas, em especial, com meus pais, no tempo em que não dispúnhamos sequer de telefone para mandar notícias e matar as saudades, neste longínquo recanto de nosso país.

Relendo-as, recordo-me de fatos, transporto-me no tempo e retrocedo mais de cinquenta anos, quando vim morar em Rio Branco, separando-me da família de origem, ainda muito nova e com a responsabilidade de mãe de primeira viagem, em terra desconhecida e sem os recursos a que fui acostumada.

A comunicação telefônica, trazida pela Embratel, com a magia do DDD, que instantaneamente nos aproxima pelo som e a emoção da voz, só surgiu no início da década de 70. Por isso, era tão importante escrever cartas, enviadas pelo correio, que, por sua vez, demandavam longo tempo até chegar a seu destino.

O cuidado secular com a escrita das cartas não é observado no afã de noticiar ou comentar, de forma rápida e superficial, os *posts* nas redes sociais. Daí o declínio da literatura epistolar.

Se, por um lado, o telefone, e agora o celular, com o *face time,* nos facultam ouvir e ver a imagem das pessoas queridas, se o *facebook* e o *instagram* viabilizam expor fotos, publicar textos,

fazer comentários em tempo real, tudo é volátil. Nada fica registrado. Quando muito, o próprio *facebook* se encarrega de exibir *posts* antigos, de dois, três anos atrás, a seu bel prazer, para rememorarmos.

Hoje, me deparei com algumas cartas amareladas pelo tempo e pude deleitar-me com certos fatos que estavam perdidos (ou guardados) no recôndito da memória. Cartas de amor, quando, namorados, nos separávamos por longas viagens; cartas de família, de irmã e de filha saudosa; cartas dos filhos estudantes, dando notícias e pedindo para aumentar a mesada; cartas maternas de conselhos para o filho distante!

Não há como negar o prazer imenso, a saudade e a melancolia que estas leituras proporcionam. A vida transcorria mais lenta, dependurada no tempo de espera, de olho na caixa do correio.

E fico conjeturando: os jovens enamorados de hoje estão privados da emoção de receber um envelope, com o conteúdo de textos românticos, que faziam arfar o coração, com a chegada do correio. Correspondências muitas vezes escondidas no bolso do avental ou no regaço, junto ao peito, para serem lidas e relidas, no silêncio do quarto; sorvidas, palavra por palavra, buscando nas entrelinhas o não dito, o sonhado, o adivinhado! E depois rabiscar respostas, rasgar, reescrever, tentar colocar no papel, com o único recurso das palavras, o sentimento que palpita, a lágrima contida, o beijo e o abraço imaginados de olhos fechados, sem a força da imagem ou o embargo da voz, que hoje é possível, para intensificar a comunicação. Vez ou outra, o envio de fotografias para reforçar a lembrança, para suprir o vazio de um corpo desejado.

Hoje, não há que ter o cuidado ao escrever para os pais, na tentativa de não deixar vazar uma queixa, um reclamo, uma lamúria! Dar notícias boas, confortar a saudade, evitar passar uma dor

sentida! Afinal, o sofrimento ou a atribulação do momento já seriam um passado, ao receber a missiva, passado que não valia a pena comunicar, pois o tempo consertou ou fez esquecer ou curou o que estava machucando, na ocasião do registro.

Os tempos são outros! Perdemos ou ganhamos com as mudanças? Desconfio que perdemos...

OBS.: MEDALHA DE QUARTO LUGAR EM PROSA

O PÁSSARO METÁLICO

Ano de 1962! O Território Federal do Acre acabara de ser elevado a Estado. Eleições à vista, para compor o primeiro quadro de representantes no Legislativo! Eram apenas sete vagas para deputado federal. Candidatos surgiram do Amazonas, de São Paulo, do Pará e, naturalmente, alguns acreanos. Em alvoroço, todos tramavam os meios mais originais para chamar a atenção e angariar voto dos eleitores, pois os meios de comunicação eram precários, haja vista que a capital acreana, isolada na imensidão da selva amazônica, só foi conectada por DDD ao restante do país, em 1974.

Numa cidadezinha de interior, em que se praticava, em grande parte, o escambo, a troca de favores era a moeda predominante. Os que moravam na zona rural, quase sempre, não cobravam por um cacho de banana, um saco de macaxeira ou de milho verde, quando os amigos lá iam buscar. Em compensação, ao se acharem na cidade, tinham garantido a hospedagem ou, no mínimo, um farto almoço!

Assim é que Dona Iracema, que sempre recebia, com simpatia, os compadres em sua casa, chamou seu filho Mauro e deu-lhe a incumbência de ir apanhar, na colônia do “Seu” Máximo, uns paus de macaxeira para preparar o lanche, em lugar do pão. A colônia ficava na confluência do igarapé Cafezal com o rio Iaco. Era por volta das duas da tarde. Mauro pegou sua espingarda de chumbinho, com que caçava passarinhos, e rumou em direção à colônia.

Estava arrancando umas raízes de macaxeira, quando ouviram um ronco. “Seu” Máximo, um jeca “do pé rachado”, assustou-se ao olhar para o céu e ver o estranho pássaro metálico que sobrevoava o Iaco,

preparando-se para pousar na pista. Na sua ignorância de homem interiorano, que nunca saíra de sua terrinha, desconhecia um monomotor. De imediato, agarrou a espingarda do garoto e atirou no “bicho”! Justo, nesse momento, o aspirante a deputado, que encontrara um meio *sui generis* para fazer sua propaganda, despejou do avião dois sacos de “santinhos”, misturados com notas de um cruzeiro e muito papel picado. Quando dava uma rasante sobre a cidade, o criativo candidato fazia a alegria da criançada que corria a catar o que, de fato, lhe interessava, nas ruas que ficavam coalhadas de pedacinhos de papel.

O menino Mauro, desde cedo galhofeiro, dando uma de “João sem braço”, perguntou, de pronto:

- Matou o bicho?

Ao que o inocente colono, entre atônito e satisfeito, respondeu:

- “Matá” “num” matei! ... mas depenei o pássaro. Tá vendo? Olha “as pena” dele caindo...

E não é que, com essa brincadeira, o esperto político, que nascera em Boca do Acre, no Amazonas, se elegeu em segundo lugar, entre os sete que lograram ser eleitos?

OBS.: MENÇÃO HONROSA EM PROSA

A GRIPE

Confesso que tive medo! E ainda estou um pouco desconfiada!

Gripe em idoso é um perigo! Sistema imunológico já nem tanto imune assim! Sorrateiramente, ela chega e gruda que não quer largar.

Quando vem incomoda, mas não damos confiança. Então, a danada provoca: "Não vim pra brincar". Insidiosa, espaçosa, abusada, ela vai entrando no corpo da gente, como se fosse de casa! E aí, se você não cuidar, começa o estrago!

E aquele abjeto vírus ou alguma bactéria oportunista, insignificante, que mal se vê no microscópio, ferra uma luta gigante com meus leucócitos. A guerra está lançada! Corro atrás de reforço e peço socorro médico. Exames, soro, injeções. Xarope, antibiótico, nebulização. Arsenal de medicação.

Tudo de amplo espectro, porque não é brincadeira não!

Resisto aqui, reajo ali! Caio mais adiante! Mas não vou me entregar! Sou birrenta, teimosa!

Levo uma surra danada! Peia daquelas em menino levado!

Vou ficando cansada... Sentimento de pânico, quando atacada de uma tosse que não tem fim, que arrebenta os brônquios, que descontrola os esfíncteres.

No peito se instalou um mini zoológico doméstico: tosse de cachorro, piado de pinto, chiado de gato, gogo de galinha!

O medo surgiu de repente, quando percebi que poderia ser grave! É bom sempre desconfiar do inimigo.

Veio-me à mente a cena assustadora, que assisti desamparada, impotente, sozinha na grande cidade de pedra paulistana, ao presenciar, de uma hora para outra, a furiosa pneumonia nosocomial atacar, covardemente, e derrubar, em poucos dias, um confiante, forte e risonho idoso, recém-operado e em franca convalescença de cirurgia.

Naquele dia, perdemos a luta! O liliputiano, microscópico e vil, desprezível e ignóbil, derrubou meu gigante e querido marido, nosso porto, nossa segurança, o sustentáculo da família!

Olhos da cor do mar

Quero mergulhar em seus olhos furta cor,
Afogar-me neste mar de emoções.
Perder o fôlego nas águas doces deste amor!
Quero ser salva por seu abraço forte
Soerguendo-me nas ondas das paixões
E, num beijo quente, sorver-me desta morte!

Em seus olhos azuis da cor do mar
Quero me ver refletir no espelho d'água
Onde não haja mais nenhum lugar
Pra sofrer, pra chorar, pra sentir mágoa!
Apenas placidez e alegria no meu ninho.

Em seu olhar agora esverdeado
Leio inteirinha sua terna alma,
Bálsamo para um coração apaixonado!
Com lágrimas a jorrar, de lado a lado,
Ressuscita-me pra viver, oh meu amado!

EDITE NUNES
(GOVERNADOR VALADARES - MG)

Currículo: Ensino Médio Completo, escrevo desde 2009.

O POMBINHO MARROM E O COLIBRI

Ele da família Nunes
Ele da família dos Troquilídeos
Ele, calmo, tranquilo e quieto, às vezes recua
Ele afla e sopra ofegante; anunciando presença
Ele conta piadas e critica os amigos
Ele arrulha como pombas no aconchego do ninho
Ele conserva os 80 km/h com segurança
Ele rufla encrespando as asas e as penas
Ele fala baixo contendo risos
Ele sussurra como vento que passa pelas copas menores
Ele cicia ao meu ouvido
Ele sibila brandamente ao tocar o néctar
Ele se veste com modéstia, porém elegante
Ele de plumagem iridescente, lembra o arco-íris
Ele faz aliança comigo
Ele reflete as cores do arco-íris e faz aliança com Deus.
Ele se sente feliz e realizado
Ele busca felicidade na flor
Ele ama terra, planta, água e animal
Ele banha na água que a mangueira oferece
Ele come e bebe com os amigos
Ele se regozija com a visita ao amigo
Ele o apresenta à amada

Ele agradece a receptividade

Ele passou pela vida

Ele se despede em busca do acasalamento

Ele + ele fizeram um pacto e se sepultaram na via láctea, no caminho de Santiago celebrando a aliança com Deus.

MEU TERCEIRO AMOR

Doar-se por inteiro, com grande afeição
É viver a idade de Cristo com a mesma pessoa
É ter zelo e cuidado dentro do coração.
É amar o bonito e o feiro no vidro que ressoa.

Daí a alma se apega ao amor philia
Procria, educa, luta, vence ou não
Forma-se o clã tão desejado, a família.
Tecem amores, desamores, não abre concessão.

No disparate da vida, não há mais tempo
Tudo doe por dentro, em desalento
Lágrimas incontidas cobrem a face
Um suspiro, uma dor no coração.

No jogo que não há nada a perder
É implacável a busca do amor platônico
Num labirinto virtual pra'alma socorrer
E a "persona" escuta e se encontra atônito.

Este terceiro amor é para sempre,
Seja platônico ou de contato,
Não precisa ser portentoso, nem atraente
Ele existirá para sempre e de fato.

O POLÍMERO DA ACÁCIA NEGRA

Meu Deus! Meu Deus! A bruxa está solta
Ainda não chegou o verão, sol escaldante.
Há quanto tempo não chovia
Crimes desembolados me doem o coração.
Durmo mal, muito mal, assustada, incomodada.
Sonho com demônios e sumiço de criança.
Atenção! Muita Atenção! O Rio Doce
Se apresenta com lençóis duplos: azul sobre posto de marrom acobreado.
O que é isto? O que está acontecendo? Não choveu...
Rompe-se a barragem Fundão, da mineradora Samarco, em Mariana, administrada pela Vale do Rio Doce.
O Rio que era Doce sofreu uma reação química: manganês, mercúrio, ferro, arsênico, alumínio, cádmio e chumbo.
Metais pesados são rejeitos que avolumam. O que era riqueza se transformou em miséria.
Fauna ribeirinha escorre inerte, rio abaixo.
População agitada, sol a pino, desabastecimento.
Eis que surge uma luz!
Uma luz amarelo-claro, cachos enormes, sementes pretas.
Linda! Provinda da flora; oriunda das Guinas, Sul da África e Austrália.
De julho a outubro lá está ela ornamentando o Rio Grande do Sul!
Estamos salvos pela química:
O polímero-grão branco, mais moléculas, torna-se reagente coagulante.
Nossa triste água retoma a pureza, a vida.
Quem fez a linda acácia negra?
Que fixa o nitrogênio, dá sua casca para o curtume e alimenta as formigas?

Depois de tudo isso ainda encontra predadores -seus desamores: o cascudo serrador e o próprio homem.
É desanimante!
Ainda assim salve, salve acácia negra!
Salve! Salve o Criador!

EUGÊNIO MARIA GOMES (CARATINGA - MG)

Eugênio Maria Gomes nasceu em Matipó (MG), em 31 de dezembro de 1958. É Cidadão honorário de Caratinga (MG), membro da ALB - Academia de Letras do Brasil, da Academia de Letras de Teófilo Otoni, da Academia Maçônica de Letras do Leste de Minas e presidente da Academia Caratinguense de Letras. Autor de dezenas de obras literárias – Crônicas, livros técnicos, biografias, cartilhas e literatura infantil -, com publicações nas editoras Campus/Elsevier, Funec, O Lutador, Albatroz, Libro Legis, Amazon e Saraiva. Graduou-se em Engenharia Industrial Mecânica pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, é Especialista em Marketing pela Fundação Machado Sobrinho e em Gestão Empresarial pela Fundação Getúlio Vargas, Mestre em Administração pela Fundação Pedro Leopoldo e Doutor em Administração pela Universidad de la Empresa, do Uruguai.

É professor, consultor, palestrante, colunista do jornal “Diário de Caratinga” e apresentador do programa de entrevistas “Começo de Conversa”, transmitido pelas emissoras Super Canal TV, TV Sistec e Unec TV. É o Diretor Geral da Unec TV, Editor Chefe da Editora Funec e Pró-reitor de Pesquisa, Pós-graduação e Extensão do UNEC - Centro Universitário de Caratinga. Membro do MAC - Movimento Amigos de Caratinga -, do Lions Clube Caratinga Itaúna e da Loja Maçônica Obreiros de Caratinga. Portador das Comendas Marechal Deodoro da Fonseca, concedida pela Ordem dos Cavaleiros da Inconfidência Mineira, em Congonhas (MG) e Thomás Antônio Gonzaga, concedida pelo Grande Oriente do Brasil - Minas Gerais, suas crônicas foram

premiadas em 2015, em Recife (PE), pela Associação Internacional de Escritores, com o troféu “Melhores Crônicas do Ano”.

Em 2016, recebeu a medalha Monteiro Lobato de Literatura, da Associação dos Poetas de Angra dos Reis (RJ), em parceria com a Editora Mágico de Oz, na cidade do Rio de Janeiro (RJ); o troféu Melhor Livro Biográfico, da Prefeitura Municipal de Ouro Preto (MG) com a obra “O Filho de Maria - Biografia do Monsenhor Raul Motta de Oliveira” e a Medalha Gonzaga de Carvalho, em concurso literário da Academia de letras de Teófilo Otoni, além de diversas homenagens e condecorações ao completar 10 anos de literatura, em 2018. Recentemente recebeu a Estatueta do Escritor, da Associação Brasileira de Escritores e a Medalha Desembargador Hélio Costa, do Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJ-MG).

QUEM ENTRE NÓS PODE ATIRAR A PRIMEIRA PEDRA?

Uma das maiores crueldades que o ser humano pode praticar é o ato de julgar seu semelhante. A todo instante criticamos nossos companheiros de jornada por seu temperamento, seu modo de agir, de falar, de vestir-se. Censuramos sua cor da pele, sua etnia, sua classe social, sua religião ou sua fé, ou até a ausência delas. Condenamos sua orientação sexual, suas opções de vida, seus relacionamentos, seu modo diferente de ser. Insistimos em exigir e de forçar o outro a comportar-se segundo padrões que nos parecem corretos, adequados, aceitáveis, “normais”.

Esquecemos que, cada um dos bilhões de seres humanos viventes, tem toda uma história de vida, uma herança genética, um legado cultural, um passado que na maioria das vezes nos é desconhecido. Desconsideramos que cada um de nós lida de forma diferente com suas limitações, com suas virtudes e defeitos, com as dores do mundo, com o sofrimento natural que nos é imposto pela condição humana, pela solidão estrutural a que estamos condenados em decorrência da nossa profunda individualidade existencial.

Não é porque agimos, pensamos ou sentimos de determinada maneira que temos autoridade para impor aos demais um comportamento semelhante ao nosso. A única forma de convivermos em harmonia com os demais é aceitarmos as diferenças, tolerarmos a diversidade e celebrarmos o fato de que embora diferentes, todos somos iguais em essência, posto que estamos permanentemente unidos em nossa condição humana.

Vivemos em um momento de recrudescimento da intolerância, um momento de triste renascimento do ódio e da violência diante daquilo que nos parece diferente e, consequentemente, avaliamos ser errado. E, sendo então errado, deve ser recriminado, combatido e, algumas vezes, eliminado.

Entre os jovens, aumenta significativamente o número de suicídios e de automutilação. Atos de desespero de uma mente ainda em formação, incapaz de defender-se do Bullying praticado por seus colegas, em virtude do jeito que usa o cabelo, ou de sua aparência, seu modo de agir, da forma de seu corpo.

Entre parte daqueles que se autodenominam religiosos, renascem a intolerância e o ódio diante dos que professam sua Fé de forma diversa. Certos de que se encontram autorizados por Deus a impor sua crença e seus códigos de conduta, como verdades absolutas e sacramentadas pela falsa noção de povo eleito, desrespeitam a diversidade cultural e a diversidade de relações com o Divino e o Sagrado. No Rio de Janeiro, observa-se esse fenômeno pela invasão e destruição de templos de matriz afro-brasileira por integrantes do tráfico e das milícias, no seio das comunidades mais empobrecidas. Esses atos de violência estão dizimando as religiões de origem africana.

Entre os povos, ressurgem os atos de xenofobia. Constroem-se muros, erguem-se barricadas, limitam a possibilidade de imigração. Acusam-se os estrangeiros, muitos deles refugiados que fogem da fome e das guerras, de serem

portadores de doenças, de terem maus vícios, de roubarem empregos. Apenas porque são diferentes...

A discriminação, a intolerância e o ódio pelo diferente estão na raiz do quadro de miséria que assola a maior parte da humanidade. Dois terços dos seres humanos ainda se encontram em condições subumanas de vida.

Mas é no campo individual que esses atos de profundo desamor causam prejuízos ainda mais profundos. Aquele que julga e que condena o outro está condenando a si mesmo a um permanente e profundo estado de sofrimento psíquico. Isto ocorre, porque o ato de julgar e de recriminar o outro é uma maneira pueril do julgador de tentar proteger-se a si mesmo, de salvaguardar sua estrutura psicológica da ameaça ilusória que o modo de ser do outro representa para ele. É uma insana tentativa de furtar-se à autopunição, punindo o outro. É uma forma de expiar o próprio pecado! De escapar da condenação, condenando o outro.

Uma das maiores fontes de sofrimento psicológico é justamente esse rigor excessivo, que nos é imposto por uma moralidade autoritária, e que nos compele a adotar comportamentos que não correspondem a nossa essência, e que nos obriga a “sermos o que não somos”, e então, incapazes de lidar com esse sofrimento, extravasamos nosso rancor e destilamos nossos recalques naqueles que ousam ser o que são, que se atrevem a questionar padrões, que têm a audácia de inovar, que têm o atrevimento de se comportar e de optar por modos de vida alternativos, enfim, que têm a coragem de existirem, do jeito e da forma que a criação os moldou.

Assim, todos nós temos que ter a humildade e a serenidade de nos voltarmos para dentro de nós mesmos, reconhecermos nossas imperfeições, olharmos para nossos vícios, nossos pecados, nossas fraquezas. Paramos de ser complacentes diante de nossas próprias imperfeições, submetermo-nos a nossa própria consciência e, assim, sermos então capazes de ter um olhar de profunda compaixão para com nossos semelhantes.

Essa é a lição que se pode extrair da Passagem da Adúltera: *"Quem dentre vós que não tiver pecado, que atire a primeira pedra ... Porque com o juízo com que julgardes sereis julgados, e com a medida com que tiverdes medido vos hão de medir a vós".*

OBS.: MEDALHA DE QUINTO LUGAR EM PROSA

PRISIONEIROS DE UM MUNDO IRREAL

Lembro-me perfeitamente do dia em que minha família comprou a primeira Televisão. Foi uma festa. Para o novo aparelho, tínhamos reservado um lugar de honra na sala. Após a instalação, todos nos reunimos em frente à tela, ainda em preto e branco, e passamos parte da noite assistindo, com certo espanto, às imagens que se sucediam.

Em um primeiro momento, o novo aparelho trouxe informação, pois assistíamos aos jornais todas as noites, diversão e entretenimento. Com o passar do tempo, no entanto, percebi que algo mudara na dinâmica noturna da família. Já não jantávamos mais à mesa, porém, ainda conversávamos na varanda. Já não contávamos mais casos, ou relatávamos ocorrências divertidas que vivêramos durante o dia. Jantávamos assistindo à TV, sem conversas, vendo o jornal. Depois, a conversa de varanda deu lugar à novela das nove, e mais uma vez, a família estava reunida, porém, já não era como antes. A TV nos roubara parte da interação familiar...

Lembro-me também do advento e da popularização do telefone fixo. Como era bom poder falar com as pessoas sem sair de casa. Falar com parentes distantes. Avisar ao patrão que chegaria atrasado. Que maravilha tecnológica! Mas, aos poucos, percebi que já não visitava meus amigos tão frequentemente. Preferia telefonar. Percebi também que as conversas eram mais curtas, e que muitas coisas não eram ditas ao telefone. Não era a mesma coisa que estar ao lado de nossos amigos ou parentes. Sentir, de fato, a presença deles.

No entanto, a antiga televisão em preto e branco e o antiquado telefone fixo, nem de longe se comparam ao fenômeno que vivemos nesse início de século.

Não se trata de saudosismo romântico, ou de negação da importância ou da praticidade que as novas tecnologias propiciam a todos nós. Trata-se de analisar os malefícios que a utilização desmedida dos aplicativos de comunicação, como o "*whatsapp*", e de mídias sociais como o "*facebook*" podem nos causar.

Dia desses, ao visitar uns amigos, em dado momento, fiquei constrangido. A certa altura da noite, os membros da família estavam todos, simultaneamente, ao celular, checando e respondendo suas mensagens no aplicativo. Permaneciam como que hipnotizados, absorvidos naquele universo virtual. Eu, por longos minutos, fui esquecido...

Fui substituído por outros "amigos" que estavam distantes, mas que naquele momento, pareciam merecer mais atenção do que o amigo real, ali parado, em frente a eles. Eles pareceram perceber meu constrangimento, pois não pude deixar de falar a famosa frase: acho que preciso ir, ainda tenho que preparar a aula de amanhã!

No que fui surpreendido com a resposta: tudo bem amigo vamos fazer uma foto do nosso encontro para o "*facebook*". E instantaneamente, todos nós estávamos com a aquela cara de felicidade artificial que as pessoas insistem em fazer e

postar na mídia social apenas para mostrar como são felizes, como são bonitas, como estão bem, como.... Enfim.... Uma grande mentira, na maioria das vezes.

Não percebemos os prejuízos que o mundo virtual está causando para as relações do mundo real. Aquelas que de fato interessam, aquelas que de fato são importantes para nós e para nossas vidas.

O brasileiro é o povo que mais gasta tempo com a internet. Pasmem, mais que os americanos! Calcula-se que somente no *whatsapp* sejam cerca de duzentos minutos por dia. Duzentos minutos! Mais de três horas do dia desperdiçadas. Sim, desperdiçadas! Se você perceber, a maior parte deste tempo é gasto para ler as incontáveis mensagens de "bom dia" dos famosos grupos; ou para ler as incontáveis frases e "*posts*" de auto-ajuda; ou para ver os vídeos de mau gosto, ou para ler "*fakenews*" ou para piadas de baixo nível... Muito pouca coisa realmente útil e necessária ocorre no *whatsapp*...

O mesmo ocorre com as mídias sociais. Terra de Ninguém, Mundo Paralelo, Mundo Artificial. Estas são algumas alcunhas que podemos dar a elas. Inicialmente, uma ferramenta de interação, de ampliação do círculo de amizades, um lugar que reúne mais de um bilhão de pessoas, o *facebook* transformou-se em uma fonte de problemas e de doenças.

Recentes estudos estão mostrando que o uso frequente e desmedido do *Facebook* é capaz de produzir alterações físicas no cérebro. Quando estamos nele, ficamos mais impulsivos, mais narcisistas, mais desatentos e menos preocupados

com os sentimentos dos outros. E, quase que invariavelmente, mais infelizes. Isto porque a realidade ali mostrada não é a verdadeira. Não estamos sempre lindos, felizes e cheios de bens materiais como parece ocorrer naquele espaço virtual. Ver seus amigos na praia, à beira da piscina, ou tomando uma cerveja gelada enquanto você se encontra à frente de uma mesa de trabalho cheia de tarefas a fazer é algo que inevitavelmente o levará à depressão...

Até porque, no *facebook,* não é mostrado o quanto aqueles amigos tiveram que trabalhar para, naquele momento, estarem de férias, ou viajando pela Europa...

Muitas das postagens despertam sentimentos negativos, propiciam uma quase inevitável comparação. Quanto mais "amigos" mais estresse para poder acompanhar as centenas, ou milhares de postagens diárias. Sem perceber, você passa a sentir necessidade de "curtir" as postagens infindáveis. Por outro lado, seu cérebro sucumbe ao clássico condicionamento pavloviano – "um processo que descreve a gênese e a modificação de alguns comportamentos com base nos efeitos do binômio estímulo-resposta sobre o sistema nervoso central dos seres vivos", ou seja, você passa a sentir necessidade de "ser curtido" e quanto menos "curtidas" mais estresse, e assim, você passa a ser escravizado por aquela "realidade" absolutamente artificial.

A sabedoria reside na Temperança, na moderação, a sobriedade e na discrição.

Avanços tecnológicos, inicialmente criados para potencializar a comunicação e ampliar a interação entre as pessoas, quando mal utilizados, podem produzir efeito diametralmente oposto. Afastar-nos de quem realmente amamos. Empobrecer nossas conversas. Reduzir nossas emoções, a mais eloquente forma de caracterização de Humanidade, em simplórios *emojis*...

Temos que tomar cuidado para não nos tornarmos prisioneiros da nossa liberdade, escravos de nossas livres escolhas. Então, precisamos urgentemente, retomar as rédeas de nossa rotina e repensar nossas opções. Sermos novamente livres, ou nos tornarmos, definitivamente, prisioneiros de um mundo irreal.

"Somos livres para escolher nossas ações, mas somos prisioneiros de suas consequências. Seja qual for sua escolha, lembre-se que o futuro é bem próximo e nada fica sem resposta."

OBS.: MEDALHA DE PRATA EM PROSA

A VERDADE SAINDO DO POÇO

Localizado em um dos edifícios do antigo castelo dos Duques de Bourbon, primeiro monumento renascentista francês, na Cidade de Moulins, encontra-se o museu Anne de Beaujeu. Neste espaço maravilhoso, há um quadro muito especial chamado “A Verdade saindo do poço”. De fato, a denominação correta da obra é “A Verdade saindo do poço armada do seu chicote para castigar a humanidade”.

A obra fascinante, pintada em 1896 pelo artista francês Jean-Léon Gérôme, foi aparentemente inspirada em um conto judaico, que de tão antigo, apresenta versões um pouco diferentes, embora em todas elas, a essência da mensagem que tenta transmitir seja a mesma.

Diz esse antigo conto que certo dia a Verdade e a Mentira se conheceram. A Mentira diz à Verdade: “está muito bonito hoje”. A Verdade olha à volta, olha o céu, e constata que o dia está realmente bonito. A Verdade vê que nisso a Mentira não mentiu. Seguiram juntas até chegarem a um poço onde a Mentira então diz à Verdade: “A água está muito agradável, vamos tomar banho juntas?”. A Verdade, mais uma vez desconfiada, põe a pontinha do pé na água, e percebe que realmente a água está agradável e refrescante. Decide tirar suas roupas, entrar no poço e nadar. De repente, a Mentira sai da água, se veste com as roupas da Verdade e foge. A Verdade fica furiosa, sai do poço procurando por todos os lados encontrar a Mentira e recuperar suas roupas. Mas a essa altura, a Mentira já andava longe. O mundo inteiro vendo então a Verdade nua vira seu olhar com

desprezo e raiva. A pobre Verdade, humilhada e triste, volta para o poço e desaparece para sempre, escondendo ali toda a sua vergonha.

Desde então, a Mentira viaja pelo mundo vestida com as roupas da Verdade, satisfazendo assim todos aqueles que não querem em nenhuma hipótese aceitar a Verdade, muito menos, nua.

A batalha entre a Verdade e a Mentira é tão antiga quanto a própria história humana. Parece que algumas vezes, preferimos a Mentira travestida de Verdade à Verdade com sua aparente crueldade ou sua aparente frieza.

É que a Mentira, às vezes, nos parece doce, suave, agradável, afável. Ela atenua a dureza dos fatos verdadeiros, distorce a realidade dos sentimentos vividos, ou dos fatos históricos ocorridos. A Mentira, quase sempre, nos parece melhor que a Verdade, pois ela permite escaparmos daquilo que realmente somos, sentimos e queremos.

Nas nossas relações sociais mais próximas mentimos cotidianamente. Alguns mentem diariamente, incontáveis vezes. Contar mentiras inofensivas, as denominadas “mentiras sociais”, todo mundo conta, em um momento ou outro. Seja para não magoar alguém, seja para evitar uma situação social desagradável ou até para não se expor.

Mas quando mentimos compulsivamente, sem uma avaliação moral das consequências, o ato de contar histórias falsas, relatos falsos, deturpar os fatos, manipulando a boa fé alheia, transforma-se

em uma patologia, chamada Mitomania ou doença da mentira.

As consequências desse desvio de caráter podem ser catastróficas. Os meios de comunicação modernos, as mídias sociais principalmente, são campos férteis para a propagação exponencial da Mentira. No *Facebook*, no *Twitter*, no *Instagram*, nos grupos de *whatsapp* proliferam as mentiras. Mentimos sobre nossa felicidade, sobre nossa riqueza, sobre nosso cotidiano, sobre nosso trabalho, nossos afazeres, sobre nossos sentimentos, nosso estado de espírito; mentimos, enfim, o tempo inteiro. Pouquíssimo do que se encontra nesses veículos de comunicação interpessoal é realmente verdade...

Para além das relações sociais mais intimistas, já no âmbito das relações comunitárias, a mentira desagrega e desestabiliza as relações. Associada à fofoca, outro meio muito eficaz de propagar as inverdades, a mentira provoca desunião, a discórdia e propicia a perpetuação de relações falsas e superficiais, impregnadas de “meias verdades”.

Já no âmbito das relações políticas de amplitude nacional, a Mentira atualmente encontra-se em um verdadeiro pedestal. Utilizando-se como nunca das vestes da Verdade, a Mentira deturpa fatos históricos sob o pseudônimo do Revisionismo. Mente-se sobre a existência da ditadura e da tortura. Mente-se sobre a existência do racismo, mente-se sobre o passado, mente-se sobre o presente e mente-se, principalmente, sobre o futuro, pois se apresenta um futuro mentiroso, fraudado, deturpado.

Não há pequenas mentiras, porque não há pequenas verdades. Ou somos fiéis à nossa essência, ao nosso ser verdadeiro, ou somos mentiras ambulantes. Ou enfrentamos a verdade que se mostra diante de nós, no espelho que nos aguarda todas as manhãs, expondo sem retoques a nossa alma verdadeira, quando ninguém nos vê além de nós mesmos, ou estaremos fadados a viver uma vida miserável, atolados para sempre em um lamaçal de mentiras.

A verdade, mesmo nua e crua, ou até mesmo cruel ou dolorosa, sempre é melhor, porque apenas a verdade é capaz de ser o elemento transformador de nossas vidas.

No fim do ano, temos sempre a oportunidade de rever nossa existência e assim, se for o caso, mudar nosso comportamento. No dia 25 de dezembro comemora-se o nascimento daquele que veio ao mundo para nos anunciar a Verdade. A Verdade que nos liberta. Mais à frente, um ano novo desperta com ele mais uma oportunidade de rejeitar a Mentira vestida de Verdade, e abraçar a Verdade, em toda a sua nudez, e assim, apenas assim, reescrevermos a nossa história, uma história de verdade!

Somos frutos de nossas escolhas. Então, que façamos a escolha certa. Não esqueçamos, porém, que um dia, inevitavelmente, a Verdade sairá do poço, nua e com seu chicote pronto a castigar a humanidade!

"Num mundo de verdades e mentiras, todos temos medo da mentira, mas apenas os tolos têm medo da verdade".

OBS.: MEDALHA DE OURO EM PROSA

FRANCISCO BANDEIRA LIMA JUNIOR

(FORTALEZA - CE)

Francisco Bandeira Lima Junior,comerciante,nascido em Fortaleza-Ce,aos 03 de Fevereiro de 1981,filho de Francisco Bandeira Lima e Maria das Graças Silveira Lima,pai de Francisco Bandeira Lima Neto(Netinho),companheiro de Vitória Régia Façanha,poeta Cordelista e Sonetista,membro do Clube da Viola-Fortaleza-Ce e Grupo Cordel Improvisado-Olinda -Pe.

Classificado em 2013,2015,2016 e 2017,no Concurso Castro Alves de Poesia Espírita em São Paulo-SP;

1º Lugar no concurso Veredas da Poesia em Palhoça-SC;

3º e 2º e 2º Lugares no Concurso de Poesia da Bauernfest 2014 e 2016 e 2017,respectivamente;

2º lugar no concurso de Poesia de Serra Serata-RJ 2016,2017

Classificado do concurso de Trovas de Petrópolis-RJ

Classificado no Festival Vamos Fazer Poesia ,Serra Talhada-PE,2015 e 2016.

3º Lugar No Concurso Conpozagão- Cajazeiras-PB

Mencionado honrosamente por vários concursos pelo Brasil.

Mote:

Nos ruídos do disco de vinil

Escutei os ruídos da saudade

Ah se o tempo tivesse lado B!
Ah se o tempo tivesse lado A!
Mas o tempo não é e nem será
Com dois lados, igual ao LP.
Vai-se quem entender cada "Porquê"
Dos "Porquês" que indago à soledade?
Se ao menos voltasse a mocidade
Pelos lastros de um sonho juvenil...
Nos ruídos do disco de vinil
Escutei os ruídos da saudade.

Com reflexos de pura nostalgia
Vejo o tempo passando como um disco,
Mas o tempo é perfeito,não tem risco
Não engancha,não salta,nem desvia.
Foi Oitenta,uma década que trazia
Uma paz de extrema liberdade,
Pois vivi uma infância de verdade
Diferente da era pós dois mil...
Nos ruídos do disco de vinil
Escutei os ruídos da saudade.

Que saudades das músicas de respeito
Que tratavam as mulheres como damas,
Não usavam os palcos como camas
De bordéis de viela e beco estreito.
Hoje o funck as degrada de um jeito,
Que nem tem mais um nível que as degrade,
É que antes a musicalidade
Não tratava a mulher com modo hostil...
Nos ruídos do disco de vinil
Escutei os ruídos da saudade.

Nos ruídos daqueles Long Plays
Escutei muito além de bons Cantores,
Escutei mãe contando,aos meus clamores,
Com chinelo na mão,de um a três.
Escutei bodegueiro ao bom freguês:
"-Como vai Seu João,fique à vontade!"
Vi rodar na Vitrola a ingenuidade
Do meu mundo inocente e infantil...
Nos ruídos do disco de vinil
Escutei os ruídos da saudade.

Escutei no saltar de cada faixa
E a agulha tocando dos dois lados,
A enxada arrastar nos chãos brocados,
Como um autofalante em cada caixa,
Entonando uma música,em voz baixa,
Minha avó,aos noventa de idade,
Que viveu com total simplicidade
Nos rincões mais humildes do Brasil...
Nos ruídos do disco de vinil
Escutei os ruídos da saudade.

OBS.: MENÇÃO HONROSA EM POESIA

Homenagem ao Poeta João Paraibano

Nunca o cine-teatro de Afogados
Viu um filme tão triste como esse,
Que quem viu não desperta o interesse
De rever entre os filmes reprisados,
Teve gente de todos os estados
Do nordeste pra ver a majestade
Que foi célebre sem ser celebridade,
Mas ilustre por toda região...
Quem cantou a saudade do sertão
Hoje faz o sertão sentir saudade.

Deus é pai que não erra,é sem engano,
Para Deus não existe o por acaso,
Já viemos à terra com um prazo,
Já viemos à terra com um plano.
Nascerá outro João Paraibano
Quando Deus,a suprema autoridade,
Liberar na espiritualidade
Seu processo de reencarnação...
Quem cantou a saudade do sertão
Hoje faz o sertão sentir saudade.

A viola desmaterializou-se
Para João em espírito tocar nela,
Eu não sou,da família,parte dela
Mas eu tento passar como se fosse,
Sua essência poética era tão doce
Adoçada de genuinidade,
Se a matéria tem prazo e validade
Mas eu tenho certeza,a alma não!
Quem cantou a saudade do sertão
Hoje faz o sertão sentir saudade.

Quando o médico o sedou por sua veia
João ficou como quem tava dormindo,
O botão duma rosa se abrindo
Qualquer um que espera,sempre anseia.

O espírito de João hoje passeia
Pelas vias da imortalidade
A família agradece de verdade
Os Abraços em forma de oração...
Quem cantou a saudade do sertão
Hoje faz o sertão sentir saudade.

Quem mostrou do sertão toda beleza
Do carão ao silêncio da cigarra,
No sertão,hoje a gente se esbarra
Sem a chama dos versos dele acesa.
Quem cantava encantando a natureza
Como um pássaro cantando em liberdade
Só não foi um doutor de faculdade
Mas foi mestre na sua profissão...
Quem cantou a saudade do sertão
Hoje faz o sertão sentir saudade

Se Princesa Isabel o viu nascer
Sob o brilho do sol da Paraiba,
Para que Pernambuco não se iniba
Afogados foi chão dele viver,
Se recife assistiu ele morrer
Mas foi Deus quem marcou cada cidade
Pra sentir sua genialidade
Ser marcada por ele em cada chão...
Quem cantou a saudade do sertão
Hoje faz o sertão sentir saudade.

De cantar o sertão,sentia fome,
De cantar o Nordeste,era sedento,
Não se some do nosso sentimento
Quando um gênio de luz daqui se some,
Um João que trazia "Luz" no nome,
Seu mister era ter simplicidade,
João Pereira da Luz na identidade,
Tinha um sol no lugar do coração...
Quem cantou a saudade do sertão
Hoje faz o sertão sentir saudade.

Um poeta de alma iluminada,
Parecia que a alma era por fora,
Decantando o sertão da fauna a flora
Disse tudo,fiel,não faltou nada,
Se na terra,a família é enlutada
Mas no céu hoje tem festividade,
No salão divinal da eternidade
Deus receba o espírito de João...
Quem cantou a saudade do sertão
Hoje faz o sertão sentir saudade.

OBS.: MENÇÃO ESPECIAL EM POESIA

O poeta da Galiléia

Levou luz, fez milagres pelos cantos
que passou com seu gesto de humildade,
pôs em prática o amor, disse a verdade,
o espírito mais santo, dentre os santos.

Com pureza e total simplicidade
transformou água em vinho e sanou prantos,
não foi passe de mágicas, nem encantos,
peixes, pães e a multiplicidade.

Ia ser a adúltera apedrejada,
chegou ele, de alma iluminada,
recitou a mais bela poesia:

"Jogue pedras quem não tiver pecado!"
Cada um recuou desconfiado,
Pois, nenhum, sem pecados, lá havia.

OBS.: MENÇÃO ESPECIAL EM POESIA

FRANCISCO GONDAR
(RIO DE JANEIRO - RJ)

Capitão de Longo Curso da Marinha Mercante

Poeta

Escritor

Contista

Autor dos livros: Marinheiras e brejeiras vols. 1 a 4.

Advinhe quem sou ?

Não sou do Nordeste,
tampouco gaúcho,
nem cabra da peste,
não vivo no luxo.

Eu tenho manias
de um cara legal,
que vive alegrias
de um bom carnaval;

Que vibra e contesta
no Maracanã
e na Lapa em festa
até de manhã;

Que dança de tudo,
da valsa ao xaxado,
eu não entro mudo,
nem saio calado.

Cerveja gelada,
limão, caipirinha...
ou vou pra balada
ou fico na minha;

Não sou regional,
tampouco enrolado,
se falo tão mal ?
Sibilo adoidado!

O que importa meu chapa,
é viver pra caramba
ou saio da roda ou caio no samba;

O tempo que eu pego
tá sempre esquecido,
eu devo, não nego ou passo batido;

Na terra que eu piso
tem sol de quarenta,
mulata sorriso, gringo não “aguenta.”

Na terra que eu ando
o povo é feliz:
-Barriga empurrando, metendo o nariz.

Na terra que eu moro
é o chão que eu adoro,
garota sarada, mulheres bonitas...
ou tem feijoada/ou bife com fritas.

O verão esquentou
o sol de Ipanema:
_Adivinhe quem sou ?
“Carioca da Gema”.

OBS.: MEDALHA DE SÉTIMO LUGAR EM POESIA

O AMOR

Há momentos em que o amor pede clemência.
Sofrimento de viver a sua essência.
Liberdade de expressar o seu afeto,
como a mãe que aconchega o proprio feto.

Há momentos em que o amor pede passagem
pela vida, castigada e selvagem.
E amarga uma tristeza bem profunda
de sofrer em meio a estirpe tão imunda.

O amor não tem pressa, corre a veia.
Não tem vicios, acalenta e incendeia
a coragem de enfrentar a dor presente.

Malgrado e desafeto são vencidos
Ódio e ingratidão foram feridos
e o amor, enfim, reinou eternamente

OBS.: MENÇÃO ESPECIAL EM POESIA

PAZ

É o oposto do conflito:
sem castigo, sem maldade,
sem clemência de um grito,
onde mora a liberdade.

O contrário da tormenta,
a distância da amargura;
é esperança que acalenta,
a leveza e a candura.

É o momento que culmina,
a beleza que fascina
e de tudo puro amor.

Paz, antítese do malgrado,
é a ausência do pecado
na presença do SENHOR.

OBS.: MENÇÃO ESPECIAL EM POESIA

Bem calibrado

Bebum

Em um navio do antigo da costeira, lá pelos anos 1930, havia um tripulante, chamado Cicero, com idade moderada, grande profissional e bastante dedicado, respeitador, disciplinado e cumpridor dos seus deveres. Toda essa qualidade não era ofuscada pelos seus dois grandes defeitos: vivia em constante mau humor, sendo incapaz de dar um leve sorriso e sofria de “delirium-tremens”. Todo dia pela manhã, ao invés do café habitual, ele precisava tomar uma dose forte de cachaça, para se manter bem, lúcido, orientado, não tremer as mãos e ficar devidamente calibrado para o trabalho.

O seu jeito de ser realmente chamava a atenção. Sujeito sempre sério, quieto, fechado, com cara amarrada o tempo todo. Entretanto, era perfeito no seu trabalho, que sempre gerava bons resultados e, sobretudo, confiança de seus superiores.

Certo dia, durante uma longa travessia em alto mar, o nosso amigo partiu para sua última viagem. Naquele dia, ele não acordou. Após uma incursão em seu camarote, constataram que Cicero havia falecido. Naquela época, o navio não dispunha de recursos para manter um corpo e, habitualmente, o corpo era lançado ao mar, após um breve cerimonial e uma consulta à família.

Não obstante a anuência da família, o Capitão não se sentiu seguro de jogar o corpo ao mar. Temia eventuais processos movidos pelos familiares e, também, por ser muito religioso. Não sentia vontade de tomar essa atitude radical. Assim, pediu que seus subordinados opinassem a

respeito do que fazer, para manter e conduzir o corpo sem decomposição até o próximo porto de escala, que distava em 13 a 14 dias.

A opinião foi unânime e foi procedido da seguinte maneira: o corpo do tripulante falecido foi colocado dentro de um grande tonel e derramaram nesse tonel todo o formol de que o navio dispunha em sua farmácia. Contudo, o formol não foi suficiente para ocupar metade do tambor. Então, abriram diversas garrafas de rum de qualidade moderada e completaram o líquido, de tal forma que o falecido ficou todo embebido naquela solução de formol combinado com rum.

O Comandante telegrafou à empresa e às autoridades sobre sua decisão de manter o corpo a bordo. Nessa condição, com o tambor bem fechado, o navio seguiu sua longa viagem até chegar ao porto de destino. Após a atracação, as autoridades sanitárias subiram a bordo para buscar o dito tambor e levá-lo ao necrotério da cidade.

Quando o tonel foi aberto, causou uma grande surpresa a todos, pois se constatou que, devido à curtição da bebida, o corpo estava realmente intacto com a pele bem repuxada e o defunto, que sempre fora mal-humorado, apresentava um longo sorriso de orelha a orelha.

É um ensinamento que nos leva a refletir. Não deixe que nada lhe tire o bom humor. Se estamos vivos e sadios, devemos sorrir enquanto nos é permitido, posto que depois que você for colocado dentro de um tonel etílico, não vai achar graça nenhuma.

OBS.: MENÇÃO ESPECIAL EM PROSA

Pernas, eu não te quero

O sujeito não vale nada. Mau caracter, inescrupuloso, bandido, ladrão de colarinho branco, vermelho, roxo ou seja lá de que cor. Bandido é bandido. Malfeitor da sociedade, covarde, mentiroso, parasita da nação e em que pese todas as mazelas, ainda sou obrigada a viver aos pés dele.

E difícil aguentar aquelas pernas que me levam para lugares, perigosos, obscuros, estranhos e desconhecidos. O lugar mais brando e social que frequentei foram os aeroportos, mas sempre com tentativas frustradas. Até que já viajei de avião, entretanto sob custodia.

As escrituras sagradas condenam pernas que se mobilizam para o mau e forçosamente faço parte dessa cadeia insana. Assisto muito coisa, fico calada, não posso opinar e ainda sou sou obrigada a ouvir.

Então me pergunto: porque tenho que passar por isso? A minha mãe, materia prima de tantos filhos , por que resolveu me fazer dessa maneira ? De sorte, tenho preparo em eletrônica, mas poderia ter sido aplicada de outras formas, tal como meus irmãos que trabalham em grandes industrias, auto-motivas, industrias navais, enfim, tanta coisa boa para se fazer, tanta profissão boa para ser engajada e no entanto fico aqui, todo tempo agregada a esse sujeito pedante, asqueroso e sem nenhuma compostura.

O que abranda meu sofrimento e me faz suportar essa angustia é o frequente encontro com minhas irmas gêmeas que vivem o mesmo problema, uma vez que essas pernas, da qual sou hospedeira, quase sempre se juntam com outras pernas em

encontros, reuniões secretas, escondidas, estudando planos diabólicos, criando álibis, articulando respostas com justificativas infundadas, exdrúxulas, porém são nesses momentos em que posso trocar uma ideia com minhas irmãs, sem, no entanto, interferir no que esta sendo tramado.

Minha vida é de fato uma saga dificil de se levar e, embora penosa, presto pelo menos algum bem social . Meu futuro é incerto, mas espero um dia, sofrer uma boa reciclagem e nascer novamente para uma vida mais util e melhor

Assinado – tornozeleira eletrônica

Ver o Peso

Não me refiro ao famoso mercado de Ver-o-Peso, em Belém (PA), mas sim ao grande concurso que o Capitão do nosso navio promovia, quando viajavamos para a cidade de Lagos, na Nigeria.

Aquela área era rica em peixes de grande envergadura. As iscas, os anzóis e molinetes eram apropriados para o concurso, conhecido na linguagem marinheira como “ver o peso”. O navio possuía uma balança bem sensível, que auferia o peso com precisão. A competição era bastante acirrada e oferecia uma caixa de uísque ao tripulante que pegasse o peixe mais pesado.

Durante os três dias de fundeio, cada participante fisgou seu peixe. Alguns superavam os outros por questão de poucos gramas, o que tornava a competição mais emocionante.

No terceiro dia, o ajudante de cozinha pescou um pequeno tubarão, cujo peso superou os demais em quase dois quilos e meio. Com grande vantagem numérica, levou o prêmio.

Como todos os peixes participantes do concurso foram para a panela, posteriormente, foi descoberto que o ajudante de cozinha não agiu com lealdade, pois com muita discrição, sem ninguém perceber, abriu o peixe com um corte fino, colocou duas barras de ferro no seu interior, costurou a barriga do peixe com muita habilidade, sem deixar vestígios, e com essa esperteza ganhou o concurso.

Depois da escala na Nigéria, o navio seguiu para East London, Port Elizabeth e Capetown, onde todos os tripulantes desembarcaram do navio e foram direto para o aeroporto, com o intuito de pegar um voo para o Brasil.

Quem conhece as regras internacionais sabe que tripulantes em trânsito podem se valer do fato de serem marítimos, com o direito de exceder no peso de sua bagagem até um total de 40kg.

Todos os tripulantes praticamente foram favorecidos por esse privilégio, exceto nosso amigo ajudante de cozinha, que pagou um bom dinheiro, em razão de sua bagagem ter superado o limite permitido.

Somente ao chegar em casa, ao abrir a mala, o espertinho xingou a geração de todos os colegas,, pois constatou a existência de duas pesadas barras de ferro. Alguém, com muita discrição, aproveitando-se de um momento de descuido do ajudante, escondeu duas pesadas barras de ferro no interior da sua mala e, junto a elas, um pequeno bilhete irônico, que dizia:

“Quem com ferro aufere, com ferro será auferido.”

GABRIEL RIBEIRO ELEODORO (RIO DE JANEIRO - RJ)

1° lugar no I Concurso de Poesias do Colégio Estadual Olinto
da Gama Botelho, com a poesia "Um Miró Dentro de Nós"- 1997

Antologias Impressas:
Sonhos ao Vento, vol. 1(poesias e crônicas com diversos autores) FAETEC- 2004
V Prêmio Literário "Escritor Marcelo de Oliveira Souza". Editora Sucesso. São Paulo- SP/ 2017
Poesias Transbordantes (poesias com diversos autores) Editora Palavra Viva.
Salvador-BA/ 2018
Intercâmbio de Emoções (poesias e contos com diversos autores) Editora
Palavra Viva. Salvador-BA/ 2018
O Amor Vencerá (poesias e contos com diversos autores) Editora Palavra Viva
Salvador-BA/ 2019

Antologias Virtuais:
Homenagem a Charles Baudelaire (diversos autores/ org. de Freddy Asis) 2018
Family (diversos autores/ org. de Freddy Asis) 2018
Qué Pasa Contigo, Venezuela? (diversos autores/ org.. de Freddy Asis) 2018
Concurso "Vers Asis" 2019 (diversos autores/ org. de Freddy Asis)

PENSAMENTOS PROFUNDOS

No que está pensando?
No que está sonhando?
Será que no meio dessa festa,
alguma coisa está te sondando?

Ah! Quem dera,
se eu penetrasse na profundidade
dos teus pensamentos!
Decifrar esse enigma,
que tanto você nutre; imagina!

Você me deixa tonto de curiosidade.
Os teus olhos, estão fitos no vazio.
Porque a tua mente,
viaja no infinito

Depois, muda a expressão do teu rosto.
Parece tristeza, saudade.
Indica que é muito tarde.

Então suspira,
tira tudo da alma.
Só Deus sabe
o que há em teus pensamentos.

imagino
que seja um velho sentimento.
Que infelizmente,
se perdeu
no longínquo tempo.

OBS.: MENÇÃO ESPECIAL EM POESIA

ORVALHO

A noite está na cidade,
e com ela a umidade.
Os prédios e a floresta se molham;
sombras e luzes se olham.

O seu caminho o sol está a trilhar.
No chão, cristais a brilhar.
Encharcado está o carvalho,
e a grama, viva com o orvalho.

São milhares de gotinhas
atraindo as andorinhas,
e refrescando o meu sapato.

É inesquecível este fato;;
o Encanto da Inspiração Divina
mostrado em cada gota fina!

NAVEGADORA EXPERIENTE

Formei-me nessa Escola agora,
e já estou indo embora!
Mas não quero ir sozinho,
quero fazer dessa caravela o nosso ninho!

Olhe esse mar, esse sol, como estão convidativos!
Quero parar em qualquer mundo,
para conhecer bem de perto os nativos!
Temos que ir depressa, pois o meu sonho já voou;
a nossa viagem será bem segura e tranquila,
pois o infante nos abençoou.

Saiamos desse porto
vazio e morto.
Arrumemos a caravela;
esqueçamos da vida absurda
que há nas sujas ruelas.

A nossa caravela nunca vai naufragar,
porque pelos arrecifes, você nunca se deixa enganar;
navegadora experiente,
você me dá uma confiança diferente!

Nem as tempestades chegarão,
pois as velas robustecidas as atordoarão!
Você é a minha guia,
minha bússola de todos os dias!

Os redemoinhos com a nossa presença
se tamparão.
Cila e Adamastor para as profundezas fugirão.
Porque o nosso rumo não pode ser desviado,
um novo mundo para nós está guardado.

Nossa embarcação não sofreu nenhuma avaria
e lhe darei de presente as minhas especiarias!
Todos os perigos se extinguiram nessa estrada de mar,
e a certa bonança já veio para nos acalentar.

OBS.: MENÇÃO ESPECIAL EM POESIA

GLÁUDIA FÉRRER
(RIO DE JANEIRO - RJ)

Maria Gláudia Férrer Mamede- Cearense , residente no Rio de Janeiro. Graduada em Direito e Administração de Empresa. Auditora Fiscal da Receita Federal do Brasil, aposentada. Presidente da Academia Cearense de Ciências Letras e Artes do Rio de Janeiro. Tem publicação de trabalhos em vários compêndios. **Condecorações** : Medalha do Mérito Pedro Ernesto, da Câmara Municipal do Rio de Janeiro; Título de Mérito Cultural Barão de Studart; Diploma de Mérito Cultural da Academia de Letras Rio –Cidade Maravilhosa; Diploma da Prefeitura de Maricá, pela valiosa colaboração e apoio na solução de problemas da Municipalidade; Diploma de Reconhecimento da Fundação Assistencial dos Servidores do Ministério da Fazenda- ASSEFAZ; Menção Honrosa da Editora Sem Fronteiras, pelo trabalho “Sinhá D’Amora- Primeira Dama das Artes no Brasil. Autora do livro “O Maravilhoso Folclore Brasileiro” – Lendas, Festas Populares, Culinária e Artesanatos Regionais”. Participou de várias Antologias. **Instituições a que pertence**:Presidente da Academia Cearense de Ciências, Letras e Artes do Rio de Janeiro- ACCLARJ, Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil-AJEB/RJ e Sociedade Memorial Visconde Mauá.

PRAÇA SÃO SALVADOR

VIVA A PRAÇA SÃO SALVADOR
VIVA LYDIA SIMONATO, COM LOUVOR
QUE NAS MANHÃS DE DOMINGO
CONGREGA- NOS, COM AMOR

É NO "CAFÉ COM POESIA"
PROGRAMA QUE NOS REUNE
QUE ELA FESTEJA A VIDA
E NOS COBRE DE FANTASIA

QUE DEUS DERRAME SOBRE ESTA PRAÇA
E SOBRE TODOS QUE NELA PASSAM
TODA FORÇA DE SUA GRAÇA
E TODA BENÇÃO QUE NOS ABRAÇA

ESPERANÇA

Vale a pena nascer, se iniciamos a passagem para a morte?

Vale a pena sim, pois teremos a ESPERANÇA de gozar uma vida longa, saudável e feliz.

Vale a pena nos esforçarmos para nos tornar letrados e cultos?

Vale a pena sim, pois teremos a ESPERANÇA de conseguir sustento para nossa vida e dos nossos dependentes.

Vale a pena amar e enfrentar os percalços de um relacionamento?

Vale a pena sim, pois teremos a ESPERANÇA de ser felizes junto ao nosso querido(a) eleito(a).

Vale a pena enfrentar a grande carga de preocupações profissionais?

Vale a pena sim, pois teremos a ESPERANÇA do reconhecimento do nosso trabalho e de galgar melhores patamares.

Vale a pena enfrentar a responsabilidade de ter uma família?

Vale a pena sim, pois teremos a ESPERANÇA de formar pessoas de boa índole, bons costumes e carinhosas conosco.

Vale a pena ajudarmos ao próximo que passa por dificuldades e sofre?

Vale a pena sim, pois teremos a ESPERANÇA de que aquele ente se levante e vença a dificuldade.

Vale a pena escolhermos bem os nossos governantes e políticos?

Vale a pena sim, pois teremos a ESPERANÇA de mais justiça, mais educação, mais saúde e menos desníveis sociais.

Vejam, a ESPERANÇA é a essência do ser. Sem a ESPERANÇA, somos capazes de desistir de lutar pelo que queremos. A ESPERANÇA nos acompanha em todos os momentos da vida. Sem ela, não faremos os outros felizes, não faremos pequenos momentos ser grandes, não teremos novas experiências, não provaremos novos sabores. Todas as nossas ações são, com certeza, precedidas de ESPERANÇA.

NATAL

Aguardo a noite de Natal com regozijo
Porque o Natal é luz que ilumina o nosso coração
É brilho de esperança por dias melhores
É força que nos envolve, para ajudarmos o próximo
É a fé que nos anima a sermos generosos e amigos
No Natal festejamos a vinda do Menino Deus
O que nos faz crer, sonhar e almejar sermos melhores
Através do AMOR

A escravatura, no Ceará

O Ceará não recebeu um grande número de escravos, como outros estados. Chegaram ao Ceará cerca de 35.000 escravos, vindos de Angola e do Congo. O preço dos escravos era caro para a economia baseada em gado, que não carecia de muita mão de obra e facilitava a fuga dos escravos pelo sertão. A crise econômica do final do século XIX, agravada pelas grandes secas, resultou na venda de escravos para outras regiões do país. Em meados do século XIX, começaram a aparecer, no Ceará, sociedades civis de combate à escravidão. Em 1880, surgiu, em Fortaleza, a Sociedade Cearense Libertadora, composta de 225 sócios, que se reuniam sob o juramento de "matar ou ser morto, em bem da abolição". Em 1881, a campanha abolicionista convenceu os jangadeiros a não transportar mais escravos de uma região para a outra. Sob o slogan "No Ceará, não se embarcam mais escravos", o movimento liderado por Francisco José do Nascimento, o "dragão do mar", ganhou o apoio total da população.A primeira vitória foi conquistada no Ceará, em 1º de janeiro de 1883, quando foram libertados os escravos, no município de Redenção. Em 25 de março de 1884, se fez a abolição da escravatura no Ceará, quatro anos antes do dia 13 de maio de 1888, quando se deu a abolição brasileira. Este fato lhe valeu o nome dado, por José do Patrocínio, de "Terra da luz". Até Victor Hugo mandou, da França, suas saudações aos cearenses.

Quero, ainda, destacar as palavras do ex-confrade Mons. João Victorino Barreto de Abreu, ditas na delicada carta que me enviou, a propósito desta palestra, onde elogia a minha iniciativa dentro desta querida Academia Cearense de Ciências Letras e Artes do Rio de Janeiro, e diz: "O

Brasil, tardiamente, aboliu a mancha negra da escravidão. E quem foram os pioneiros da libertação? Primeiro, o nosso Ceará". E acrescenta: "na palavra de Joaquim Nabuco, o Ceará é o começo de uma Pátria livre e segundo José do Patrocínio, o Ceará é o herói da abolição."

Homenagem ao jornalista cearense José Luciano Mota Carneiro

José Luciano Mota Carneiro nasceu no dia 9 de outubro de 1926, em Fortaleza e faleceu no Rio de Janeiro, em 1959. Iniciou sua carreira como jornalista, nos jornais *Correio do Ceará* e *O Unitário*, periódicos que integravam os Diários Associados. Começou a fotografar nesse mesmo período e, em 1948, passou a integrar a equipe da revista *O Cruzeiro*, no Rio de Janeiro, como repórter. Suas fotos passariam a ilustrar as reportagens, um ano depois.

Foi um dos jornalistas mais brilhantes de seu tempo. Atuou como correspondente internacional, realizando reportagens sobre a Guerra da Coreia, a vida no Japão e na Rússia, a África de Albert Schweitzer, o Egito de Nasser, a Iugoslávia de Tito, a Revolução Cubana de Fidel, em 1959.

Depois de um ano e pouco no Rio, embarcou para o Japão. Ao estourar a guerra na Coreia, Luciano se juntou às tropas da ONU. Durante sua estada no Rio, havia feito um curso de paraquedismo para civis. E aproveitou seus conhecimentos para atirar-se com as tropas em campo inimigo. Os soldados com suas armas: metralhadoras, granadas, fuzis. Luciano também com sua arma: a máquina fotográfica. E documentou com ela as mais comoventes cenas de libertação. As misérias da fome, a vida nas trincheiras, a morte sempre presente.

Além das coberturas internacionais, realizou matérias no Brasil sobre jangadeiros, posseiros, a seca no Nordeste, a herança do cangaço, as lutas estudantis, entre outras.

A trajetória de Luciano Carneiro foi interrompida abruptamente em dezembro de 1959. Morreu em um acidente de avião, aos 33 anos, quando retornava de um trabalho singelo em Brasília: fotografar o primeiro baile de debutantes da nova capital, às vésperas da inauguração. Piloto, repórter, fotógrafo, correspondente de guerra, Luciano Carneiro sempre pareceu orientar sua fotografia pela máxima de Robert Capa: “Se suas imagens não ficaram boas, é porque você não se aproximou o suficiente de seu assunto”.

Para elaboração deste trabalho foram consultados os jornais “O Povo” e “Correio do Ceará”, o site “Luciano Carneiro”, do Google e conversas com seu irmão Antonio Mota Carneiro.

JOÃO CÂNDIDO – O ALMIRANTE NEGRO

JOÃO CÂNDIDO-O ALMIRANTE NEGRO, marinheiro que liderou a “Revolta da Chibata”, em 1910. Sua estátua está erguida na Praça XV, atrás da estação do VLT e foi elaborada pelo escultor Valter de Brito Cunha. A estátua mede 4 metros, sendo 3 metros em bronze e 1 metro de pedestal.

João Cândido Felisberto nasceu em 1880, na vila São José, Encruzilhada do Sul, distrito de Rio Pardo e morreu em 6 de dezembro de 1969, no Hospital Getúlio Vargas, na cidade do Rio de Janeiro.

Em 1909, no dia da posse do presidente Hermes da Fonseca, muitas embarcações estrangeiras, que trouxeram convidados, estavam fundeadas na Baia de Guanabara.

Enquanto havia festas, na madrugada do dia 16 de novembro de 1909, toda a tripulação do encouraçado “Minas Gerais” era chamada ao convés para assistir a cena muito comum na Marinha: aplicação do castigo de 250 chibatadas no marinheiro Marcelino Rodrigues Menezes que, na noite anterior, ferira, a navalhadas, o cabo Valdemar Rodrigues de Souza, que o havia denunciado por tentar introduzir, no navio, duas garrafas de cachaça.

A Marinha tinha passado por um re-aparelhamento, adquirindo os encouraçados São Paulo e mais outros cruzadores, destroyeres e outras belonaves . Mas, se tínhamos nos transformado numa potência, persistiam a mesma estrutura e os mesmos costumes, com relação à marujada.

João Cândido, embora viesse das Escolas de Aprendizes, tinha o mesmo destino dos marujos. De todas as péssimas condições, o uso da chibata era, sem dúvida, o costume mais aviltante. Costume

herdado da marinha portuguesa e praticado pelos oficiais ingleses que comandaram, durante um período, os nossos navios.

Embora o uso da chibata tenha sido abolido, no segundo dia da República, pelo Decreto número 3, não foi obedecido, pois o que valeu foi o Decreto número 1890, assinado por Deodoro da Fonseca e que instituiu a Companhia Correcional que estabelecia a pena de 25 chibatadas, por faltas graves.

João Candido esteve na Inglaterra, juntamente com outros marinheiros, assistindo às etapas finais da construção dos navios e aprendendo o manejo das novas embarcações.

Neste contato com os marinheiros ingleses, João Cândido conheceu melhores condições de trabalho.

No Brasil, já estava surgindo a organização de movimentos contra as péssimas condições de trabalho. O movimento dos marinheiros tomava impulso, nas barbas dos oficiais. Segundo Hélio Leôncio Martins, que escreveu um livro sobre a revolta dos marinheiros, João Candido foi o comandante do movimento.

Em 22 de novembro de 1910, deflagrou-se o movimento. O presidente estava sendo homenageado e um tiro sacudiu a cidade. João Cândido, na torre do “Minas Gerais”, deu o sinal para alertar os outros navios. Houve mortes de oficiais e marinheiros, nos navios Minas Gerais, Bahia e São Paulo.

A mensagem dos revoltosos “Não queremos a volta da chibata”, foi captada pela estação de rádio do morro da Babilônia.

“Pedimos ao Presidente e ao Ministro da Marinha. Queremos resposta já e já. Caso não tenhamos, bombardearemos a cidade. Assinado: Guarnições Minas, São Paulo e Bahia.

Foi entregue um memorial ao Pres. da República. Houve pânico na população.

Para sanar a revolta, foi assinado, por um conjunto de senadores, entre os quais, Rui Barbosa, um projeto de anistia. Citava-se o nome de João Cândido.

No dia 25 de novembro de 1910, o ministro da Justiça trouxe o decreto que recebeu o número 2280, de 25/11/1910, para sanção do presidente, concedendo a anistia aos insurgentes. João Cândido ouviu a leitura do decreto de anistia e tirou do pescoço o lenço vermelho. Os marinheiros tinham ganho apenas o perdão, por terem se revoltado.

Não houve decreto abolindo a chibata, a maior exigência da revolta. Na verdade, a chibata simplesmente desapareceu, sendo sua abolição ratificada nos códigos e regimentos disciplinares.

No dia 13 de dezembro, quando João Cândido desembarcou no cais Mineiros, foi preso juntamente com outros companheiros. Detidos no Regimento de Infantaria, por vários dias, foram transferidos, na manhã do dia 24 de dezembro, para a Ilha das Cobras, com a recomendação de serem postos em prisão segura.

Na prisão, 16 marinheiros morreram devido às péssimas condições; sobreviveram, apenas, João Cândido e o soldado João Avelino. João Cândido saiu da prisão na Ilha das Cobras, muito debilitado e foi internado no Hospital de alienados. Tinha períodos de melancolia e delirantes.

Depois, João Cândido, ao sair da Marinha, recebeu roupas, algum dinheiro e sapatos, da Irmandade da Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Desempregado, passou a freqüentar a Praça XV, olhando para o mar, que tanto amava. Hoje, ele está na Praça XV, representado pela sua escultura.

Na elaboração deste trabalho foram consultados o livro João Cándido – o herói da ralé, da autoria de Eridan Passos, O Negro da Chibata de Fernando Granato.

JERONIMO LUIZ GONÇALVES (GOIÂNIA - GO)

Licenciado em Geografia pela Universidade Federal de Goiás e Pós-Graduado em Planejamento Educacional pela Universidade Salgado de Oliveira. Professor da Secretaria da Educação do Estado de Goiás do Ensino Fundamental e Médio e de Escolas particulares. Livros publicados: "Poemas Memórias da Terra Goiana" em 2010 e " Poemas Amor à Terra Goiana" da Coleção Goiânia em Prosa e Verso da Prefeitura de Goiânia, em 2011.Participou com a poesia "Muro de Pedra" da Coletânea AURORA Poesia e Prosa organizado por Sílvio Parise e com três poesias no III Prêmio Literário "Escritor Marcelo de Oliveira Souza", agraciado com Menção Honrosa pela poesia "Por onde andam". Participou com a poesia "Refugiado" da Antologia do VII Concurso Literário Poesias Sem Fronteiras, da Ed. Sucesso em 2016. Recebeu medalha de prata do VII Concurso Literatura da Natureza, organizada por Paulo Roberto de Oliveira Caruso, em abril de 2018, com o poema "Ameaça ao Paraíso". Recebeu o 1º lugar no VII Prêmio Literário “Escritor Marcelo de Oliveira Souza” com o poema “Amor a lua”. Reside em Goiânia desde 1976.

O MENSAGEIRO

Voa, voa, pássaro de sonhos, por sobre matas e montanhas
Entre nuvens e asteroides, o anjo Gabriel te acompanha.
Leve em seu bico robusto esta carta de lembranças
Não desista companheiro, és minha única esperança.

Voe meu pássaro flamejante, suportando rajadas de vento
Fuja para além da exosfera, não se preocupe com o tempo.
Se cansares da longa jornada, descanse numa cratera lunar
Contemple daí nossa Terra, na luz que reflete do mar.

Siga em frente nas alturas, cumpra sua sublime missão
Não se aproxime das estrelas, não se afaste na escuridão.
Encontre um planeta habitável em qualquer sistema estelar
Descubra se nestes mundos seus seres sabem amar.

Continue nesta bela jornada meu amigo pássaro azul
Vai cruzando o firmamento, pouse no Cruzeiro do Sul.
Para além das nebulosas e das galáxias do extremo
Sinta-se como um gigante pois aqui sou tão pequeno.

Quando se aproximares do céu, cante seu canto de louvor

Agradeça por sua jornada, oh mensageiro do amor.

Ao chegar no eterno reino e minha mãe encontrar

Esta carta de saudade coloque-a em seu altar.

OBS.: MENÇÃO ESPECIAL EM POESIA

POETAS INSISTENTES

Por que escreves oh poeta, nestes tempos tão medonhos
Nestas horas tão corridas, nas angustias destas vidas
Há espaços para os sonhos?

Mas, o poeta é insistente, nas agruras deste mundo,
Cada verso que escrever e num coração se deter
Por minutos ou segundos,
Já valeu rimar as rimas, como luz que descortina,
Sobre abismos tão profundos.

Enquanto existir vida, nas longas curvas dos caminhos,
A flor brotar lá no deserto, sem saber se é longe ou perto,
Se houver saudade, solidão, carinho, desenganos, paixões,
Lembranças, amarguras, ilusões, corações construindo ninhos.

Estaremos por aí, exaltando o que é belo,
Vagando nas ondas do vento, reescrevendo as marcas do tempo,
Versos sofisticados, ou como estes, simples e singelos.
Transformando mulher em flor, matando o ódio no perfume do amor
Sublimando sonhos, construindo castelos...

OBS.: MENÇÃO ESPECIAL EM POESIA

O ATOR

No palco da vida, sem mascar, sem véu,
Num momento de dor, vê se um pobre ator,
Implorando ao céu.
Apagam-se as luzes, abrem-se as cortinas,
Desaparece o cenário, o figurino, o armário,
Só fumaça e neblina.

Já não pode falar, tenta se expressar,
Perde o brilho do olhar, só se ouve o murmurar,
Esqueceu o texto no bar, tenta se gesticular,
Cai no tablado sem ar.
A plateia se levanta, em meio à escuridão,
Outro ator se aproxima, pega sua mão, examina,
Ali estendido no chão.

Sob um foco de luz, corpo inerte a comover
A plateia estarrecida, sem esperança, sem vida,
Lágrimas diluídas a correr.
Ascendem-se outras luzes, o ator contorce, insinua,
Ouve-se um sussurro de dor, retira do peito uma flor,
O show da vida continua.

OBS.: MENÇÃO ESPECIAL EM POESIA

JOÃO BOSCO DO NORDESTE (SALVADOR - BA)

Escritor e professor parabaiano (nasceu na Paraíba e foi criado na Bahia), Mestre em Educação e em Formação de Professores, Especialista em Estudos Literários e Diversidade Cultural (UEFS), Administrador pós-graduado, gestor aposentado do Banco do Nordeste. Tem 38 livros entre solos e antologias publicados pela Literarte Internacional, Mágico de Oz, Funtitec, Comunicação, AFBNB, Helvétia, Recanto das Letras, Futurama, Becalete e Pensador. Professor de Literatura, Português, Inglês, Redação, Administração e Música.

É membro das Academias de Letras de Fortaleza; de Goiás, de Letras e Músicas de Salvador; Belas Artes de Minas Gerais, dos Núcleos da Literarte Internacional de Portugal, Chile, Buenos Aires e Luminescence (França).

Livros solos: 1) Rapsódia de contos curtos – Fiscalizando os fiscais do Banco; 2) Rapsódia de um Sonhador; 3) Rapsódia de um contador de histórias e 4) Seis Ebooks de Literatura brasileira.

ODE AOS BAIANOS

O Baiano tem Bahia, no nome pra se banhar.
O mar de Todos os Santos, faz a mente navegar.
Salvador é de Dodô, faz o povo balançar.
Mas o mar é de Osmar, no céu a eletrizar.

Baianos são o Caetano, Jorge Amado e Xexéu.
Caymmi subiu ladeira, foi com Irmã Dulce pro céu.
Mas aqui outros baianos navegam em qualquer maré.
Trabalham e comem tranquilos, pimenta no acarajé.

Baiano é um bom turista, dentro do seu próprio Estado.
Para a ilha de Itaparica, ele atravessa no nado.
Baianos são Armandinho, Ivete e o Chicletão.
Tem Carlinhos lá do guêto, carnaval no arrastão.

Salvador, de 1549 a 1763 do Brasil foi capital.
Não mais ser Capitania, esse era um ideal.
Vários guerreiros baianos lutaram por seu dever,
lá das bandas de Itabuna, de Brejões ou de Irecê.

A Baiana da chapada, é mulher diamantina,
O saber sai do seu dengo, faz mulher rosa-menina.
O Baiano e a pimenta, tem combinação incrível,
mesmo com fogo na venta, permanece em alto nível.
A baiana tem doçura, um feitiço que eu nem conto.
Da Ribeira até a barra, deixa o turista tonto.
O baiano João Ubaldo é orgulho da Bahia,
que desde Itaparica, fez de Iemanjá sua guia.

Enfim o baiano é santo, e a Bahia o seu altar.
Tem na tenda seus milagres, um farol pra se apoiar.
Então eu pergunto agora, responda sem vacilar:
Você já foi à Bahia? Não? Então vá!

OBS.: MEDALHA DE SEXTO LUGAR EM POESIA

A RAZÃO DA IDADE DA RAZÃO.

Se você pensa que nasceu para ser eterno,
sinto muito dizer-lhe que é loucura ser moderno.
Por isso fuja do terno, brinque na quadra,
não bata com a cara na quina,
dobre a esquina e saia desse inferno.

Se você pensa que a terra é só sua,
sinto muito dizer-lhe que vive no mundo da lua.
Fuja da arrogância, ande na avenida,
seja mais criança, livre-se da sua espora,
chegue sem demora ao final da rua.

Se você pensa que vai ficar nessa idade atual,
sinto muito dizer-lhe que o seu engano é fatal.
Tente ficar vivo, não pule do seu prédio,
e ao sinal vermelho fuja e vá embora,
tente ser ao menos, um bom animal.

Se você pensa que já nasceu adulto,
sinto muito dizer-lhe que precisa de um indulto,
pois nem tudo é bonança, e isso é ruim,
pode ser que esteja com a fralda carregada,
será menos rude e talvez mais culto,

Se você pensa que é sempre sabido,
sinto muito dizer-lhe que está perdido,
pois para Deus você é um atrevido.
Fuja da maldade, seja mais humilde,
não seja otário e mais deprimido.

Se você pensa que ser velho é escória,
sinto muito dizer-lhe que não terá glória.
Quem tem muitos erros na sua juventude,
vive no seu medo curta temporada,
sem poder contar nada da sua história.

Portanto:
Seja diferente e menos doente.
Seja mais maduro e menos valente:
Seja rigoroso, mas suavemente.
Seja mais prudente, na vida semente,
pois, se a idade da razão não for demente,
diga que venceu: Viva eterna - mente!

OBS.: MENÇÃO ESPECIAL EM POESIA

A METÁFORA DO POETA

Poeta é quem mete a cabeça na parede que a porta escora,
abrindo as comportas fechadas das loucuras de Nero.
Dentro da noção especial enfia as coisas comuns,
vendo tudo bem claro, jurando que não viu.
Renasce em suas obras mesmo na eternidade,
pois ele é uma grande metáfora, de dentro pra fora.

Fala de amantes, que sempre depois vão embora,
Fala com do tempo passado com gentil esmero,
Fala o que imagina de paisagens no escuro de alguns,
Fala bem claro da herança da infância que ele viu,
Fala da tristeza de um povo, douto de sinceridade,
Fala da curta loucura, que quase sempre vem e aflora.

Escuta o silêncio do barulho da vida de agora...
Escuta o vento do castelo medieval nunca sincero...
Escuta os pássaros, que tem como personagens incomuns...
Escuta as histórias, transforma em ficção o que existiu...
Escuta o povo, cada vez mais mudo da adversidade...
Escuta a solidão da alma e singra pelas letras mundo afora.

O Poeta escuta de fora para dentro e fala de dentro pra fora,
mas às vezes confunde os sentidos no seu desespero,
e usa de metáforas para matar a fome em seus jejuns.
Se tira de fora para dentro, é uma ponte que partiu ...
Se mete para o lado de fora as agruras da sociedade,
não faz nada além do que viver a sua própria metáfora.

NINHO DE AMOR NO MOTEL DA MORTE

Era domingo à noite na cidade de Literacity. O companheiro estava deitado no sofá da sala com a esposa, assistindo o programa das 20 horas, descansando para pegar o batente no dia seguinte, em seu caminhão de cargas, um trabalho pesado, mas compensador, pois dali tirava o sustento da família.

A conversa estava boa, comentando as partes do programa e a situação do país, com as notícias cada vez mais escabrosas de assaltos, sequestros, pedofilia e assassinatos. Ela era professora, em plena atividade, diretora e uma escola pública, e que ainda tinha de dar conta da casa, servindo de garçonete do marido, quando ele não estava viajando.

- Mulher, pega ali uma cerveja na geladeira. – pediu gentilmente o marido.

Ela foi buscar, e trouxe também uns pedacinhos de tira gostos. Quando colocou no sofá o telefone tocou e a esposa atendeu.

- É para você Betonho! – Gritou a mulher chamando o marido Antônio Beto.

Ele levantou-se e pegou o telefone.

- Hummm certo. Hummmm certo. Vou dar uma olhada rápida. – encerrou a conversa o maridão.

- Vou ter de sair, para resolver um problema da empresa, mas não vou demorar. Vou ver uma máquina que um amigo comprou. – explicou o marido à mulher.

Tomou um banho, botou uma bermuda nova, colocou perfume e saiu. Era tudo muito estranho numa hora

daquela, tanta arrumação para ver uma “máquina”? – pensou a esposa. Deixa pra lá! Ele volta logo.

Entrou no carro, ligou o controle do portão e saiu, passou numa pracinha onde estava a amiga “máquina”. Parou e a colocou no carro.

- E aê betão? Tudo em cima? – saudou a amiga.

- Você está muito gata! Essa roupa só dá vontade de tirar de cima dessa máquina. – elogiou o namorador. Enquanto você não faz trinta anos, ainda vamos ter muitos momentos aventura. Vou te levar para a casa “ninho do amor” minha querida! Quero fazer de tudo. – arrastou o carro em direção ao motel preferido que ficava fora da cidade.

Em seus quase cinquenta anos, possuía boa forma física, mas não dispensava um comprimidinho azul dentro da carteira de dinheiro. Ao entrar no ninho de amor, foi logo ao frigobar e pegou uma latinha de red bull e jogou na boca o comprimido estimulante sexual azul que estava no bolso. Pronto, era só esperar os efeitos. Enquanto isso, a conversa evoluía alegremente. Olhou para cima e viu uma estrela feita de vidro colorido que ficava exatamente em cima da cama redonda. Deitaram-se e trocaram uns diálogos.

- O que tem feito? – perguntou ela.

- Viajando muito com meu caminhão. Rodo o País inteiro a procura de dinheiro, namorando um pouco ali, um pouco acolá, porque ninguém é de ferro.

- Danadinho! – elogiou a Garama (garota de programa). Sua mulher é da sua idade, mas parece que não dá mais na conta?

- Sabe como é, não é? Aquele negócio de papai e mamãe, “dói aqui e dói ali, deixa eu tomar meu remédio de dor de cabeça, minhas costas estão doendo ... “ essas coisas. Você sabe, abaixa qualquer bandeira.

- Homem sabido e rico procura uma Rosa e leva para Fernando de Noronha, para namorar. Os pobres vão num motel de carreteiro mesmo.

Naquele instante, os dois caíram numa gargalhada só.

Começaram os alisamentos até ficarem bem à vontade. Olharam para a cabeceira onde estavam uns botões, entre os quais um que ligava duas caixinhas de som FM no quarto. Ao ligar, estava o cantor arrochando tudo, e eles não contaram conversa, abrindo o máximo do volume, enquanto praticavam “papai/mamãe” num êxtase total. Não se sabe se foi esse o motivo, mas de repente uma ponta da estrela do teto se despregou ou se descolou, descendo em direção aos dois, e num movimento brusco a jovem se protegeu debaixo do caminhoneiro, quando a ponta da estrela assassina foi parar direto na artéria poplítea, que passa pela parte detrás da coxa e do joelho, provocando um sangramento incontrolável.

- Calma, calma! – falava ela, tentando amarrar a camisa dele na coxa, para tentar estancar, mas não estava adiantando. Então pediu para ele esperar que iria pedir ajuda. Foi ao banheiro, limpou o que podia limpar, vestiu rapidamente a roupa e foi em direção à portaria.

- Olhe, no apartamento nº 13 tem alguém sangrando. Pode pedir a Samur para dar uma assistência?

O atendendo ficou desesperado e ligou para a assistência média. Quando olhou, a mulher já havia sumido, tomado o rumo da estrada ou entrou no mato. Quando os funcionários do motel abriram a porta interna do apartamento, viram um mar vermelho com o homem no chão, quase desfalecido, no meu de muitos pedaços e vidro quebrado. Limparam o que podia limpar e colocaram o homem em cima da cama. Depois de uns 15 minutos ali chegou

a ambulância, tentaram conversar com o senhor, mas a situação já estava sem solução. Levaram ao hospital, pegaram documentos no bolso e ligaram para a sua casa, atendendo a esposa, já de pijama e dormindo. Ao ser informada, ligou para um filho e foram até o hospital. Chegando lá, começaram a conversar com os atendentes, uma enfermeira da ambulância e um representante do motel, que contaram tudo, desde onde ele estava, a companheira que fugiu, o acidente, o estado no qual ele foi encontrado e as providências.

A esposa, que inicialmente chegou desesperada ao saber do ocorrido, sentou-se numa cadeira e começou a ficar mais tranquila e pensativa. Num determinado momento virou-se para o filho e disse:

- Tome conta. Faça o que precisar fazer. Tome aqui os cartões dele e as senhas. Vou viajar e só chegarei daqui a uns cinco dias. Para mim ele também está viajando. Não quero participar de uma coisa dessa, pois ele saiu de casa para tratar de negócios numa noite de domingo, enquanto eu fiquei aguardando, e nunca pensei que uma coisa dessa iria ocorrer comigo. Não procurem saber quem estava com ele, pois ela deve fazer isso com muitos homens descarados iguais a ele, e nem culpem o motel, pois acidentes acontecem, se ele estivesse em casa, em nossa cama, garanto que teria feito melhor proveito da vida dele. Ele tem seguro de vida e um plano funerário, que devem ser acionados, para que a gente não tenha quase nenhuma despesa.

Ao amanhecer o dia, ela pegou o seu carrinho e foi para o interior próximo, à casa de uma irmã, passando cinco dias, ligou para o filho e disse que estaria retornando para casa, chegando já com toda a situação acalmada. Ao ser recebida pelo filho e a nora, que estavam esperando, cortou logo qualquer possibilidade de diálogo sobre o caso.

- Não sei, não vi e não me interessa. Por favor, me incluam fora dessa história, pois para mim ele continua viajando, numa boa. O que for preciso eu assinarei, mas me poupem de comentários, por favor.

Parou, pensou, olhou para cima e refletiu:

“Não sei como essa história veio parar aqui neste conto. Só pode ser uma ficção, é obvio!”.

PAIS ESTRAGADORES DE FILHOS

Era um início de noite de sábado, numa casa de festas da cidade de Literacity. Tudo lindo, muita comida, muita bebida, os avós eram aposentados de uma grande empresa petrolífera do país, e o pai do menino de apenas três anos, era o diretor financeiro daquela mesma empresa, sendo a mãe uma dirigente de um grande e respeitado sindicato.

A festa foi feita para agradar e surpreender a todos, com trenzinhos, palhaços, filmagens, pula-pula, praia de bolinhas, brincadeiras na piscina, muita comida e bebida.

Dentre os muitos convidados, estavam pessoas da alta sociedade, companheiros e alguns penetras, convidados por conta de amizade com alguns profissionais que prestavam serviços a esses senhores.

As brincadeiras entraram noite adentro com os oito garçons distribuindo vários tipos de guloseimas e bebidas, champanhes famosos aos adultos e refrigerantes de várias marcas caras, atendendo com sobra e desperdícios aos convidados.

Muitas crianças curtindo, correndo, brincando, comemorando e bebemorando com bolos, salgadinhos e outras coisas gostosas.

Existia uma área separada do ambiente, onde estava centralizada a maior parte dos adultos, ouvindo o som com músicas selecionadas de MPB, comodamente em suas mesas e cadeiras bem localizadas, sendo servidos muito fartamente e respeitosamente. Num ambiente daqueles, todo mundo gostaria de estar, como se diz no interior, "no meio da nota de mil". As crianças estavam satisfeitas, e os adultos curtindo muito.

Chegou a hora de apagar a velinha, todos foram chamados para cantar aquela musiquinha: Parabéns! Parabéns, pelo seu aniversário. Corre, corre geral, com os palhaços fazendo uma corrente de crianças e rodando pelo chão no ambiente extremamente limpo, deslizando como se fosse um trenzinho, levando para um canto do salão

principal, onde a criança aniversariante assustada estava no colo do pai, sem entender muita coisa. Era dinheiro demais para pouca alegria.

Sussurrou um professor convidado: “Criança não sabe dar valor a bens materiais. Que absurdo de festa cara é essa?”

Foi se afastando daquela aglomeração e observou que no outro canto da sala estavam sentados num grande sofá uma senhora com dois meninos, quase obesos, um de cada lado, com idades entre oito e dez anos, mais ou menos, cada um com o “tablet” nas mãos, de cabeça abaixada, totalmente ligados nuns jogos. Enquanto olhava sem entender, passou um senhor de cá para lá, de uns trinta e poucos anos, levando uma bandejinha com doces e salgadinhos, e outra com copos de refrigerantes. Entregou à mulher e retornou pelo mesmo caminho, passando perto do professor, o curioso perguntou:

- Desculpe amigo, aquela senhora é sua parente?

- Minha esposa.

- E os meninos são seus filhos?

- Sim. São Wesley e Wisley. Está vendo? A mãe acha que depois que eles receberam aqueles “tablets” ficaram mais quietinhos nas festas, graças a Deus. Até o início do ano eles brigavam tanto, que ninguém queria levá-los para lugar nenhum, mesmo assim, depois que receberam aqueles aparelhos, a mãe ainda tem de ficar entre os dois para não brigarem.

- Mas eles não brincam com as crianças da idade deles numa festa tão rica dessa? – retrucou o professor.

- Quem dera! A mãe prefere que fiquem assim. O senhor não sabe quem são essas feras, filhos da rainha leoa. São umas onças e pragas de baratas. Envergonham a gente em todo lugar. Brigam sem qualquer razão, e nunca acabam pedindo perdão.

- Entendi. Pirraça pai e mãe - respondeu sussurrando e triste o professor, que saiu andando um pouco sem rumo depois de ter falado com o pai daquelas “crionças”. Andou até o toalete e pegou uma quantidade de papel higiênico, sacou sua caneta do bolso do paletó, sim, paletó, aquela festa era de grã-finos, saiu até uma área verde

perto da piscina, sentando-se ali numa pedra de escultura natural, e ficou a pensar se aquilo realmente era verdade.

Foi lá dentro e olhou de novo a mulher com a bandeja na mão, empurrando pedações de comidas na boca de um e na boca de outro, que comiam sem a menor noção do que estava sendo engolido pelos olhos, estragando a boca engolindo sem mastigar.

Como todo escritor é muito louco e um pouco fofoqueiro, sentou a caneta no papel higiênico e escreveu essas tristes linhas para você também não acreditar, caro leitor.

Agora me diga mesmo, numa situação dessa, as linhas escritas têm alguma diferença do tipo de telegrama que o papel recebe no sanitário?

PAPAGAIO CEGO, MAS NEM TANTO

Um casal, com quatro anos de união e sem filhos, possuía um gato enorme e preguiçoso, que receberam do pai da esposa como presente de casamento. Mas tanto o marido quanto a esposa não suportavam ver aquela figura que só vivia deitado no sofá da sala de casa. Eles já tinham feito de tudo para o animal ir embora. Até doaram, mas o desgraçado sempre voltava pelos telhados das casas. À noite, só queria dormir no quarto do casal, no tapete embaixo da cama. Era um tipo "empata lua de mel".

- Vamos levar no carro e abrir a porta lá na estrada. – falou o marido com a esposa.

- Não querido! Foi meu pai quem nos deu de presente. O que vamos dizer a ele depois?

Mas como tudo tem solução quando não se pensa em tudo, numa manhã de sábado o casal ia passando na frente de uma loja de animais, e a esposa pediu ao marido para comprar um papagaio, que era um sonho dela, contanto que não falasse palavrão e nem ficasse olhando o que acontecia dentro no quarto, para não aprender coisas erradas. O gato via tudo, mas não sabia falar, mesmo assim era uma pedra no sapato na hora do "rala e rola".

Compraram o papagaio, sem o casal perceber e sem o dono da loja avisar que o papagaio era cego, e olhando rapidamente realmente não aparentava, pois os seus olhos pareciam normais, e o preço era o mesmo de outro papagaio sem qualquer deficiência. O vendedor também não alertou que o papagaio gostava muito de comer açúcar. Compraram também um poleirinho, onde o bicho iria ficar, como uma casinha.

Ao chegar em casa, colocaram o bicho na casinha no canto da sala. Ele ficava ali, caladão, mas quando sentia o cheiro de açúcar vindo da cozinha ficava agitado e louco se balançava e grunhia. Nesses momentos os donos do bichinho exigiam:

- Fala louro, filho de uma pulga! Fala pelo menos gugu, lelé, dadá, bilu bilu!

E nada do louro falar.

Naquele meio da manhã a televisão estava ligada, passando programas de desenhos infantis, fazendo muito barulho. No sofá da sala estava o senhor Zé gatão, gordão e cheio de pelos dormindo, e ao seu lado estava um prato cheio de ração. Mesmo depois de uma hora ele ainda nem percebeu a presença do ilustre voador cego que chegou como novo morador.

Em cima da mesa da sala estava um saco de papel cheio de açúcar, comprado no mercado um pouco mais cedo, deixado pelos donos da casa no momento do café da manhã. O puleiro do louro ficava quase em cima da mesa, e bastava o bichinho cair da sua casinha para ficar pertinho da comida preferida. E foi o que ele fez.

Pulou! - praaaa tibummm.

Caiu em cima do saco de açúcar aberto. Foi andando um pouco para a frente e entrou ali sem perceber.

Do outro lado, lá no sofá, o gato preguiçoso abriu um olho para arriscar uma visão do que seria aquele barulho.

- O que foi isso? Foi a tv? – pensou o gato. Quando viu o saco andando em cima da mesa ele teve medo. Ficou em pé e levantou as costas, perdendo o equilíbrio e se pipocou no chão, derrubando o prato da ração, espalhando a comida pelo chão. Levantou-se e ficou parado.

Ao ouvir o barulho, pensou o papagaio:

- O que foi isso? Foi a tv?

Os dois ficaram quietinhos por um tempo. Um com medo do outro. Logo a patroa chegou à sala e viu o gato no chão e o papagaio dentro do saco em cima da mesa.

- O que é isso aqui? Que bagunça é essa? – gritou ela.

O papagaio conseguiu dar uma ré e sair do saco de papel com a cara branca e toda melada de açúcar.

O gato se enfiou embaixo do sofá e ficou enganchado, deixando a bunda de fora.

Ao ver os detalhes da cena ridícula, a mulher começou a sorrir e a chamar o marido para ver.

Quando ele chegou, não acreditou e quis brincar com o papagaio.

- Dá o pé louro! Dá o pé louro! – pediu o homem insistentemente em voz alta, amedrontando ainda mais o louro.

O papagaio, com medo, começou a andar para o lado oposto da mesa onde estava o homem, andou até a ponta. Quando eles tentaram pegar o bicho, ele com o saco de papel de açúcar enganchado nas pernas caiu em cima da bunda do gato que estava para fora do sofá. O gato deu um grito e saiu pulando para fora da casa, miando feito um desesperado.

- Gatinho! Gatinho! - Gritava a mulher no meio da rua.

Lá muito longe da rua onde morava, ela perguntou a um menino engraxate que estava na cabeceira de uma ponte da cidade se ele teria visto um gato assim, com mancha no corpo, uma orelha branca e outra preta etc. O menino explicou:

- Dona, esse gato passou correndo por aqui há pouco e se jogou da ponte lá embaixo do rio. Se ele não morreu, deve estar nadando uns 10 km rio abaixo até agora.

Voltando para casa, ela foi procurar o papagaio. Olhou, olhou, e nada.

- Marido, cadê o papagaio?

- Veja ai na cozinha. Parece que eu vi alguma coisa andando nessa direção. Eu estou jogando vídeo game no quarto.

Ela ouviu um barulho vindo da cozinha e viu embaixo do fogão um saco de papel andando.

- Achei ele aqui. Já peguei e vou dar um banho nele. Meu querido, o gato sumiu rio abaixo e você fica ai, jogando vídeo game? Que absurdo!

Ao levar o papagaio para o banheiro, ela recebeu umas dez bicadas. Molhou, lavou e em determinado instante olhou para os olhos do louro e percebeu que alguma coisa estava errada.

- Marido! Venha cá! Esse louro é cego.

O rapaz deixou os controles do vídeo game e foi até o banheiro. Ao olhar bem para o papagaio, percebeu que ele realmente não tinha firmeza de

direção ao ser colocado no chão e sugeriu que o bichinho fosse levado ao Ibama, para ser cuidado de forma correta. A esposa acatou a sugestão.

Na segunda feira foram ao Instituto e fizeram a queixa contra a empresa de animais que venderam o louro, entregando o bichinho e sendo muito elogiados.

Ao voltar para casa tiveram uma conclusão interessante:

- “Precisou um papagaio cego para fazer o casal ver que o gato preguiçoso só estava em casa para encher o saco e dar trabalho”.

Ou seja, não menospreze quem não tem a visão, pois nem tudo será visto apenas pelos olhos. Às vezes o coração enxerga melhor que muitas retinas.

OBS.: MENÇÃO HONROSA EM PROSA

JORGE FREGADOLLI
(MARINGÁ - PR)

Jornalista, publicitário, advogado por formação, editor da Revista TRADIÇÃO (Há 40 anos na estrada da vida), poeta nas horas vagas, membro fundador da Academia de Letras de Maringá (7.9.1997) e UBT-União Brasileira de Trovadores-seção Maringá (fundada em 15.6.1959), colunista sócio-comercial no Jornal do Povo (de Maringá), com coluna sempre às quintas-feiras.

Natural de Quatá-SP, 2.3.1938, cheguei a Maringá em 2.2.1953 e aqui permaneço até quando Deus quiser. Sou admirador dos talentosos poetas, pois eles me dão inspiração e incentivo a continuar a escrever coisas boas; a poesia que sai do coração.

Velhos carnavais

Antigos carnavais!... *quantas saudades*
que vêm de longe com algumas lembranças;
Máscara Negra seu enredo lança...
em cada coração... quais são verdades?

Os blocos exibiam-se nos salões
com brilho, cores , ricas fantasias...
valia o belo olhar que ali sorria
aos aflitos e inquietos corações.

Terno convite, no ar, à euforia,
que toda vez mais solta se exibia,
– era o lança-perfume do prazer.

Confetes, serpentinas – show de cores,
se abraçavam na alegria, rumores,
lembranças que ninguém vai se esquecer.

Rei Pelé, a bola e a grife

Pelé parou de jogar,
futebol se emudeceu...
a arte deixou de empolgar,
a torcida entristeceu!

Ele que foi rei, num século,
o mundo o reconheceu...
driblava, também marcava,
ídolo inda igual nasceu?!

O Santos glorificou
a seleção, enalteceu...
Nos status cultivou
 talento dado por Deus.

Brilhava grande, em gramados,
mestre, também goleador.
A bola e seus muitos fados
tratava-os com muito amor.

Em Minas Gerais nasceu,
seu torrão que tanto amou...
sem ostentação, viveu,
mais de mil gols marcou.

Pelé nome de café,
da melhor bebida do Brasil;
tricordiano, nascimento,
amado sob céus de anil.

Pelé terá seu reinado,
perene, nunca esquecido
na áurea página da história,
por ser o rei tão querido.

O livro

Nesta noite de homenagem
a muitos jovens leitores,
eis que o livro é personagem
num lindo jardim de flores.

Este é o grande momento,
quero ao livro agradecer:
- Pelos seus ensinamentos,
e nas horas de lazer.

O bom livro é um companheiro,
para as noites indormidas.
À disposição, faceiro
também de todas as vidas.

O livro é grande presente,
oferecido a um amigo.
E se o fizer tão contente,
será sempre agradecido.

Encerra o livro o saber
desde o simples ao profundo;
um éden a florescer,
uma trilha ao novo mundo.

JOSÉ CARLOS PANAZZOLO (RIBEIRÃO PRETO - SP)

JOSÉ CARLOS PANAZZOLO É: MEMBRO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE TROVA-CAD. 36 MEMBRO DA ACADEMIA DE LETRAS E ARTES DE RIB. PRETO-CAD. 36 MEMBRO DA ACADEMIA DE ODONTOLOGIA DO EST. DO RIO DE JANEIRO-CAD 58 MEMBRO DA ACADEMIA TIRADENTES DE ODONTOLOGIA (ATO) COMENDADOR PELA FUNDAÇAO ROTÁRIA–COMENDA PAUL HARRYS PRIMEIRO ESCRITOR DE ALDRAVIAS HUMORÍSTICAS - CADASTRADO NO RANK BRASIL - UM DOS AUTORES DO LIVRO "O LIVRO II DAS ALDRAVIAS", LANÇADO EM 2013.

Balas, ora, balas

Tiros... É bala atrás de bala,
que a multidão abala...
Muitos corações ela cala
e o tom vermelho exala...

Hora do parto... Comoção...
Ventre materno... Emoção...
Ser vivente... Progressão...
Num átimo... Baixa caixão

Tresloucado... Insano...
O agente causador... Fulano...
Qual seria seu verdadeiro plano?
Foi para o inferno... O profano.

Nesta escala ascendente,
de armas em profusão,
há a outra descendente,
do humano viver em paz e união

Ódio, revolta, poder e ganância.
Pilares do moderno ser.
Imbuído numa real arrogância,
de contato só virtual... E só prazer

Que ótimo seria:
que bala fosse só guloseima banal,
que o amor fosse universal,
que a fraternidade fosse total,
que a família voltasse a ser célula social,
que voltasse ser, face a face, o papo informal...
E que Deus nos proteja deste meio infernal...

Casa X Lar

Casa onde flui a nefasta seiva dinheiro
Casa onde não existe família, mas aglomerado de pessoas
Casa onde, às vezes, de riquíssima estirpe
Casa onde a individualidade domina e manda

Lar onde os seres são sempre família
Lar onde sobressaem a pujança ética e moral
Lar onde a seiva cordial é abundante
Lar onde floresce o amor parental

Casa onde a moeda de troca é o vicio
Casa onde não há cooperação, mas sim competição
Casa onde o caminho da mentira e hipocrisia é sempre trilhado
Casa onde o amor é um insípido e vasto deserto

Lar onde, às vezes, pobre e modesto acolhe com carinho
Lar onde a família sempre se coopera
Lar onde o amor germina fácil devido ao solo fértil
Lar onde o perdão responsável tem sempre lugar.

NB – Todo lar é uma casa, mas nem toda casa é um lar

HACKER SOCIAL

Hackers são seres que lançam vírus na rede virtual.
Estes danificam computadores alheios.
Temos também, na vida real, os hackers sociais.
São pessoas que ostentam uma aura negra.
São responsáveis por lançar vírus contra outros humanos.
Esses vírus podem vir através ações físicas,
palavras , olhares, agressões físicas, armas, etc.
Ou seja, quando uma pessoa faz mal ao próximo.
está lançando um vírus real de maldade
São seres que vibram com o mal estar alheio.
Abandonam um ser em infortúnio, etc.
Mas podemos usar anti vírus
Não ligarmos para conversas alheias
Nos proteger do perigo
Imunizarmo-nos contra criticas destrutivas,
sermos leais, sinceros e principalmente éticos.
E acima de tudo, perdoarmos, incondicionalmente,
abrindo nossos corações e esbanjando amor

JOSÉ DE ANCHIETA MENDES DE OLIVEIRA

(TERESINA - PI)

PALESTRAS E CURSOS MINISTRADOS:

- Palestra sobre o Ministério Público e o Estatuto da Criança e do Adolescente, durante Encontro Regional do Ministério Público do Piauí, em Picos, em 19.10.1991

- Palestra em Campo Maior, para Esposas de Maçons, no Encontro Regional da Grande Loja do Piauí, sobre a "Situação da Mulher na Atual Conjuntura", em maio de 1992.

- - Palestra sobre os Crimes e as Infrações do Estatuto da Criança e do Adolescente, para o Ministério Público Estadual, no encontro Estadual do Ministério Público, em 06/06/1992.
- - Palestra sobre A MULHLER NO TERCEIRO MILENIO, para as esposas dos Juizes e Desembargadores, em Teresina; no Rotary Clube de Pedro II, nas comemorações da cidade de Picos; para a Associação das Mulheres de Carreira Jurídica, em Teresina.
- - Palestra sobre A CIDADANIA, em Parnaíba.
- Mais de uma centena de Palestras em Clubes, Escolas, Entidades de Classe, Organizações Governamentais e não Governamentais.

PARTICIPAÇÃO DE ENCONTROS, CONGRESSOS E CONFERÊNCIAS

- Encontro Nacional de Estudantes Secundários - Rio de Janeiro, 1957, com Representante do Piauí;

- Encontro Regional de Diretores de Estabelecimentos de Ensino, Promoção do Ministério da Educação e Cultura, em Piripiri - PI., em 1970.

Seminário de Extensão Universitária - Promoção da Universidade Federal do Espírito Santo - Vitória, ES, 1992;

- Participação em diversos Encontros de Magistrados, sendo escolhido Orador Oficial em várias oportunidades,

- Encontro de Magistrados, promovido pela Associação dos Magistrados Brasileiros -- Goiânia, em agosto de 1992.

- II Jornada Luso-Brasileira de Direito, realizado em Curitiba, em dezembro de 1992.

- Seminário sobre a Política do Idoso no Brasil - Natal - RN, em novembro de 1991.

TÍTULOS E DIPLOMAS:

- Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal do Ceará, turma de 1962

- Curso de Aperfeiçoamento e Especialização em Direito Público, promovidos pelo Ministério da Educação e Cultura, com um total de 360 horas.

- Diploma de Sócio Benemérito do Centro Artístico de Elesbão Veloso – Piauí, em 1964;

Diploma de honra ao Mérito, expedido pelo Representante da Liga de Defesa Nacional, 1972;

Certificados Relevantes Serviços prestados a Lions Internacional, conferido pelo Governador de Distrito L-1, 1972;

Título de Cidadão Parnaibano, conferido pela Lei n.º 1325, em 13/09/79;

Título de Cidadão de Piracuruca, 13/09/79;

-Medalha Mérito Universitário, conferido pela Universidade Federal do Espírito Santo, 1983;

Medalha comemorativa dos 30 anos de Fundação do Banco do Nordeste do Brasil, 1983;

Título de Sócio Benemérito da APAE/ Parnaíba;

Placa de Prata, conferida pela Liga Brasileira de Amadores de Rádio Emissão, Seccional do Ceará, ano de 1980;

Diplomas Honra ao Mérito, conferidos pela LABRE;

- Medalha e Diploma de Amigo da Marinha;

- Medalha e Diploma do Mérito Judiciário do Piauí;

-Medalha e Diploma da Ordem Estadual do Mérito Renascença, grau de COMENDADOR.

Medalha e Diploma comemorativos ao III Centenário de Nascimento de Valério Coelho Rodrigues, Patriarca da FAMÍLIA COELHO – outorgados pelo Governador Wilson Martins – Govenador do Piauí – 27/4/2014

- Medalha e Diploma do Mérito Municipal, outorgados pelo Município de Parnaíba.
- Medalha e Diploma "Conselheiro Saraiva" – Prefeitura Municipal de Teresina
- Diploma de AMIGO DA DÉCIMA REGIÃO MILITAR
- Placa especial de reconhecimento da Coordenação dos Juizados Especiais e do Poder Judiciário do Piauí, "*pelo seu profissionalismo, sua retidão, e entrega dedicados à Justiça Brasileira, - Teresina, 23 de Agosto de 2017*
- Placas de reconhecimento da C M S B, ANOS DE 2916/2017 Fórum "Juiz Anchieta Mendes" homenagem do Tribunal de Justiça do Piauí.
- Diploma e Escudo de COLABORADOR EMÉRITO DO EXÉRCITO – outorgados pelo Comando do Quarto Exército – Recife – Pe

Medalha do Mérito Conselheiro Antônio Saraiva – Município de Teresina

- Medalha de Mérito Cultural "Dr Isaias Coelho", outorgada pela Associação de Letras e Artes de Simplício Mendes -Piauí

Medalha e diploma do Mérito Cívico, (Oficial) outorgado pela Liga da Defesa Nacional,

- Diploma de Defensor da Cidadania, Grau Comendador, outorgado pela Liga da Defesa Nacional -

- Medalha e Diploma Eurípides Clementino de Aguiar, outorgada pela Academia de Letras de Floriano,

- Diploma de Láurea do Mérito Cultural, outorgado pela UBEPI – União Brasileira de Escritores do Piauí – 28-72006.

- Diploma de Honra ao Mérito passado pelo Rotary Clube de Curitiba/Norte – 29/5/83

- Diploma de Beneficente da Ordem,, outorgado pela Loja Maçônica “Paz e Saber” de Salvador, Bahia – 2.000

- Comenda Comemorativa do Centenário da Loja Maçônica “Igualdade Florianense – 11-10-2008 **Vida Maçônica**

- Iniciado em 13.3.64. – Loja Maçônica Acácia Teresinense
- Exerceu os seguintes cargos:
- Venerável da Loja Fraternidade Parnaibana, por onze anos.
- Orador das Lojas “Augusto de Castro” e ”João Noleto” de Teresina.
- Membro do Tribunal de Justiça Maçônico do Piauí, 1970.
- Lojas a que pertence:
- “Acácia Teresinense”
- “ Augusto de Castro” – Teresina
- “ Fraternidade Florianense” de Floriano
- “ Fraternidade Parnaibana “ - Parnaíba
- “ João Noleto de Souza “ – Teresina (fundador)
- “Adoniram “ de Teresina (fundador)
- “ Cruzeiro do Sul V – de Teresina (sócio honorário)
- Loja Nodgi Nogueira
- Loja Segredo,Forçae União Picoense - 2011-11-15
- Loja ABDIAS NEVES – 29-0- set- 975
- Loja João Menezes
-
- **Na Maçonaria Filosófica**
-
- Cavaleiro Noaquita do Rito Adoniramita (Gr.´.12)

- Pertence aos Graus Filosóficos do Rito Escocês Antigo e Aceito – Gráu 33 – Grande Inspetor Geral.
- **Cargos exercidos na Maçonaria de Graus Superiores**:
- 1ºGrande Vigilante do Capítulo 19 de Outubro, 199l/93 - Teresina
- Orador do Conselho de Kadosch nº 28 – Teresina – 1996/97.
- Grande Ministro de Estado do Consistório nº 22, de Teresina, 1996
- Fundador e Presidente da Loja de Perfeição “Miguel Martins Aires Nascimento, de Floriano, 1994/95.
- Delegado Litúrgico do REAA no Piauí – (Grau 33) 2004/2005.
- Orador Adjunto da Academia de Letras, Ciências e Artes do Brasil – 2004.
- Grande Inspetor Geral (Gr 33) do Supremo Conselho do Grau 33 para a República Federativa do Brasil, - |Junho de 2017

COMENDAS E DIPLOMAS MAÇÔNICOS:

- Diploma de Grande Benemérito do Grande Oriente do Piauí.
- Diploma e Medalha de Benemérito do Grande Oriente do Brasil
- Diploma e Medalha de Reconhecimento Maçônico outorgados pelo Supremo Conselho do Brasil para o Rito Antigo e Aceito.
- Medalha de Diploma de Grande Reconhecimento Maçônico outorgados pelo Supremo Conselho do Brasil para o Rito Escocês Antigo e Aceito.
- Medalha Montezuma, maior comenda do Supremo Conselho do REAA.
- Diploma de Benemérito do Consistório nº 22, de Teresina.
- Diploma de Sócio Benemérito do Consistório do Rito Escocês Antigo e Aceito da Grande Loja Unida do Piauí.
- Medalha e Diploma de Benemérito do Tribunal de Justiça Maçônico do Piauí.
- Medalha de Mérito da Loja Fraternidade Parnaibana.
- Medalha do Centenário da Loja Fraternidade Parnaibana – 2006
- Medalha e Diploma do Sesquicentenário da Loja Caridade II – Teresina

- Sócio Benemérito da Loja ODILO ALVARES DE SOUSA, de Maceió – Alagoas.
- Diploma “Obreiro Útil e Dedicado” outorgado pela Loja Maçônica Augusto de Castro – Teresina – 29-3-2006
- - Comenda ”Oton Ribeiro”, outorgada pela Loja Maçônica “Fraternidade de Pedro II” em 3 de junho de 2006
- - Insígnia Dom Pedro I – Medalha e diploma outorgados pelo Grande Oriente do Brasil, por haver completado 50 (cinquenta) anos de atividade na Ordem.
- - Medalha comemorativa dos 47 nos da Grande Loja do Piauí

- -Diploma de MESTRE ‘HONORIS CAUSA’ outorgado pela Academia Piauiense de Mestre Maçons – 15 de Maio de 2015

- - Placa de homenagem pela inauguração do Campo de Futebol da Loja João Meneses – Grande Loja do Piaui – 2018

- Certificado de relevantes serviços prestados ao “Projeto social Filhos de Osires” outorgado pela Loja Prof.; João Meneses,-.Grande Loja do Piauí – 22/12/18.

- **TRABALHOS MAÇONICOS**:

- Publicou vários trabalhos maçônicos em Jornais, Revistas, Tablóides, no Piauí e em outros Estados.
- Pronunciou dezenas de conferências, palestras de cultura maçônica.
- Tem, no prelo, o livro TRABALHOS MAÇONICOS, a ser lançado brevemente**.**
-
- **ACADEMIAS MAÇÕNICAS A QUE PERTENCE**:
  - Academia de Letras e Artes Maçônicas do Brasil
  - Academia Maçônica de Letras do Piauí
  - Academia Maçônica Internacional de Letras Maçônicas
  - Academia de Mestres Maçons do Piaui – 2016
-

- **<u>TRABALHOS PUBLICADOS</u>:**

-

- ‘’Missão Social da Igreja’’, série de artigos publicados no Jornal ‘’O Dominical’’, de Teresina, 1955 / 1956.

- Pobreza, um Tema rico, série de artigos publicados no jornal ‘’O Dominical’’ de Teresina, enfeixados em volume a ser publicado, com apresentação do Monsenhor Olavo passos;

- ‘’Lições Caboclas’’, série de artigos publicados no jornal ‘’O Farol”, de Petrolina, Pernambuco;

- ‘’A Igreja e a Família’’, série de artigos publicados no jornal ‘’O Dia’’, de Teresina, março de 1977.

- ‘’Crime e Criminalidade’’, monografia publicada pelo SESI – PI., 1975.

- ‘’A Coação como Elemento Extra-Jurídico’’, trabalho apresentado ao término do Curso de Aperfeiçoamento de Professores Universitários – Teresina – mimeografado, 21 pgs. 1978;

‘’Direito e Desenvolvimento’’, trabalho apresentado ao término do Curso de Especialização de Professores, Direito Público, mimeografado, 20 pgs. 1978;

- “Pedaços de Mim” – Livro de Poesias, lançado em 2000
- “ Louvando a Vida “ – Pesquisa sobre o Envelhecimento.- 2001 – já lançado
- Meu PÒR SOL DA SAUDADE – Coletânea - 2017
- Cipoal –Lançado – em 2005
- Represa de Minha Alma - dez 2019
-
- Trabalhos Maçônicos – no Prelo.
- Folclore Piauiense – no Prelo

- Trabalhos esparsos, publicados em Fortaleza, Teresina, Parnaíba e outros órgãos de Imprensa Nacional, inclusive revistas, como Brasil Rotário, revista Adonai, de Florianópolis.. S C– Revista Graal – do Supremo Conselho do Rito Escocês – Rio de Janeiro

ATIVIDADES ESTUNDANTIS:

- Secretário de Expansão Cultural do Centro Estudantil Piauiense, 1957, Teresina;

- Orador Oficial do Grêmio Literário ‘’Lima Rebelo’’, do Colégio Demóstenes Avelino, de Teresina, 1955;

- Representante do Centro Estudantil Campomaiorense, junto ao IV Congresso Estudantil, Teresina, 1957;

- Representante do Centro Estudantil Picoense, junto ao mesmo Congresso;

- 1º Secretário do Centro Acadêmico da faculdade de Direito do Piauí, 1958;

- Redator da ‘’Revista Acadêmica’’, do Centro Acadêmico ‘’Clóvis Beviláqua’’, da Faculdade de Direito do Ceará, ano de 1959;

OUTRAS ATIVIDADES

- Redator-Secretário do Jornal ‘’O Dominical’’ de Teresina, por nomeação do então Arcebispo de Teresina, Dom Avelar Brandão Vilela;
- Sócio da Associação Profissional dos Jornalistas do Piauí, a partir de 1956;

Sócio da Associação Cearense de Imprensa, a partir de 1961, estando, atualmente, fora de seu quadro;

- Presidente da Comissão Municipal do MOBRAL, em Piracuruca, 1971 / 1972;

- Presidente do Lions Clube de Piracuruca, 1971;

- Presidente da Divisão L-1, do Lions Clube Internacional, 1973.

- Sócio da Associação Parnaíbana de Imprensa, de qual foi orador;
- Secretário da Associação dos Magistrados do Piauí;
- Presidente da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Parnaíba;
- Presidente do MOBRAL, em Parnaíba, 1973
- Presidente do Rotary Clube de Parnaíba, 1981 / 1982
- Vice-presidente do Conselho Estadual da Liga de Amadores de Rádio-emissão, 1983;
- Membro do Conselho de Administração do Banco do Nordeste do Brasil, 1983 / 1987

- Presidente do Rotary Clube de Teresina;
- Presidente do Rotary Clube de Parnaíba – Litoral
- Governador Assistente do Rotary ,Distrito 4450 – área 4 (2000/2001)
- Secretário Adjunto da Secretaria de Trabalho e Ação Social do Piauí – 1991/94
- Secretário Adjunto de Justiça e Cidadania do Piauí – 1994.
- Delegado do Patrimônio da União no Piauí – 1997/2000
- Delegado Litúrgico do Rito Escocês Antigo e Aceito no Piauí – 2004/2005

ATIVIDADES ATUAIS

- -Presidente e Sócio do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Parnaíba

Sócio Correspondente do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba,- São Paulo ,

Sócio e Presidente da Academia de Trovadores do Piauí – 2012

- Sócio Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais.
- Fundador e Sócio da Academia Parnaibana de Letras
- Sócio da Academia de Letras e Belas Artes de Floriano
- -Sócio da Academia Pedrossegundense de Letras..
- Sócio da Academia de Letras e Artes Maçônicas do Brasil, Cadeira n° 5 – Patrono Casimiro de Abreu.
- Sócio da Academia Maçônica Internacional de Letras – Cadeira 13
- Sócio da Academia de Letras da Magistratura Piauiense
- Sócio da Academia Maçônica de Letras do Estado do Piauí
- Sócio da Associação Brasileira de Pesquisadores de História e Genealogia, de São Paulo.
- Sócio do Clube dos Escritores de Piracicaba –S P
- Sócio do Instituto Genealógico do Rio Grande do Sul.
- Sócio da Sociedade de Escritores de Blumenau – S C
- Sócio da Associação de Letras e Artes de Simplício Mendes -Piauí

- Membro do Colégio Regional dos Grandes Inspetores Gerais do Piauí (Supremo Conselho para o Rito Escocês Antigo e Aceito)
- Sócio do Consistório dos Príncipes do Real Segredo, do Supremo Conselho para o Brasil do Rito Escocês Antigo e Aceito do Piauí - Grau 33
- Advogado Militante inscrito na OAB/Pi, - nr, 1127/81.
- Sócio da Academia de Piauiense de da Literatura de Cordel
- Sócio da Academia Piauiense de Poetas

POR QUÊ?

Por quê a vida é assim, tão cheia de desditas,
Que não são ditas, mas vivenciadas,
Por que sofrer agruras tão malditas,
E se afogar em tantas mágoas condensadas?

Por quê sofrer assim, no sonho e na realidade,
Nas duras desventuras e nas desilusões.
Nos escaninhos ímpios da infelicidade,
E nos domínios ingratos das sofreguidões?

Por quê os pesadelos vencem os meus sonhos,
E as vigílias impedem-me a busca de dormir,
Por que, só pensamentos, frios e medonhos,
Insistem, como se estivessem a me consumir?

Por quê, qual o motivo ou a vil razão,
De só tristezas se alojar em mim,
Pra tomar conta do velho coração,
E me fazer, da dor, um mero escravo, enfim?

Por quê, como suportar tal desventura,
E tanto opróbrio e opressão infame,
E a sordidez da solidão mais dura
A encher meu peito deste mau gravame?

Por quê, como é possível a tudo resistir,
Se as forças faltam e as ideias morrem,
A esperança já não me vem florir
E todas as ilusões batem asas, fogem?

Por que? Respondam-me, amigos, por favor,
O que é que eu fiz para merecer tanto castigo,.
Que ouçam, os céus, o meu grito e o meu clamor,
E me deem paz, luz , esperança e abrigo!

Abrigo, esperança, luz e paz que, se os mereço,
Por que não chegam pra minha salvação?
Pois procurem, com cuidado, meu endereço:
Fica na rua do impossível e da resignação!

OBS.: MENÇÃO ESPECIAL EM POESIA

O MEU POR-DO-SOL DA SAUDADE

Aventurei-me a fazer longa viagem
E me preparei com a força da esperança,
Viajei por íngremes caminhos,
E me perdi ao escolher, nas encruzilhadas,
O que me parecia ser mais certo
E ao buscar atalhos na doce ilusão
De encurtar distâncias.
Percorri terras secas, pedregulhos,
Sangrei os pés nos espinhos afiados
E, ao fitar os horizontes azuis,
Quis desistir, senti vontade de voltar.
Mas eu tinha um destino na memória
Do meu passado de mil anos
Que me fazia superar os desenganos
E me alimentava de ideal e de paixão.

Andei por longas estradas desertas,
Procurei abrigo que me foi negado,
Passei fome e sede nas caatingas,
Mas, ainda assim, não me deixei vencer:
Falou mais alta a voz da Onipotência
Que me mandava sempre prosseguir.
E a cada dia eu contemplava o pôr-do-sol
Esperando a noite para o repouso e o alimento,

Superando a tristeza e o cansaço.

E terminei a minha viagem espiritual,

Encontrando o sítio da paz e da concórdia,

Da amizade, do bem querer e da harmonia..

Carregado com imensa saudade no coração

OBS.: MENÇÃO HONROSA EM POESIA

POEMA DA ESPERANÇA

O rio descendo,
As águas cantando,
Lambendo barrancos,
Deixando buracos,
Dizendo ameaça,
Fazendo pirraça.
Vai cheio de balsas,
De bolsos vazios;
Crianças descendo,
Em busca de pão,
E de afirmação.
Mocinhas em flor,
Brincando de amor.
São velhos caboclos,
Banhados de sol,
Sem mais ilusão.
As águas correndo,
Com elas descendo,
Com elas levando,
Tristeza e pesar.
O rio descendo,
Cumprindo o destino,
De ir para o mar,
Levando saudades,

Pra ir sepultar.
Ouvindo cantigas,
E preces sentidas.
“Cabeça de Cuia”
Fazendo visagem,
Em noites de lua.
Mulatas banhando,
Meninos nadando,
Sem medo de nada,
De se afogar.
O rio descendo,
O leito mudaram,
Com ú a explosão,
E mui sensação.
O homem constante,
Venceu o gigante,
Venceu e domou.
Nasceu a “Esperança”
Na grande barragem,
Surgiu o progresso,
E um novo sucesso.
O sonho sonhado,
Por Deus inspirado,
Se fez e salvou.
Agora é a usina,
Fazendo a energia,

De noite e de dia,
E o rio descendo,
Levando distante,
E a todo instante,
Riquezas de cá.
É luz pras escolas,
As fábricas e o lar,
É a grande arrancada,
De uma nova jornada,
De raro esplendor.
É a pura certeza,
Da nossa grandeza.

OBS.: MEDALHA DE BRONZE EM POESIA

A ESPIRITUALIDADE

Não é d´agora que tenho me interessado pela espiritualidade. E vejo o estudo, a vivência, a difusão do fenômeno crescendo em todo o mundo. Pois lá me vou a falar de coisa tão difícil de entender! Não deixa de ser atrevimento, reconheço, mas, ainda assim, prossigo.

A espiritualidade é o culto do espírito. A sua dimensão, os seus efeitos na experiência do homem é de tamanha importância que ela tem sido usada para a cura do corpo, nesse encantador encontro da matéria com o espírito, uma totalidade que é divina.

A busca da espiritualidade é um ato de coragem e liberdade, porque prescinde de religião, pois o entendimento do espiritualizado é de unidade, de convivência, de intimidade com Deus e sua obra que abrange todo o cosmo. Sim. Somos parte infinitesimal de toda a inimaginável grandeza das estrelas, das galáxias e da própria eternidade.

A espiritualidade não tem dogmas, nem catecismos, nem intermediários. É o que me parece, sem desmerecer a grandeza e a pujança das religiões que cuidam, também, da espiritualidade. É um processo de libertação das coisas materiais, é uma proposta interior de amor e dedicação ao Senhor.

A espiritualidade, ou o Espiritualismo, está instalado nas mais distintas religiões, sistemas filosóficos, doutrinários e outras fontes do saber, proclamando-se a predominância do espírito sobre a matéria.

A minha intenção é mostrar que a física quântica chegou a Deus, à partícula de Deus que é a espiritualidade. Vejamos:

Informa o estudioso Frei Beto que *neurobiólogos e outros estudiosos do cérebro, encontraram aliás, "a base biológica da espiritualidade, situada na parte frontal do cérebro".*

Certas experiências envolvendo o cérebro e a fé podem mostrar significativas repostas da espiritualidade. "Cientistas, há muito tempo, têm estudado que sentimentos religiosos poderiam estar ligados a lugares específicos no cérebro. Os mais antigos escritos sobre o assunto datam de 1892, nos quais alguns textos sobre doenças cerebrais falavam de uma ligação entre "emoção religiosa" e epilepsia." (Wikipédia, org./neuroteologia).

Indivíduos tratados como sendo portadores de transtornos mentais, contudo, há muito a Organização Mundial de Saúde reconhece que esses sintomas não necessariamente, implicam causas patogênicas de natureza física e que em certos casos sequer é doença. Segundo Organização Mundial de Saúde a definição de saúde faz-se pelo estado de completo bem-estar físico, psicológico e social do ser humano. *(Wikipédia – a enciclopédia livre)*

Reconheceu, a grande instituição, a alma, a psique, o espírito.

A evolução da ciência é de tal monta que, conhecidas as ínfimas partículas energéticas, os homens da ciência positiva esbarraram na partícula infinitesimal que chamaram "partícula de Deus", considerada impossível de ser medida. Foi o encontro da Física Quântica com a Espiritualidade.

Se a espiritualidade é o canal através de que se une o criador com todas as criaturas inteligentes, importa dizer que somos SÓ 1 – a conjugação do criador e da criatura.

É isto. Uma realidade, uma porta aberta para que nos encontremos com Deus, o único que é graça, consolo e Luz.

NINGUÉM SE ILUDA

Ninguém se iluda. Vai falar a voz da experiência. Com a caminhada da vida, se tivermos condições e vontade de refletir e avaliar todo o processo, suas etapas, suas mudanças internas e externas; se pudermos fazer constantes reflexões, avaliando os fatos acontecidos, os sonhos não realizados, conseguiremos colher o que há de melhor para nós mesmos.

Se podermos reter na memória aquilo que vivemos com maior intensidade, os amores vividos, as desilusões sofridas, as ingratidões massacrantes do coração; se tivermos paciência, resignação e senso crítico, chegaremos a conclusões encantadoras ou acachapantes.

A cada dia da nossa existência a gente passa por uma etapa da própria história. Nem um dia é igual ao outro. Sempre há uma diferença, para melhor ou para pior. Se você trabalha com poucas pessoas a situação é uma, ao passo que, quanto maior o número de seus operários ou auxiliares, mais complexa fica a sua atividade, de acordo com o tipo do trabalho e a função que você exerce.

As pessoas mais organizadas e competentes para acompanhar o seu rumo, as suas nuances, os percalços, a tristeza ou a alegria vivida, sempre fazem pequenas anotações dos fatos mais importantes, para memorizar os acontecimentos mais comuns ou especiais. Levando em conta que o registro deve ser o mais fiel possível.

No correr do tempo é como se você empreendesse uma caminhada por estrada diferente, contemplando novas paisagens, novos horizontes, deparando-se com novidades. E a sua percepção da vida, com o seu significado, vai fluindo dentro da sua consciência, emoldurada pela sua cultura.

Assim deve ser vivida a nossa existência. Sem nenhum cansaço ou reclamação. Como se fôssemos armazenando tudo que se tornasse importante ao nosso caminhar, à nossa memória.

Quem passa a vida armazenando ilusões, “sonhando acordado”, esperando que tudo de bom caia em seu colo, sem trabalho, esforço

continuado, garra, persistência e fé, quem vive alheio à própria realidade, não vai ser feliz, realizado, recompensado nunca, jamais.

É bom pensar nisso!

O QUE VAI NO CORAÇÃO

A lição popular diz que “em coração de ninguém a gente anda”, o que significa dizer que não se pode avaliar, sequer, o que sente o coração do semelhante. Ninguém advinha a alegria, a saudade, a gratidão, o amor, a mágoa, a desilusão, a tristeza ou a revolta de uma pessoa.

Ninguém pode sequer pensar sobre o que se passa com os nossos irmãos. Quem poderá saber se uma criatura está passando por terrível dor, por dura injustiça ou cruel abandono? Aí está o “nó da questão” porque a conduta de uma pessoa é altamente importante para que se assegure a boa convivência do grupo. Faz poucos dias encontrei um cidadão maltrapilho, barba longa, traje surrado, recostado a um automóvel que estava em local ameno. Esse cidadão não pedia nada. O seu olhar estava muito distante e resmungava como se falasse com alguém. Quem seria este alguém? Um mistério! Teria sido um parente que o abandonou? Um amor que perdeu? Uma desgraça que lhe aconteceu?

Comecei a ver que aquele pobre homem era um coitado, abandonado, sem família, sem amigos, que não tinha a própria pátria que deveria cuidar-lhe no seu infortúnio. Cidadão sem parente e sem uma instituição que lhe pudesse oferecer abrigo

A correria da vida, o distanciamento dos parentes, dos amigos e da própria comunidade, dá-nos a sensação do vazio, da falta de “algo”, da solidão, do estresse ou da ingratidão, também.

O que a sociedade atual criou, com o nosso contributo (meu, seu, de nós) é

simplesmente grave, pois não construiu o bem estar, quanto mais a felicidade do homem.

Somos um agrupamento humano que chegou a ser grande demais, sem crescer do ponto de vista espiritual e moral. E dai nascem os confrontos interiores, as mágoas, as desilusões, a descrença e o desespero.

O homem ficou extasiado com o progresso da ciência, do conhecimento e das novidades revolucionárias da tecnologia, ao ponto de se encolher e se esconder da solidariedade, da simpatia, da caridade e do amor.

O que vai no coração do homem? Difícil imaginar, porque os seus gestos, a sua mentalidade, a sua conduta e a sua posição dentro dos grupos tem sido de indiferença, ganância, malvadeza e perversidade.

Pouca gente ou ninguém está interessada pelo futuro. O próprio, dos outros e do mundo. Quem quiser se vire nas conquistas, nos desencontros, nas guerras entre as nações e dentro da sociedade.

Quem for podre que se quebre; quem quiser viver e tornar-se mais um na luta pela vida, talvez seja obrigado a aderir à mentira, ao desaforo, ao desamor e, também, ao crime.

JOSÉ NEDEL
(PORTO ALEGRE - RS)

Formado em Letras Clássicas, Filosofia e Direito, Mestre e Doutor em Filosofia. Juiz de Direito e professor aposentado. Autor de muitos artigos em jornais, revistas e obras de autoria coletiva, bem como de quase duas dezenas de livros, entre os quais estes mais recentes: *A curvatura da razão: poemas*, 2. ed., 2009; *A vez do verso: sonetos*, 2011; *A vez do verso: quadras*, 2012; *Ensaios de filosofia prática*, 2014; *Ensaios antropológicos*, 2014; *Uma teoria do conhecimento*, 2015; *Última floresta: sonetos*, 2015; *Quadras em metro*, 2016; *Filosofia & literatura: ensaios*, 2017; *Vida breve*: sonetos, 2018; *Aristóteles: um ensaio*, 2018; *Tomás de Aquino: um ensaio*, 2019. Membro da Academia Rio-Grandense de Letras.

REINVENÇÃO DA RODA

Quem muito abraça pouco ou nada aperta,
Isso é lhana e sutil sabedoria.
Mirando estrelas, raro alguém acerta
Um alvo em lida humana ou porfia.

Escrito está: a verdade é que liberta;
Longe de extremos, bem na mediania,
Vinga a virtude, sob medida certa
Para quem se, na finitude, avia.

O ser humano é um ente maleável.
Faceta que não tem é ser estável:
A tudo, até à desgraça, se acomoda.

Alguns propósitos, eu já os larguei.
Quis reformar o mundo e fracassei.
Não tento mais reinventar a roda.

OBS.: MENÇÃO ESPECIAL EM POESIA

ÁGUA E VINHO

Há no meu cálice mais água do que vinho,
Símbolo que é das coisas meramente humanas,
Boas e más, as racionais como as insanas,
Que eu aprontei ao longo de áspero caminho.

Andando em companhia de outros ou sozinho,
Por matas densas, ralos campos ou savanas,
Por altibaixos e também paisagens planas,
Sempre evitei pisar em cobra, cardo e espinho.

A água no cálice progride até o altar.
Bem misturada ao vinho, irá se consagrar
Em sacro rito a que me humildemente inclino.

Unidos, muito embora em partes desiguais,
Água e vinho são símbolos sacramentais
Da mística união do humano e do divino.

PONTO DE FUGA

Na pós-moderna e desvairada era,
Tudo muda a galope, ou num instante.
Novo entorno de mil facetas gera
A azáfama cruel e trepidante.

O antigo, sólido, se destempera.
O novo, descartável, é cambiante.
Nem código moral mais se venera.
A incerteza tem porte de gigante.

Nesse contexto, o que é que prevalece:
Valor da tradição, perene? Esquece!
Do transitório agita-se o estandarte.

Eu, todavia, atalho o só lamento.
Como estratégia, boa saída invento:
Ponto de fuga busco em minha arte.

OBS.: MENÇÃO ESPECIAL EM POESIA

JUÇARA VALVERDE
(RIO DE JANEIRO - RJ)

Juçara Valverde, Cruz Alta/RS, Brasil - residente no Rio de Janeiro/BR, escritora, artista plástica; médica, Prof.ª Ass. Cirurgia Geral FCM UERJ. Pós-graduada: Gestão em Saúde; Humanização; mestre em Medicina-Endocrinologia. Literatura-Vice-Presidente da União Brasileira de Escritores RJ; Presidente de Honra ABRAMES 2019, Vice-Presidente da Academia Brasileira de Médicos Escritores; Diretora de Comunicação AJEB-RJ; Coordenadora, com Claudio Murilo Leal-Cia. Palestrama & Palesdrama, 2016; Acadêmica-Academia Carioca de Letras; Emérita e Honorária de várias instituições literárias; Membro do PEN Clube do Brasil, desde 2008; entre outras entidades culturais. Aluna-oficinas: Poesia-Marcus V. Quiroga, desde 2010 e Literatura-Ivan Proença, 2018. Livros publicados: 10-poesia; 3-prosa; 11-literatura infantil. Coautora-7: *Padrões qualidade atendimento ao cidadão*, 2002/DF; *Reciclagem do lixo-GT Mulher*, CREA RJ, 2008/RJ; *Aldravia a cinco vozes, 2010*; *Histórias de Gente mais doce – Diabéticos, 2010/RJ; Aldabas a cinco voces, 2011/Espanha*, bilíngue-espanhol/português; Gente menuda-gente miúda, antologia de poesia infantil, bilíngue-espanhol/português, 2013/RJ/BR e Espanha; *Antologia ARTPLE, 2015; AldraviANDO, 2019*. Organizadora de 23 Antologias em prosa e verso.

DISCURSO INGRATO

Perdi o frio discurso, onde adormeci as boas falas
desconfiado com algumas palavras nas entrelinhas.

Restringi-me a algumas incertezas aventureiras.
Aprisionado, fiquei encouraçado, paralisado.

Pano de amostra, escondi expressões apressadas
Instável, apoderei-me sem regalias de sinônimos.

Sentimentos desconfiados me afastaram do ontem
das vivências de um mundo vazio e fragmentado.

Submergi velhos vocábulos e recuperei outros também.
Descontruí memórias para adormecer velhos poemas.

Irreconhecíveis abandonei textos supérfluos e banais
que pudessem obscurecer o âmago do poema

posto que a poesia necessita acordar crianças
e enfeitar a prosa enriquecendo os adultos.

OBS.: MENÇÃO HONROSA EM POESIA

EXÍLIO POÉTICO

Deixa a palavra sem banimento
descansando na memória das horas vazias.

No degredo das intenções poéticas
não esquece a rima e se aproxima uns dias.

Longe da própria língua antiga e sua
relembra a cidade, o bairro, as vias.

Tece um novo verso, vestido de alegria
envolto na paisagem que cobre as placas frias.

Sonha com a nação, ainda jovem e febril
esquece a expatriação, finda as alegorias.

Retira belas imagens de seu próprio país
nem se despediu, volta com mãos macias.

E o poema agora senta-se à mesa
pede palavras esquecidas, fantasias livres e vadias.

OBS.: MENÇÃO HONROSA EM POESIA

DIA DO DESPEJO

É dia de tristeza.
Despejo do coração seu amor.

Entrou porta aberta sorriso na boca.
As estrelas brilharam, as flores perfumaram.

Era dezembro, tempo de festa.
A felicidade invadiu a floresta.

Vivemos assim, de espaços, de esperas
agora não mais, tanto faz, quimeras.

Perdi-me no tempo de abraços guardados
enfeitando tardes num dia qualquer.

Foi bom, eu confesso amar o Amor.
Afrodite intricada deixa o tempo passar.

Tardes nuas não vão mais chegar.
Coração padece, jamais esquece.

Finda a esperança o despejo acontece.
Fecha a porta, mais uma vez.

LÚCIA PÉRISSÉ
(RIO DE JANEIRO - RJ)

Lúcia Périssé, artista plástica e poetisa, carioca, professora de Artes Plásticas e Língua Portuguesa, encontrou na pintura abstrata e na poesia a forma ideal para extravasar o seu imenso mundo interior. Acadêmica da ANBA- RJ, da ART POP Cabo Frio -RJ; Comendadora da ABD- RJ. Participou de mais de 250 exposições de artes, no Rio, Roma, Lisboa, Porto e Madri, assim como em Livros de Arte, Antologias e Mostras de Poesia. Publicou seu primeiro livro de poesias: Palavras...momentos...” –2015.

FELICIDADE

Felicidade,
um dia disseram que existia...
Acreditei! E com ela sonhei.
Senti que ela vinha em doces momentos,
de encanto e ventura...de alegre doçura!

Chegou num acaso.
E com ela vivi instantes sublimes,
em que tudo sorria: o mundo, a vida,
as flores mimosas...o verde do mar, o ouro do sol,
numa tela radiante ... beleza e magia !

Mas chegou ...e logo se foi!
O céu ficou cinza, as flores murcharam;
a viva alegria, em saudade tornara!
E... onde é que ela está? Pra onde se foi?
Alegrar outras vidas que sonham também?

É... a Felicidade...
um dia disseram que existia!
Com ela sonhei,
sonhei e encontrei...
Mas ela se foi !

OBS.: MENÇÃO ESPECIAL EM POESIA

CAI A NOITE...

Cai a noite no Recreio!
Como é lindo o entardecer!
O céu, de azul se fez rosa,
escurece devagar...
até o instante chegar
em que desperta o anoitecer.
As luzes agora se acendem ,
a rua toda ilumina...
Na praia, o mar se acalenta
nas brumas da noite que desce...
O rosa, já a noite esqueceu,
nuvens brancas cobrem o sol
que devagar, no horizonte descamba...
Já vem a noite chegando
morna, lenta, sonolenta...
O céu agora adormece.
Fica só a cortina da noite,
com seus tons e negros matizes
esperando as horas correrem,
para, de certo amanhã,
novamente, o sol despertar...

CHOVE...

Água serena
que passa correndo,
Água que cai
gemendo, chorando
como se fosse alguém soluçando...
E eu fico pensando:
por que a chuva é triste?
nem sei bem dizer...
Talvez ela caia de onde, bem longe,
alguém está triste...
Talvez ela seja a lágrima aflita
de alguém muito triste,
que chora em vão
de imensa saudade
de um outro alguém,
que a chuva olhando
soluça também...

Chuva, por que és assim?
És má para mim...
tu passas correndo, rolando,
pra onde tu vais?
Pra longe talvez!
Se tudo tu levas, pra longe, pro mar,
por que não me levas
toda a tristeza,
tristeza que sinto,

saudade que mata,
quando triste eu te vejo
pela terra... rolar...

OBS.: MENÇÃO ESPECIAL EM POESIA

LUÍS LAÉRCIO GERÔNIMO PEREIRA

(LAGARTO - SE)

Luís Laércio Gerônimo Pereira é natural de Pão de Açúcar-AL, nascido em 05 de Janeiro de 1976. É escritor, historiador e acadêmico em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe; é servidor público Federal, lotado no campus da UFS, Lagarto-SE. Atualmente tem se dedicado a escrita literária, principalmente contos, crônicas e poesias, participando de várias antologias por todo o Brasil e até com inserção internacional, como em Amadora e Lisboa em Portugal.

O tecido espiritual

Era uma manhã de setembro de 1989, quando despertei, como de costume às 06h da manhã e logo fui à academia, pois Narciso como eu era, cultuava e idolatrava meu físico. Eu contava 27 anos de existência material, e apesar das muitas investidas dos meus pais, alguns amigos e conselheiros, nunca tive interesse em alimentar meu espírito, pois não entendia a metafísica, por este motivo, preferira viver o aqui e agora, e somente quando estivesse próximo ao final das funções materiais e vitais, é que pediria clemência ao divino e viveria em paz na outra vida.

Pois bem, ao terminar meu exercício físico na academia, retomei o percurso de volta a minha residência, quando de repente um caminhão desgovernado, pôs fim a minha existência material. Após a desintegração do físico, fiquei um pouco confuso, sem entender o que estava se passando em meu interior, embora eu pudesse constatar in loco, a desvitalização orgânica, daquele que foi minha veste, durante minha temporalidade terrena.

Apesar de não mais possuir um tecido material, era claro e notório, a manutenção das minhas sensibilidades, conhecimentos e desejos, localizados na sede da minha alma imortal. Tentei por várias vezes, deitar sobre o meu próprio corpo, na tentativa cega dele se levantar, mas ele não reagia. A medida que o tempo passava, ele se deteriorava mais e mais e a decomposição não tardou a chegar, pra o meu desespero. Como viverei eu agora? Sem meus pais, irmãos, amigos e as “Minas”, justamente elas, que eram o objetivo final, pelo qual eu tanto sacrificava meu físico. Tudo acabou! Estou só!

Em meio a essa agonia, consegui ver um espectro se aproximando e com muito medo gritei: -- -“Quem é você”? “ Oque quer”?

- Calma filho! Eu sou aquele, que quer o seu bem! Respondeu o fantasma!

- Como pode me ajudar? Se o meu bem era estar vivo! Desabafei!

- O espectro respondeu: “Venha comigo e em breve entenderá tudo”!

Apesar de está amedrontado, aquela figura esquisita, era única esperança e companhia naquele mundo confuso e assustador, então resolvi acompanhá-lo. Quem é você? Insistir com a pergunta e antes mesmo que ele me respondesse, emendei outra: “O quê aconteceu comigo”? O espectro, agora com uma presença mais nítida e menos assombrosa, começou a me orientar e disse: “ Você ascendeu do plano material imperfeito, para o mundo inteligível e da perfeição”! “Embora o desenlace material tenha ocorrido de forma desagradável, faz parte dos propósitos do governo superior, que rege às leis por aqui, além do mais seu fluido vital, estava prestes a acabar, finalizou o espectro. Ao ouvir essa sentença, entrei em desespero e chorei muito de saudades. Fui orientado a abandonar os desejos corpóreos que insistiam em atormentar minha alma; sofri muito e demorou pra eu me desligar das coisas materiais, mas com o auxílio do espectro, a aceitação da morte e esperança num reencontro com os meus pares, trouxe-me paz e conforto. Então já me adaptando a essa nova realidade, percebi que eu tinha uma espécie de envoltório, muito suave, que envolvia minh'alma. A partir daí o espectro que me auxiliava, já não me causava mais medo, tanto é que eu conseguia cada vez mais vê-lo mais agradável e menos fantasmagórico, ao ponto de desejar sua presença, pois ele chegou a confessar ser um consanguíneo em uma das nossas vidas

passadas, então segui suas orientações e me despir dos pensamentos e sentimentos negativos, foi aí que meus olhos começaram a enxergar. Conservei boas lembranças e acessei ao meu intelecto a conceitualização do Bem que minha mãe tanto falava; nesse instante, uma luz incandescente, que vinha de cima, prendeu minha atenção. O brilho dessa luz era tão intenso, que suprimiu minha visão, mas mesmo assim, através da escuridão eu via a luz do sumo Bem. Ele estava lá! O “Nous , o Uno”. Somente acessível, através do nosso intelecto espiritual em conexão com o Nous divino.

Ao conectar minhas ideias inteligíveis, contidas em minha alma, através do meu perispírito, com o Nous do Sumo Bem, compreendi a minha fragilidade material, e a penúria que é a condição humana, mesmo sendo ela, imbuída de toda satisfação terrena.

Aprendi a partir de então, não mais reclamar do que me ocorrera na terra e sim agradecer ao Supremo Bem e o seu senso perfeito de justiça, pois embora Narciso ao meu autoculto, quando eu era matéria, praticava às escondidas, ações altruístas, por isso recebi aqui o auxílio que eu ofertava aos necessitados lá em baixo e com isso, mantive em minha alma, um fio de essência do criador.

Dessa forma passei através do livre arbítrio de minha alma, a contemplar às coisas de cima e por elas me deixar guiar, destarte fui conduzido a um local muito agradável aos sentidos e principalmente ao intelecto, aonde fui recebido por moradores a mim familiares e em alegria e mútuo aprendizado aguardamos um dia o reencontro universal.

As lendas do meu Brasil

Desde a descoberta da terra do “Pau de brasa” ou Brasil, no “Novo Mundo”, como chamou os portugueses, em 1500, era corriqueira, por essas bandas, as estórias de lendas, entre os indígenas. A principal delas, nessa época, era a de Tupã, divindade indígena, cultuada pelo tronco tupi-guarani, que era considerada a responsável, pelas chuvas, trovões, raios e tempestades.

Com o processo da colonização portuguesa no Brasil, houve a união dos elementos basilares da formação do povo brasileiro (o índio nativo, o colonizador e o negro africano); dessa forma houve também, a assimilação e a multiplicação de lendas, tanto de origem europeia, quanto, africana.

Então foi dessa forma que cresci, ouvindo e aprendendo com meus pais e dos mais velhos, essas estórias, que apesar da era da tecnologia, ainda continuam alimentando o imaginário popular brasileiro. Essas lendas, na maioria das vezes, tinham como objetivo amedrontar ou punir as pessoas; o **Saci Pererê**, é uma das lendas, mais conhecidas no Brasil; trata-se de um moleque travesso, de cor escura, de uma perna só e que fuma cachimbo; esse moleque, apesar de claudicante, era bastante rápido, pois usava um turbante vermelho, que lhe concedia poderes mágicos, sendo assim, aparecia e desaparecia, através de um redemoinho, causando grande susto nas pessoas; o habitat natural do saci Pererê, eram as matas. Outra lenda bastante conhecida no país é a do **Curupira**, ou seja, a representação de um menino do cabelo vermelho e dos pés para trás; sua função é assoviar, e deixar pegadas ao contrário, para amedrontar e confundir os devastadores da natureza.

Uma lenda de causar arrepio é a lenda da **Mula-sem-cabeça**; essa lenda, servia para afugentar moças e mulheres que cortejavam os sacerdotes; dizia-se que a mulher que namorasse um padre, por maldição, viraria esse monstro imaginário; o interessante é que com o vigário, nada acontecia, pois este teria sido uma vítima, e a mulher, a sedutora. Porém a lenda europeia, que tem uma maior inserção em todo o brasil, é a lenda do **Lobisomem**; em noite de lua cheia, ninguém ousava sair de casa, pois poderia ser atacado ou até morto, pelo lobisomem, figura híbrida de um homem e um lobo, que se alimentava, principalmente de sangue. A lenda do **Boitatá**, que é predominante na região Norte do Brasil, remonta a uma enorme serpente de fogo, que vive a circundar matas e florestas, protegendo-as e os animais, das nocividades dos humanos. Também é da região Norte, a lenda da **Vitória-régia**; essa lenda amazônica, narra a paixão de uma índia, pelo corpo celeste lunar; diz que em uma noite, bastante enluarada, uma indiazinha, de nome Naiá, estava sentada a beira de um rio, quando viu neste, a imagem refletida da lua, a quem Naiá, chamava de Jaci e apaixonadamente, atirou-se dentro do rio, na esperança de beijá-lo, porém não conseguiu e acabou se afogando. Ao perceber o que tinha acontecido, a lua, resolveu homenagear a indiazinha, transformando seu corpo em uma planta aquática, nativa e símbolo da região amazônica.

Já a mitológica **Cuca**, é uma lenda de origem portuguesa, que representa uma figura hibrida de Jacaré e mulher e que tem predileção por crianças desobedientes aos pais e aos adultos.

No nordeste do Brasil, várias lendas são compartilhadas de outras regiões, no entanto a lenda do **Nêgo d’água**, é a maior de todas; trata-se de um homem de cor escura, de porte atlético, com características de peixe e de sapo; costuma aparecer nas margens do rio São Francisco, com o intuito de assustar os pescadores ou lavadeiras de

roupas; no entanto se lhe for oferecido fumo ou aguardente de cana, o ser misterioso, deixa os humanos em paz.

Na região sul do Brasil, uma lenda traz um misto de fé e africanização, e remonta aos tempos da escravidão no país; é a lenda do **Negrinho do Pastoreio**, que conta os castigos físicos, sofrido por um menino negro e escravo, por ter deixado fugir, um dos melhores cavalos, do seu patrão; diz a lenda, que o menino foi surrado e já bastante debilitado, foi colocado dentro de um formigueiro, por seu patrão, para que viesse a morrer, como punição, pela fuga do cavalo Baio. Porém no outro dia, ao retornar ao local do flagelo, o patrão foi surpreendido, com o menino, sã e salvo, sem nenhum arranhão, em cima do cavalo Baio; ao lado do menino, estava a Virgem maria, padroeira do garoto órfão. Arrependido, o patrão pediu perdão, e a partir daí,o Negrinho do pastoreio, tornou-se livre e saiu a galopar, montado, no agora seu, cavalo Baio.

A oralidade, foi durante milênios, responsável pela transmissão da tradição; com o advento da escrita, a oralidade não foi totalmente abandonada, pois ela ainda é muito presente, nesse imenso Brazil varonil; seja ela, em forma de lenda, contos, e até cantigas, mantém vivo o patrimônio material e imaterial do nosso povo.

No entanto, vivemos na era da globalização e a tecnologia é a mola mestra propulsora para o caminho do desenvolvimento e do progresso. O mundo em seu devir, passa por transformações, e traz consigo, uma preocupação: o medo, que a era da tecnologia, venha substituir o fantasioso mundo dos contos e das estórias, por tabletes, smartphone, notebooks e outras tecnologias, cada vez mais sofisticadas.

Necessitamos de tecnologias, pois elas são necessárias ao nosso cotidiano; porém necessitamos

também, alimentar o mundo imaginário do nosso folclore; façamos assim: associamos o mundo animado das cores e do som tecnológico, ao nosso mundo imaginário, a síntese será um mundo lendário, mais cheio de vida e encanto.

Atualmente em idade senil, ainda percorro cidades interioranas e povoados distantes das barulhentas metrópoles, com o objetivo de ouvir e contar estórias; estórias de um passado que sempre estará presente.

O espelho do Homem

Era uma vez um menino chamado Amâncio, de apenas sete anos,que sobreviveu a um naufrágio, em pleno oceano atlântico, nas imediações da ilha de Foula, litoral escocês, no Reino unido. Amâncio estava em viagem com seus pais, pelo Reino Unido, quando foram surpreendidos, por um mar revolto, na enseada de Foula, provocando o naufrágio da embarcação. Após o acidente, Amâncio foi o único sobrevivente e milagrosamente, conseguiu chegar a ilha. Exausto, porém consciente, chorava e olhava assombrado pra ilha e para o mar; gritava por seus pais, mas nada de resposta; apenas chuva torrencial, ventos e desespero,eram as sensibilidades de Amâncio, naquele momento.

Amâncio acabou adormecendo e quando acordou, estava cercado por inúmeros pôneis, que são pequenos cavalos, cobertos com densas pelagens e que eram os numerosos habitantes daquela ilha; assustado, imediatamente ativou a memória e lembrou do naufrágio, o que o fez pensar, que tivesse morrido. Amâncio, subitamente se levantou e admirado com a natureza e os pôneis, existentes nela, entendeu que precisava sobreviver e assim começou a percorrer a ilha, com o objetivo de encontrar alguém.

O ano era 1750, e quase não existia morador na ilha, pois 90% da população da ilha, fora dizimada pela varíola, que teve um fator potencial e mortífero, devido as condições geográficas, ser de difícil acesso, dificultando ações governamentais e sanitárias.

Amâncio, o pequeno náufrago, estava vivendo de acordo com a natureza, tirando dela, sua sobrevivência e sobrevivendo as suas intempéries; criou uma boa relação com alguns animais, como os

dóceis pôneis; porém fugia e se escondia, de tantos outros; Amâncio, apesar da pouca idade, sentiu na pele, o regresso repentino do ser humano, que vivendo em plena era da revolução industrial, voltou, a era Paleolítica. Mas foi resiliente e sobreviveu, dessa forma, durante vinte anos.

Em 1770, Amâncio foi resgatado por piratas ingleses, que a serviço do rei, varriam o oceano atlântico a procura de metais preciosos; ao presenciar as táticas cruéis dos piratas, para com suas vítimas, Amâncio, agora com a idade de 27 anos, já não via mais no ser humano o reflexo emitido pelo espelho bíblico, que somos semelhantes, como aprendera em sua precoce infância. Percebeu naquele momento, que a hostilidade das forças da natureza, parecia pequena, diante da ferocidade dos seres humanos, quando objetivavam algo. Lembrou-se das lições de sua mãe, que embora escocesa, praticava livremente o protestantismo calvinista, em detrimento do anglicanismo, dos tempos do rei inglês, Henrique VIII; e uma dessas lições maternas, trazia a máxima de Jesus Cristo: “Amai-vos uns aos outros”, que naquele momento, era totalmente ignorada por aqueles homens bárbaros; para Amâncio, era um paradoxo.

Amâncio, sentia alegria por estar vivo, no entanto sentia medo, por não saber até quando. Ele era refém e estava com medo, do seu semelhante; ou seja, o homem, com medo do próprio homem. Ao desembarcarem na Inglaterra, os tesouros pirateados foram entregues ao Rei Jorge III, que foi informado por seus súditos piratas, sobre as batalhas travadas e as mortes ocorridas, porém o rei, que na Inglaterra, concentra em torno de si mesmo, o poder temporal e espiritual, menosprezou o derramamento de sangue de muitas vítimas, usando uma frase maquiavélica: “Os fins justificam os meios”. Mais uma vez, Amâncio ficou perplexo; suas

lembranças o levaram ao estado de natureza, que recentemente, fora forçado a viver e que de forma simplória, conseguiu sobreviver; no entanto, de volta a civilização, percebeu como o homem pode se modificar, para atender a determinados padrões e exigências. Ao ouvir a justificativa régia, Amâncio, de forma indireta, aproximou seu pensamento, a uma máxima do filósofo Jean Rousseau, que dizia: “O homem é bom, em seu estado de natureza, porém a sociedade o corrompe”.

Aos trinta anos, Amâncio recomeçou sua vida em Edimburgo; estudou e se formou em Filosofia; manteve as raízes cristã, herdada dos seus pais; herdou do filósofo escocês, David Hume, o ceticismo filosófico; de Adam Smith, aprendeu que a riqueza de uma nação, advém do crescimento econômico e da divisão de trabalho, porém pautado na ética e na jurisprudência; e em James Watt, viu a contribuição científica, através da motorização propulsora, revolucionar, industrializar e evoluir uma nação.

Amâncio, chegou a conclusão, que o espelho, pode até refletir múltiplas aparências, disfarçadas pelo homem, mas jamais, mudará sua essência.

LYGIA DE ALMEIDA MARQUES (SÃO JOÃO DO POLÊSINE - RS)

Arquiteta e Urbanista (ULBRA–Canoas/RS, 1986). Pós-Graduação Lato Sensu em: Administração e Planejamento para Docentes (ULBRACanoas/RS,1992); Ontopsicologia (CEUB-Brasília/DF, 1997); MBA Business Intuition – Identidade Empresarial (AMF-Restinga Seca/RS, 2013-2015). Cursos de aperfeiçoamento pessoal no Canadá, Hungria, Inglaterra, Itália, Rússia e Brasil (1986/2017). Atua como profissional autônoma em projetos e execuções de Arquitetura e Urbanismo (1986- 2017); Foi Professora dos Cursos de Graduação, de Tecnologia e de PósGraduação em Arquitetura e Urbanismo, Design de Produto, Artes Visuais, Design de Interiores e História do Design na Universidade Luterana do Brasil (Canoas/RS, 1990-2006). Pesquisadora com relatos apresentados em congressos nacionais e internacionais, publicações em anais e livros (1995-2018); Como artista visual aprimora-se em cursos livres e participa de exposições de arte individuais no Sesc–Curitiba/PR (1996), no BanrisulPorto Alegre/RS (1997), no TRT–Porto Alegre/RS (2008), na Sierra Móveis–Santa Maria/RS (2017), na UNIVATES-Lajeado/RS (06/2018), na Fundação de Pesquisa Científica e Humanística Antonio Meneghetti em Lizori-Umbria/Itália (10/2018) e de exposições coletivas na IX Mostra Nacional e I Mostra Mercosul de Pinturas Artísticas – POA/RS (1996), IV Bienal de Arquitetura do Rio Grande do Sul - PUC-RS-Porto Alegre/RS (1996) e na exposição “The Function of Beauty in Art” no Museo Dell Segno e Della

Scrittura em Turin/Itália (02/2018). Publica o livro Artes Poéticas onde participa como autora das obras artísticas de pintura que ilustram o livro (2016). Vencedora na 1ª. Edição do Meneghetti Internacional Art Prize-MIAP 2017 na Categoria Design. Recebeu o Prêmio Destaque Profissional e Empresarial pela AGM em Santa Maria/RS (07/2018). Recebeu o Prêmio Personalidade Feminina pela AGM em Santa Maria/RS (abril/2019). Apresentadora do Programa Lygia Marques – A Arte de Fazer o Belo na TV Santa Maria (maio/2019). Dirige a Humus Design – Cultura Viva com objetivo de desenvolver e promover projetos culturais com ênfase na educação humanista (1997/2018). Produz obras artísticas de variadas linguagens e técnicas em seu próprio atelier de Arte e Arquitetura Lygia Marques (1987/2018). Natural de Porto Alegre/RS, hoje vive no Recanto Maestro, Distrito de São João do Polêsine/RS desde 2015.

Obra Prima

Tuas linhas
desenham a mim.
Nelas me espelho
E só encontro os
traços da tua luz.
Inspiro-me na forma
que me refletes
Enquanto há tempo
De resplandecer
ao infinito.
Sei que existo,
E rabisco teu sinal na minha vida,

Enquanto você pincela tua imagem em mim.

OBS.: MENÇÃO HONROSA EM POESIA

Fique Aqui

Minha juventude
É a tua presença.
Em cada traço
Que a vida faz,

Em cada pedaço que mastigo,
Nutres-me
Do teu abundante Amor.
Profundo
É o fervor do teu sopro.
Misteriosa
É a tua chegada.
Quando vais
Não mais me
reconheço.
Fique aqui comigo
Para sempre!

Pinot Noir

Por esta
estrada vou
além Saio a
cantar ao luar

E na alegria inquieta
do meu caminhar Segues
viandante a me
cortejar.

Levo comigo meu
bem estar Dos
dias tranqüilos

De um azul
verde-mar. Na
escuta serena

De uma nova
colheita A
te desejar.

Segues tranqüila
e graciosa. No

lugar onde és

feita

Teu sabor é

tão doce. És

perfeita

Para saciar

meu desejo

Agridoce ou

Pinot Noir.

OBS.: MENÇÃO HONROSA EM POESIA

MÁRCIA REJANE DE ALMEIDA SANTOS

(RIBEIRÓPOLIS - SE)

Graduada em Pedagogia, pós-graduada em Psicopedagogia Inclusiva, Educação Global, Inteligências Humanas e Construção da Cidadania, Mestra em Ciências da Educação pela Flórida Christian University, Doutoranda em Ciências da Educação pela Universidade Autônoma de Assunção. Professora do Atendimento Educacional Especializado/AEE/SRM, Técnica Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação no município de Ribeirópolis/SE.

Participações em Antologias e Coletâneas.

SONHADOR

Vendo você crescer
Imaginando o que fiz,
Fiz o que pude fazer,
Não exatamente o que eu quis!

Há caminhos e momentos
Que me pego a questionar,
Como pode a gente ver,
O tenro tempo passar?

Um dia uma sementinha
No meu ventre a germinar,
Logo após um bebê
Eu no colo a segurar.

Os dias vão passando
E as noites sem luar,
Vejo seus primeiros passos
De conduta exemplar!

Quero ver-te crescer
Um grande homem se tornar,
E o verdadeiro sentido da vida,
A esse mundo externar!

Desde pequenino,
Um Anjo a me guiar,
Quando pensei em desistir,
Me ergueu e fez lutar,
És meu nobre Amigo
Um Anjo a Amar!!!!!

Quero que sintas,
Nestes versos a encantar,
A mais sublime missão
Que vim realizar,
É tanto amor e ternura
Para sua vida contemplar!

Á Deus faço um pedido
Num momento singular,
Que Ele ilumine seus passos,
Te faça sempre lutar,
Quando as adversidades
Quiserem te sufocar!

Lembrar da sementinha
É algo espetacular,
Tens uma amiga e parceira,
E Deus a te guiar!

Sem contar com 4 Anjos
Lá no céu a olhar,
Pelo nosso galeguinho,
Um homem a se tornar!

Seja muito feliz
Esteja a contemplar
As belezas da vida,
O mundo a ofertar
Que toda felicidade
Esteja sempre a alcançar.

Estarei sempre aqui
Para amar-te e proteger,
E mesmo resmungando
Faz-se o querer,
Que é sempre interessante
Ver, ver-me em você!

Meu príncipe bem tosco
Sentimento bem real,
Por ti sempre terei
Amor incondicional.

Espero que sua vida
Seja uma bela lição de Amor,
Que sofra, chore e sorria
Sob a proteção do Criador!

Nosso Amor é eterno
Fino e forte como uma flor,
Ser tua Mãe é obra divina,
Meu amado Sonhador!

OBS.: MENÇÃO ESPECIAL EM POESIA

EU, SEM VOCÊ!

Sublime canção de Amor,
Embebidos... beijos, abraços, calor...
Uma história de Amor!

Saudade recolhida,
De um lance, de uma vida,
Perdida,
Enevoar!

Indaga-se, meu bem
Como engana-te a emoção!
Quando dizes que é amor
Se crescer não pode, então?

Vida clama por vida
Por experiências contidas,
Um sonho... vivera!
Sem querer abrir mão,
Sente-se a obrigação,
De molhar a pluma, escrever!

Uma linda canção
De uma história,
Uma trajetória
Que transborda o coração...

Ajuda-me a fazer nascer,
O desejo, à vontade, o querer
Que me queiras ver querer
Lutar, sofrer e vencer!

A saber, que a ti dedico
O mais completo bem querer.

Aceitar, seguir solidão...
Sendo que há eu em você,
A mais perfeita criação!
Ah se pudesses entender
A minha importância em você,
Mudaria de opinião

Me estenderia a mão,
Não fazia questão
Deste sonho viver!

A mais perfeita indagação
A fraterna compensação
O que importa neste fim,
É o começo... eternizar!

Um curso, uma história
Que faz-me entender,
No punho de uma mão,
Não há desilusão

Mas, sublime lição
Versos e canção
O que está em questão,
Sou eu, sem você!

OBS.: MENÇÃO HONROSA EM POESIA

MARIA ESTHER RODRIGUES (RIO DE JANEIRO - RJ)

Maria Esther Paes Barreto Rodrigues é formada em Biblioteconomia e trabalhou como voluntária em hospitais e asilos. Em seu primeiro livro, “Mãos Limpas Coração Quente”, se inspirou na vida do seu atual marido Obertal Mantovanelli, que viveu durante 20 anos no total na União Soviética.

Fez cursos na Telezoom de Roteiro, Roteiro Avançado e Oficina de Novela. Escreveu o sitcom “Zen Noção” e o seriado “Os Rodrigues”. Membro da AJEB – Associação das Jornalistas e Escritoras do Brasil como Diretora de Mestre de Cerimônias; da UBE – União Brasileira de Escritores. Acadêmica da APALA – Academia Pan Aamericana de Letras e Artes e membro da ADABL – Associação dos Diplomados da Academia Brasileira de Letras.

RIO DE NELSON

“Eu tenho realmente essa fidelidade apaixonada ao lugar onde vivo, à paisagem na qual estou inserido. Eu me sinto profundamente carioca. Eu sou essencialmente carioca.”

Essa declaração apaixonada de Nelson Rodrigues à Cidade do Rio de Janeiro foi feita no dia 30 de junho de 1967 ao Museu da Imagem e do Som.

O centro do universo rodrigueano é a Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro e os cariocas.

O Rio da Esplanada do Castelo, os operários, os funcionários públicos, os advogados, mergulhados nas suas causas nas repartições públicas em sombrios “art déco”, cujos ventiladores de teto zumbem por cima de ansiosos contínuos e amantes decadentes, em desejos escusos, reprimidos ou não.

O Rio do Lins de Vasconcelos, das vilas, da serena sina dos que se sabem traídos, dos que se sabem à margem, dos recolhidos em suas casas forradas de pedras, a maneira de suas paixões inconfessadas.

O Rio da Aldeia Campista, dos postulantes à burguesia, que pegam o bonde na Rua dos Artistas, vestindo o surrado terno para ir ao escritório, vestindo a esperança em verde e grená, sobre os trilhos que levam ao Maracanã, Estádio Mário Filho, aquele que se vaia até minuto de silêncio...

É um universo único, que traz a cidade em suas pequenezas e esquinas. Seus relatos sempre fugiram do óbvio ululante.

O cenário para o drama e a alegria carioca, a Lapa de hoje e a Lapa de outrora dos grandes mestres do passado.

Dos cabarés do “Bairro do Pecado”, seus bordéis, suas prostitutas vocacionais, seus cafés cheios, suas farmácias proibidas. Foi por isso um bairro muito musical.

Seu texto reflete o seu olhar com a cidade do Rio de Janeiro, o universo cênico e geográfico de sua obra.

Ao mesmo tempo inspiradora e personagem de sua obra o Rio de Nelson capta a atmosfera profundamente carioca de um dos mais originais intérpretes da cidade.

Mais importante dramaturgo brasileiro, mais original dos cronistas, personalidade que angariava ódio e amor em igual intensidade. Nelson deu ao povo brasileiro, principalmente ao carioca um novo espelho onde se mirar. Um surpreendente novo estilo (que ganhou nome: rodrigueano) pleno de adjetivos cortantes, metáforas viscerais, e disposição de exatamente tudo o que se recusava a ser mostrado.

Rio de Nelson é a tradução em texto deste universo único – é a descoberta deste Rio de Janeiro menos óbvio e menos cartão postal. A cidade mais que um cenário é personagem de Nelson Rodrigues.

“Essa mistura é que faz meu elenco: realidade e irrealidade, delírio, alucinação e objetividade.” Um gênio da literatura e da dramaturgia debruçado sobre uma das mais belas cidades do mundo. Um encontro que ainda tem muito por nos trazer.

Conhecer a jornada dele através de vizinhas gordas, patuscas, a cunhada provocante, o canalha magro, o jornalista, o padre de passeata, o marxista de galinheiro, a grã-fina de narinas de cadáver, o Sobrenatural de Almeida, o gravatinha, os biquínis, o vendedor de chicabon, o tuberculoso espectral, a curtidora de velórios, a noiva sonhadora, a estagiária de calcanhar sujo, etc e tal...

“Minha biografia está refletida na minha obra. Todo autor é autobiográfico e eu sou. O que acontece na minha obra são variações infinitas do que aconteceu na minha vida.”

“É! A Falecida inicia uma fase de peças que eu chamo de tragédias cariocas. Eu quis partir para a cidade. Daí em diante eu posso dizer que meu teatro começa e acaba no Brasil, em especial no Rio de Janeiro.”

O maior cronista que essa cidade já teve. Cinquenta e cinco anos escrevendo nela e dela.

Dezessete peças, nove romances, um número incalculável de contos, crônicas e folhetins publicados durante décadas na imprensa.

Nelson amava a cidade que o acolheu quando menino, ele veio do Recife com a família.

Nelson mostra o subúrbio do Rio como pátria em chuteiras, viúvas porém honestas, bonitinhas mas ordinárias, engraçadinhas e seus pecados.

Seus textos são constantemente apropriados pelo cinema, televisão e teatro.

Nelson Falcão Rodrigues (1912 – 1980), pai da moderna dramaturgia brasileira, atingiu a glória suprema: É citado pelo povo, inclusive pelos taxistas, nos quais muito se inspirou. Foi censurado à exaustão por mostrar a vida como ela é. As opiniões sobre sua obra e pessoa não eram unânimes, mas isso não incomodava o grande frasista, para quem toda unanimidade é burra. É polêmico e fascinante o universo desse genial Anjo Pornográfico.

É impossível ler algum texto dele e não se sentir imediatamente arrebatado: Ele desafia quem o lê.

Nelson escritor não repete o bom objeto do Nelson espectador. Depois da tempestade, não nos devolve

a um terreno seguro: faz mais complicado e soturno o horizonte dos conflitos irreconciliáveis.

Focalizando a tragédia carioca, a oposição mulher forte x marido medíocre e o ressentimento gerado por um ambiente provinciano. Em “Toda Nudez será Castigada, por exemplo, a Geni é o polo da experiência e Herculano a inocência.

Boca de Ouro dos anos cinquenta, o enredo, saído das sensacionalistas páginas policiais cariocas, fala do Jogo do Bicho e grã-finas, envolvidos com baixo mundo das navalhadas e assassinatos.

Como ele abominava o velório à moderna, com bar, cafezinho, refrigerante e conversas frívolas. Só o compreendia à antiga, com luto fechado, viúvas sicilianas, o morto velado com paixão.

Por sinal, uma foto de velório de arquivo do “O Globo” inspirou-lhe aquele que seria o divisor de águas do teatro brasileiro: Vestido de Noiva, uma tragédia em ação simultânea desenvolvida em três planos realidade, memória e alucinação.

Na sua coluna “A Sombra das Chuteiras Imortais” tornou-se o primeiro cronista de esporte torcedor confesso do Fluminense Futebol Clube. Aliás, uma das coisas que ele mais duvidava no homem é a capacidade de ser imparcial.

A obra de Nelson espelha muito de perto sua própria vida de privações, de humilhações, de sofrimento físico causado pela tuberculose.

Nenhum outro escritor brasileiro conseguiu dissecar tão profundamente a alma humana tomando como principal modelo a sua própria.

Mestre da palavra, de frases curtas impactantes, crítico mordaz da realidade, soube apresentar em obras monumentais o grande drama do homem, esteja ele no subúrbio ou na zona sul carioca. A profundidade dos temas abordados, a perícia com que estrutura suas histórias e sempre com humor,

com fina ironia, garantiram a Nelson Rodrigues um lugar de destaque no cenário da literatura de todos os tempos.

Devemos homenagear a vida e a obra multifacetadas de Nelson Rodrigues quais arestas e faces de um brilhante. Afinal, Nelson e a cidade do Rio de Janeiro se amaram tanto que se tornaram um só.

Tudo indica que para Nelson a cidade era um vasto terreno baldio, com suas cabras vadias ouvindo os desejos inconfessáveis dos seus moradores. “Deus te abençoe Rio de Janeiro. E é só!”

Frases de Nelson:

“Para os meus três anos, o mar, antes de ser paisagem, foi cheiro. Não era concha, nem espuma. Cheiro. Meu pai, antes de ser figura, gesto, bengala ou pura palavra, também foi cheiro. Ninguém tinha nome na minha primeira infância. A estrela-do-mar não se chamava estrela nem o mar era mar. Quando cheguei ao Rio, em 1916, é que tudo deixou de ser maravilhosamente anônimo.”

“Finalmente, desvencilhei-me dos admiradores e cheguei à rua. Estou andando na calçada da avenida, atravesso a Almirante Barroso, vou na direção da Galeria Cruzeiro. Sentia-me boiar entre as coisas. A glória era recente demais. Uma hora antes, eu não passava de um pobre rapaz, que ganhava setecentos mil-réis mensais, quinhentos na folha e duzentos por fora. E as coisas me pareciam de uma irrealidade atroz. Até a avenida era irreal, e os edifícios, e as esquinas. Longe, na Praça Mauá, os mastros sonhavam.”

“Sou um brasileiro absoluto. Vocês querem me levar a Paris, eu não quero. Prefiro mil vezes Copacabana. Só não tem o Arco do Triunfo. Fora isso, é mil vezes melhor do que a França.

“Eu costumo dizer que a partir do Méier, já tenho saudades do Brasil. É um fenômeno que acontece comigo. Não é piada. Olha, eu fui a Bangu, fui à casa do Silveirinha, e senti o maior desconforto, um processo de angústia. Falavam na minha língua, mas era como se falassem dinamarquês. Realmente, as minhas viagens terminam no Méier.”

A MULHER E NELSON RODRIGUES

Nelson Rodrigues foi um dos primeiros autores a dar voz ao desejo feminino rejeitado e reprimido nas primeiras décadas do século passado. Só o desejo masculino existia. Nelson trazia à tona o inconfessável e desmascarou a hipocrisia que era a vida a dois nos anos 40 e 50, retratando casais que não podiam exercer plenamente o desejo que sentiam e que viviam como pecado. O permanente furor sexual de suas personagens levava a que outros o vissem como um sátiro e tarado.

Em “Os Sete Gatinhos” e Bonitinha mas Ordinária”, Nelson constrói uma mulher com desejo múltiplo, muito mais forte que de qualquer homem. Na obra de Nelson os homens parecem sempre dependentes da mulher. Nelson era um provocador, que gostava de usar seu trabalho de autor para questionar a moral burguesa. Nelson dizia que era preciso estar num terreno baldio com uma cabra vadia para confessarmos a nós mesmos nossos desejos mais inconfessáveis.

Nas suas 17 peças, Nelson provocou no espectador o inconsciente que as defesas preferem adormecer. As relações entre suas personagens estabelecem perturbador contraste com nossa pacata conduta burguesa, exigindo a revisão das crenças superficiais. Certos paradoxos, aparentemente chocantes, denunciam enraizados preconceitos, convocam a plateia para discussão de problemas essenciais do relacionamento. A intuição ficcional levou Nelson a expor, permanentemente, a frustação feminina, consequência da sociedade machista brasileira. Ele não levantou a bandeira de reinvindicações feministas: limitou-se a fixar o fenômeno, e o espectador que tirasse as suas conclusões.

Alaíde, protagonista de “Vestido de Noiva”, pode ser considerada uma espécie de “Madame Bovary” carioca. A insatisfação leva-a roubar os namorados

da irmã; e o marido, Pedro, foi a última conquista. O atropelamento que Alaíde sofreu, tanto pode ser mero acidente como suicídio, inconsciente ou voluntário. Na alucinação, Alaíde revela seus desejos profundos, e o fascínio maior é pela vida mundana de Mme. Clessi, do princípio do século XX, assassinada por um adolescente de 17 anos. A frustação da realidade prosaica impele a heroína, no subconsciente, a identificar-se com a imagem da cortesã, cujo diário descobrira no sótão de sua nova casa.

Na peça “Valsa nº 6”, fica claro que a frustação distingue a rápida passagem terrena de Sônia, sua protagonista. O que vitimou a heroína adolescente foi a força opressora do velho médico, que tomado de contradições eróticas, apunhalou-a pelas costas. Esse monólogo sintetiza bem a obra de Nelson Rodrigues pela sua dualidade: a transição da menina adolescente para mulher madura, vida e morte, e a ironia feroz x drama. Sonia apesar de ser uma adolescente, com vergonha do próprio corpo, ao mesmo tempo tem um caso com um homem casado.

“Zulmira, protagonista de “A Falecida”, tenta compensar a existência descolorida com um enterro de luxo, apoteose vingadora de tanto infortúnio. E até a última aspiração lhe é recusada: Juninho, desforrando-se ao se saber traído, dá à mulher o enterro mais barato.

O universo feminino de “Toda Nudez Será Castigada” não se altera. Geni está marcada pela frustação, desde que a mãe a amaldiçoou. Nelson Rodrigues devassa a intimidade do indivíduo, libertando-o da carga censora que disciplina o convívio social. As personagens quebram todas as convenções, para revelar-se na íntima nudez, equivalente ao desnudamento do espectador aos próprios olhos.

Nelson praticamente rompeu o vínculo com a realidade. Para ele, importava externar no palco a verdade interior, escamoteada no jogo da aparência. O fundamental devia ser trazido à tona, mesmo com o sacrifício de todas as conveniências.

O noticiário policial, de que o jornalista Nelson Rodrigues se nutriu desde os 13 anos, põe nas manchetes as paixões incontroláveis, as violências incontidas, os crimes atrozes. Aí não há lugar para a mentira, estão transgredidos todos os códigos. O comportamento de convivência esconde apenas a hipocrisia, que o autor baniu de sua temática.

A incomunicabilidade permeia toda a obra Rodrigueana. Desde “A Mulher Sem Pecado”: Olegário e Lídia se perdem, por incapacidade de comunicar-se. Os desencontros de “Vestido de Noiva” se explicam porque os casais não sabem exprimir-se, nos momentos certos. Judith não entende a delicadeza superior do marido, em “Perdoa-me por me Traíres”. Enquanto ele se atribui a responsabilidade porque ela o trai: Judith simplesmente acredita que Gilberto precisa ser internado de novo.

“O Beijo no Asfalto” pode ser encarada, desse ponto de vista, como a maior tragédia de incomunicabilidade. Arandir é incapaz de provar aos outros que o beijo que deu no moribundo representou gesto puro de solidariedade e não manifestação de homossexualismo. A mulher deixa-se vencer pela onda de preconceitos. E a cunhada está disposta a aceitá-lo, mas por equívoco, achando que ele é homossexual. A falta de comunicação leva o homem e a mulher à solidão.

Visto como o pai da moderna dramaturgia brasileira, Nelson Falcão Rodrigues (1912-1980) foi censurado à exaustão por mostrar a vida como ela é.

Mais importante dramaturgo brasileiro, mais original dos cronistas, personalidade que angariava ódio e amor em igual intensidade. Nelson Rodrigues deu ao povo brasileiro, principalmente ao carioca, um novo espelho onde se mirar. Um surpreendente novo estilo (que ganhou nome: Rodrigueano) pleno de adjetivos cortantes, metáforas viscerais e de exposição de exatamente tudo o que se recusava a ser mostrado. Seus

relatos sempre fugiram do óbvio ululante. Eles mostravam o subúrbio carioca como pátria em chuteiras, de viúvas, porém honestas e bonitinhas, mas ordinárias. Seus textos são constantemente adaptados pelo cinema, pelo teatro e pela televisão. As opiniões sobre sua obra e pessoas não eram unânimes, mas isso não incomodava o grande frasista, para quem toda unanimidade é burra.

Nenhum outro escritor brasileiro conseguiu dissecar tão profundamente a alma humana tomando como principal modelo a sua própria.

O estrondoso sucesso da sua coluna “A vida como ela é...”, na Última Hora (1951-1961) não estava transformando Nelson apenas no jornalista mais popular do Rio. Começavam a torná-lo também um personagem. O permanente furor sexual de suas personagens levava a que outros o vissem como um sátiro, um tarado. Em “A vida como ela é...”Nelson retrata a mulher forte x homem medíocre.

Quem é esse homem que se esconde por trás de um grande autor?
“Sou um menino que vê o amor pelo buraco da fechadura. Nunca fui outra coisa. Nasci menino, hei de morrer menino. E o buraco da fechadura é realmente, a minha ótica de ficcionista. Sou (e sempre fui) um anjo pornográfico”.

RAPSÓDIA DO PRÍNCIPE DOS POETAS

Autêntico poeta parnasiano brasileiro, na essência um modernizador, inquieto, irreverente e alma solitária, Olavo Bilac sempre esteve ligado aos principais nomes da vanguarda cultural. Sua obra se mantém atual e é cada vez mais valorizada, entre as gerações interessadas no melhor da cultura literária brasileira.

Artista múltiplo, que transitou com total liberdade em diversas esferas - poesia, jornalismo - crônicas, contos, ensaios, desde literatura infantil até erótica, conferências, participação na política e em campanhas cívicas.

Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 16 de dezembro de 1865, um ano depois de iniciada a Guerra do Paraguai, num pequeno sobrado, na Rua da Vala, esquina com a Rua do Ouvidor. Filho de Dr. Braz Martins dos Guimarães Bilac, e de D. Delfina Belmira dos Guimarães Bilac. Faleceu na mesma cidade, em 28 de dezembro de 1918. Um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, criou a cadeira nº 15, que tem como patrono Gonçalves Dias.

O menino Olavo nasceu sem a presença do pai, Dr. Braz Martins dos Guimarães Bilac, médico do Exército que serviu na Guerra do Paraguai, só conhecendo seu pai aos quatro anos. Para fazer-lhe a vontade, Bilac entrou para a Faculdade de Medicina, aos quinze anos, mediante autorização especial.

A carreira poética de Bilac iniciou-se aos dezessete anos. Os jornais críticos e literários eram uma tradição na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Os estudantes de Medicina e até

professores eram abolicionistas, tendo fundado à Sociedade Antiescravista Libertadora Acadêmica.

Poucos dos nossos poetas que alcançaram a fama começaram a vida literária assinando produções tão pobres e desajeitadas. Mas, já no número 9 do Pequeno Quinzenário datado de 15 de agosto de 1883, seus progressos são evidentes, no Rondó intitulado “Depois do Baile”, em versos alexandrinos.

Esse Rondó é o embrião da poesia “De Volta do Baile”, em que o tema foi desenvolvido sob forma diversa e que figura nas “Sarças de Fogo”. Várias vezes, voltaria Bilac aos seus primeiros temas, desenvolvendo-os melhor, ora no mesmo metro, ora em metro diferente. O Rondó é um exercício que obriga a duas únicas rimas e a repetição dos versos iniciais, dentro de uma sequência lógica, compondo-se de duas quadras e uma quadrinha. É um dos gêneros difíceis que o Romantismo procura reabilitar. Bilac voltou ao mesmo exercício de composição no número 11 da Gazeta Acadêmica, de 19 de outubro de 1883. E apresentou em “Nascer do Sol” um Rondó perfeito. Daí por diante, alternam-se os Rondós e os sonetos.

Com a aproximação dos exames a Gazeta Acadêmica deixa de ser publicada. Os estudantes, nas férias se dispersavam. E só após o início do ano letivo de 1884 volta a circular. No número de 1º de maio deste ano, Olavo Bilac publica uma poesia sem título, mas que poderia chamar-se “Sua mão”. No número seguinte de 15 de maio de 1884, sob o pseudônimo e Olívio Bivar, o mesmo com que assinara aquelas cinco quadras, vinha o “Pandeiro”, outro Rondó, com uma rima fácil e outra difícil.

A 15 de setembro de 1884 volta Bilac ao soneto, com “Visita a um Boudoir”, desta vez trocando os versos alexandrinos pelos decassílabos.

O poeta estava bem mais desembaraçado e já se valia destramente do recurso poético do *enjambement*. Esse mesmo recurso é utilizado no soneto "Despedida", também decassílabo, publicado no número 12, do segundo ano da Gazeta Acadêmica, com a data de 15 de outubro de 1884.

Era este o poeta da Gazeta Acadêmica. Mas Bilac aí não somente escrevia versos. Escreveu também artigos, inclusive polêmicos, ora sob seu nome, ora com o pseudônimo de Olívio Bivar, inclusive o protesto em nome de toda a redação contra o Ministro do Império, por atitudes que lhe pareciam lesivas aos interesses dos estudantes.

Ao publicar, em 1916, o livro Ironia e Piedade aliás, dedicado à memória de Francisco de Araújo, fundador da Gazeta de Notícias, juntamente com Elísio Mendes e Henrique Chaves, e que foi seu diretor até a morte, Olavo Bilac confessou a ansiedade com que esperou o dia de sua iniciação entre os colaboradores da grande folha carioca da última década do Império.

"Com o cérebro e o coração cheio de esperanças e de versos, eu parava muitas vezes, naquela feia esquina da Travessa do Ouvidor e quedava a namorar, com olhos gulosos, as duas portas estreitas da velha Gazeta que, para a minha ambição literária , eram as duas portas de ouro da fama e da glória." (E, adiante:) "Escrever na Gazeta, ser colaborador da Gazeta, ser da casa, estar ao lado de gente ilustre que lhe dava brilho - que sonho!"

Diz Bilac que não era o desejo de ganhar dinheiro que o impelia para a Gazeta, mas a inveja que tinha dos felizes que viviam com ela, dos seus "cortejadores íntimos, os convivas frequentes, a colaboradores regulares." Explicava adiante, depois de citar os nomes de notabilidades literárias que ali escreviam.

É que a Gazeta daquele tempo, a Gazeta de Ferreira de Araújo, era consagradora por excelência. “Não era o único mancebo ambicioso que a namorava: todos os de minha geração tinham a alma inflamada daquela mesma ânsia.” (Repisava:) “Não era o dinheiro o que queríamos; queríamos consagração, queríamos nome e fama, queríamos ver os nossos nomes ao lado daqueles nomes célebres. Nós todos julgávamos então, que a publicidade era um gozo e que a celebridade era uma bem-aventurança...”

A um gesto amigo de Alberto de Oliveira, que levou àquela folha um de seus sonetos, ficaria Bilac devendo a profunda emoção de ver seu nome impresso na primeira página do jornal de Ferreira de Araújo. Sentia-se agora, um poeta de verdade.

“Quando eu tinha 18 ou 19 anos, a Gazeta era o único jornal que acolhia e prezava a literatura. Por isso mesmo, os pretendentes formavam cauda à porta da dama gentil. Nunca me esquecerei, em cem anos que viva, a manhã do ano de 1884, em que vi um dos meus primeiros sonetos na primeira página da Gazeta, doce e clara manhã! - talvez fosse, realmente, uma agreste manhã, feia e chuvosa, mas a minha alegria, o meu orgulho de rimador novato, a minha vaidade de poeta impresso eram capazes de acender um sol de verão na mais nevoenta alvorada de inverno...”

Depois do primeiro soneto publicado na Gazeta de Notícias, as portas de outras publicações se abrem para Olavo Bilac. Conquistadas a Gazeta de Notícias e A Estação, ainda no mesmo ano, talvez por influência de Alberto de Oliveira, ou do convívio com Valentim Magalhães na Engenhoca, Bilac conquistava também A Semana. O primeiro soneto que aí publicaria a 14 de setembro de 1885, tinha o título de Fiat Lux.

Numa entrevista em que invocou o início de sua vida literária, Olavo Bilac disse: “Devo a Artur Azevedo e a Alberto de Oliveira a publicação dos

meus primeiros versos.” Mais adiante, inverteu a ordem que os citou: “Alberto e Artur foram os meus padrinhos.” Na verdade, o primeiro teve a precedência, encaminhando-o à Gazeta de Notícias, tão ardentemente desejada por seu espírito juvenil, sequioso de notoriedade que a via como “um acropólio fúlgido, coroado de estrelas, perdido entre nuvens.” Entretanto, muito ficara também a dever a Artur Azevedo, que lhe publicou alguns sonetos em A Estação e, na verdade, foi o primeiro de seus críticos, referindo-se com elogios aos seus versos, nas colunas do Diário de Notícias.

No dia 12 de dezembro de 1885, no final do seu artigo, incluiu Artur Azevedo dois sonetos de Bilac, antecedidos de algumas linhas amáveis, ditadas por sincero apreço ao jovem poeta, quatro dias depois completando 20 anos. A essa altura, por suas atitudes boêmias e sua mania de fazer versos, já tinha Olavo entrado em conflito com o pai, que ainda não o expulsara de casa, mas já lhe cortara toda e qualquer ajuda financeira. Via-se assim o jovem poeta na contingência de iniciar-se na vida de imprensa, na humilde situação de conferente da revisão da Gazeta da Tarde, de José do Patrocínio. Teria sido bem triste aquele seu aniversário, sem o gesto cordial e generoso de Artur Azevedo. Eis o que este escreveu no De Palanque, do Diário de Notícias:

“O nome de Olavo Bilac bem cedo fulgurará entre os maiores da nossa literatura. O leitor não conhece, talvez, esse poeta que raramente aparece na Semana ou na Estação. Vou ter a honra de apresentá-lo por intermédio de dois magníficos sonetos: “No limiar da Morte” e “Passeio Matinal.”

Veem, pois, que não é preciso ser profeta para assegurar a Olavo Bilac um brilhante futuro – “Elói, o Herói.”

O jovem poeta não poderia ter tido melhor presente de aniversário. Ele próprio o confessaria tempos mais tarde, com palavras cheias de gratidão ao protetor que tão belos triunfos lhe vaticinara.

“Quando comecei a minha vida de escritor, poeta obscuro, paupérrimo e desamparado, querendo abrir um caminho na vida com os meus cotovelos, em que se puía o pano do meu único paletó, Artur já era príncipe da crônica: os seus artigos diários tinham largo público e o seu louvor e a sua censura criavam doutrina. Mandei-lhe um dia dois sonetos, e vi-os estampados no dia seguinte: lembro-me bem: foi o melhor dia da minha vida! Nunca vi o céu tão azul! Boêmio adolescente, atravessei a Rua do Ouvidor como o conquistador da cidade e dos pais, tendo a ilusão de que as solas avariadas dos meus sapatos arrancava chispas de estrelas das pedras do calçamento! Já lá vão mais de vinte anos... A quantos outros escritores novatos Artur não deu, como a mim, o amparo da sua popularidade, o prestígio do seu nome, a proteção da sua bondade generosa! Foi um criador de nomes e reputações, esse dominador da opinião, e não é estranhável que tenha recebido ingratidões em paga de tantos benefícios - porque parece ser uma condição essencial da vida a revolta da criatura contra o criador...”

A verdadeira popularidade do poeta só iria começar com a publicação de “Ouvir Estrelas...” em A Semana, a 31 de julho de 1886.

“Ora (direis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso! “E eu vos direi, no entanto,
Que para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálio de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto
A Via Láctea, como em cofre aberto

Cintila. E ao vir do sol, saudoso e em prantos
Inda as procuro pelo céu deserto.

Direis agora, “Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?”

E eu vos direi: “Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas.”

É o fim do estudo de Medicina e a consagração como poeta. Olavo Bilac descobre que é mais chegado à pena que ao bisturi...

Em carta a Rodrigo Otávio, datada de 13 de agosto de 1886, não mais dava como endereço Rua Dona Mariana, em Botafogo, mas a Rua Sete de Setembro nº 37, sobrado, no Centro da Cidade. Isso denota o agravamento de suas relações com o pai, de quem se afastara, quando este, irritado, lhe censurava a todo instante o fato de ter abandonado o curso médico, embora já no quinto ano, Bilac tentou, a seguir, o curso de Direito, em São Paulo, mas não passou do primeiro ano. Teve intensa participação na política e em campanhas cívicas, das quais a mais famosa foi em favor do serviço militar obrigatório. Fundou vários jornais de vida mais ou menos efêmera, conto A Cigarra, O Meio, A Rua. É o autor da letra do Hino à Bandeira. Na seção “A Semana” da Gazeta de Notícias, sucedeu Machado de Assis, trabalhando durante anos.

Fazendo jornalismo político no começo da República foi um dos perseguidos por Floriano Peixoto. Teve que se esconder em Minas Gerais, quando frequentou a casa de Afonso Arinos, em Ouro Preto, no regresso ao Rio, foi preso. Em 1891, foi nomeado

oficial da Secretaria do Interior do Estado do Rio. Em 1898, inspetor escolar do Distrito Federal, cargo em que se aposentou, pouco antes de falecer. Foi também delegado em conferências diplomáticas, excelente conferencista, por sinal, e, em 1907, secretário do Prefeito do Distrito Federal. Em 1916, fundou a Liga da Defesa Nacional.

Sua obra poética enquadra-se no Parnasianismo, que teve na década de 1880 a sua fase mais fecunda. Há grandes poetas parnasianos: Alberto de Oliveira e Raimundo Correia, mas Olavo Bilac é o expoente do parnasianismo brasileiro. .

Fundindo o Parnasianismo francês e a tradição lusitana, Olavo Bilac deu preferência às formas fixas do lirismo, especialmente ao soneto. Nas duas primeiras décadas do século XX, seus sonetos de chave de ouro eram decorados e declamados em toda parte, nos saraus e salões literários comuns na época. No livro “Poesias” (1888) encontram-se os famosos sonetos “Via Láctea” e “Profissão de Fé”, no qual codificou seu credo estético, que se distingue pelo culto do estilo, pela pureza da forma e da linguagem e, pela simplicidade como resultado do lavor. A obra alcançou imediato sucesso e logo Bilac foi considerado o “Príncipe dos Poetas Brasileiros”.

Juntamente com Raimundo Correia e Alberto de Oliveira, Olavo Bilac formou a famosa “Tríade Parnasiana”, considerada como a maior liderança e expressão do movimento no país. Seu poema “Profissão de Fé” se transformou em uma espécie de postulado do Parnasianismo. Nele, Bilac compara o poeta com o ourives, pois as duas profissões buscam a perfeição através de um trabalho detalhista. Em sua visão, as palavras precisam ser trabalhadas minuciosamente para atingirem a pureza linguística e a elegância no vocabulário.

Ao lado do poeta lírico, há nele um poeta de tonalidade épica, de que é expressão o poema “O Caçador de Esmeraldas”, celebrando os feitos, a desilusão e a morte do bandeirante Fernão Dias

Pais Leme. Bilac foi, no seu tempo, um dos poetas brasileiros mais populares que a Revista Fon-Fon lançou em 1º de março de 1913. Alguns anos mais tarde, os poetas parnasianos seriam o principal alvo do Modernismo – Manuel Bandeira compara a poesia de Olavo Bilac ao coachar dos sapos, a uma máquina de fazer versos. Tempos depois Manuel Bandeira se arrepende profundamente e pede perdão a Olavo Bilac e o reconhece como o poeta mais típico e perfeito dentro do Parnasianismo brasileiro. Mário de Andrade na época, classificou-o de "O malabarista mais genial do verso em português." E, na década de 1910, Oswald de Andrade vinha frequentemente ao Rio render-lhe homenagem.

Olavo Bilac, o poeta mais querido do Brasil, era mulato, alto, esbelto, solteiro (depois de dois noivados desfeitos), vesgo e disfarçava seu estrabismo tirando fotos só de perfil. Fez tantas viagens a Europa, especialmente a Paris, que se autodenominava "ferro de engomar" – indo de lá para cá, sem parar. Aos trinta e oito anos, já era um mito, uma lenda, patrimônio nacional. Seus poemas, publicados em jornais, revistas e livros eram lidos e decorados por milhares de pessoas. Como cronista, era o sucessor de Machado de Assis na Gazeta de Notícias, que o havia indicado para substituí-lo.

Mas Bilac não era um poeta esnobe, pelo contrário. Todas as tardes, frequentava a Colombo acompanhado de colegas, amigos e admiradores. Antes, era assíduo frequentador da Confeitaria Paschoal, na Rua do Ouvidor, mas acabou se desentendendo com o gerente, e, se mudou com armas e bagagens para a recém-inaugurada Colombo, do português Lebrão. Atrás dele vieram Aloísio Azevedo, Coelho Neto, Pardal Mallet, Paula Ney, Valentim Magalhães, Emílio de Menezes e outros jornalistas, poetas e boêmios. Ali começava a morrer a saga da Paschoal - e a nascer a da Colombo.

Havia quem o achasse vaidoso, mas pela adulação de que era alvo, julgava-se até modesto. É verdade,

que com o poder que adquirira como poeta, às vezes, podia fazer qualquer coisa e sair ileso... No começo de 1903, tivera uma prova disso: fora a primeira pessoa no Brasil a provocar um acidente de automóvel, sem levar uma multa sequer. O pior é que o carro nem era dele, mas de seu mentor e ex-patrão no Jornal Cidade do Rio, José do Patrocínio, o jornalista e tribuno mais aclamado do Brasil. Todos gelavam quando ele invadia um recinto cheio de figurões e bradava : “Eu não peço a palavra, eu tomo a palavra! Tenho esse direito.” - E fazia um inflamado discurso pela libertação dos escravos, em que os negros como ele seriam tão livres quanto os brancos e, juntos construiriam a República brasileira.

Quando em 13 de maio de 1888, a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea, Patrocínio ficou-lhe grato e a partir dali, seu coração dividiu-se entre a princesa e o ideal republicano e foi esse o problema. Os colegas de tribuna passaram a olhá-lo como se ele fosse um traidor. Na manhã do dia 15 de novembro de 1889, com a República proclamada, sem que Patrocínio tivesse tomado parte na conspiração.

Em 1903, tudo isso já fazia parte do passado. O futuro chegara e, agora estávamos no século XX. Seu jornal acabara fechando. Desde então, Patrocínio afastara-se da Rua do Ouvidor. Não se sabia como, no Natal de 1902, dera um pulo até Paris. Na volta trouxera um carro.

Era o primeiro automóvel do Rio – um Peugeot preto, e um dia, convidou Bilac para dar uma volta. Patrocínio mostrou-lhe como dar partida e Bilac pisou na tábua até o fundo e, poucos metros depois, achatou o carro contra a única árvore à vista. Por milagre, nenhum dos dois se machucou. Bilac adorava contar, na Colombo, que o primeiro acidente automobilístico no Brasil fora provocado por um poeta...

Bilac era a voz de todas as transformações que o Prefeito Pereira Passos queria fazer. Enquanto o dinâmico prefeito, um dos grandes auxiliares de

Rodrigo Alves, era apelidado o “Bota-Abaixo” e atacado por grande parte da imprensa, por sua fúria reformadora, Bilac lhe dera inteiro apoio, ainda que irritando os partidários da tradição e do marasmo. E escrevia na Gazeta de Notícias:

“Quem viu o Rio, há três anos, maltratado e sujo com os seus taciturnos jardins murados e sem flores, com as suas tristes vielas povoadas de cachorros vagabundos – e agora o vê, com as novas avenidas em vias de edificação, com os jardins viçando, abertos e floridos, com as ruas alargadas e enchendo-se de edificações elegantes, com a variedade dos novos tipos de calçamento adotados – reconhece sem dificuldade que, neste curto espaço de tempo, muito mais se fez aqui do que em São Paulo num espaço de tempo três ou quatro vezes maior.

Os olhos humanos não têm memória vivaz. Os nossos olhos já não se lembram do que eram a Prainha, a Rua Treze de Maio, a Rua do Sacramento, a Praia de Botafogo – e principalmente o que era a Praça da Glória, com aquele hediondo Mercado, agonia dos meus dias, pesadelo das minhas noites, tortura e tormento de minha vida!

Daqui a pouco tempo, dentro de dois anos, quando a Avenida Central e a Avenida Beira-Mar estiverem concluídas; quando o Rio de Janeiro se encher de carruagens e de automóveis; quando começarmos a possuir a vida civilizada e elegante que Buenos Aires já há tantos anos possui - também nessa época já não nos lembraremos do que era a nossa vida tediosa e vazia, sem teatros, sem passeios, de distração limitada à maledicência dos homens na Rua do Ouvidor e à pasmaceira das senhoras nas janelas...”

Crônica de 15 de janeiro de 1905, na Gazeta de Notícias.

Essa nova crônica dava a Bilac extrema liberdade e flexibilidade de construção. Muitas vezes permitia-lhe viajar até as fronteiras do conto. É o caso do texto intitulado “A Canabina” publicado

originalmente como crônica, na Gazeta de Notícias e que, ao recolhê-lo em livro, Bilac incluiu-o na parte de ficção das crônicas e novelas.

Os horizontes eram infinitos e o desenvolvimento do gênero, ao longo dos anos, daria origem à moderna crônica brasileira, que muitos admitem não ter semelhante na literatura atual. Por suas obrigações profissionais, Bilac cultivou os dois tipos de crônica. Na primeira página da Gazeta, na Bruxa ou em Kosmos era quase sempre o analista dos fatos da semana, obedecendo ao comportamento tradicional do folhetinista. Mas foi a nova modalidade da crônica que iria constituir a mais valiosa de sua atividade. Assunto é o que não faltava. A época vivida e retratada por Bilac foi rica de sugestões e inquietações. A sua geração assistiu à Abolição da Escravatura, à Proclamação da República, delas participando ativamente, os primeiros governos republicanos e a consolidação do regime, por vezes, com o uso e o abuso da força. Alguns acontecimentos assustaram o país, como Canudos, alertando para aspectos medievais da sociedade brasileira.

Por outro lado, iniciava-se um processo penoso de modernização. Foi a época da construção da Avenida Central, no Rio de Janeiro; da vacina obrigatória; do ufanismo; da Europa curvando-se ante o Brasil, depois dos voos de Santos Dumont; do prolongamento do clima de euforia do Século XIX na alegria inconsequente da chamada Belle Époque, a exemplo do que ocorria na Europa, persistindo até a eclosão da I Guerra Mundial. De cada um desses acontecimentos, Bilac deixou seu depoimento, entusiasmado, indignado, lírico, ou apenas irônico, em forma de crônica.

No plano internacional o mundo ia assistir a uma série de guerras, cada vez mais violentas: a Guerra do Transvaal, no final do Século XIX, a Guerra russo-japonesa (1905), a dos Balcãs, a I Guerra Mundial. O cronista atento registrava aquele ruído incessante dos canhões, revelando as suas preocupações com os destinos da humanidade, o

seu horror pela guerra e pelos regimes totalitários. Sob esse aspecto são muito reveladoras suas crônicas sobre a Revolução Russa de 1917.

Guerras, revoltas, reis que morrem e presidentes que ascendem ao poder, alegrias e calamidades públicas, a riqueza inesgotável do cotidiano, tudo interessava ao cronista, até mesmo as possibilidades do futuro. Aliás, nesse aspecto, Bilac demonstrou uma notável capacidade de previsão. Apenas um exemplo:

“Talvez o futuro – para atender à pressa, à ansiedade, à exigência furiosa de informações completas instantâneas e multiplicadas – seja um jornal falado e ilustrado com projeções animatográficas, dando a um só tempo a impressão auditiva e visual dos acontecimentos, dos desastres, das catástrofes, das feitas, de todas as cenas alegres ou tristes, sérias ou fúteis, desta interminável e complicada comédia, que vivemos a representar no imenso tablado do planeta. ”

O texto, escrito em 1904, não é uma definição perfeita do jornal de televisão?

Mas os olhos e o coração do cronista estavam abertos sobretudo para realidade cotidiana que o cercava. Apaixonado pelo Rio, Bilac tornou-se um dos grandes cronistas da cidade. Na tradição iniciada por José de Alencar, passando por França Júnior e Machado de Assis. Alguns de seus flagrantes da vida – como “Gente Elegante”, “O Namoro no Rio de Janeiro”, “A Dança no Rio de Janeiro”, “A Eloquência de Sobremesa”, “Os Mordedores”, “Os que Veem ...”, “ Jogo dos Bichos”, “A Festa da Penha” – são deliciosas, com um fino senso de humor, ironia suave e irreverência galhofeira. Crônicas caricaturais, escritas com uma filosofia de vida bem carioca, mas sobretudo bem bilaquiana.

Nos últimos anos de vida empenhado pelas campanhas pela educação e pelo serviço militar obrigatório,

Bilac passa a utilizar a crônica como arma de propaganda, através dela, procura difundir pelo Brasil, luta pela implantação de uma nova mentalidade no país, alerta para necessidade de Forças Armadas regulares e treinadas e a importância da alfabetização.

Podemos pois dizer que através da crônica Bilac expressou de forma exemplar o seu pensamento, e os arranhões a sua sensibilidade, as suas perplexidades e revoltas diante dos desatinos e do desconcerto do mundo. Mas também os seus sonhos de um país mais civilizado e de um mundo melhor.

Escreveu sobre cenas inspiradas na Antiguidade grega e romana, tais como “A Sesta de Nero” e “O Incêndio de Roma”, bem como dedicou-se a temas de caráter histórico – nacionalista, como em “O Caçador de Esmeraldas”.

Na linha tipicamente parnasiana, escreveu sobre cenas da mitologia greco-romana, abordada em “Delenda Cartago”, “Lendo a Ilíada”, “o Sonho de Marco Antônio” e “A Sesta de Nero”, em que se destaca o preciosismo da linguagem:

A Sesta de Nero

Fulge de luz banhado, esplêndido e suntuoso
O Palácio Imperial de pórfiro luzente
E mármore da Lacônia, o teto caprichoso
Mostra em prata incrustado, o nácar do Oriente

Nero no toro ebúmero estende-se indolente...
Gemas em profusão do estrágulo custoso
De ouro bordado vêm-se o olhar deslumbra,
Ardente,
Da púrpura da Trácia o brilho esplendoroso

- O patriotismo: Bilac tratou fatos da história brasileira. Alguns versos traduzem o ideário renovador da República, outros exaltam a bandeira ou glorificam os bandeirantes, como em “O Caçador de Esmeraldas”.

O Caçador de Esmeraldas

Fernão Dias Pais Leme agoniza um lamento
Chora longo, a rolar na longa voz do vento
Mugem soturnamente as águas. O céu arde
Trasmonta fulvo o sol. E a natureza assiste,
Na mesma solidão e na mesma hora triste,
À agonia do herói e à agonia da tarde.

- O amor: Bilac retrata o amor sob todos os prismas: material, espiritual, platônico e sensual.

Satânia

Nua, de pé, solto o cabelo às costas,
Sorri. Na alcova perfumada e quente
Pela janela, como um rio enorme
Profusamente a luz do meio dia
Entra e se espalha palpitante e viva (...)

- O lirismo: No seu último livro “Tarde”, Bilac mistura motivos líricos e filosóficos, no qual é constante a preocupação com a morte e o sentido da vida.

Tarde

Talvez haja na morte o eterno olvido
Talvez seja uma ilusão na vida tudo ...
Ou geme um Deus em cada ser ferido...

Não afirmo, não nego. É vão o estudo.
Quero clamar de horror porque duvido
Mas, porque espero – espero e fico mudo.

Olavo Bilac, o ourives das letras, também fez texto publicitário e participou de comerciais como o do Xarope Bromil, cujo slogan era: “Cura qualquer tosse em 24 horas.” Outro de seus textos que fez um grande sucesso, foi o comercial para uma marca de fósforos, para o qual Bilac recebera 100 contos de réis.

Aviso a quem é fumante
Do Príncipe de Gales como o Doutor
Campos Salles
Usam Fósforos Brilhante

Certa vez, um grande amigo do poeta Olavo Bilac queria muito vender uma propriedade, de fato, um sítio que lhe dava muito trabalho e despesa. Reclamava que era um homem sem sorte, pois as suas propriedades davam-lhe muitas dores de cabeça e não valia a pena conservá-las. Pediu então ao amigo poeta para redigir o anúncio de venda do seu sítio, pois acreditava que, se ele descrevesse a sua propriedade com palavras bonitas, seria muito fácil vendê-la.

E assim Olavo Bilac, que conhecia muito bem o sítio do amigo, redigiu o seguinte texto:
"Vende-se encantadora propriedade onde cantam os pássaros, ao amanhecer, no extenso arvoredo. É cortada por cristalinas e refrescantes águas de um ribeiro. A casa, banhada pelo sol nascente, oferece a sombra tranquila das tardes, na varanda."
Meses depois, o poeta encontrou o seu amigo e perguntou-lhe se tinha vendido a propriedade.
"Nem pensei mais nisso", respondeu ele. "Quando li

o anúncio que você escreveu, percebi a maravilha que eu possuía."
Algumas vezes, só conseguimos enxergar o que possuímos quando pegamos emprestados os olhos alheios.”

Obras de Olavo Bilac

- Poesias, 1888
- Via Láctea, 1888
- Sarças de Fogo, 1888
- Crônicas e Novelas, 1894
- O Caçador de Esmeraldas, 1902
- As Viagens, 1902
- Alma Inquieta, 1902
- Poesias Infantis, 1904
- Crítica e Fantasia, 1904
- Tratado de Versificação, 1905
- Conferências Literárias, 1906
- Ironia e Piedade, crônicas, 1916
- Tarde, 1919 (obra póstuma)

Rio de Janeiro, 07/10/2019

Caro Bilac,
Justamente quando sua ausência nos enche de saudade, sua presença ganha nova dimensão, maior luminosidade, fulgor, imperecível. Ensinou-nos a amar à Pátria, fazendo-a empunhar orgulhosa, deslumbrada, a sua bandeira, o símbolo que exprime os mais nobres sentimentos do brasileiro, em sua busca de beleza e fraternidade. O seu ingresso na crônica com sacrifício momentâneo da sua vocação de poeta, logo dividiu essa modalidade jornalística em duas fases distintas – antes e depois de Olavo Bilac. E tudo isso, numa linguagem plástica, dútil, saborosa, carioca, com suas iniciativas sempre brilhantes. A sua campanha flamejante, galvanizando toda a cidade, foi decisiva na construção de uma sociedade mais bela em todos os sentidos. A sua obra reconstituiu e revelou toda uma época e fez

reviver para a posteridade uma fabulosa galeria de tipos de uma estuante densidade e diversidade humana.

Bravo!
Com admiração,
Maria Alice

“Ora (direis) ouvir poeta no além! Certo
Perdeste o senso! “E eu vos direi, no entanto,
Que para ouvi-lo, muita vez desperto
E abro as janelas, pália de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto
A Via Láctea, como em cofre aberto
Cintila. E ao vir do sol, saudosa e em prantos
Inda o procuro pelo céu deserto.

Direis agora, “Tresloucada amiga!
Que conversas com ele? Que sentido
Tem o que diz, quando está contigo?”

E eu vos direi: “Amai para entendê-lo!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender o Príncipe dos Poetas.”

MARIA LUCIENE DA SILVA (FORTALEZA - CE)

Cordelista atriz Conferida correspondente da Academia de Letras de Teofilo Otoni, de Minas Gerais.

Sócia da Entidade CECORDEL.

Sócia da CASA Dos Cantadores do Nordeste em Fortaleza e promete despontar no Cenário das violas.

Sócia da Associação Cultural dos Radiouvintes do Ceará. Ainda sob a euforia dos Cem da Casa Juvenal Galeno, recebeu do Diretor da Casa, Antonio Santiago Galeno Júnior, O PREITO de GRATIDÃO pelos seus relevantes serviços prestados a esta Casa e à Cultura Cearense. E cordel do Centenário da Casa.

Cantando o Galope a Beira Mar

O Meu passado foi embora e move
As mil luas outrora nas estrelas
Se as andorinhas no infinito azul vê-las
Explodir toada compasso remove
Então gaivota flutua no ar demove
A pureza do vento sob o lunar
Solidão no sonho lindo acordar
Com os pés suspenso fugindo a areia
E no estridente canto da sereia
Cantando o galope a beira- mar

Trago na alma a voz da poesia
Também na madrugada tenho orvalho
Apara a conchinha nas mãos agasalho
Batendo na porta o clarão do dia
Trazendo saúde paz e harmonia
Debruço no tempo e vejo passar
O vento no telhado assoviar
E tudo isso presente da natura
Quando o balanço da onda perdura
Cantando o galope na beira-mar

Sol despontou raios mudando de cor
Mas na esquina da rua amizade
Quase onde mora a simplicidade
Repousa o canário encantador
E no meio reluzente esplendor
Resta nestes versos memória deixar
Ou talvez no abrigo de um olhar
A mensagem gratidão delicadeza
Poderei ver na arte da natureza
Cantando o galope a beira – mar

O banho de sol recebi de manhã
Mas a vida e tão grata que partilha
Quando a gente semeia maravilha
Recordar sentada no belo divã

As rimas ricas cor de avelã
Deixando na praia o meu rastejar
O vento tangeu e pude avistar
Emparelhando com o barco veleiro
Voadores pardais entre nevoeiro
Cantando galope a beira - mar

OBS.: MENÇÃO ESPECIAL EM POESIA

BODAS DE PAPEL GABRIEL E JOSILENE

Chegou BODAS DE PAPEL
Josilene e Gabriel
Na parede um painel
Passaram um ano inteiro
Relógio marcou ponteiro
Com perdão e simpatia
Buscando sempre alegria
CANTANDO QUADRÃO MINEIRO.

No quarto uma janela
Os dois debruçados nela
Apreciar lua bela
Passar pelo nevoeiro
Lume no despenhadeiro
Tornou-se a brisa invejosa
E a natureza manhosa
CANTANDO QUADRÃO MINEIRO.

Lágrimas de amor molharam
Estrelas que se encantaram
Os pensamentos voaram
Josy com seu timoneiro
Correm num barco veleiro
Esperando o sol baixar
Os dois juntos sussurrar
CANTANDO QUADRÃO MINEIRO.

Escolheram seus caminhos
E não sendo mais brotinhos
Um ano de casadinhos
Sendo um casal brasileiro
Dela, ele é o motoqueiro
Hoje a festa usufruir
Deus proteja os dois seguir
CANTANDO QUADRÃO MINEIRO.

‘ BRUMADINHO’
Nos dez pés de galope miudinho

Cercado de belezas naturais
Doze horas e vinte e oito minutos
Dois mil e dezenove cobre lutos
Mostrando sofrimento nos jornais
Vale arrastou para fins funerais
Ativou o plano avisou direitinho
Que ia romper barragem Brumadinho
Levando vidas veloz doloridas
Que de viver foram interrompidas
Nos dez pés de martelo miudinho.

Mensagem vai sob céu cor de anil
Se deu em vinte e cinco de janeiro
Que rompeu dita hora o desespero
Barragem com penumbra vai sutil
Devagar ia expulsando de perfil
Chorosa lua sobre Brumadinho
Desceu vale pousada e passarinho
A valanche de lama percorrendo
A bela mãe natureza gemendo
Nos dez pés de martelo miudinho.

Conhecemos o jornal publicou
Ineludível faltou diligência
Ficou a desejar a não competência
O resultado terrível laçou
Estado Minas Gerais soluçou
Foi córrego do feijão Brumadinho
Estremeceu rolava burburinho
A onda de rejeitos despencava
Com a estrutura que sustentava
Nos dez pés de martelo miudinho.

Mais potente terremoto se ver
Ficar entre os dez que aconteceu
Um dos maiores desastre se deu
Estampada ganância pelo ter
Esquecendo a essência do ser
E os raios de sol tão tristinho

Sem o belo trinar do canarinho
Foram-se mortos desaparecidos
Uns trezentos e trinta e dois idos
Nos dez pés de martelo miudinho.

Com fé amor inovação conduz
Boa ação se pesa na balança
O poder egoísta não alcança
Peso fiel daquele que tem luz
Vencedor fez o bem morreu na cruz
Então vida que perdeu o seu ninho
Procurou o corpo enterradinho
O cão triste que farejava fundo
Deixar estudo bastante profundo
Nos dez pés de martelo miudinho.

Pousada recebeu celebridades
E registro Caetano Veloso
Ator Veras, Marcos outro famoso
Que contagiou felicidades
Buscando a paz afabilidades
Se nada restou além do cantinho
A saudade do forte adeusinho
NOVA ESTÂNCIA era a pousada
Terrivelmente se foi dizimada
Nos dez pés de martelo miudinho.

A mais procurada da região
Quem agir sem pensar na consequência
Chegará inesperada falência
Sentimento machuca coração
Doe na alma sai na inspiração
Tudo resumiu-se num segredinho
O fim em questão de segundinho
A vida e antecipada morte
Do minério a resposta foi forte
Nos dez pés de martelo miudinho.

OBS.: MENÇÃO HONROSA EM POESIA

MARIA RITA DE CÁSSIA PRETO MIRANDA (SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO - MG)

Nasci em São Sebastião do Paraíso-MG em 05-02-51. Cresci em meio de livros dos meus irmãos mais velhos e me apaixonei pela leitura desde cedo. Daí aflorou a escrita sob as críticas positivas de alguns professores, que me fizeram acreditar que poderia fazê-lo. Gosto de alinhavar meus textos em cima de reminiscências, experiências e fantasias. Tenho dezenas deles publicados pela Câmara Brasileira de Jovens Escritores, o que muito me envaidece. Também, ocasionalmente, participo de Concursos Literários e, por eles, já recebi algumas premiações. Sou membro efetivo da Academia Paraisense de Cultura e Pedagoga por formação.

MELHOR IDADE?

Gostaria de saber quem inventou a expressão “melhor idade” para as pessoas idosas. Deve ter sido alguém masoquista que gosta dos ais da dita idade. Alguém que curte artrite e artrose, que se dá bem com a hipertensão, que não se incomoda em digerir os light e diet por causa do colesterol e do diabetes, que convive muito bem com as limitações. Isto tudo é comum nesta época da vida.

Não que a terceira idade seja uma maldição. É até muito bom chegar até ela, pois prova que estamos vivos. São os exageros dos ditos benefícios desta época que não me contentam. Sim, os que estão na terceira idade já foram crianças sapecas e adoráveis, adolescentes incompreendidos e revoltados, jovens inseguros por saberem que estão prestes a se tornarem adultos e adultos na eterna procura da sabedoria.

Enfrentamos fases distintas que nos moldam e emolduram por dentro e por fora. Achamos que o envelhecer é utópico, mas um dia, sem que percebamos, ele é atingido e nos envolve de uma maneira tão definitiva que fica impossível dele nos desvencilhar. Aí todo o reflexo do que já vivemos vem à tona. Viveremos uma época em que a aceitação é primordial, senão todo tipo de incômodo toma conta da gente.

Podemos sentir saudades, mas não um saudosismo desregrado. Podemos nos sentir tristes, mas não a ponto de nos tornarmos depressivos. Podemos nos afastar um pouco das atividades, mas sem sermos inúteis. Podemos até ter um pouco de medo do que está por vir, mas sem ficar nos lamentando.

A terceira idade a meu ver está longe de ser a “melhor idade”. Se for bem vivida e aceita, pode até ser uma continuidade do que já vivemos, sem grandes atritos, pois como diz o autor “cada idade tem o seu prazer e sua dor e é preciso deixar que eles escorram sobre a gente”. Mas queiramos ou não a melhor idade é aquela em que o corpo e a mente refletem o frescor das eternas manhãs.

OBS.: MENÇÃO ESPECIAL EM PROSA

INCONDICIONALMENTE

Procuro uma amiga. Uma amiga com quem eu possa compartilhar meus melhores e piores momentos. Que eu possa confiar os mais recônditos sentimentos. Que me entenda mesmo que eu não tenha razão. Que saiba falar a palavra chave na hora certa. Que não me questione quando me vir emudecida. Que partilhe meus momentos de solidão. Que enxugue minhas lágrimas e ria o meu riso. Que dance comigo o bailado da vida. Que entristeça quando o infortúnio me atingir e celebre as minhas vitórias. Que tolere meus defeitos e enalteça minhas qualidades. Que me veja além das aparências e capte a essência do meu ser. Que saiba me ouvir e fale na medida exata. Que me chame a atenção através da verdade. Que não me julgue pelas superficialidades. Que guarde meus segredos como se fossem seus. Uma amiga confidente que não comente ali o que escutou aqui. Que perdoe meu egoísmo. Que na simplicidade do seu ser e afirmação da sua proposta, seja autêntica e não me cause desapontamento. Que no limite de sua liberdade me veja livre de amarras e não se desaponte quando o equilíbrio me faltar. Que tenha uma crença e reverencie a vida. Que seja alegre e divertida, verdadeira e corajosa.

Procuro uma amiga assim para que eu possa, através da amizade, retribuir cada acolhida, cada compreensão e prazer que ela venha me proporcionar.

Quando encontrá-la, que a gratidão, a escolha, o servir, a fé, a confiança e a consciência tomem conta de mim para que eu possa discernir entre o envolvimento e a prisão, deixando-a livre para que outras pessoas também

sejam abençoadas com a plenitude e o fortalecimento de uma alma tão grande.

MARILZA NOGUEIRA DE ABREU FIALHO

(RIO DE JANEIRO - RJ)

PREMIAÇÕES & HOMENAGENS

Medalha Mérito Cívico Militar da ABRAMMIL – Academia Brasileira de Medalhística Militar

Diploma Mulher do Ano da ABT – Academia Brasileira de Trova

Diploma Amiga da ABT – Academia Brasileira de Trova

2º lugar - Medalha de Prata – Categoria: Aldravia (Tema: Dorival Caymmi) no Concurso Literário da FALARJ – Federação das Academias de Letras e Artes do Rio de Janeiro – 2017

3º lugar- Medalha de Bronze – Categoria: Aldravia (Tema: Carlos Drummond de Andrade) no Concurso Literário da FALARJ – Federação das Academias de Letras e Artes do Rio de Janeiro – 2018

6º lugar – Troféu – Categoria Ensaio (Tema: Violência) no Concurso Literário da Academia Luso-Brasileira de Letras - 2018

Menção Honrosa - Categoria: Conto (Tema: Livre) - Modalidade: Especial no Concurso Literário da ABRAMES - Academia Brasileira de Médicos Escritores – 2018

2º lugar- Medalha de Prata – Categoria: Poetrix (Tema: Livre) - Modalidade: Especial no Concurso Literário da ABRAMES - Academia Brasileira de Médicos Escritores – 2019

Menção Honrosa - Categoria: Haikai (Tema: Livre) - Modalidade: Especial no Concurso Literário da ABRAMES - Academia Brasileira de Médicos Escritores – 2019

Acadêmica Honorária da ABRAMES - Academia Brasileira de Médicos Escritores (Posse em novembro de 2019)

3º lugar- Medalha de Bronze – Categoria: Haikai (Tema: João Gilberto) no Concurso Literário da FALARJ – Federação das Academias de Letras e Artes do Rio de Janeiro – 2019

Menção Honrosa - Categoria: Poesia (Tema: João Gilberto) - Modalidade: Especial no Concurso Literário da FALARJ – Federação das Academias de Letras e Artes do Rio de Janeiro – 2019

Menção Honrosa - Categoria: Poetrix (Tema: João Gilberto) - Modalidade: Especial no Concurso Literário da FALARJ – Federação das Academias de Letras e Artes do Rio de Janeiro – 2019

Diploma de Revelação em Categorias Poéticas Variadas no Concurso Literário da FALARJ – Federação das Academias de Letras e Artes do Rio de Janeiro – 2019

A VOZ EM MIM

A voz em mim
Se esconde no silêncio, no gesto
No permanecer quieta, calada
Sem me expor muito, ainda que receba críticas
A voz em mim
É vibrante, poderosa
Enfrenta desafios, não tem medo
Questiona, orienta, pergunta
A voz em mim
Surpreende, incentiva
É amiga fiel
Sem exibição, ajuda quando precisa
A voz em mim
Já passou por muitas batalhas
Algumas vitórias
Mas muito aprendizado, mesmo nas derrotas
A voz em mim
Não quer agir sem pensar
Quer mais observar
Quer caminhar
A voz em mim
Quer viver assim
Sorrindo para não chorar
A saudade de quem partiu.

SAUDADE DE VOCÊ

Saudade de você
Saudade de conversar em silêncio
Saudade de sentir arrepio ao encostar no seu braço
Saudade de encostar minha cabeça no seu ombro
Saudade do seu abraço que recarrega minha energia
Saudade de não sei o quê
Saudade de aprender, reaprender coisas
Saudade do riso fácil, mesmo sem estar totalmente feliz
Saudade de planejar, criar e rir do resultado errado
Saudade de quem gostei
Saudade de ser feliz
Sinto Saudade
Sobram lembranças
Bons momentos vividos
A solidão machuca
Resta acalmar o coração triste
Não quero viver de Saudade
Nem de ilusão
Quero transformar minha Saudade em Poesia.

MARISA PONTES
(JUIZ DE FORA - MG)

- Professora de Redação e Português Instrumental no SENAC, Recife, PE – 1979 a 1981

- Analista Tributário da Receita Federal do Brasil – Juiz de Fora, MG – 1981 a 2012

Atividades Complementares:

- Curso Disseminadores de Educação Fiscal – ESAF/Brasília/DF – 2008

- Encontros Com A Literatura – Faculdade de Letras/UFJF – 2012 a 2014 e 2016

- A Poesia Partilhada : uma introdução às linhas mestras da lírica de língua portuguesa – Pró-reitoria de Cultura/UFJF – 2012

- Lira e Antilira Nordestina: Ruy Espinheira Filho e João Cabral de Melo Neto – Pró-reitoria de Cultura/UFJF – 2013

- Letras da Partilha: novas leituras de poesia – Pró-reitoria de Cultura/UFJF – 2014

- Literatura de Afrodescendentes: a vida e a obra de escritores brasileiros – Pró-reitoria de Cultura/UFJF – 2013

- Grupo de Estudos de Afrodescendência: culturas contemporâneas, imaginário e educação – MAMM/UFJF – 2013 e 2014

- Literatura e Canção – Pensamentos Sobre Sentimentos: figurações em letras poéticas contemporâneas-textos, contextos e intertextos. Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários/UFJF – 2014

- Café Com Poesia (e Arte) – Literatura e Arte – MAMM – 2012 a 2019

Alguns prêmios recebidos: 1º lugar no Concurso de Contos Wilson de Lima Bastos, da Academia Juiz-forana de Letras, de Juiz de Fora, MG, conto "Herança"; 1º lugar no Concurso de Contos Folclóricos da Leia Juiz de Fora, conto "Colheita de Piquiá", 1º lugar no Concurso de Poesias do Rotary Clube de Juiz de Fora, MG, poesia "Exaltação À Independência"; 2º lugar na categoria Poesia no 4º Concurso de Poesias e Contos Jorge T. Rizzini, de Jacareí, SP, poesia "Pedidos e Dádivas"; 3º lugar no 1º Concurso do MF, Brasília, DF, poema "Chegança"; autora de um dos 30 poemas selecionados para compor o livro do 16º Concurso de Poesias da Universidade Federal de São João Del Rei/MG, poema Renascimento; autora de uma das poesias selecionadas para compor o livro do XIII Concurso Literário "Poesias Sem Fronteiras", poesia Centauro; autora de um dos 35 poemas selecionados para compor a Coletânea Fases e Fatos, poema Mulher.

Participação no concurso "Talentos da Maturidade" com o conto Sinhá; publicações nos jornais Diário da Tarde, Tribuna de Minas, O Clarim e Jornal do Poeta; poemas publicados no 1º, 2º e 3º Volumes da Antologia Juiz de Fora ao Luar, Gryphon Edições, Juiz de Fora, MG, respectivamente em 2015, 2017 e 2019.

Organizadora e supervisora do encontro de atualização em Português Instrumental e Vivências, Delegacia da Receita Federal de Julgamento em Juiz de Fora, MG, em 2012.

Membro da Academia Granberyense de Letras, Artes e Ciências, cadeira número 7, patrono Benjamin Collucci.

Membro da Academia Juiz-forana de Letras, cadeira número 4, patrono Albino Esteves.

SERTÃO

Há um quê de beleza
na caatinga outonal.
Ante mágicas coroas de frade
e aveloses entrelaçados,
o sol incendeia o céu
e nuvens rubras se agitam
entre caminhos pedregosos.
Atrás de paredes caiadas e aquecidas,
sussurros, suspiros e a sombra
vinda do tempo...
O desejo de águas frescas lava
os pecados e a castidade.
Sempre irrespondidas, as ladainhas
elevam-se à misericórdia do Senhor.
Penitências...
Joelhos em terra,
olhos ávidos incandescentes
e a quietude do aniquilamento.
Ouço seus corações em lamento
e minha voz, cansada de saberes,
derrama-se nos ecos de suas cantigas,
dissolve-se na cálida umidade das
almas sertanejas...

OBS.: MENÇÃO ESPECIAL EM POESIA

ESTUPRO

O uivo atravessa os prados...
Pássaros alçam voo, atormentados
pelo grito que ressoa vago
e desaparece no éter.
Ela pede, chora, implora.
Depois, enraivecida, grita,
soca, usa os dentes, os pés,
a força de Diana.
Em vão...
Sórdido, ele quer as carnes,
as vísceras, o sangue...
Um rio rubro rega a terra seca.
Ela se liquefaz perdida,
marcada a ferro na explosão
brutal do outro que não tem
nome nem rosto, apenas
mãos que estrangulam
e membro que rasga.
Exposto, o corpo agora inerte
revela o macabro desatino
do açoite cruel.
A noite clara de lua envergonhada
recebe a alma machucada
da menina que fora...

Para M..., 12 anos.
Perdão, por sermos ainda quem somos.

MULHERES

Eu sei, assim como minha mãe,
da existência da noite
em cada uma de nós.
Dos sustos, soluços, bramir de ondas
e respirares intercalados.
Sei do corpo cansado
desperto em cicatrizes,
do sangue impuro, manchas nas mãos
e desgosto pelos dias indormidos.
Sei das esperas infindas de notícias,
de chegares, de rebentos...
Da poeira dos séculos
acumulada no museu da alma.
Ah! Mas sei também,
assim como minha mãe,
da existência da luz
em cada uma de nós.
Dos sorrisos, suspiros, flores do campo
e pão cozendo no forno.
Sei do corpo desperto
em ventre aprumado,
do cio, do céu, do prazer...
Louvação em madrugadas
de semblantes mágicos.
Sei das dunas dos sonhos
em melodias de flautas,
dos desaguares caricosos
das crianças pássaros
que nos elevam e santificam.
Sei, assim como minha mãe,
que somos sol se repartindo em raios,
labaredas no inverno,
orvalho no verão.
Concretas e abstratas,
atravessamos o tempo.
Mulheres, simplesmente.

MARLI TEREZINHA ANDRUCHO BOLDORI

(PORTO UNIÃO - SC)

Marli Terezinha Andrucho Boldori nasceu em União da Vitória, Paraná, graduou-se na FAFI/UNESPAR, União da Vitória, em Letras/Inglês e pós graduou-se em Produção de Textos pela FAFI/UNESPAR.

Acadêmica da ALVI, Academia de Letras do Vale do Iguaçu de União da Vitória.

Acadêmica da AVIPAF, Academia Virtual Internacional de Poesia, Arte e Filosofia.

Colunista do Jornal Caiçara de União da Vitória.

Lançou os livros” Pensando a Vida” e

“A Magia do Amor”.

Com diversas participações em Eventos Culturais.

Tem participação em 13 livros de Antologia, sendo último “Palavra de Mulher”.

Paredes têm ouvidos

Existem muitas expressões ou ditados populares, que às vezes não são entendidos, principalmente pelas crianças.

Os ditados populares fazem parte do povo. Todos têm um significado do qual podemos tirar uma moral que nos serve como conselho, pois nos transmitem sabedoria e ensinamentos.

Podemos dizer que muitos ditados populares nos remetem à poesia, muitos deles foram usados ou criados há muito tempo, enquanto outros por brincadeiras e para fazer graça, e hoje são usados para transmitir algo que queremos dizer em poucas palavras. Os ditados populares são didáticos, e, é extremamente interessante ensinar às crianças o significado deles, ou de alguns mais usados no dia a dia, pois com eles, a criança aprenderá sobre temas diversos e também, o emprego das metáforas e da linguagem figurada.

Existem alguns mais usados como:

Acabou em pizza, empregada quando algo errado é julgado sem que ninguém seja punido.

Voto de Minerva, também conhecida como “voto de desempate” ou “voto de qualidade”.

Ficar a ver navios é uma expressão popular que significa ser enganado.

Dar de mão beijada - A expressão “dar de mão beijada”, usada para se referir ao ato de dar algo de forma espontânea e gratuita.

Engolir sapos- credita-se que a expressão tenha se originado a partir dos relatos bíblicos das pragas que atingiram o Egito no tempo de Moisés.

Tirar o cavalo da chuva – Pode ir tirando seu cavalinho da chuva porque não vou deixar você sair hoje!

Há muitas destas expressões, mas vou me ater em uma especificamente por ter presenciado o fato, além de interessante passou a ser cômico. Criança sempre nos dá muitas razões para rir.

Domingo, à tarde fui visitar um parente que estava acamado, fazia dias que estava em um tratamento intensivo.

Estávamos reunidos com outros membros da família, a conversa sempre muito boa, apesar do doente.

Havia primos, que não via há tempo, que trouxeram seus filhos pequenos.

Minha prima, tem uma filhinha de 5 anos, uma graça, além de inteligente é muito peralta, pois estava sempre aprontando alguma, por isso os pais não podiam se descuidar dela, e estava sempre sob os olhares de algum adulto.

A roda da conversa aumentava, todos queriam saber das novidades e notícias de algum parente ausente.

Após um delicioso café, todos voltamos para continuarmos o gostoso bate-papo.

Um pouco mais tarde, chegou uma tia, que viera para passar uns dias junto à família para ajudar nos cuidados com o doente.

Mesmo antes de vê-lo, foi logo perguntando:

-Como ele está hoje?

E aí, alguém começou a falar, mas como estava com a voz um pouco alta foi alertada.

- Fale baixo, pois aqui as paredes têm ouvidos.

A conversa continuou por um bom tempo.

De repente, minha prima sentiu falta da sua filhinha, onde foi parar a menina? Todos começaram

a procurar por ela, a casa era grande, muitos cômodos.

Todos chamando por ela, e nada de respostas.

Repentinamente, alguém gritou:

- Ela está aqui, no quarto dos fundos. Corremos todos.

Minha prima enlouquecida falou:

Minha filha, o que está fazendo aqui, longe de nós, já avisei a você que não a quero longe de minhas vistas.

A pequena bem depressa e muito contrariada falou:

- Estou procurando os ouvidos nas paredes, já procurei em quase todas elas, e até agora não vi nenhum ouvido.

Não entendemos nada. Então minha prima ajoelhou-se na frente da filha e falou:

- Explique para a mamãe, por que você está procurando ouvido nas paredes?

Então, ele meio chorosa disse:

- A vovó falou para a titia que falasse baixo porque aqui, as paredes têm ouvidos, eu só queria vê-los.

Sem muito pensar todos puseram-se a rir.

A expressão: “As paredes têm ouvidos”, foi levada literalmente, ao pé da letra pela pequena, que não sabia nada sobre ditados populares.

OBS.: MENÇÃO ESPECIAL EM PROSA

Amor e Guerra

As duas garotinhas com passos apressados, seguiam pela estrada barrenta, cada uma com um pequeno embrulho em papel pardo, parecia que protegiam um tesouro, eram muito pequenas para estarem com tão grande responsabilidade, eram irmãs com pouca diferença de idade, 6 e 7 anos.

Vestiam roupas rotas, calçados surrados, meias remendadas e um gorro, o pescoço enrolado em um pedaço de manta surrada, o gelo estalava sob seus pezinhos gelados, a neve cobria seus ombros, e suas roupas pouco ajudavam para proteger do frio, eram tempos difíceis.

O pai foi levado para o campo de batalha, a mãe fazia o possível para manter os filhos fora de perigo, pois tudo era controlado.

O ruído das bombas, mesmo distantes passavam o terror que todos viviam em tempo de guerra. As pequenas, acostumadas a enfrentar o perigo em busca de comida, andavam apressadas, levantavam muito cedo, ainda com a escuridão da noite e saiam como se fossem garimpar tesouros escondidos, e assim que conseguiam algo, elas voltavam esfuziantes, cheias de esperança de mais um dia de vitória. Entraram correndo, a mãe precisou fazê-las fecharem a boca.

-Mãe, conseguimos comida.

-O que temos hoje, vamos ver?

Ana, a mais nova abriu o seu embrulho e com um largo sorriso, mostrou seu tesouro.

-Veja, mãe, consegui duas batatas e a Marta um bom pedaço de toucinho, teremos uma ótima refeição, não é mamãe?

A mãe esconde as lágrimas, pois há dias tentam sobreviver com o mínimo.

-Como vocês conseguiram tão boa comida, minhas filhas?

-Ah, mãe, o padre estava distribuindo para algumas pessoas e quando nos viu, entregou estes pacotes e nos pediu para guardá-los bem, até que chegássemos em casa, e aqui estamos. A primeira refeição do dia foi excelente, mesmo sendo pouca foi a melhor.

Cada uma tinha suas tarefas e mesmo sem tempo de escola, tinham deveres já estipulados pela mãe.

O bombardeio continuava com seu barulho infernal, a luz era de um toco de vela, a lenha acabara e o fogão estava gelado, assim como toda a humilde casa. Não havia muito o que fazer para se aquecerem.

-Mãe, quando a guerra vai acabar? Não sei, Ana.

-Por que a guerra existe?

A mãe ficou pensativa, pois nem ela sabia o porquê das guerras, sempre soube que existiam, mas não sabia o real motivo de povos fazerem guerra para matar tanta gente, e gente igual a todos, a pequena insistiu na pergunta, e a mãe teve a resposta.

-Filha, a falta de amor, a falta de respeito com o próximo e a falta de igualdade é que levam os povos a fazer a guerra, a matar as pessoas, porém, com certeza, um dia, espero que esteja próximo, todos nós viveremos em paz, o amor

reinará em todos os lugares e não haverá lugar para o ódio e nem para a guerra.

Agora vamos dormir, pois não temos como vencer o frio, e amanhã teremos um dia lindo.

OBS.: MENÇÃO ESPECIAL EM PROSA

O que escondemos atrás de uma gargalhada

Quantas viagens já fizemos, quantas ainda faremos, e a nossa viagem ao nosso interior? Penso ser esta a viagem mais difícil, pois encontramos situações, que não podemos ou não queremos encarar, no entanto é a mais rica viagem que podemos fazer, pois nos ajuda a nos conhecer, o que só nós podemos concluir.

Muitos desaprenderam como fazer esta viagem ou nunca aprenderam. Fernando Pessoa, com sua inteligência e sensibilidade, afirmava: "a melhor maneira de viajar é sentir".

Na maioria das vezes o sentir nos machuca e nos faz sofrer, e por isso, fugimos de nós mesmos sem as repostas, das quais precisamos.

A cultura da fuga, é a mais comum, quando nós dizemos, ah, vou arrumar as malas e vou para bem longe, quero fugir dos problemas diários, quero descansar sem pensar em nada, quero ser outra pessoa longe daqui.

Será isso possível?

Nós já nos desconectamos várias vezes através da TV, das redes sociais, da nossa cama, onde queremos ficar bem quietinhos, e isso muitas vezes é bom e necessário, mas se ficarmos remoendo os problemas, com certeza, a qualidade de vida se deteriora, por isso, há a necessidade de organizarmos e fazermos uma viagem para dentro de nós.

Em uma conversa com amigos o assunto veio à tona, viagem ao nosso interior. A maioria disse sentir medo desta viagem, pois não sabe o que vai encontrar. Será que realmente, corremos o risco de nos machucar, neste percurso? Nós somos um pequeno universo, lotado das mais diversas emoções.

O psiquiatra Eric Bene costumava perguntar aos seus pacientes: “Onde está sua mente enquanto seu corpo está aqui?”

Resposta difícil. Relembrando a conversa com amigos, temos um, em comum, o qual estava a cada dia mais isolado, pensamentos distantes, seu sorriso sumiu, as gargalhadas, sua marca registrada já não ouvíamos. Reunimos a turma, que já era pequena, para um café, e o assunto era para falarmos sobre o nosso amigo, que não estava bem, queria apenas ficar em seu quarto.

Lembramos que há tempos falávamos sobre nossa paz de espírito, sobre como fazer uma viagem ao nosso interior, mas ele estava sempre animado, dizia que não precisava saber nada, estava sempre irradiando luz para todos, bom astral sempre, jamais pensaríamos que ele teria algo que viesse nos preocupar.

Certa ocasião ele desabafou dizendo:

- Pessoal, eu tenho feito relaxamento, meditação, mas não estou conseguindo dormir, até nos contou como procedia.

Para nós leigos, tudo estava perfeito, nada mais que um pequeno estresse, mas não imaginávamos que ele estava nos pedindo ajuda, como continuava a alegrar a todos com suas brincadeiras, piadas e gargalhadas, nem suspeitávamos que escondia algo tão grave.

Disse-nos certa vez que sentiu medo e parou de fazer meditação, não queria saber ou entender certas coisas que começaram a mexer com sua alma. Nós também ficamos sem saber o que fazer, pois aquele assunto mexia com nossos sentimentos.

Todos resolvemos ajudá-lo com conselhos de amigos. Quem sabe erramos, mas fizemos o nosso melhor, porém ele foi afundando, procuramos a família e nos juntamos para fazermos companhia a ele.

A situação ficou muito triste, o tratamento teve início, passaram-se muitos meses, e ele não se ajudava e nem podia, nem queria.

Como olhar para aquele amigo querido, que estava sumindo lentamente, sem “perceber”. O que fazer, será que estava consciente de toda a situação?

A família resolveu levá-lo para uma viagem, um lugar onde o sol nasce antes de todos os lugares do Brasil.

A esperança era que, em um lugar repleto da mais bela natureza ele ficaria bem.

Ledo engano, nosso querido amigo, hoje está internado em uma clínica. Continua em silêncio e prefere a solidão. Suas gargalhadas ainda estão esperando para sair de sua garganta. Muito triste!

MITIKO YANAGA UNE
(RIO DE JANEIRO - RJ)

Mitiko Yanaga Une é paulista de Bastos, nascida no final dos anos trinta. Viveu a infância em Minas Gerais e adolescente, a família mudou para São Paulo. É primogênita de seis irmãos. Casada com Yosimori Une e mãe de três filhos e obaachan (avó em japonês) de Lucas e Anna.

Formada em geografia pela USP e desde 1960 mora no Rio de Janeiro quando ingressou no IBGE por concurso público. Ganhou uma bolsa de estudos do governo japonês onde concluiu o mestrado na Tokyo University of Education, atual Universidade de Tsukuba. Como geógrafa tem trabalhos técnicos publicados no IBGE e em periódicos estrangeiros. Participou da enciclopédia japonesa Sekai Chimei Daijiten publicada em Tóquio em 2014 com verbetes sobre o lugares brasileiros escritos em japonês.

Aposentada foi consultora, professora de japonês e escreveu três livros: Seiji Shimoide em busca do eldorado brasileiro (contando a saga do avô materno), Yumê (com os sonhos da geração de netos e bisnetos de Seiji Shimoide) e Anos cinquenta (vivências da colônia japonesa adaptando à sociedade brasileira). Dedica atualmente a escrever contos e poesias publicados em antologias. É membro efetivo do Clube do Círculo Literário do Clube Naval, membro efetivo da UBE-União de Escritores do Brasil, associada da AJEB-Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil, membro correspondente da Academia Inclusiva de Autores Brasilienses, membro correspondente da ALALS –Académie de Lettres e Arts Luso-Suisse, membro fundador da Academia Mineira de Belas

Artes, membro Benemérito da Academia de Letras do Brasil e artilheira do Forte de Copacabana. Membro do Nucleo Académico de Letras e Artes de Lisboa, membro internacional da Delegação brasileira de Letras e Artes de Buenos Aires, embaixadora da Divine Academie Française des Lettres et Culture.

Participa de colônia japonesa como sócia honoraria do ICBJ, como sócia colaboradora do Beneficência Nipo-Brasileira de São Paulo, sócia da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistencia Social – Bunkyo e da Associação Nikkei de Teresópolis.

A Partida

Uma tarde de outono
Um navio no porto
Uma mãe e dois filhos
A mãe olha o navio e chora.
Meus filhos,
Chegou a hora
Da despedida
Agora eu tenho de ir.
Eu também quero ir
Pediu o pequeno Tarô
Mamãe abraçou-o
E chorou
Seja homem e não chore
Você prometeu.
Um homem de apenas oito anos.
Ele vê a mãe subir as escadas
Assiste mudo o navio afastar
Não resistiu
E gritou
Mamãe! Mamãe!
A tristeza aumentou
E chorou.
Saudades antecipadas
Da voz mansa,
Do carinho

Da presença
Enfim
Da mamãe
Que se fora
Ao encontro do papai
Lá no distante Brasil
Do outro lado da terra...

A TRISTEZA

A mulher no tombadilho
Os olhos fixos no cais
Grava na memória
Os seus filhos que ficam.
A sirene toca
Anunciando a partida.
Com o coração partido
A mulher vê
A terra distanciando
Vê os filhos ficando
Lentamente o Japão vai sumindo.
Com os olhos marejados
O estomago enrolado
Ela se despede da mulher-mãe
De uma parte do seu coração
Agora é a esposa indo
Ao encontro do marido
Lá no distante Brasil.
A tristeza se instala
A solidão aumenta
As lágrimas brotam
Borbulham

E a incerteza do futuro
Toma conta do seu ser

A decisão tomada
Estará correta?
Só o futuro dirá.
Abrindo os olhos
Ela vê o céu azul
E as águas do mar.
Serão elas azuis ou verdes?
Com certeza verdes.
Verdes como a esperança
De um dia
Voltar a rever as crianças.

MITÔ

Eram os anos vinte do século passado. A primeira grande guerra havia acabado na Europa. Mas aí a natureza estava rebelde. Rebelde com furacões e terremoto no oriente, mais precisamente no Japão. E a imigração nipônica estava no auge rumo ao eldorado brasileiro. É verdade que os habitantes da ilha de Okinawa, ao sul do território estavam emigrando em massa.

Para os ilhéus japoneses, confinados em pequenos espaços geográficos cercados por mares, verem o mundo além mar exercia uma grande fascinação. Mesmo que esse espaço fosse uma outra ilha. E o estrangeiro nem sempre provinha de outro país. Esse isolamento insular e outros até dentro da mesma ilha, provocados por acidentes geográficos como, por exemplo, rios e montanhas, numa mesma extensão territorial, propiciavam a formação de diferentes falares e mesmo de vocábulos que deram origem a dialetos com vocábulos ou variações de entonação das mesmas palavras. A diversidade de falares levou, posteriormente a identificar os “estrangeiros”, ou seja, de pessoas de outros lugares.

A emigração passou a ser a grande porta de entrada para conhecer países, pessoas e línguas diferentes. Comentava-se que os ocidentais tinham cabelos amarelos, marrom e também preto. Os olhos eram fundos e de cores variadas como azul, marrom e verde além do preto. A curiosidade com relação ao tipo físico aliada às questões econômicas que o Japão estava enfrentando com a superpopulação incentivou a emigração nos anos dez e vinte do século passado.

Assim, no ano de 1926, o pescador Ryosi que havia perdido o barco devido a um furacão, e

estava amargando um período financeiro difícil, decidiu vir para o Brasil atraído pela propaganda de ganhar dinheiro rápido e fácil. Seus familiares foram contra. Ir para o outro lado do mundo! Era uma aventura. Por outro lado, poderia não voltar ao Japão. E assim perder os laços familiares e as responsabilidades em perpetuar as tradições e os costumes além de não honrar as pendências financeiras. Era uma aventura arriscada. Possivelmente com poucas perspectivas de retorno ao solo pátrio. Mas a propaganda veiculada dizia que rapidamente os estrangeiros estariam com os bolsos recheados de dinheiro.

No Brasil, era fácil e rápido ganhar dinheiro. Apesar de o Brasil estar do outro do mundo e ainda no hemisfério sul. Seriam os decasséguis do início do século vinte.

Diante disso, ele comunicou a sua decisão de partir aos familiares. Sua mãe foi contra. Na avaliação dela o fato de o Brasil ficar do outro lado do globo terrestre dificultaria voltar ao Japão. Era uma ida sem volta.

Ryosi pensou, avaliou, reavaliou os riscos e diante da falta de perspectiva de rápida melhoria econômica em solo pátrio, confabulando com a esposa, tomou a decisão de ir sozinho, faturar a grana preta e retornar tempos depois. Comunicou a sua decisão para a senhora sua mãe. Diante disso, veio o acordão da matriarca. Mitô, a esposa, estava grávida de quatro meses e a primogênita de cinco aninhos e o primogênito de três. Todos foram ao porto despedirem do marido e do pai além de parentes e amigos. Todos tinham de entender que o chefe da família estava partindo para uma grande missão, ou seja, retornar com uma dinheirama.

Seguiram-se tempos difíceis para Mitô. Logo em seguida enfrentou o parto sozinha tendo de cuidar da educação dos meninos e cuidar da sogra.

Nos eventos familiares, quando todos estavam reunidos, os filhos ainda perguntavam pelo pai pois sentiam a falta da proteção e do carinho de um adulto.

A sogra, ao dar o teto à nora e aos netos exigia respeito e atenção em dobro. Enquanto isso, os meninos sonhavam com a volta do pai ou, na melhor das hipóteses, estar com ele lá do outro lado da Terra. Brincando na praia, eles faziam buracos fundos na areia visando a chegar ao Brasil já que o Japão ficava do outro lado da terra segundo os dizeres dos adultos. E o tempo ia simplesmente passando e angustias imensas surgiam no coração da Mitô, viúva de marido vivo. De tempos em tempos chegava uma carta do Brasil. Era o marido contando das condições climáticas opostas às do Japão e da luta no trabalho, como imigrante adaptando ao Brasil, trabalhando na lavoura como parceiro em terras de outro conterrâneo.

A propaganda era realmente enganosa, mas ele esperava conseguir algum dinheiro para o retorno. Depois de quase cinco anos, veio a confirmação: não havia nem chances de retorno e ele pede que Mitô vá ao encontro dele lá no distante Brasil.

Mitô está animada com a carta. Vai se encontrar com o marido e ter a sua vida organizada. Nesse contentamento, ela vai toda radiante dar a notícia para a sogra. Esta leva um susto. Se forem todos para o Brasil não haveria retorno ao Japão. Então, do alto da sua autoridade como matriarca da família, ela fala:

- Vá só você. As crianças ficam. Assim, um dia vocês voltarão.

Mitô leva um susto. Por essa ela não esperava. E retruca:

- Sozinha eu não vou. Vamos os quatro.

A matriarca usando de toda a sua autoridade diz:

- Se você se nega a ir sozinha é porque não quer ir ao encontro do seu marido. Então, eu concluo que você tem outro homem. Você não é honesta. É uma vergonha para a minha família. Saia da minha casa, sua despudorada!

Mitô fica vermelha de raiva. Como a sogra pode duvidar da sua honra? Ela passa os dias trancada dentro de casa cuidando dos afazeres domésticos e dos filhos. E também praticamente lambendo o chão que a matriarca pisa. Ela fica trancada durante o dia porque todas as manhãs Mitô tem de ir até a mina d`água buscar água já que a sogra se nega a beber agua adormecida em casa alegando que tem sabor e odor diferentes. Faça sol ou faça chuva Mitô tem de caminhar uns vinte minutos para pegar a bendita água. Ela está sempre submissa às vontades da sogra! Mal tem tempo para si própria. E às escondidas, longe dos olhares dos pimpolhos, derrama suas lagrimas em função dos dias sombrios que está vivendo. Ela está entre a cruz e a caldeirinha. É um dilema a ser resolvido e rápido: deixar os filhinhos tão amados ou aceitar ser considerada uma sem vergonha da família do marido que tem orgulho de suas raízes nobres. Chora e pensa. Pensa e avalia. Avalia o futuro dos filhos caso a sogra diga que a mãe não é uma pessoa honesta. São dias e dias de angústia e indecisão e muitas e muitas lágrimas. Abraça os pequenos, dorme aconchegada a eles e pensa e pensa qual a melhor decisão a ser tomada. Está dividida.

Diante dos olhares maldosos e das insinuações da matriarca, Mitô decide ir ao encontro do marido e comunica a decisão à sogra. Esta decide que um dos seus filhos, ou seja, o cunhado, deverá acompanhá-la garantindo a “entrega” ao irmão. A mamãe Mitô conversa e explica todos os dias aos seus pequenos que irá ao encontro do papai mas que um dia eles retornariam e todos formariam uma família como são todas as outras. Os meninos ficam com os olhos arregalados

ouvindo as explicações e querendo ir também. Afinal, viajar para eles seria uma festa. E ficar perto dos pais era um sonho dos mais velhos porque há muito já não sabiam o que é ter pai. A caçulinha já nasceu sem pai. Ela imaginava o que é ter pai.

Afinal chega o grande dia. O dia da despedida. Era um dia de aula. A primogênita, então com dez aninhos de idade, entendeu que a mamãe tão querida ia embora abandonando os filhos simplesmente para estar com o papai. Com o marido. Que mãe desnaturada! A primogênita chora a noite toda. Era a última noite com a mamãe. Na sua raiva insana, decide ir para a escola e não se despedir da mãe no porto. A mamãe estava abandonando os filhos. Por outro lado, Mitô interpretou a ausência da filha no caís como sendo uma falta de amor pela mãe. E chora a ausência da filha que preferira ir à escola e não passar os últimos momentos da mãe em terras japonesas. Mitô estava deveras triste e se sentindo abandonada pela primogênita, a Hiroko. Diante de lágrimas infindáveis, o cunhado procurou consolá-la dizendo que segundo a legislação japonesa o aluno não faltasse nenhum dia nos seis anos escolares ganharia um prêmio. E, com toda certeza, Hiroko estava querendo presentear a mamãe com esse prêmio. E por isso, não foi ao porto para se despedir. Entretanto, para Mitô ficou a sensação de que a filha preferira ir à escola do que passar mais algumas horinhas ao lado da mamãe que possivelmente nunca mais veria.

A azáfama da partida no porto com pessoas se entreolhando entre risos e lágrimas, abraços e apertões com a certeza de que o próximo encontro seria possível somente no mundo do além havia uma tristeza entre os que ficavam e uma onda de otimismo entre muitos que partiam. Porém, para a mamãe Mitô era algo terrível. Uma dor imensa de saudades antecipadas por deixar três filhinhos no

Japão. Três filhinhos, ou seja, a caçulinha Tomiko de cinco aninhos, o varão Yoshimasa de oito e a primogênita Hiroko de dez aninhos, naquele momento na escola. Permanece quanto pôde no píer ao lado dos filhos e quando a sirene anuncia a partida, Mitô sobe lentamente as escadas com os olhos lacrimejantes e atentos na terra despedindo mentalmente dos filhinhos amados com a certeza de que jamais os veria no mundo dos vivos. Assim, a alegria que domina os corações dos que partem atrás de seus sonhos de riqueza e fartura contrastava com a imensa solidão da Mitô que tinha ao lado o cunhado que procurava reconfortá-la com a certeza de que estariam indo ao encontro do irmão e marido. Naquele momento era o coração da mulher dividido entre ser esposa e ser mãe. Um dilema sem tamanho mas obrigada a aceitar pela imposição da sogra.

OBS.: MEDALHA DE SÉTIMO LUGAR EM PROSA

NERI BOCCHESE
(PATO BRANCO - PR)

Professora, escritora, pesquisadora. Nascida em Arvorezinha-RS no Vale do Taquari.
Mãe do Roque Eduardo, Fernando Evandro e Daniel Celestino. Noras Genoefa, Vania e Elizandra. Os amores: Giovanna, Gabriel, Victoria e Gustavo.
Livros em Português, italiano, Espanhol, Frances, Braille. Premiações nacionais e internacionais.

A Mãe Terra

A Terra, Mãe querida,

Senhora da Vida,

Guarda a esperança,

Também a história

Desde que era uma criança,

Lá. . . dos tempos idos,

Sinal de toda a vivencia.

Precisa de carinho

De um pouco de cuidado,

Da vida, foi o ninho.

Dos terráqueos, um muito obrigado.

Sem ti, nada haveria

Que tenham eles, juízo,

Saibam amar, cuidarem

Para sobreviverem

Sem nenhum prejuízo

E, no paraíso, permanecerem.

Nesse Planeta Azul

De belezas infinitas,

Protegido, pela abóboda cor de Anil.

O Planeta da Luz

Onde a vida, se fez toda florida

PAULO VALENÇA
(RECIFE - PE)

Escreve contos, novelas, romances. Detentor de prêmios em nível estadual e internacional. Membro de várias Academias Literárias. Sua obra é confeccionada artesanalmente e distribuída entre colegas e Instituições de Letras.

Presente em diversos blogs e sites.

AQUELE ADOLESCENTE

1

A rua inclinada.

A manhã de sol quente. As residências às laterais. O céu azul, de nuvens brancas.

A jovem desce a rua.

Morena, esguia, a cabeleira negra, lisa, longa. O gesto feminino de com a mão aberta pentear os cabelos para trás.

No muro da casa de terraço e janela à esquerda, o adolescente segue a figura que vence a rua, indo ao trabalho, pois é funcionária da Fábrica de Embalagem de Papel, a FABRIL, nas proximidades.

O coração aos pulos. A sensação boa dominando-o por ver a Glauce passando.

O que será dela no futuro? Ora, ora... Para que desvendar (como se isso lhe fosse possível) a realidade que, haja o que houver, acontecerá?

- Vai para o colégio Júnior?

A voz da mãe, despertando-o a vida prática.

- Vou, mãe.

Já diminuta pela distância Glauce ao dobrar a esquina do primeiro andar de seu Otavinho, desaparece.

Júnior retrocede ao interior da residência.

Amanhã verá Glauce indo ao trabalho, contida no seu silêncio e fascinação da beleza morena, tipo brasileira.

No céu uma nuvem se move devagarinho, testemunha do que sucede embaixo...

2

No terraço.

À cadeira de rodas, o velho olha a rua defronte, com um ou outro veículo e pedestre passando, contudo, logo o número desses crescerá, no cotidiano do bairro movimentado de todas as manhãs, e o som dos motores e buzinas então dominarão o quase silêncio presente.

O velho deseja ver a jovem morena, esguia, de cabelos negros, lisos, longos... Como se não estivesse idoso, fosse aquele adolescente de ontem, calado, introvertido e sonhador em ter a Glauce como namorada.

Em sua enfermidade delira. Foge ao passado. Converter-se numa indagação que lhe representa o que virá.

No carro preto, segue a senhora ao lado do motorista, que é seu filho, o Carlos, e que passa devagar na rua,

Então, ela sorrindo:

- Subi e desci muitas vezes essa rua...

- A senhora morou aqui perto?

- Morei, numa casinha ali no alto. Descia para o trabalho na Fábrica de Papel, a FABRIL, que, aliás, não mais existe e tornava a noite, após os expedientes como auxiliadora de Produção. Tudo como se fosse um filme assistido, ou melhor, vivido!

Na mente, assim de repente, vendo a casa que a reconhece ser a mesma daquele tempo, lembra-se. Do adolescente ao muro, vendo-a cruzar a rua...

Por quais caminhos ele passou, que metamorfose afetou-o no decorrer dos anos? Ainda estará vivo? Será que...

O velho à cadeira.

O rosto de traços ainda conservados, o olhar...

- Tudo bem, mãe?

- Tá, Carlos. Tudo certo.

O carro sobe a rua. Devagar. Enquanto a mulher foge o rosto de lado, reconhecendo-o.

Vendo-se. Vendo-o.

A DOR CALADA

O vigia e atendente João Amaro, da Fábrica de Papel, a PONSA, atrás do birô, pega a caneta e escreve no bloquinho de anotações, sobre este: Vai fechar, vai fechar, vai fechar.

Pára de escrever e estende a atenção a abertura, adiante, entre as paredes da seção.

A seção de química à esquerda, conjugada a seção-pessoal. O galpão à direita, com o bueiro atrás, fino, longo, sem expelir a fumaça cinzenta de quando o papel está nas “cozinhadeiras”, que são gigantescas bolas de ferro sobre o piso manchado pelo tempo, do grande salão.

Sobre tudo, o céu que se escure, ante o despertar da noite.

O trator amarelo a frente das seções, próximo a balança que pesa os caminhões que chegam com o material dc confecção do papel e aqueles outros que saem carregados por caixas, para a entrega aos clientes e... O silencio que envolve tudo, como numa denuncia do fechamento da empresa.

- Vocês receberão ao que têm direito. Ninguém será prejudicado quanto à perda de seus direitos.

A voz baixa do Dr. Bueno, diretor de produção, sobre o palanque armado no pátio à frente das seções.

O mutismo dos operários. A dor calada, como resposta ao que sentem, amargam com a realidade exposta do amanhã de horas insertas de seus futuros.

- Já podem passar no setor pessoal para receberem suas contas.

A pausa e, a indagação:

- Alguém tem alguma dúvida sobre o que falei?

O silêncio persistente e, devagar o homem branco, alto, magro, de cabeça grisalha, desce do palanque.

Cabisbaixo. Os gestos lentos. A tristeza vencendo-o e, os comentários sussurrados entre os operários, enquanto ele encaminha-se ao carro próximo e, que abrindo a porta, adentra, para em seguida cruzar o portão aberto, a esquerda da portaria, ganhar a Avenida Hildebrando de Vasconcelos e se distanciar integrado aos demais veículos que compõem a marcha dos colegiais que saem das escolas e dos trabalhadores que regressam aos lares, após expedientes no comércio e indústria circunvizinhas.

O som das buzinas. O nervosismo natural do trânsito... O despertar da noite.

O vigia respira alto, tomando coragem e outra vez no birô, volta a anotar: vai fechar, vai fechar, vai fechar.

Mas... Deixa acontecer!

O sorriso irônico e, erguendo-se novamente, ruma a porta de acesso a Portaria, onde se imobiliza, como uma estátua da própria aflição.

Sim, do que está determinado, ninguém se liberta.

- Ninguém se liberta...

Repete-se, como se estivesse escrevendo naquele bloquinho, de anotações e do desabafo íntimo, bem íntimo...

RETORNO A AUSÊNCIA

1

A residência de muro baixo a frente, o portão ao centro deste, o terracinho gradeado, a janela à esquerda.

A casa azul, o gradil do terracinho e portão na cor branca e... A velha na cadeira de balanço, o rosto voltado ao morro à esquerda, adiante, com a rodovia no alto, de carros, motos passando e o céu azul, com nuvens brancas ao fundo...

O homem que sobe a rua estreita, indo a casa, na visita a idosa.

A mãe que o espera, sempre as terças-feiras.

Ele suspira, ante o esforço que faz na subida. E saber que quando menino subia e descia correndo a rua... Mas, agora a situação é outra. O corpo não é o mesmo, sofre com a natural metamorfose do tempo, limitando-lhe os passos, os gestos e, aumentando as reflexões.

- É a vida seu Carlos.

O sorriso irônico e, finalmente, chega ao portão.

Envergando-se o abre.

A velha reconhecendo-o sorri:

- Já estava preocupada.

- É o trânsito mãe.

- Entendo.

Ele se achega e beija-lhe a cabeça alva.

- Como está sua mulher, a Glória, melhorou da enxaqueca?

- Melhorou, tá quase boa.

- Almoçou filho?

- Já almocei mãe.

Então se senta na cadeira a frente da mãe.

- A senhora está ainda com a dor nas pernas?

- É a idade... Isso passa.

Do alto da rodovia vêm os sons e buzinas dos veículos.

De uma residência próxima, os gritos de uma mulher chamando o menino:

- Daniel, pra dentro, menino danado!

Sorriem e voltam à atenção ao morro de ontem, hoje e... Sempre, enquanto as cadeiras se movem ao impulso dos corpos, para frente e para trás, para frente e...

2

Ali está a residência azul, de muro baixo a frente, portão branco ao centro, o terracinho também na mesma cor vazio, a janela verde a esquerda fechada, como numa interrogação.

O homem não sobe a rua estreita.

- Parece tudo uma mentira...

O passado. As visitas às terças-feiras que fazia a senhora na cadeira de balanço, no respeito em ser filho.

A voz da mãe acolhendo-o:

- Já estava preocupada.

O sorriso no rosto de traços corretos. Ele então se envergando beijava a cabeça branquinha...

As lágrimas. E votando-se, caminha na rua transversal.

Ah, mãe, que saudade, quantas recordações!

Afasta-se e, a promessa que se faz de não mais retornar ao passado, à ausência que o faz sentir-se humano, dolorosamente humano.

PIETRO LEMOS COSTA
(BRASÍLIA - DF)

IMORTAL MEMBRO DA ACADEMIA CRUZEIRENSE DE LETRAS, ocupando a cadeira nº 11, cujo Patrono é Mário de Andrade, em cerimônia de posse realizada no Sarau Cruzeiro em Letras, dia 24.06.2017, organizado pela aludida Academia, durante a 33ª Feira do Livro de Brasília.

VICE-PRESIDENTE DA ACADEMIA CRUZEIRENSE DE LETRAS, em cerimônia de posse realizada no Sarau Cruzeiro em Letras, dia 31.08.2017, organizado pela aludida Academia, no Auditório da Biblioteca Pública do Cruzeiro, até 01.08.2018.

PRESIDENTE DA ACADEMIA CRUZEIRENSE DE LETRAS, eleito por aclamação na Assembleia Geral Ordinária, convocada nos termos do estatuto por seu presidente por meio do blog oficial, por e-mail e pelo grupo do Whatsapp, no Salão de Múltiplas Funções da Biblioteca Pública do Cruzeiro, em primeira chamada às 19h30, ainda sem quórum mínimo, e em segunda chamada às 19h45, com os membros presentes. A cerimônia de posse no aludido cargo foi realizada no Sarau Cruzeiro em Letras, dia 30.08.2018, organizado pela Academia Cruzeirense de Letras, no Auditório da Biblioteca Pública do Cruzeiro. Mandato: 02 de agosto de 2018 a 06 de agosto de 2020.

INTEGRANTE DO PROGRAMA "CRUZEIRO EM LETRAS", de iniciativa da Academia Cruzeirense de

Letras, desde 09 de fevereiro de 2019, com transmissão pela rádio web DF FM, aos sábados, das 10h00 às 12h00, sendo formalizada a parceria entre a associação cultural sem fins lucrativos e a referida rádio *web* por contrato de locação de grade horária da programação semanal e de serviço de transmissão de som e imagem. Os quadros do programa na rádio não serão fixos, para permitir a participação democrática dos integrantes da ACL. O 1º bloco da estreia ficou assim distribuído: **Diálogos literários** (membros da ACL, sendo que estiveram presentes João Batista de Medeiros, Rafael Vespasiano, Ana Cunha Magalhães, Pietro Costa e Mauro Rocha, das 10h00 - 10h15); **Os caminhos da palavra** (Pietro Costa, ocupante da cadeira de nº 11, patrono Mário de Andrade, das 10h15 às 10h30); **Metáforas**, um assunto inesgotável (Ana Magalhães, ocupante da cadeira de nº 2, patrono Machado de Assis, das 10h30 às 10h45); **Agenda cultural** (Mauro Rocha, ocupante da cadeira de nº 5, patrono Carlos Drummond de Andrade, das 10h45 às 11h00). No 2º bloco, foi apresentado o quadro **ACL convida** (Mauro Rocha entrevista o Imortal poeta, escritor e professor Carlos Eugênio Rêgo, ocupante da cadeira de nº 21, patrono João Cabral de Melo Neto, das 11h00 às 12h00). A programação da rádio pode ser acompanhada pelo Facebook: http://www.facebook.com/radiodffm/

FIGURA E FUNDO

Protelamos os sonhos
Idealizamos quase tudo
Descuidamos do sono
Teimosos e prematuros

Rigor e praticidade
Números a exaustão
Matemática que categoriza
Lógica sem razoabilidade
A paranoia da perfeição
A razão que hierarquiza

Pintamos vidas desbotadas
Somos a alegria que mareia
Vivemos a paixão que arrebata
Mergulhamos os pés na areia
Repercutimos o som das risadas
Balançamos a luz na candeia

Movimento e liberdade
Imaginação e sensibilidade
Poesia e espontaneidade
A arte que não fica à parte
A arte enquanto baluarte

O que vejo?
Um cálice branco?
Dois rostos negros?
Um olhar de soslaio?
2 peixes nadando,
Por acaso?
Já vou adiantando
O meu preceito
Neste caso,
Depende do ângulo,
Meu caro!

Na dinâmica perceptiva
A alternância é que dita
O modo de agir na lida
A ampliação da consciência
É potência de vida
Atenção a cada experiência

A MATEMÁTICA DA PRESENÇA

Multiplico
As estrelas do céu por suaves devaneios
A ternura feminina pela busca de aconchego
As cores das borboletas por poéticos anseios
O perfume das flores por afáveis galanteios

Somo
O voo da águia-serrana e a vastidão do universo
A curiosidade estudantil e os gênios inquietos
O molejo próprio do samba e a coragem do afeto
A alegria juvenil e a mística que circunda o sexo
O chilreio do Curió e a epifania avivada nos versos
O brilhante lampejo da ideia e o som de um bolero
A magia do trenó e o clarão que traz cura aos cegos
A reflexão profunda e o ensejo do diálogo aberto

Subtraio
Depressões dissimuladas por ‘emoticons’ e ‘likes’
A aguda dependência por gurus e celebridades
Respeitáveis reputações em detrimento da probidade
A conversão a ritos sem a ascensão da espiritualidade

Divido
A sabedoria rósea, cultivada no solo da experiência,

Pelos mistérios dos ventos, em frutos de transcendência
A náusea filosófica, na politicagem de conveniência,
Pelo magistério dos tempos, em sementes de resiliência

Encontro, como resultado:

A ditosa leveza de uma vivência feliz e plena,
Na espiral da quietude, liberdade e outras proezas,
Aventuras longas, memoráveis, mágicas, passageiras,
Divina, instrutiva, densa, a matemática da PRESENÇA.

OBS.: MENÇÃO HONROSA EM POESIA

A PALAVRA NUA E CRUA

A escrita poética transborda a caretice do dicionário
Convida a palavra ao gozo de multifários significados
E a preterir a castidade do verbo, tornando-o desnudado
Sem a doutrina de formas ou ritos, os nós são esgarçados

A escrita poética é pródiga no embalo do imaginário
Olhos adormecem na calmaria e taquicardia de visionários
Ideias e lapsos lutando com fantasias e mitos consagrados
Por trás das palavras, asas levam a mundos nunca sonhados

O versejar que é derramado, plantado, entre prantos e regalos
Torna mais respirável o convívio, e a vida avulta em significado
Ainda que brote em meio ao caos disforme, repentino e inusitado

Sementes ao vento, rompendo a terra árida com berros e sorrisos
Gritos-tiros furando vitrais, despejando, sem pejo, o boçal e hostil
Pela plena liberdade de ser e pensar, fora do neopentecostal vil!!!

OBS.: MENÇÃO ESPECIAL EM POESIA

RENATA BARCELLOS
(RIO DE JANEIRO - RJ)

Renata da Silva de Barcellos é Pós-doutora em Língua Portuguesa pela UFRJ. Atualmente, faz Pós-doutorado em Poesia Visual brasileira pela UFRJ. Professora de Língua Portuguesa do CEJLL/NAVE e de Comunicação e expressão da UNICARIOCA. Associada do CIFEFIL, da ALAP, da AJEB/RJ, da UBE... Possui diversos artigos acadêmicos publicados na área de Língua Portuguesa. É coautora da Gramática contextualizada (2016) e de diversas antologias. Autora de Itens de análise linguística no novo ENEM e no Saerjinho, de Alma Dilacerada, de Barcellos: prosa e verso com participação de Lucien Gilbert e de Renata Barcellos e Luciano Vianna: um encontro. É colunista do Jornal Sem Fronteiras: BarcellArtes e do Programa Carlos Rocha.

Gatão, meu furacão,
chegastes ao coração
causastes sim erupção
só nós dois, puro tesão!

Maturidade chegou
juventude, emoção
vitalidade ficou
Tesão? Só com gatão!

Eu e você sintonia
Somos só euforia
Mesmo na agonia
Estamos estesia!

RENÉ JOSÉ BLIMER
(TORRINHA - SP)

Ainda jovem, trabalhei em um Tabelionato. Entre 1983 e 1988 exerci cargos de Diretor da Câmara Municipal de Torrinha, Chefe de Gabinete do Executivo e Assessor do Prefeito na cidade de Torrinha. Nesse mesmo período fui editor e redator do quinzenário “A Cidade de Torrinha”, de minha propriedade. Participei de três coletâneas de poesia na adolescência. Em 1987 concluí o curso de Direito na ITE em Bauru. Em 1988 iniciei a advocacia e fui candidato a Prefeito na cidade de Torrinha, aos 23 anos de idade.

Exerço a advocacia e a atividade de empresário até os dias de hoje. Fui eleito Vereador na cidade de Torrinha em 2016, exercendo o cargo até hoje.

SONHO DE TE AMAR

Concedo-me a ousadia de assim dizer:
prendo-me ao sonho de te ver!
E assim e para tanto doravante irei viver...

Lindas flores colherei todos os dias,
e te amarei recitando minhas poesias.
Em cada pétala uma letra escreverei,
e formarei pequenos versos de amor...

E ao luar eu ousarei ouvir meu sonho!
E ao juntar os versos a isso me proponho:
dizer numa canção o quanto eu te quero!

Conto os segundos e aflito eu espero,
em conflito com as horas que demoram.
Mas concedo-me a ousadia de esperar,
sem mesmo nem saber se você quer....

Prendo-me ao sonho de te amar,
de acariciar seu coração, te ver mulher...
E ancorar com lindas flores no seu cais,
a aguardar suas marés tão inocentes e tão reais...

LUA

Fito a lua em metamorfose profunda,
girando a dose com gelo que não afunda...
Com zelo e sem medos, transmito segredos a ela,
guardiã eterna dos meus sonhos e dos meus enredos.

E lá está ela!
Sempre bela, a brilhar imponente na janela.
E, nesse afã inútil de vencer a própria espera,
dispenso-me mais um fútil gole na goela...

MENTE NAVEGANTE

Lindo véu num mar de nuvens flutuantes,
um cantar eterno de lindas aves murmurantes,
unem solenes, céu e mar nas mentes navegantes...

E ao som das ondas em combate nos rochedos,
em duro embate escrevo na areia com meus dedos.
Com orgulho eu revelo o relevo puro dos meus medos,
num útil e sensato mergulho em meus dias mais profundos.

Em escolta de mim mesmo eu enfrento esses dois mundos,
em eterna sintonia com o mar que eu respiro em lento encanto,
eu me afogo nesse ar de esperança e comigo eu conspiro essa aliança.

RÔMULO CÉSAR MELO
(RECIFE - PE)

Rômulo César Melo, nascido no Recife em 1976, é Procurador Federal, escritor, poeta, autor de três livros de contos publicados – Minimalidades (Ed. Bagaço/2013), Dois Nós na Gravata (Ed. Cepe/2015) - vencedor do II Prêmio Pernambuco de Literatura e O Colecionador de Baleias (Ed. Cepe 2018); de um livro de poemas, Bad Trip (Cartonera Aberta/2017).

vestidos passarinhos

as roupas penduradas
no varal
evitam ficar perto
das janelas
ventos assoviam
seduzindo
abraçam vestidos
molhadinhos
e não há pregadores
ou teias de tela
capazes de conter
essa vocação
para a liberdade
e botões abertos

viram pipas
velas de barcos
voam

passarinhos

puerperal

quando a mãe perde o filho
de tamanha ausência insana
coversa com o útero
que não mais se inflama
no ventre escondido

a mão alisará a barriga
os seios inchados
leite lágrimas saudades
fios de cabelos sangrando
pelos dedos arrancados
medusa de cordões umbilicares
madona de cristos perdidos

procissão de lembranças e velas
deixarão os andores da mente
futuros sonhados caminhando
ao abismo negro de uma cova
e dali sete palmos para fora
silêncio e neblina à frente

conviver com a dor
suportar a agonia
será a única forma
de estar por perto de quem
no colo já foi seu neném e
se torna a mais cruel fantasia

porque esquecer a tristeza
é se afastar do eterno feto
num aborto tardio que se chora
a cada excruciante dia

ser poético

não é ter caneta e papel
rabiscar impressões
desfiar sentimento
imagens estéticas
fazer rimas

é a delicadeza de recolher
a casca de uma cigarra finda
esquecida debaixo da árvore
entre folhas de canela
com a mesma intensidade
que sangra com os dentes os lábios
ao debulhar saudades

porque
enganado quem pensa
ser o poema a finalidade

é mais de rasgar com as mãos
o peito ao meio
como a capa do disco de Erasmo
lirismo e espanto

sangue e alma e ossos e pó
dar-se por completo

Com muito pesar...

...venho dar notícia do falecimento do nosso querido Carlos do apartamento 201. Sofreu um AVC e não resistiu foi tudo muito rápido. Como sabem, era meu vizinho de porta. Peço as orações de todos do condomínio.

(apto 1402) Puxa vida, que pena, tão novo. Deus o tenha e conforte a família.

(apto 101) Fazia um barulho desgraçado com o solado, toc, toc, toc, deve ser o sinteco. Parece até que usava tamanco ou sapato alto. Peço desculpas, mas não é porque morreu que não podemos falar até porque é a verdade, tem de ser dita. Sou sincero, moro debaixo dele e incomodava pra caralho.

(apto 301) Tem gente que não tem noção. A pessoa acaba de morrer e é criticada por besteiras. E pode falar quem tem um filho que vive a tocar bateria de madrugada?

(apto 902) Meus amigos, vamos respeitar o vizinho morto. Deveria este ser um momento de dor para o condomínio, uma perda irreparável. Pensem que jamais veremos de novo aquele homem simpático e forte, sempre bem arrumado, atlético, perfumado...

(apto 2401) Querida, o falecido era um velhinho manco, corcunda de bengala, usava bermuda e camiseta de propaganda política ou a camisa do Santa Cruz o

tempo todo. Acho que esse aí que descreveu é o vizinho do 701, por sinal, que homem, meu povo!

(Administradora) Nós da Administradora Pague em dia enviamos as nossas condolências à família do cadáver, desejando um bom velório e um sepultamento justo. Lembramos aos senhores condôminos que a taxa extra vencerá no próximo dia dez. Tem morador devendo a do mês anterior.

(apto 802) saiu do grupo.

(apto 101) O caloteiro não pode ouvir falar em taxa que sai do grupo. É muita cara de pau mesmo, olhe, não tenho paciência. Vou aumentar a dose de Lexotan aqui.

(apto 301) Tem gente que não sabe se portar em grupo de zap. Expõe os outros, não tem empatia alguma, às vezes as pessoas passam dificuldades financeiras, para quê ficar humilhando o próximo?

(apto 1001) Pessoal, estou aqui num trânsito danado na Avenida Agamenon Magalhães. Alguém sabe onde está o corpo? Queria dar o último adeus ao nosso vizinho. Vivo tão solitário em casa depois que minha esposa me abandonou, não sei se já contei isso aqui no grupo, saiu de casa por causa do *persona fit*. Estou voltando da terapia, lá no velório ao menos converso com alguém.

(apto 1402) Amados, vamos nos concentrar nesse momento de consternação em que estamos sofrendo bastante a ausência daquela figura abençoada que está de volta à casa do Pai, aleluia!

(apto 901) Então se é para focar no defunto vamos deixar de falar de Deus e de religião porque sou ateu e quero respeito a minha escolha também. Seria bom comprarmos uma coroa de flores em nome do condomínio. A viúva faz parte do grupo?

(apto 2401) Faz nada, coitada, está tão velhinha que deve ser a próxima a partir. A pobrezinha nem deve saber ligar o celular, tem cara de quem sofre de Alzheimer. Dia desses estava passeando com o cachorro no jardim, segurava o bicho na coleira e com a outra mão uma barra de chocolate. Quando o pulguento fez as necessidades, ela se confundiu e comeu um pedacinho do cocô ao invés de colocar no saquinho plástico. Também, o filho maconheiro e a filha vive se agarrando no salão de festas cada dia com um diferente tem juízo que suporte?

(apto 1001) Pessoal, já estacionei aqui na funerária. Estou conversando com meu novo amigo, o Jaime, agente funerário, sobre a coroa de flores. Podem ser rosas vermelhas? Está mais em conta. Que tal a frase: Carlos, vá em paz para seu último condomínio? Digam logo onde será o velório, porque meu celular está descarregando.

(apto 902) Soube que o sepultamento será naquele cemitério chique lá de Paulista. Aliás, minha secretária disse que falou com outra secretária amiga do porteiro que tem um caso com a secretária do falecido, única testemunha na hora do AVC e está

confirmado. Será cremado com a bandeira do Santa Cruz e usará a camisa do time.

(apto 101) Tá com a porra, a senhora já sabe até a roupa que o finado será cremado? Bem, tudo tem o lado positivo, menos um tricolor na face da Terra, pior se fosse torcedor do Sport.

(apto 301) Tem gente que demonstra a insensibilidade nas piores horas. Falta humanidade neste mundo, falta empatia. Um homem morre e o outro fica preocupado com o time de futebol do falecido? E a família? É muita insensatez, viu.

(2401) Esse pessoal que tem um caso extraconjugal escondido, não se resolve e fica brigando indiretamente em grupo de zap, coisa ridícula. Todo mundo do prédio sabe que a balzaca do 301 trai o marido com o grosseiro sem noção do 101 e que andam brigados. Poderiam resolver isso no privado e respeitar o morto neste momento.

(apto 101) saiu do grupo.(apto 301) saiu do grupo.

(portaria) Senhores moradores. O morador do 201 acaba de entrar na garagem dirigindo o próprio carro. Acompanhamos a conversa sobre sua possível morte e fomos avisados pela Administradora. Não é verdade portanto.

(apto 2502) Queridos vizinhos. Aconteceu um terrível mal entendido. Meu filho, Reinaldinho, sem querer copiou e colou aqui uma mensagem sobre o falecimento de um vizinho do nosso privê do clube de

campo. Peço desculpas pelo transtorno. Aliás, inexiste morador de nome Carlos do 101 neste edifício. Peço que apaguemos as mensagens para evitar transtornos. Muito obrigado.

(apto 1001) Por que apagaram todas as mensagens? Consegui recarregar o celular. O meu novo amigo coveiro me emprestou o carregador. Gente, a coroa ficou linda. Achei o velório do Carlos. Estou aqui, na sala, ao lado do corpo do nosso vizinho. A cremação será amanhã às dez horas. Passarei a noite velando o falecido. Ao menos não fico sozinho. Grande homem, o Carlos, sempre gostei muito dele. Do mesmo jeitinho. Parece que está dormindo.

OBS.: MENÇÃO ESPECIAL EM PROSA

O condomínio

O carro atravessa a estrada ao som do *Bee Gees* e o motorista canta estalando os dedos no ritmo da melodia, *How deep is your love*, pensa neles, devem estar à espera. Duas buzinadas, corta-luz, o portão se abre e as rodas de liga leve sobem o primeiro elevado deixando a poeira colar no vidro detrás. Adesivados na altura da mala, bonequinhos de mãos dadas, são muitos, oito, talvez dez, entre masculinos e femininos. O carro para em frente a um bloco de apartamentos de luxo, ao lado da piscina semi-olímpica. O homem de terno desce, sobe as escadas, carrega uma sacola na mão e com a outra abre a porta.

- Boa noite, pessoal. O que temos para jantar hoje? Ou quem temos?
- Chegou o senhor duplo sentido.

Moreno entrou no apartamento de quatro quartos do condomínio classe A afastado do centro da cidade. Todas as noites saía tarde do escritório e nas sextas-feiras parava na *delicatessen* mais nobre da Zona Norte. Trazia salame italiano, queijos diversos e garrafas de vinho para dividir com quem tivesse a fim de uma boa música na varanda e sexo de madrugada. Beijou a boca de Bia e depois a de Natália e por último a de Amanda, bateu na mão do Giba e do Cardoso.

- Cadê a Pat delícia?
- Viajou com o Roberto. O pai dele piorou, como ela é a única de férias, decidimos que era melhor ir junto para ampará-lo.
- Muito bem, muito bem. Coitado do Beto. Dormimos juntos semana passada. Chorou feito menino com a cabeça no meu peito. Deu pena, tem sofrido demais com a situação do velho.
- Chegaram as contas do condomínio, água e luz. Sem o Beto, achamos melhor a Bia fazer as somas e dividir para ver quanto ficará para cada

um. Seria a vez da Andrea, mas ela foi ao ginecologista trocar o DIU. As faturas da TV a cabo, telefone e internet chegarão semana que vem e têm também o dinheiro da feira e dos preservativos. Esse mês a gente fudeu mais do que o mês passado, quase uma Sodoma e Gomorra.

- Acontece, baixamos mais filmes eróticos, fizemos duas festas abertas a casais, daí estimula né? Vou tomar um banho. Alguém vem comigo?

- Opa, demorou, eu tava te esperando Moreno. Hoje bateu uma saudade desses músculos de rato de academia.

- Ô, Cardosinho, posso ir com vocês dois ou vou atrapalhar os pombinhos?

- Ah, vai te lascar, Amanda, deixa de drama, claro que pode. Vamos lá, os três, fica mais apertado no box.

O aroma vindo da cozinha denunciava o jantar pronto. Dois frangos inteiros trazidos nas bandejas de prata foram colocados sobre a mesa para doze cadeiras. Os três voltaram do banho enrolados nas toalhas brancas e tomaram seus lugares ao lado dos demais que também começaram a se despir junto à mesa posta. À porta de entrada o barulho da chave girando e Andrea entrou apressada. Pôs a bolsa sobre o sofá e foi ao lavabo passar uma água no rosto e nas mãos. Tirou a roupa e ocupou o lugar.

- Pronto, pus o novo DIU, conforme deliberado por todos. Já estamos juntos há cinco anos, sei que decidimos tudo como uma família, cada situação pessoal, mas preciso lembrar que nós, mulheres, temos um relógio biológico cruel. Daqui a pouco nossos óvulos se encerram. Isso serve para mim e para todas vocês aqui. Decidimos não gerar filhos, temos nos reunido todo ano para ratificar essa convenção. Todavia, confesso, já não tenho certeza se, na próxima vez, votarei assim, perdoem a fraqueza e a franqueza.

- Está amarelando, Andrea? Lembra do nosso pacto, amor para todos, sem travas ou limites, um poliamor? Filhos atrapalhariam, meninos chorando,

doentes, questões de Direito, tudo seria mais complicado, nem vou voltar a discutir, seria chover no molhado.

- Lembro, Moreno, óbvio que sei de tudo e se estou aqui com esse dispositivo alojado dentro de mim preciso confirmar mais nada. Amo todos e cada um de vocês. Só quero alertar sobre essa questão, temos liberdade de expressão nesta casa e vejo muito choro lá na clínica de fertilização. Ponto. Vamos jantar.

Moreno parte o frango com raiva, não gosta de ser contrariado, dilacera o nervo que prende a coxa ao peito, procura o coração com os dentes do garfo ávidos para perfurar. Põe o arroz, a salada, o molho iogurte lembra o sêmen que engravidou Andrea há alguns anos, ainda eram somente os dois. Enfia o garfo nos ovos cozidos, passa sobre o sal e retalha no prato, o óvulo fecundado, o ovo, o feto no útero, o aborto espontâneo, ela o chama, grita quando vê o sangue. Queriam um filho, aquele filho dentro do ovo ou útero, um pintinho natimorto, desejado, expelido sem querer. A relação foi esfriando, assim como o frango esfriava sobre o prato sob os olhos tristes de Moreno.

O casal morava naquele apartamento de um condomínio que começava a crescer longe da cidade, queriam paz e distância do barulho, da família, da sociedade, um casal isolado do resto do mundo, somente os dois. Ela, cardiologista, ele, advogado tributarista. Quase não se viam depois do aborto, marcavam compromissos pessoais em horários a dificultar os encontros. As viagens dele para atender clientes se tornaram corriqueiras e o sexo muito pouco, quase nada. Andrea conheceu um anestesista simpático, Cardoso, começaram a sair. Ele tinha uma namorada e logo faziam ménage porque Amanda nem sabia o significado da palavra ciúmes.

Ao descobrir o acontecido os olhos em brasa de Moreno voltaram a incendiar, não de raiva, mas de desejo. Começaram a sair todos

juntos, ao cinema, aos bares, aos motéis, decidiram dividir o apartamento de quatro quartos, tem lugar para todo mundo, viveremos em comunidade e racharemos as despesas, dividiremos a vida. Outros homens e mulheres se juntaram ao grupo firmando um compromisso coletivo pautado no amor mosqueteiro de um por todos e todos por um. Só uma exigência: nada de filhos, nada de família tradicional, nada que correspondesse àquela sociedade careta que começava a incomodar o grupo, cambada de insensíveis, donos da intolerância, repetiam na varanda, quando derrubavam garrafas de vinho e madrugadas em saraus ao som dos violões de Natália e Giba. Quando bêbados vinham gritos, filhos da puta fascistas, uivavam feito lobos, acordando à vizinhança até que os carros de polícia viessem com suas sirenes reacionárias.

Gabriel foi o único a debandar. O desertor rompeu a aliança. Era caso de Patrícia e foi convidado a uma festa no apartamento, bebeu, ficou com Natália, dormiu por lá e nunca mais saiu. Aceito pelo grupo, o poeta, o homem que comandava os saraus na varanda ao som dos violões recitando poemas autorais tinha, sobretudo, o dom da declamação. Incorporava os personagens dos próprios textos, da mãe que perde o filho ao marido traído. Traídos, todos traídos, assim se viram quando, numa reunião extraordinária, o poeta assumiu estar apaixonado por uma aluna do curso de Letras e com ela queria se casar na Igreja, constituir família, viver num lar, somente os dois. O condomínio estremeceu.

O jantar daquela noite terminava, restavam esqueletos dos frangos, resto de salada e a noite tinha início. Os violões se aqueciam nos braços dos tocadores, dedos e cordas se encontravam, dedilhando, esquentando como se masturbassem mulheres em preliminares. Uma das garotas abria a primeira garrafa de tinto e os homens preparavam os frios para petiscos. Todos se mantinham nus, começavam a confeccionar os cigarros de maconha, acendiam, puxavam, passavam de boca em boca,

trocavam beijos e gargalhadas. Uma mensagem do zap chegou ao grupo de nome "Eu sou de todo mundo". Roberto avisava, o pai estava melhor, receberia alta. Enviou uma foto brindando com Patrícia num boteco. Mandem *nudes*, respondeu o grupo, mandem *nudes* mais tarde, depois do boteco.

A campainha tocou a uma da manhã. Ninguém ouviu, os violões, a maconha, o vinho, os beijos, o sexo, a poesia estavam altos demais para o volume tímido da campainha. Batidas na porta. Mais fortes. As cordas silenciaram. Quem será a esta hora? Um vizinho ou a polícia deve ter vindo sem as sirenes desta vez, joguem forra a porra da maconha, rápido. Alguém se vista logo, já vai, calma, dois minutinhos, por favor. Natália pôs um roupão e foi atender.

- Quem é você, calma, senhor, o que quer aqui? Ei, não pode ir entrando desse jeito, pera lá, é uma residência privada, como pode simplesmente invadir nossa casa, ainda mais a esta hora sem mandado de busca, a mulher de cabelos ruivos tentava impedir o homem alto e gordo de boné e óculos escuros, com uma pistola nos quartos. Ajoelhou-se diante do grupo àquela altura semi vestido.

- Por favor, me aceitem de volta. Minha vida acabou de se acabar há duas horas. Ou volto para cá e tento um recomeço ou vou fazer uma besteira e acabar de vez com tudo, falava alisando a pistola, tirou o boné e os óculos escuros.

- Gabriel? Gabriel é você mesmo? Rapaz, como está diferente, bem mais gordo, desculpe dizer, mais envelhecido, abatido, o que houve com sua esposa, o casamento, a felicidade monogâmica?

- Pois é, depois do casamento engordei mesmo. Trabalho, casa, trabalho, casa, mas o abatimento foi choro, chorei demais hoje. Semana passada foi as bodas de ouro dos avós de Carminha e toda a família se reuniu numa festa depois do culto. Uma das tias avós dela mora aqui no condomínio e me reconheceu, filha da puta,

secretária do síndico, sabia quem era cada um de nós e o modo como vivíamos e contou para minha esposa. Estamos em guerra desde o domingo, Carminha é religiosa, ficou decepcionada, disse sentir nojo de mim, do comportamento, como poderia ter vivido assim feito um pária? Tentei contornar, falei do nosso amor, havia mudado por ela, abandonado vocês, largado o grupo, nada adiantou. Deixou a nossa casa esta tarde.

- É, meu querido, quando nos deixou, lembra do que falei sobre a intolerância da sociedade, de como são cavalinhos de antolhos, o que for preto não pode ser cinza nem se desbotar na chuva. É assim que enxergam, mas sua escolha foi a de seguir os modelos da monogamia, da relação tradicional e olha o que aconteceu. Foi fiel, amou e levou um pé na bunda apenas pelo que fez no passado. Mas estamos de portas abertas para receber os arrependidos. Somos um só coração, uma só alma, ninguém é de ninguém, não há propriedade de gente. Essa é a casa da liberdade, amigo, mas é apenas minha opinião, pois também é o lugar da democracia, tudo é votado, todos têm direito a dar opinião. Imagino que ela pediu o divórcio, foi isso?

- Primeiro, poxa, muito obrigado, Moreno, pela compreensão. Acabou de salvar, no mínimo, duas vidas, a dela e a minha. Espero que os amigos também entendam, não quero ficar sozinho e triste naquela casa onde vivi momentos felizes. Queria recomeçar a vida com vocês, como antigamente, um por todos, todos por um. Nada de relacionamentos a dois, nunca mais. Quanto ao divórcio, sim, pediu, semana que vem e vamos nos reunir para tratar da pensão, vender a casa, regulamentação da visita dos meninos...

- Pera lá, pera lá, um instante, você tem filhos, Gabriel?

- Dois. Um casal, lindos, tenho fotos se quiserem ver...

- Dois filhos? Tem dois filhos e quer voltar para nosso convívio? Não lembra das regras, nada de descendentes, somente adultos.

- Claro que lembro, mas os meninos ficarão com a mãe, jamais pisarão aqui, nem saberão da existência do grupo, prometo, portanto não vejo nada demais em...

- Quem tem que ver não é você, Gabriel, aliás, não está em condição alguma de ver nada, um trapo, perdido, precisa de um calmante, suas mãos tremem, chora sem nem notar, fala mais alto do que o normal. Surtado total. Podemos te ajudar no que for necessário, mas ficar aqui não dá, cara, na boa. Pode até dormir hoje, toma um trago, puxa um, amanhã você está fora, tudo bem, assim, companheiro?

- Ora, aqui não seria a casa da liberdade, tudo votado por todos e o velho macho Alfa se antecipa e impõe a vontade acima do grupo para me expulsar. Que tirania, Dr. Moreno, a intolerância parece não ser privilégio das pessoas do lado de fora do condomínio. O amor livre e aberto, o respeito às escolhas esbarram nesse caso em duas crianças, parabéns parabéns, quanta compreensão. Sei o motivo, isso tudo, essa intransigência episódica acontece porque perdeu o filho abortado por Andrea e com a morte nasceu o trauma. Tem inveja de mim, tenho logo dois filhos meus enquanto o seu está morto.

- Ponha-se daqui para fora, seu gordo cuzão de merda. Veja no que se transformou com essa relação estável a dois, ao escolher viver no mundo hipócrita, uma máquina de amargura querendo sacrificar a todos sem escolher as palavras, atingindo as feridas dos outros quando se sente contrariado, vencer uma discussão a qualquer preço. Tirem as roupas, todos vocês, vamos, todos tirem as roupas, rápido. Olhe para nossos corpos, Gabriel. A beleza, a saúde, a vitalidade do amor coletivo sem limites. Ninguém se deixa. Roberto, por exemplo, está na merda com o pai fudido no hospital e Patrícia foi para lá com ele e não tem nada assinado no cartório, porra nenhuma, enquanto a tua santíssima esposa te da um pé na bunda pelo teu passado. Tira tua roupa, te despe, desnuda, duvido. Estás gordo, corpo flácido de preconceitos, engordurado de regras, estriado de

dogmas, inflado de limites, um doente social. Tua gordura é a paga, esse corpo obeso e agora ganhas de juros a solidão.

- Chega desse discurso de merda de advogado. Me chama de gordo de novo se for homem, filho da puta, falou com a pistola apontada para a cabeça de Moreno. Alternava com o cano da pistola apontando para a cabeça de cada um dos amantes do grupo, ali, despidos de peito aberto. - Me chamem de gordo, quem tem coragem, quem será tão libertário a morrer pela causa?

Pela manhã, as sirenes das viaturas dessa vez ganharam a companhia das ambulâncias e os rabecões disputavam o estacionamento para visitantes do condomínio. Os vizinhos explicavam aos agentes de polícia, uma sexta-feira normal no apartamentos daqueles desavergonhados, música, gritos, cheiro de maconha, até que veio um silêncio estranho e depois os estampidos que acharam ser fogos de artifício, só faltava essa, soltarem fogos da varanda. Depois, mais uma vez o silêncio. E nos celulares das vítimas, a polícia identificou *nudes* de um casal enviados a todos do grupo às cinco da matina. Ninguém teve tempo de ver.

Pepitas

Batia com toda a força dos braços magros como se dentro da pedra pudesse encontrar o sol. Batia, o barulho da picareta arranhava a crosta, o ferro lapidava e cuspia areia no rosto, o suor escorrendo pelo corpo inteiro, camisa aberta, maldita miséria, a mulher em casa com a barriga do tamanho do mundo e a fome, a mesma ração de todo dia e ainda agradecer a Deus, que Deus? Armários vazios de comida e cheios de imagens de barro, pequenos santinhos. Havia de ser ali, o pai prometera a mina de ouro para enricar a família, o mapa amarelado, comido de traças, feito o sonho das pepitas nas palmas das mãos calejadas de tanto bater, bater, bater...

Não queria ter de ir, jurava que não. Não queria descer o barranco, atravessar o bosque, chegar na casa da chaminé que sai fumaça vermelha. Nunca pensou em ir até lá, lugar proibido, onde depositaram sal na terra. Querer nem sempre é poder, dizia o pai. Ela sentada na cadeira parecia um urso, os cabelos enormes arbustos, tinha pelos no rosto, barba não, pelos, também nos braços, mexia na panela, o fogo alto, deu um copo com fumaça. Ele bebeu de uma vez.

As paredes de pedras, umas sobre as outras, cabeças de porcos penduradas, enormes cadáveres de morcegos pregados de asas abertas, coleção de troféus de caça; no chão, as baratas corriam em fila desordenada e se juntavam sobre os restos fedorentos de um bicho no canto da parede, cujas vísceras jaziam dentro de potes de barro. Sente-se e aguarde que ele está chegando para escutá-lo. Beba mais um pouco, mais rápido. É amargo, o que é isto, senhora? É o sangue dele. Cuspiu, tossiu, fez menção de levantar e ir embora, três dedos finos seguraram no ombro.

- Aonde pensa que vai, meu rapaz?

Um menino, um anão ou um lagarto? O tamanho de criança, a agilidade de um réptil, um pulo sobre a mesa, dentes serrilhados, um rabo, a pele avermelhada, chifres na testa. Quando caminhava, trazia aos pés, como parasitas, dezenas de víboras transparentes, dava para ver as veias azuladas, mexiam os rabinhos e entravam e saíam na pele do hospedeiro. Ficou de pé sobre a mesa, a mulher fez uma reverência e se ajoelhou no chão de cabeça baixa. Saia, serva, deixe-nos a sós. Sim, senhor. Cruzou os seis dedinhos que terminavam em unhas, mais pareciam agulhas cortantes, sob o queixo e a língua miúda de extremidade bífida, entrava e saía da boca enquanto falava. Bebeu do sangue do meu mestre, desistir, agora, não é mais opção. Você quem veio nos procurar. Sabemos o desejo, ouro, sempre ouro, vermes humanos querem a mesma coisa. Terá o que procura. No entanto,....

II

Ele está ali, Ciano. Ali, homem, veja. Ai, minha Nossa Senhora, minha mãe do céu, tire dali, Ciano, de Deus. Ali, de pé, na frente da nossa cama, só dá pra ver do peito pra cima, parece feito de fumaça, o homem negro de chapéu de palha, fumando cachimbo. Por favor, tire ele daqui.

A esposa grávida tapava os olhos com as mãos em concha e chorava. Feliciano pegou a arma debaixo da cama, procurava pela casa o tal homem, entrava no quarto do futuro filho, no banheiro, passava pela sala e cozinha, abriu a porta e no terraço somente a lua e o barulhos dos animais noturnos. Tudo breu e vazio. Será que tem algo a ver com a casa da chaminé de fumaça vermelha? Voltou, a mulher, toda coberta pelo lençol, soluçava. Apague o candeeiro, apague, quero ver mais nada, quero o escuro.

As visões se repetiam. O final da gravidez se tornava um inferno, Feliciano não conseguia voltar à mina porque a esposa tinha medo de

ficar sozinha em casa. Vamos morrer de fome assim, mulher. Tenho muito medo de ver de novo. Vá para casa de sua mãe, tenha a criança por lá e depois volte. Desse jeito, continuo na lida atrás de ouro e você se sentirá mais segura com seus pais. Assim foi feito.

III

Final de tarde de um dia de labuta, pancadas, areia, as costelas apareciam como uma sanfona de cobras debaixo da pele magra do homem sem camisa a golpear com o resto de força a parede da mina. A fome, a fúria. Um brilho debaixo da camada sangrada pela ponta da picareta. Não podia ser; ou podia? Bateu mais e mais e o lume do candeeiro incidia gerando um reflexo dourado a doer nos olhos. Ouro! Ouro! Finalmente, meu pai não mentia, aqui, a riqueza, o futuro, a fartura. Valeu a pena, tudo valera a pena, ter oferecido o que tinha de mais sagrado àquele ser horroroso. Estava rico, milionário, a família não passaria necessidade, ele, a esposa, o bebezinho. A pepita salvaria tudo.

Apalpava a parede, estava escuro, precisava de luz. O candeeiro, a bacia, água aquecida. Difícil retirar, a mão puxava, pedia fizesse força, os olhos começavam a desmaiar de dor. Ouvia a gargalhada, iniciava igual a um relincho, depois ficava rouca, monstruosa, feito um bode velho, ele no canto do quarto, um bicho medonho, a mulher a parir fechou os olhos. A lâmina da faca, um corte no períneo, o sangue aumentando, a parteira viu o brilho dos olhinhos; a mãe, sem brilho no olhar, avistou na janela o preto velho, logo ao lado da cama, é uma menina, disse a avó, o preto apontou o dedo e tocou na bochecha vermelha da bebê que desatou o choro, ouviu-se um grito

- Não. Ela é minha!

Depois, da criatura horrorosa, restou apenas uma fumaça vermelha no canto do quarto. A mãe,

enfim, descansou as vistas. O preto foi embora. E Pepita veio ao mundo.

IV

Sempre abaixo do peso, os cabelos pretos escorridos foram cortados aos cinco anos infestados de piolhos. Um menino, poderia ser confundida, caminhando pelos campos atrás de borboletas, lagartas, cavando minhocas. Outro dia, a mãe a apanhou com metade de uma delas na boca e mandou cuspir fora, você não é galinha, Pepita, cospe esse bicho asqueroso, menina. Nem era a mancha negra no rosto, na altura da bochecha, como um sinal de nascença que mais chamava a atenção dos pais diante das estranhezas daquela criança. Eram as víboras a invadir a casa, pelas paredes, amanhecia e dezenas daqueles seres pendurados no quarto da criança como se a vigiassem. Feliciano, expulsava algumas, a esposa matava outras com a vassoura, voltavam, e mais ainda nas noites de lua minguante.

O pai voltava da mina e guardava as pepitas dentro de uma botija, que ficava enterrada debaixo de uma tábua de madeira no piso do quarto do casal. Muitas, douradas, um brilho de cegar, desfazia-se de pequenas pedrinhas para comprar mantimentos mínimos e algumas roupas simples, mas nunca conseguia vender as maiores, gastar o dinheiro fazendo melhorias na casa que continuava do mesmo jeito simplório de quando se mudou. Tinha ciúmes dos minerais. Muito menos escutava os pedidos insistentes da mulher para levar a filha a um médico na cidade grande. Gostava de retirar o ouro da mina e acumular nas botijas, passava horas admirando a beleza, encantado, para, depois, reclamar junto à mulher sobre a carestia, as dificuldades financeiras e da pobreza da mina, ter vindo para cá foi o grande erro de minha vida.

O prato das refeições de Pepita começou a apodrecer. Se colocava carne, em dez minutos vinha o mau cheiro, a maçã escurecia, a

banana amarela começava a ganhar manchas negras. Tinha de comer rápido, cada vez mais rápido, emagrecia, cada vez mais magra. O que está acontecendo, Ciano? Nossa menina vai morrer assim, isso né de Deus não, homem. Ao menos, vamos levar ao médico da cidade. Deixe estar, mulher, essa menina deve ter encosto. Vamos trazer as rezadeiras da vila. Nada dava certo, os mantimentos da casa tiveram de ser retirados de dentro do armário. Feliciano cavou um poço na areia defronte ao terraço e passou a depositar lá os sacos de feijão, farinha, arroz, tampados por uma porta de madeira no cadeado. Tudo que entrava naquela casa apodrecia, qualquer alimento, os passarinhos caíam duros, os mosquitos, somente as víboras conseguiam sobreviver brincando entre dos dedinhos de Pepita. Leve essa menina no doutor, homem, por caridade. Temos dinheiro não, mulher. Chame sua mãe, que vê coisa do além, gente morta, para visitar a neta e fazer umas preces. Quem sabe dê jeito. Quem sabe.

V

A água de beber aparada nas garrafas já não durava muito tempo até começar a criar lodo e feder. De dentro saíam filhotes de víboras, enquanto Pepita girava em alta velocidade sobre o próprio corpo numa dança desembestada sem música, aos gritos finos, quando davam as seis da noite, arrancando o resto dos fios de cabelo. A avó, uma senhora quase anã, de lenço azul no cabelo, veio trazida pela charrete do avô. A menina desmaiou nos braços enrugados quando começou uma prece em voz alta esconjurando demônios. Levada para a cama, deitaram o corpo mirrado, acenderam velas, incensos, as preces contínuas puxadas pelas mulheres expulsaram as víboras nas paredes, fugiam apressadas pelas janelas, pelas frestas das portas, telhas.

Feliciano saía cedo para a mina, gastava mais tempo no garimpo, comia por lá, tomava banho no riacho e somente voltava quando a lua avisava da escuridão. Jantava sozinho no terraço fora

de casa, depois dos sogros e da esposa. Pouco conversava, nem perguntava pela saúde da menina, se acabando de febre na cama, as velas esquentando o quarto, os terços espalhados, os santinhos. Uma madrugada, ambas sentadas à beira do leito da possessa, o cansaço falou mais alto que a vergonha. Mãe eu vejo sempre um preto velho, preciso confessar isso à senhora. Será que tenho parte com o tinhoso? A velha de lenço azul, baixou as vistas e começou a chorar. Não acredito nisso, filha. Você também o vê? Comecei a ver o preto quando estava contigo no bucho e somente parei quando emprenhasse de Pepita. Dizem que ele morava naquela choupana abandonada perto do riacho, um agricultor e espécie de bruxo. Tenho medo dele, mãe. Curioso, sempre me passou paz, nunca tive medo. Será ele o causador desse mal da minha neta? Pepita precisa de um doutor, minha mãe, mas não temos dinheiro. Se alguém tem parte com o cão aqui, né ela não, filha.

Feliciano acabara de guardar a botija e viu um sombra, um vulto passando por trás no corredor. Nega? É você? Tás dando pra me espiar? Levantou-se e caminhou até o quarto da moribundazinha. As duas mulheres continuavam de joelhos, orando, apoiadas na cama, velando o sono de Pepita. O sogro roncava no chão sobre um travesseiro de palha. Pegou a arma, abriu a porta de casa, andou pelo terreno carregando um candeeiro e foi até o local de armazenamento da comida, o cadeado intocado. Voltou, guardou a arma debaixo da cama de casal e se deitou. Olhou para o teto cheio de víboras, acostumara-se a dormir assim, perdera o medo de que uma delas caísse dentro da boca no meio do sono. Tinha que despertar cedo para terminar de retirar da montanha uma enorme pepita, talvez a maior jamais garimpada. A pá, a picareta, duas alavancas, marretas e a ansiedade; tudo pronto.

VI

Foi duro o trabalho, marretadas, usou alavancas, desgastou a picareta e a pedra enorme

brilhante na mão. Os olhos faiscaram de ganância. Poderia fugir daquela casa, da vila, da família, cair no mundo com mulheres, bebidas, viver a vida da nobreza, bastava vender aquela preciosidade. Mas se sentia preso ao chão, tinha que entregar a sua parte do acordo, a filha tinha de ser sacrificada, era isso, melhor até para ela acabar de uma vez com aquele sofrimento, oito anos de tormentos, dores, fenômenos estranhos. Depois, fugir com a botija, ter uma velhice calma sem assombrações. Talvez, fosse melhor esperar um pouco mais, Pepita tão fraca, a morte espreitando as frestas da janela do quarto, as víboras aumentando a cada dia, quem sabe nem precisasse cometer esse crime terrível.

Na volta para casa, avistou, de longe, um catre maior estacionado perto da casa. Tinha pintado, na lateral, uma cruz vermelha, símbolo usado pelos médicos. Apertou a picareta com a mão direita e a marreta na esquerda, os olhos se avermelharam, o suor pegajoso da raiva escorria pelo corpo. Malditos! Enterrou a pedra debaixo de uma mangueira e caminhou a passos de formiga, sem pressa, via os lampiões acesos, o movimentos das sombras através das janelas e portas abertas. O sogro sentado num banco na sala rezava de mãos cruzadas. Da entrada do quarto, três homens de branco mexiam no corpo da menina, aplicavam unguentos, compressas de água, ladeados pelas duas mulheres.

- O que está acontecendo aqui em minha casa? Quem são vocês e o que fazem com Pepita?
- São médicos, Ciano, nossa filha está muito doente. Precisa ser removida para a cidade com urgência.
- Nunca. Como arranjou dinheiro para pagar esses homens?
- Depois, a gente conversa, homem. Sua filha está em perigo de morte, consegue entender isso?

O garimpeiro deixou o leito, apressado, e caminhou pelo corredor até o quarto do casal. O piso parecia intacto. Colocou os

instrumentos no chão e apertou um pouco a tábua até ver que havia sido removida de um jeito forçado. Abriu a botija e deu por falta de uma pepita. Apanhou a picareta e a marreta e se levantou. O preto velho olhava para ele da porta de entrada. Olhava e pitava o cachimbo. A lâmina da picareta voou atravessando a aparição e bateu no concreto. O espectro caminhava para trás com o semblante sério enquanto era atacado pela marreta que não o feria, vem cá, fantasma miserável, o que quer de mim?

O sogro veio atrás do barulho e recebeu uma marretada na cabeça que lhe arrombou o crânio; os enfermeiros tentaram conter a fúria assassina, o primeiro tombou com a picareta cravada no pescoço e enquanto o segundo o socorria recebeu marretadas na cabeça feito boi em matadouro. O preto velho tentava impedir a entrada do maníaco no quarto da doentinha, as mãos estiradas como quem pede calma. O doutor se levantou e quando começava a falar sobre o ataque de nervos, necessidade relaxamento, sentiu a ponta da picareta perfurar-lhe a boca do estômago, uma, duas estocadas e queda.

- Ciano, o que é isso, homem? Somos sua família. Parece endemoniado.
- Saiam da minha frente. Quero a menina.

Ao olhar o rosto adormecido de Pepita, o pai assassino somente conseguia se fixar no ponto circular na bochecha. O sinal negro se expandiu, escuro, ficando noite, perdendo a visão, as sombras tomavam conta da luz dos olhos, como se apagassem os candeeiros, as velas, tudo breu. Estou cego, estou cego, essa maldita bruxa me cegou. A esposa veio abraçá-lo e foi empurrada, bateu com a cabeça na quina da cama e o sangue escorreu da ferida. A sogra continuava em oração, olhos fechados e nem deu conta quando a picareta acertou o coração. Feliciano voltou tateando as paredes, passou pela sala sentindo o líquido viscoso entre os dedos dos pés descalços, o cheiro do sangue dos mortos atraía as víboras que o

lambiam, entrou no quarto, pegou a botija e saiu daquele ambiente de cadáveres frescos.

Queria voltar à casa da chaminé de fumaça vermelha, conseguia enxergar muito pouco, subiu num cavalo e deixou que o bicho o guiasse. Precisava fugir dali, deixara tantos corpos, almas para trás, oferendas ao mestre, havia cocedido sua parte, queria esquecer daquele lugar, daquela casa amaldiçoada, do pacto, da vila. Ao menos tinha as pepitas, o ouro abundante, precisava de mais nada ou ninguém. Seria o homem que o pai nunca foi, coitado, morreu velho, fraco, um pobre temente a Deus.

A visão começa a voltar, devagar como as pisadas do cavalo na areia molhada pela chuva que se inicia. Vê uma choupana, deve ser antiga, cheiro de madeira apodrecida entorpece as narinas. Há uma luz que vem de dentro. Resolve pedir ajuda, um canto para dormir, um pouco de água, sem notar a camisa e a calça cobertas de sangue. Bate na porta. Pode entrar. No chão, o preto velho amarrado coberto por víboras transparentes. De costas para a porta, sentado numa cadeira, um ser monstruoso parecido com um lagarto, segurava uma foice, ao lado de uma cova aberta. Finalmente, você chegou, Feliciano.

OBS.: MENÇÃO ESPECIAL EM PROSA

ROZELENE FURTADO DE LIMA (TERESÓPOLIS - RJ)

Rozelene Furtado de Lima –Teresópolis - RJ-Brasil. Graduada em Biblioteconomia e Documentação. Professora, bibliotecária, escritora, contista, haicaísta, poeta, artista plástica. Coautora em mais de 521 Antologias nacionais e internacionais. Textos publicados em Portugal, França, EUA, México, Espanha, Itália, Alemanha, Uruguai, Argentina, Chile, Bolívia e Suíça e em todos os países lusófonos. Cinco livros publicados. Verbete no Dicionário de Mulheres Escritoras de Hilda Flores; Página na Enciclopédia de Artistas Contemporâneos Lusófonos – 8 séculos de Lingua Portuguesa; Página na Enciclopédia di Grandi Artisti – portughese/Italiano – Literarte – Membro das Academias de Letras e Artes: Prêmios Nacionais e internacionais: Menção Honrosa Prêmio Nosside Mundial e plurilinguístico de Poesia Calábria-IT; Prêmio Diamonds of Art and Education Austrian - Abrasa; 1º lugar no Concurso *Sem Fronteiras pelo Mundo* Poesia; Prêmio Literarte "Melhores Coletâneas de Conto" ; Prêmio Nordestino de Literatura Ed.Mágico de OZ. Prêmio Talentos Helvéticos-Brasileiros "Melhores livros de Contos"; Prêmio Melhores Haicaístas - Literarte; Prêmio Melhores Contistas Contemporâneos-Literarte entre outros; Membro Correspondente da Academia de Letras de Teófilo Otoni-**ALTO**-MG;
Membro efetivo da Academia Niteroiense de Belas Artes Letras e Ciências **ANBA** Membro fundador da Federação Brasileira dos Acadêmicos das Ciências Letras e Artes **FEBACLA - RJ**; Membre D'honneur Divine Academie Française des Arts Letres et Culture- **DAFALC;** Membro Correspondente da Academia de Letras de Goiás - **ALG**; Membro

Correspondente da Academia de Ciências Letras e Artes de Vitória/ES –**ACLAV;** Membro da Academia de Letras do Brasil - Seccional/Suíça-**ALB**;Miembro del Núcleo de Letras y Artes de Buenos Aires reconocido como Miembro Correspondiente de la delegación brasileña de este núcleo- **NLABA;**Membro efetivo da Academia Teresopolitana de Letra – **ATL;** Membro da Litteraria Academiae Lima Barreto – Acadêmico Titular- **LALB-** RJ; Membro Corresponsal do Círculo de Escritores de España **– CEE** ; Associada a Rede de Escritoras Brasileiras- **REBRA**; Membro de Poetas del Mondo; Associação Internacional de Escritores e Artistas **LITERARTE** ; Integrante do Portal CEN - Portugal; Associada a Unión Hispanomundial de Escritores. **UHE** ;Associazone Culturale Internazionale Mandala – Milão; **ACIMA;** Membro do Núcleo Acadêmico de Letras e Artes de Portugal – **N.A.L.A.P**
site: www.rozelenefurtadodelima.com.br

A Pipa e o sonho

Solta a pipa dando linha para ela subir
Na dança do vento e se divertir
No jogo da pipa o corte da linha é do vencedor
No sonho vence o sonhador
É preciso sonhar
Seu sonho só será cortado se você deixar
O sonho é seu. Invista em seu ser, em seu talento
A magia do sonho não é o vento
É a força do muito querer
É a fé num único poder
É a crença que aumenta dia a dia
Desenhando a linha da vida com ousadia
Sem vento a pipa não pode voar
Sem sonhos a vida no tempo jaz
O sonho nunca é grande demais
Para o sonhador que sabe sonhar

Amorosa Mãe Deusa Gaia

A vida é para ser vivida com amor,
desfrutar do paraíso e toda beleza.
Todos somos célula desta natureza
é dever defendê-la seja de quem for.
Zelar pelos seres habitantes das florestas
Preservá-los do fogo e da motosserra
Manter as águas, os pântanos e toda terra.
Ouvir a maviosa canção das matas em serestas.
Amada e amorosa Mãe Deusa Gaia,
que tem a divina função de proteger,
guardar, vigiar e sempre defender
o planeta Terra para que não se esvaia.
Ó Deusa que comanda o universo
imploro em desespero socorro e ajuda
antes que chegue a forte dor aguda,
e a vida se transforme no inverso.
Desperta cada um do sono profundo!
O perigo está batendo à porta do futuro
e poderá não haver nenhum lugar seguro.
Cuidado, povo que povoa este mundo!

OBS.: MENÇÃO HONROSA EM POESIA

Tardinha de verão

Fui à fonte beber água
Matar a sede de vida e de conexão
Vi a natureza fazendo um ato de gratidão
Que lavou e levou a minha bacia de mágoas
A fonte de água cristalina iniciou a exibição
Um espetáculo sem ensaios nem projeto
Acontece no palco tendo o céu como teto.
No momento do dia que é só de fascinação
Não sei se tem algum maestro a dirigir
As mãos em concha sorvo água e me delicio
Fim de tarde de verão a hora que mais aprecio
Uma magnífica apresentação, parei para aplaudir
Não sei se cantam ou tocam, sei que é divino.
Agradecendo ao Criador com uma bela sinfonia
Uma orquestra de cigarras entoa sonora melodia
A vibração final é o voo de um colibri dançarino
Pela graça de receber esse afago que descortina
O marulhar da água fresca e pura da fonte
O sol que morre de mansinho no horizonte
A música que nana o dia que em paz culmina
Concluí que
Somos uma célula de um só corpo vibrante
Tudo é de todos e viver é cuidar e depender
Ser é um estar presente e pertencer
Que estamos por aqui sempre e durante

SALETE NASCIMENTO
(ARACAJU - SE)

Professora, Comendadora pela Suíça (Luís Vaz de Camões) pelo Espírito Santo: Flor Bela Espanca. Delegada internacional de Cultura e fundadora de 5 Academias de Letras e outras instituições em Sergipe.

COMO SERÁ O NATAL?

Como será o Natal, dos nossos dias futuros
Com tamanha violência, e tanta desilusões
Desemprego, martírio e dor
No mundo desenfreado, com pouquíssimo amor?

Como será o Natal, com tantos irmãos carentes
Outros embaixo das pontes, na mais triste solidão.
Sem ter pão na hora certa, uma cama pra dormir, ou sequer uma coberta?

Como será o Natal, com crianças abandonadas, dormindo em qualquer lugar, outras até quase nuas
Sem ter carinho dos pais
Tornando-se insensíveis, tais destinos infernais.

Como será o Natal, dentro as cassas de saúde
Com tantas doenças graves, igualando a humanidade, sem discriminar raça ou cor
Muitos a beira da morte, na agonia da dor.

Como será o Natal, dos velhinhos asilados, chorando sem esperança, de ter aumento um carinho dos próprios familiares
Restando apenas lembranças e saudade. Dos seu lares.
Como será o Natal, nas favelas esquecidas, com milhares de pessoas, lutando contra o destino
Vendo a droga intirpecente, atormentando as cabeças
Dos nossos jovens carentes?
Como será o Natal?

PERDIDA NO OÁSIS DA NOITE

Vago na noite e adentro num vazio tenebroso que me perturba a cada passo.
Procuro e não acho.
O silêncio é parceiro inerte da minha solidão.
A ilusão preenche a minha alma e me acalma, abrigando versos e rimas que sufocam na garganta
Tudo me espanta, na madrugada solitária e fria.
A poesia pula da alma e não soa além das flores que dormem na inocência das tuas pétalas.

A noite é infinita para uma aventureira que perambula sonhando pelas praças desertas, onde só os grilos entoam seus Cris Cris.
Meu grito é um Sarau poético sem sonoridade, que se encolhe perdida no oásis da noite

SÉRGIO RODRIGUES PIRANGUENSE (CONTAGEM - MG)

Natural de Belo Horizonte. Funcionário Público Federal; Licenciado em Artes; Pós-graduado em Jornalismo Esportivo. Adesguiano – CEPE 2007. Doutor Honoris Causa pela ABD. Membro de Honra da Divine Académie Française des Arts Lettres et Culture. Acadêmico Vitalício da ALB (MG), Cadeira nº. 02. Acadêmico. Membro da IWA e Comendador da ANBA (RJ), Cadeira nº. 49. Comendador Grande Mestre Faixa Grande e Artista Plástico com registro na ABD (RJ). Acadêmico correspondente da ALAF (CE); ARTPOP (RJ); ALTO (MG); Núcleo de Letras y Artes de Buenos Aires – Argentina. Publicitário; Jornalista Ilustrador; Caricaturista; Chargista; Cartunista; Mágico; Escritor; Poeta; Artista Plástico com registro na ABD. Em 2012, foi agraciado com o Troféu de Melhor Obra do Salão de Artes Plásticas do Centro Cultural do Palacete Laguna – RJ. Premiado em concursos literários. Participação em Antologias e em Exposições Internacionais.

A ARTE DO EROTISMO.

Esta mulher é o clássico óleo sobre tela, belas artes de curvas divinas feitas a pincel.

Seu esboço é resultado da perícia esmerada do traço, proporção exata com pitadas de conhecimento acadêmico e intuição.

Sem fôlego ficamos nós, seus admiradores; sobra-nos juízo de gosto.

Ouso garantir que depois dela todas as outras são autênticas imitações. Teu colo exsuda odores místicos cujo poder influencia o sexo e a fé dos seres humanos, determina o destino de governos e sociedades, põe o santo a cometer pecado e o pecador ajoelhar a teus pés. Aos que evitam se aproximar de ti são acossados de prazeres mentais.

Quantos heróis quedaram submissos subjugados pela visão da nudez encantadora. Gazela viçosa dos desejos secretos, das fantasias eróticas, da obsessão masculina. Rosa cativa do Jardim das Delícias. A curva acima dos quadris com exíguos 60 centímetros é alcova para aconchegar olhares hitchcockianos.

Musa. Deusa da fertilidade. Juventude em flor.

Promessas de perpetuação da espécie.

Caçoa zombeteira da força dos homens porque está protegida pela moldura (insignificante abrigo). Lanço-te certeiro estes versos menos que apelo:

Glória da nobreza altiva

Possui a adorável diva

Conceitos estéticos de valor

Perspectiva, ponto de fuga,
Jogos de luz e cor
Joias preciosas de genial sedução
Na face semblante sereno
No corpo gostoso veneno.

A exposição fica em cartaz até o fim do mês.

SÔNIA NOGUEIRA (FORTALEZA - CE)

Educadora graduada em História e Estudos Sociais e, pósgraduada com especialização em Planejamento Educacional, Língua Portuguesa e Literatura. Escritora com 17 livros editados de crônicas, contos, poesias e literatura infantil. Coautora em 77 Antologias, 43 no Chile, 1 bilíngue Espanhol, 2 em Francês, 1 em Inglês: É colaboradora do jornal O Povo, FormAção Literária da Associação Cearense de Escritores-ACE ; O Mensageiro de São Gerardo e das Revistas Artpoesia/BA, Minirevista/RJ, Varal do Brasil Geneve/ Suisse. É membro da Associação Cearense de Escritores, ACE - Academia Feminina de Letras, AFELCE - União Brasileira de Trovadores, UBT -Academia de Letras dos Municípios do Estado do Ceará, ALMECE - Rede Brasileira de Escritores, REBRA. Vencedora em concursos, tem dois destaques de capa, dezesseis menções honrosas nos Estado: RJ, SP, BH, MG,CE, agraciada com 17 medalhas e 15 troféus, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, Mulheres Notáveis, Drummond Categoria Especial, Diamomnds Of Art And Educacion Austrrian, em Viena no Castelo Colbensz Áustria, Troféu Pedro Aleixo, Troféu 70 anos da ABD, Troféu, Prêmio Excelência Artística do CEMD, Troféu em Comemoração ao 3º Aniversário do Jornal sem Fronteiras, 11º Troféu Prêmio Nacional Buriti, Troféu Machado de Assis, – Troféu União Brasileira de Trovadores (UBT, Troféu do Escritor, Gente que faz Cultura, - Troféu, Patrona do IX Concurso Literário Prof.ª Sonia Nogueira Membro correspondente em cinco academias: ACLAC, Academia Cabista de Letras, Ciências, Letras e Artes de

Cabo Frio, RJ, 2010; ALAV, Academia de Artes y Letras Valparaíso, (chilena); ALAB, Academia de Letras, Artes Buziana; ALMAS, Academia de Letras, Música e Artes de Salvador; CEAE - Círculo de Escritores e Artistas de Espanha, Santiago de Compostela.

***Apenas um Laço de Fita**

A praça enfeitava-se com jovens de beleza singular, ostentando o brilho da juventude. Talvez a procura de flerte ou elogios para massagear o coração. O olhar do jovem Álvaro viajou por todas. Um rude lago enfeitava o centro da praça, esculturas de anjos, flores bem cuidadas com várias cores e perfume, exalado pelo vento suave.

Pensava o moço no amor, mas difícil seria apaixonar-se assim tão jovem. De repente uma cor vermelha alçou voo na sua direção e de pronto a mocinha dos cachos loiros correndo atrás do seu laço.

Meu laço, moço, meu laço. Ao olhar aquele semblante apertado pela perda do simples laço, murmurou abismado ante a beleza da jovem.

Seu laço, bela menina!

A jovem o repôs com tanta graça e ternura que a beleza duplicou, em complemento com o sorriso de gratidão. Laço e rosto mais belo do que esse eu nunca vi, pensou o jovem.

Um senhor, afobado, repreendeu a filha por dar atenção a um desconhecido.

Fui só pegar meu laço, papai.

Não fale Cecita, repreendeu-lhe o pai. Eu pegaria seu laço. Vamos, está na hora do baile.

Álvaro não resistiu. O laço não lhe saía da mente. Conseguiu penetrar no local através de um amigo. A jovem valsava, com o seu par, ternamente linda. Os lábios do valsante tocava com suavidade o laço da bela dama e o coração de Álvaro sentia ciúmes que doía o coração.

Imaginou-se nos braços da bela Cecita, roçando os lábios no abençoado laço do seu delírio. Desejou ser uma borboleta para alçar voo ao redor daquela cabeleira vasta, sedosa, loira e sentir seu perfume. Um vento. Ah, fosse ele um vento, ao menos por um segundo, arrancaria, sem ímpeto, tão gracioso achado, guardaria em envelope, e esconderia no fundo do baú com direito a visitá-lo todas as noites ante de dormir. Um ósculo seria depositado com o maior dos amores, que um homem pode ofertar.

Findou o baile. Álvaro, aflito, tropeçou em várias pessoas a fim de alcançar pelos menos o olhar de seu amor impossível.

Que me posso, um pobre poeta, e pobre homem diante dos afortunados da beleza e do poder financeiro! Mas um poema eu farei e desse poder de criar, ninguém será capaz de tentar destruir-me.

Menina de rara beleza suave/Meu olhar enamora-te com pudor/No pensar recolho rude chave/Sonhar contigo a decifrar o amor. /Se me queres não sei, mas sei de mim, /A cada minuto, hora, segundo, só, /No teu cheiro pureza e

querubim/Faz doer meu coração triste dó. /Nas noites insones e desgarradas/Por ti velo, e despojado de amor/Revelo-me assim, mas probo eu sou./Por querer-te tenho único desejo/ Ofertar-me, no oculto, meu cortejo/O laço de fita, na deserta morada.

O tempo correu. Álvaro casou com uma jovem, de pouca formosura, e tornou-se rico e famoso. O pensamento, no entanto, permanecia intacto abraçado ao laço de fita vermelho. Muitos poemas recitados nos saraus ao seu clandestino amor. A mulher passou a usar laços de fita vermelho na certeza que era a inspiradora dos versos.

Cecita casou com homem mais idoso, gordo, um picnico, por imposição do pai. Precisava aglutinar as heranças para estender os dois impérios financeiros. Certa vez ao frequentar um sarau o jovem poeta Álvaro declama seu primeiro soneto, com extremo entusiasmo ao citar o laço vermelho. Cecita identificou-se e admirou a beleza e sabedoria do destacado poeta. O marido de tão insignificante que era tornou-se um zero á parte. Todos os poemas ao seu amor, sim, agora ela reconhecia o que era amar em silêncio. Amor não tem preço. Nasce de um olhar, alimenta-se de ilusão, morre no silêncio da palavra. Ela conseguia todas as cópias. Guardava-as com tanto zelo, lia-as todas as noites e as beijava com gratidão.

O coração de Álvaro desejou: quando for determinada a minha subida para o além ficaria feliz se o laço vermelho da minha amada ornasse minha cabeça, para meu regozijo e contentamento. Sabedora de tamanho desejo, Cecita jurou realizar seu pedido, mesmo que os anos durassem anos. Seus poemas estavam lacrados no escondido baú dos amores impossíveis, que o destino separa.

Aproximou-se do jovem poeta uma única vez, por força do destino, num piquenique, sem ambos saberem do afortunado encontro. Álvaro, por instinto, levou seu caderno de poemas. Cecita, por intuição feminina, ornamentou a bela cabeça com o laço vermelho, não usado há algum tempo.

As cinco famílias se organizaram na escolha de espaço por cada grupo. Estenderam tapetes floridos ao chão, arrumaram as comidas, os garrafões com água e sentaram para passar o tempo contando piadas, conversas corriqueiras provocando gargalhadas estrondosas.

O cheiro de comida espalhou-se pela mata. Duas onças rugiram, provocando silêncio nos convivas. O olhar da fera surgiu e passadas lentas avançavam em direção do grupo. Gritos, correrias e subidas em árvores, não amedrontaram os visitantes inoportunos, saborearam o gostoso churrasco, e a cada pedaço de carne urravam como a sorrir ou dialogar: humanos se apavoram com a nossa presença, e nós os tememos pelo poder da arma de

fogo que conduzem, no entanto, apenas, mostramos a arcada dentária, é suficiente para amedrontar o mais valente dos humanos. Coitados! Mais um rugido e adormeceram no tapete.

Álvaro ao avistar o laço de fita vermelho, aproximou-se com firmeza, pegou na mão de Cecita, subiram numa árvore. Ao notar o sono profundo dos leões, desceram e em silêncio tomaram rumo ignorado. Até nunca mais senhores donos do poder e dos corações.

A natureza confabula com amores verdadeiros.

OBS.: MENÇÃO HONROSA EM PROSA

***A Literatura como Remédio**

Literatura: Forma de expressão escrita que se considera ter mérito estético ou estilístico; arte literária; Conjunto de textos ou obras escritas sobre determinado assunto (ex.: literatura científica, literatura de divulgação, literatura técnica, etc.).

Diante do exposto, pelo dicionário Priberam, vemos que a literatura tem enorme abrangência sobre uma variedade de assuntos para escrever argumentar, informar, disciplinar, curar.

Esse o ponto principal do nosso tema: Literatura como remédio. Escrever ou lê? Eis a questão. Lê foi a maior invenção humana, escrever o maior dos artífices para registro da história da humanidade.

Quando lemos, a mente se transporta para a descrição dos fatos e com tal precisão que o artista plástico molda a tela imaginária e o pincel rabisca em projeção as ações que a palavra descreve. O historiador avista no mapa os locais, a psicóloga interpreta os personagens, o professor de literatura identifica o estilo, o contador de história se inspira e cria outra história.

O gosto pela leitura estende seus domínios para novos horizontes e leitura vira vício saudável. A mão tateia a caneta ou a tecla, de

acordo com o estilo da cada indivíduo, então nasce o poema, o conto, a crônica, o romance e sem percebermos entramos no mudo da literatura de modo tímido e receoso. Com a divulgação pelo mundo virtual postamos nossos textos singelos, temendo os pseudocríticos que condenam umas tantas vírgulas ocultas, concordâncias relaxadas, estilo pobre. Nada disso importa. O caminhar da carroça, aos poucos alcançará o caminho certo pela prática e um pouco de aperfeiçoamento no traquejo da escrita nos levará ao nascimento do primeiro filho: o livro.

Viu onde está o remédio da literatura? Através da leitura e da escrita. Não necessariamente nesta ordem, cada pessoa que lê escreverá ou se escrever lançará um livro. Mas com certeza a leitura, além de nos atualizar, expandir nossos conhecimentos, gera na mente uma terapia de cura. Mente desocupada inventa situações com sofrimento antecipado.

Enquanto ostros escritores escrevem livros didáticos, pesquisas científicas, registro da história, a literatura estende suas letras no mundo da poesia, conto, crônica, romance. O mundo é um poema, a vida é uma poesia, a natureza é poesia pura, a filosofia faz poesia com suas explicações complexas e explicativas. Até na prosa a poesia encontra-se de braços abertos enriquecendo a literatura com graça e beleza.

Admiro o avanço da tecnologia com a expansão mundial através de um clik. O preocupante é que, não só a juventude, como pessoas adultas se valem desse progresso para escravizar a mente humana. Sem negar que a literatura se encontra nesse mundo virtual, é a maior biblioteca que a história registra. Livros, com imensa variedade de estilos, aos nossos olhos no domínio público ou particular com cobrança irrisória nos levam ao mundo literário.

Analisando um grupo de jovens, que vi reunidos num shopping, na praça de alimentação, enquanto eles aguardavam o pedido às mentes se ocuparam com o celular. Mesmo que viessem de um grupo de leituras com certeza, não falariam sobre os textos lidos e sim ansiavam pelas mensagens chegadas ao seu aparelho. De qualquer modo estão lendo sabe-se Deus o que.

OBS.: MENÇÃO HONROSA EM PROSA

***O Amor**

Eu te amo. Sou assim, decidido e firme, com apenas quarto palavras, mas revoluciono o mundo, mesmo sendo desprezado por muitos. Na prosa e no verso me destaco com louvor. Os poetas me reverenciam com tanta ênfase que o poder de sedução é muitas vezes arrebatador.

Sou tão pequenino, e meu poder de ação é tão gigante em todo decorrer de minha existência, que viajo sem nunca esgotar meu intento: aplicar amor em todas as estâncias e adentrar em cada espaço sem permissão. Sou viciado no amor de mãe, o mais forte, afinal a mulher é procriadora universal. “Crescei e multiplicai-vos”. Mas quantas famílias são desagregadas, crianças abandonadas, filhos que matam pais, irmãos sendo fortes agressores, avós desprezados, pela falta de amor. Assim mesmo não me sinto derrotado. Compartilho da família o amor entre os cônjuges, até que a morte os separe. Esse conceito foi substituído pelo, até que o divórcio nos separe. - Mata-se por amor? - Não, meus senhores. Por ódio, sim, pela posse do outro, a humilhação de ser trocado por mulheres mais jovens, ou homens com poder financeiro de grande valor, ou status social.

Entre amigos o amor é tão mesquinho, e tão fraco, que a menor ofensa, desrespeito, ou grosseria uma amizade se rompe.

Cheguei ao poder político e, me esgueirando soprei uma migalha de amor. – Amor, seu amor? Tem juízo não? Já viu amor combinar com poder! Todos atuam com facas de dois gumes, ou espinho de grande profundidade, balaço, extermínio do outro. Já viram uma matilha de cães brigando na rua? Eu vi na assembleia, repetidas vezes e, quando são contrariados nas suas ideias, gritam esbravejam, se esmurram, e ainda são tratados por Vossa Excelência. Caso contrarie o ideal do outro age qual porco espinho que se ouriça facilmente com pouca farpa. Aí Vossa Majestade foge, de lá, cabisbaixo sem opção de defesa ou argumento. Continue.

Caminhado com a mesma coragem fui ao futebol. Absurdo confabular com tal blasfêmia. As pessoas não foram educadas para perder ou ganhar. Matam por amor ao seu time. Desolador. - E as crianças? - As crianças se amam sem preconceito, até o dia que os adultos mostram-lhe as diferenças pela raça, credo e poder.

- Ah! Mas o amor a Deus, esse sim, é verdadeiro. – Quanta heresia meus leitores! Existem habitantes deste planeta terra, que negam a existência de um Ser Superior para viverem livremente, sem compromisso com a dignidade, que

foi criada para o controle familiar. Bebem, matam, roubam, abandonam os filhos, se prostituem, com a certeza, creio, de que a vida é só matéria, e a natureza e os homens foram criados por acaso. No entanto vemos as recompensas pelos nossos atos voltarem do tamanho de nossas ações.

Mas eu amor não me canso. Assumo o compromisso com a missão que me foi designada, esperar o abraço da conquista, almejando a paz mundial. “Se a esperança é a última que morre”, ele se renova a cada desamor.

- Mas excetuas os amores duradoiros? - Bom, indaguei de uma senhora, que viveu setenta anos de matrimonio. Sua resposta foi categórica. Não casei por amor, Vossa Majestade, casaram-me. A única solução foi suportar a prisão, os abusos, a autoridade e a pressão social. Hoje, ao menos, temos liberdade. O amor soltou uma lágrima de decepção, pensou na imperfeição humana e confabulou consigo: sou perfeito. Eu amo sem nada exigir, perdoo desejo sempre o bem do outro. Caminhei em direção ao futuro remexido palas mudanças e pressas, intacto sem uma ranhura reafirmou: eu sou perfeito, o ser humano é inutilizado.

OBS.: MEDALHA DE OITAVO LUGAR EM PROSA

VALÉRIA GUERRA REITER (PETRÓPOLIS - RJ)

É ATRIZ, ARTISTA, ACADÊMICA DA ANLPPB, CADEIRA 56, ARTILHEIRA DA CULTURA DO CENTRO DE LITERATURA DO FORTE DE COPACABANA, BIÓLOGA, HISTORIADORA, ADMINISTRADORA ESCOLAR, PROFESSORA, LITERATA, POETA, AUTORA DE PEÇAS TEATRAIS COMO: EXPECTATIVAS E CONTOS, EU PRECISO DE UM HULK, AMBOS ADAPTADOS DE LIVROS HOMÔNIMOS... INTEGRA VÁRIAS COLETÂNEAS DO FORTE DE COPACABANA, E DE OUTROS ÓRGÃOS COMO PRÊMIO POETIZE 2012, NAS CATEGORIAS POESIA, E TAMBÉM EM 2013, PREMIADA PELA LITERARTE NA AUSTRIA ESTE ANO, ESTA ESCRITORA POSSUI MAIS DE 10,000 PUBLICAÇÕES NO RECANTO DAS LETRAS.

O NATAL DE INIGUAÇU...

Existia um homem muito rico que vivia sempre a espreita de enriquecer mais... ele era irmão de um donatário de uma das capitanias hereditárias mais promissoras da Colônia Brasil.

Os indígenas, em sua maioria nutriam respeito por ele – Claro que havia outros que não queriam saber de catequese e outras maneiras de aculturação. Bem, o senhor Manuel era um grande empreendedor e como irmão de um donatário poderia usar e abusar em desmandos dentro de esta terra explorada por seus compatriotas portugueses.

"**Ah! Como era bom capitanear negócios lucrativos (especialmente o da cana-de-açúcar) e ainda lucrar com a venda de escravos advindos de África, como uma segunda opção de ganhos fáceis**"; este era o pensamento do senhor Silva.

O natal estava bem próximo, e tal comemoração do nascimento de Jesus Cristo é um momentum de êxtase para o mundo católico, principalmente através de seus representantes contra reformistas - à época da colonização brasileira: os jesuítas, que se constituíam em peça fundamental para a conquista definitiva dos erroneamente denominados índios. Estes nativos deveriam ser cooptados a qualquer preço, para exercerem o trabalho braçal exigido pelo modo de produção que explorava a tudo e a todos.

Bem, o pequeno Iniguaçu ficava intrigado com os festejos de Natal do Homem branco, que ocorriam no

Brasil, através de missas e cânticos, que em seu entender infantil pareciam desnecessários; porém que soavam aos seus tenros ouvidos: como um ritmo alegre e festivo.

Na noite de 24 de dezembro de 1565 algo inusitado ocorreu ao menino português batizado como Manoel - filho do senhor Manuel; que se tornou amigo de Iniguaçu – talvez por ambos possuírem a mesma idade, oito anos; houve uma aproximação: duas crianças apenas individualizadas por suas culturas e costumes; que se entrechocavam de forma naturalíssima.

E como Iniguaçu já estava principiando nos seus estudos jesuíticos, já conseguia entender um pouco a linguagem; e ficou por demais entusiasmado com a possibilidade de comemorar o natal na casa de Manoel.

O menino Manoel gostava de rezar todos os dias, aos pés de sua caminha; e conservava preso a ela um crucifixo de ouro que sua avó (que morava) em Portugal havia ofertado ao seu pai, como presente no último natal, ainda em terras lusitanas, pois é, e este fato para a família Araújo Silva se constituía em motivo de honra e fé.

E então Manoel convocou o “amigo” para ir ao seu quartinho e observar um ritual muito diferente do que ele conhecia em sua tribo – o portuguesinho se prostrou ajoelhado e rezando para Jesus e para todos os santos que ele conhecia - demorou-se meia hora em preces – e o indiozinho curioso comtemplava aquela solenidade; sob uma atmosfera de estranhamento e admiração.

A mesa foi posta para a Ceia e dona Carolina chamou seu filho Manoel, e seu esposo Manuel - e claro que o nativo também se achegou: Todos cearam juntos sob as bênçãos da tradição da Santa Igreja Apostólica e Romana. Havia grande delicadeza e desvelo do início ao fim daquela ode ao nascimento de um Deus; que segundo a tradição oral e escrita contada: era piedoso, generoso e justo.

Quando se encerrou o jantar natalino, os dois amigos se despediram, cada um foi para seu *berço esplêndido* para dormir o sono dos justos. Naquela noite Iniguaçu poderia pernoitar na casa de seu amigo. Pela manhã quando o senhor Manuel adentrou o quarto de seu primogênito, não enxergou o crucifixo de ouro; e logo foi despertando seu filho (aos sacolejos) dizendo: - Menino onde está o crucifixo que sua avó Manuela nos deu?

Manoel esfregando os olhos ainda sob efeito do sono olhou ao seu redor e não viu a peça; e naquele instante ele mirou o Céu e perguntou a Deus: - Como que o Senhor permitiu que aquele ***índio endiabrado*** levasse a relíquia mais cara? Papai só pode ter sido o Iniguaçu.

Ele dormiu (no chão) do meu lado a noite inteira; porém teve uma hora que saiu - aí seu pai instintivamente já foi direto até o outro cômodo onde se encontrava um baú de madeira, e de lá sacou um mosquete...

Manoel lançou um olhar aos Céus novamente, só que desta vez ele sorvia com afinco quatro rabanadas de uma vez só - e balbuciava orações,

entre grunhidos – ao mesmo tempo em que admirava o reluzir do ouro do crucifixo bem escondido... embaixo de sua caminha tosca - de repente um estampido se faz ao longe, e foi seguido por um intenso e dorido grito humano cingido de dor.

Manoel sorriu dizendo: Amém Jesus! Feliz Natal!

JOKER - REMISSÃO E REVOLUÇÃO.

Como poderemos entender o sistema? este conjunto de religações que eliminam (com certeza) o menos apto a ele.

Claro que existe um SISTEMA DESIGUAL E COMBINADO, e agora?

Há pastiches em toda parte tentando reproduzi-lo em nível artístico.

A vida sempre joga, e com isto você estará a mercê de ser o eterno perdedor; e os ganhadores estarão sempre com o mesmo discurso: contando a história de suas vitórias.

Joker, ou Coringa nos remete a piada, a brincadeira, uma etimologia que brinda e blinda mais um personagem.

Herói ou bandido? A escolha depende muito de seu status-quo, ou religião. Parece exagero, ou volúpia; um dogma, ou um paradigma... mas na realidade histórica eles são símbolos de anarquia; ou de revolução de um sistema vituperado.

“Este palhaço é mui atípico”: muitos dirão; já outros apenas elogiarão o desempenho de Joaquin Phoenix, e outra gama - se embasbacará com tal prodígio por parte de um excelente ator (sem dúvida); contudo um ator que obviamente faz parte

de este meandro contextual recheado de tendenciosidade.

Eu mesma como escritora, com livros publicados, e participações generais em muitas ANTOLOGIAS e similares experenciei e isto se faz mister em minha trajetória acadêmica (agir com base no empirismo) tal senso de observação me fez enviar escritos para Concursos Literários e obter resultados completamente diferentes: com o mesmo texto; vitórias e derrotas sob olhares por vezes invidianos.

“Eles não dão a mínima para pessoas como você ou como eu” é o que diz Arthur Fleck a sua terapeuta, quando ele narra seu cotidiano e ela está apenas preocupada em lhe dar uma péssima notícia; a de que o SISTEMA cortará as verbas e condenará seres humanos portadores de problemas gravíssimos à indigência. E todos nós sabemos, ou deveríamos saber que a maioria dos "problemas" são planejados pelo senhor SISTEMA.

Como já mencionei em outros artigos, e devo frisar novamente é que a base da estrutura social é classista. DOMINADOS E DOMINANTES lado a lado, porém nunca misturados. O lucro vem de este tipo de “equilíbrio” e o compadrio faz parte de este ESQUEMA.

As asas de um aclamado homem-morcego estão respingadas do sangue inocente de uma criança ultrajada e traumatizada, assim como tantas crianças brasileiras que são estupradas e assassinadas todos os dias no Brasil. As pesquisas

comprometidas com a veracidade gritam estes dados: “Foram registrados 66 mil casos de abuso sexual em 2018 no Brasil.”

Temos vilões fantasiados de mocinhos e obviamente esta inversão de valores leva inúmeros homens e mulheres a viver debaixo do jugo desumano e podre que veste os assassinos com seda pura, e golpeia a quem preza a humanidade.

Brasil e Gothan City o roteiro da vida real imitando a arte e vice-versa.

#LEIABRAZILEVIREBRASIL

VALÉRIA MELLO
(RIO DE JANEIRO - RJ)

Atividades literárias:
1° Festival de Samba da Escola Municipal Rugendas, 1976. 2° lugar. Samba: As cartas.
2° Concurso de Peças Teatrais Infantis das alunas do Curso de Formação de Professores. 1° lugar: Ana e o duende.
Monografias/Teses – 2 publicadas:
1. Curso Formação de professores, Colégio Arte e Instrução, Monografia intitulada: Técnicas de alfabetização para portadores de Síndrome de Down, 1982.
2. Curso de Bacharel em Direito, Monografia intitulada: Técnicas Jurídicas aplicadas ao Processo de Execução, 1986. Universidade Gama Filho. Gráfica UGF.
3. Curso de Pós-graduação lato sensu em Direito Empresarial, Tese: A Execução Fiscal - técnicas dilatórias de prazo, 1991. Universidade Gama Filho. Gráfica UGF.

Sintonia

Nem todo dia é claro...
Nem toda noite é fria...
Nem tudo na vida é raro
Há novidade a cada dia

Tem um ditado preclaro
Minha avó sempre dizia
Que "tendo fé e preparo
Deus dá boa companhia"

Se alguém te for caro
Se algo mais principia
Dê a esse ser amparo
Com amor e maestria

Flecha ao vento

Lancei minha flecha ao tempo
Pois em tudo há uma partida
Ela fez o seu bailado no vento
Mostrando quão bela é a vida

Neste trajeto tudo foi aventura
Pura adrenalina, ora mansidão
Doando com sinceridade pura
Seu destino em total amplidão

Uma flecha foi ao tempo
Uma voz no vento chama
Uma flecha foi no vento
Esperança de quem ama

Marinheiros

Berço, és doce lar esmeralda
Que oculta dez mil segredos
Marés frias onde o sol escalda
Rumo de tantos degredos

Caminho ondulante, ilusão
Humor que depende do tempo
Nas águas, espumas, turbilhão
Das ondas salgadas ao vento

Sopros de Éolo despertam na pele
Tons de canela, ou róseos dourados,
Saudade traz que a alma congele
Da terra molhada pelos orvalhos

Logo virão das cordas, atracamento
No porto onde a vida é desperta
Anseiam todos por esse momento
Já que no peito o coração aperta

As marolas agrupam, doce balanço
Desequilibram alguns nessa valsa
Do tombadilho meus olhos amanso!

De tantas viagens, por hora é parar...
Depois vêm reparos e queremos voltar!

VALÉRIA VICTORINO VALLE (GOIÂNIA - GO)

Profª e escritora Valéria Victorino Valle - IWA – USA

Embaixadora da Paz - Comitê Internacional dos Boinas Azuis / ONU-RJ e ACLAPT-CTC/ES

Senadora Cultural da Federação Brasileira dos Acadêmicos em Ciências, Letras e Artes-RJ

Delegada da Academia de Letras e Artes de Valparaiso - ALAV – CHILE

Comendadora da Academia da Universidade de Santiago no Chile, de Letras de Goiás-ALG-GO e da ACLAPT-CTC-ES.

Membro Internacional da Confederação Internacional dos Acadêmicos das Ciências, Letras e Artes - CONINTER - RJ e da ALAP-Portugal

Membro Academias: ANALE, ALBA, ULA, APLAM (GO); corresp. LITERARTE,ANBA, ARTPOP, AAL(SP)ALTO (MG) Nucleo Letras y Artes BUENOS AIRES e LISBOA/PT; vice-presidente da ALG-Academia de Letras de Goiás.

PEDRAS

Há no peito uma escuridão de perdas
e um amontoado pontiagudo de pedras
recolhidas dos seus atiramentos.
É o aprisionamento da dor,
o amontoar do rancor,
nas suas palavras que vem e ficam,
que vão e permanecem no breu dos dias.

Esmago um coração apodrecido,
Entontecido de sofrer
no hálito torturador desse ser.
É o Inverno e o inferno residente
Nesse corpo quase morto, sempre resiliente
nessa rotina cíclica que dói esquecida.

SEPARADOS? AINDA NÃO.

Mesmo com a minha Casmurrice,
Gostaria de escrever para você
Mas o silêncio ecoa em todos os cantos do cérebro
E as palavras fogem sabotando meus pensamentos.
Elas protegem meus segredos e culpas.
Tenho um quase medo diante delas.
Sei que nos versos não há o calar,
Só há o expor e exponho.
Impossível catar e calar palavras...

Nunca fui passante em sua vida
Como tantas outras mulheres
Sempre fui ficante presente e decente.

Você também é diferente dos outros que
Na carência, qualquer uma serve, mas
Na exigência, só uma atende.
Afinal, dizer te amo não é dizer Bom dia!
E você sabe o meu sabor e amor sentido.

Minhas palavras voam abraçadas
Aos sentimentos e aos argumentos:
O amor resiste ao desprezo e as traições,
Despedaça a dúvida e a razão, pois
Na verdade, nunca houve separação.

OBS.: MENÇÃO ESPECIAL EM POESIA

SÓ HOJE

Hoje quero um gosto de aventura,
de atrevimento e carne nua.
Quero um sabor de poesia que delira
e transpira no deleite de ser sua.

Hoje sinto um balanço no corpo,
uma tonteira na alma.
Preciso ver você e ter
nossos corpos apertados e
esmagados no delírio de ver
o calor dos seus lábios,
o seu peito entregue,
o desejo de ser meu.

Hoje quero viajar no seu ventre,
percorrer os caminhos dos seus traços,
envolver nos seus abraços,
cavalgar nos teus desejos e
sentir a saliva derramada na sua pele.
Só hoje...

VANDA MARIA JACINTO (MOSSORÓ - RN)

Vanda Maria Jacinto (Auriflama/SP,1952).Pedagoga (professora aposentada, escritora e Acadêmica Acadêmica da ACJUS – Academia de Ciências Jurídicas e Sociais de Mossoró).Publicações: Rabiscando os Caminhos da Prosa e O Amor no Tempo e no Espaço(Sarau das Letras, 2016/2017), Coletâneas: Café & Poesia, vol. 1, 2, 3 e 4- (2016/2017, 2018 e 2019), Exercícios Literários – Vol. 1 e 2 - (2016/2018), Coletânea Espaço Jornalista Martins de Vasconcelos - 2019 – Sarau das Letras; Arte e Cultura em Terras Potiguares e Coletânea Sem Fronteiras pelo Mundo – Vo2 (Sem Fronteiras – 2016/2017);Talento Poético (Becalete – 2017) e colaboradora da Coluna Literária “ Espaço Jornalista Martins de Vasconcelos” - Jornal de Fato(Mossoró -RN).

Expectativa: Um grande desafio a ser combatido...

"A expectativa é a raiz de toda mágoa".

— William Shakespeare.

O ato de viver é tão complexo e surpreendente, que nem sempre atentamos para tudo o que acontece em nosso íntimo, ou ao nosso redor.

Por mais que tenhamos o cuidado de interferir favoravelmente nesse processo, vez por outra, nos perdemos no caminho. Nossos atos, nem sempre coerentes, nos levam a estradas de difícil acesso. Um deles é, sem sombra de dúvida, a "expectativa". Atitude baseada em situações utópicas que, quando não alcançadas, geram problemas emocionais seríssimos!

Shakespeare, conforme a citação no início do texto, já definia a "expectativa" como sendo "a raiz de toda mágoa"...

Mas, se a "expectativa" é algo que não nos traz benefícios, por que não abrir mão dela?

Bem, dentre os muitos conceitos sobre o assunto, de um modo geral, podemos definir o vocábulo "expectativa" como sendo o "ato de esperar um resultado de algo ou alguém, mediante probabilidades e pressupostos. O que deixa margens

para incertezas, resultando muitas vezes em decepção e mágoa por parte do expectador”.

Diante do exposto, o ideal seria não criá-la, no entanto, essa é uma ação, que mesmo inconsciente, é muito frequente em nossa vida!

É só pensar em fazer alguma coisa, e lá vamos nós sonhar com um resultado, e ele vem, é claro, sempre acoplado a cenários fantásticos, com pessoas perfeitas e com desfechos mirabolantes...

Embora possa parecer simples, ou seja, tirar de uma vez essa tal “expectativa” da nossa vida não é tão fácil assim, e mais difícil ainda é ignorá-la...

Num primeiro momento é preciso estar certo de que, abrir mão da expectativa, significa praticar o desapego.

Quer coisa mais complicada que isso?

Desde a mais tenra idade aprendemos a nos apegar a pessoas e objetos – pai, mãe, irmãos, avós, brinquedos, etc., – no intuito de garantir uma vida harmoniosa.

Essa seleção, inclusive os nossos apegos, dependem dos nossos julgamentos que, por sua vez, estão intimamente ligados a nossa base de conhecimentos...

Levando em conta que não somos perfeitos, esses julgamentos poderão nos levar a percepções distorcidas.

Sobrepondo as nossas percepções distorcidas, vamos idealizando nossos projetos pessoais, determinando tempos, espaços e condições ideais em relação aos mesmos. E o mais intrigante é que, nesse processo, a medida que vamos aprimorando as ideias, vamos aglutinando coisas e pessoas que julgamos necessários para a consecução do objetivo traçado. Quando digo pessoas, isso não quer dizer que solicitamos o seu consentimento, para ali se fazerem presentes, apenas as incluímos.

Sem um aviso prévio, e a partir dali, passamos a alimentar a esperança de que, o outro ou outros, irão captar a nossa carência ao ponto de retribuir as nossas necessidades tal qual a idealizamos.

Ledo engano. Ninguém possui uma “bola mágica de cristal”, capaz de identificar os nossos pensamentos e desejos. Sem contar que cada um já possui os seus.

Penso que, desapegar, talvez seja o primeiro passo, pois alimentar esperanças em relação ao outro, mediante as próprias carências é perder tempo.

A felicidade de “SER” deve nascer e estar contida em nosso âmago!

É preciso aprender a viver plenamente, sem imputar aos outros, responsabilidades complementares.

Idealizar é preciso sempre, mas estar com os pés no chão e a razão além do coração, também!

OBS.: MEDALHA DE BRONZE EM PROSA

Essa ou aquela? A primeira ou a última?

Uma vez por ano, quando da visita ao oftalmologista (para consulta de rotina), passo por aperreios bem peculiares a situação.

Na sala de espera já começo a me angustiar. Nunca sei se vou acertar os questionamentos que ele - o oftalmologista -, me faz durante a consulta...

Não sei, mas não te incomoda quando o profissional fica mudando aquelas lentes, e te perguntando: essa ou aquela? A primeira ou essa? Essa última ou a segunda? Fico toda perdida. São tão parecidas, que nunca consigo distingui-las!

Diante de tanta modernidade, fico me questionando se ainda não inventaram algo mais moderno... Sinceramente, considero essa metodologia ultrapassada e deficiente. Não é possível que ainda não tenham inventado algo melhor e mais prático.

Sem ter como adiar esse momento anual, o jeito é enfrentá-lo...

Por não ter escolhido adequadamente o meu último corretivo, para a minha visão deficiente, cá estou eu sofrendo a mesma fobia. Movida pela estética, adquiri uma armação com hastes brancas. Em pouco tempo, estavam tingidas de vinho, conforme a cor das minhas madeixas. Assim sendo, bem antes da famigerada consulta, tive que me submeter ao incômodo de outra, pois incoerente seria trocar somente a armação.

Após a decisão tomada, me encaminhei para o consultório. Enquanto aguardava a vez, fiquei imaginando como agiria durante a consulta. Seria sincera desta vez, diria que não me sinto bem com

aquelas mudanças de lente e aproveitaria para solicitar outro jeito. Com certeza, ela iria me atender...

De repente, a atendente falou num tom que só as atendentes de consultórios oftalmológicos conseguem:

- Dona Vanda, pode entrar.

Depois de justificar o motivo antecipado da minha estada ali, sentei-me na cadeira própria e, acreditem, fiquei muda. E o processo teve início. Essa ou essa? A primeira ou a última? A última ou a segunda?

Enfim, apenas balbuciei que nunca acertava as lentes, o que pelo jeito não afetou em nada, pois ela prosseguiu a sua rotineira consulta.

Saí desolada da clínica, mas mesmo assim, fui para a ótica. Adoro escolher a armação – momento lúdico para mim!

Armação escolhida, novo processo de medição não sei de que - outra coisa que nunca sei qual a serventia -, mas me submeti.

Dias passados, me ligaram da ótica avisando que os óculos haviam chegados. Fui o mais rápido possível!

Assim que peguei o meu novo corretivo visual, me decepcionei. Havia novamente feito uma escolha errada, as suas hastes também tinham detalhes em branco, mas já era tarde, e isso não foi tudo. Não conseguia enxergar nitidamente com os novos óculos. Algo estava errado.

Medidas e conferências foram feitas e nada de se achar o problema. De volta ao consultório, a atendente também confirmou a receita. Estava tudo certo.

Depois de muita peleja, voltei à ótica e mandei trocar as lentes pelo mesmo grau do óculos antigo.

Depois do caso passado, toda feliz, verificando no espelho, todos os ângulos possíveis e imagináveis -com o novo óculos, fiquei sabendo que a única diferença entre as receitas estava exatamente na mudança ocorrida no “eixo”, resultante daquele processo lá do início do texto... Essa ou aquela? A primeira ou a última?

Portanto, fique esperto, ou melhor, de olho bem aberto, quando for à uma consulta no oftalmologista, e nunca permaneça nas dúvidas em relação àquelas lentes!

Eu? Já estou preocupada com a minha próxima consulta...

OBS.: MEDALHA DE SEXTO LUGAR EM PROSA

Quebrando rotinas

O cumprimento de horários e os afazeres do dia a dia são tantos, sejam eles em casa ou em outros ambientes, como o do trabalho, que estamos sempre esperando ansiosos pelos feriados e/ou os dias de domingo, que é, no geral, dia de dormir até mais tarde, de passear ou mesmo até mesmo, de repouso para alguns. Enfim, um dia especial sem as obrigações de seguir rituais chatos.

Como eu frisei há pouco, para alguns, pois não me incluo nesse universo. Por mais que me esforce, não consigo dormir até mais tarde, nem tão pouco ficar ociosa por muito tempo, aliás, por tempo algum. Estou sempre procurando o que não perdi, e acabo sempre por encontrar. A minha rotina acontece naturalmente todos os dias... Não importando, para isso, se sábados, domingos ou feriados. Não consigo guardá-la no armário nos finais de semana...

No sábado à noite, após um dia exaustivo de luta, pois como a casa estava florida com a presença dos filhos, comecei a me preparar para dormir, porém, o pensamento já fervilhava imaginando os afazeres do dia seguinte. O cardápio do almoço de domingo já estava montado, mas precisava também fazer

alguns replantes no meu recanto chamado jardim, sem contar que tinha que revisar alguns textos antes que a segunda-feira chegasse. Seguramente, as atividades do domingo estavam mais ou menos organizadas.

Mas, como tudo na vida tem exceção, adormeci tão cansada no sábado, que nem me lembro de ter acordado durante a noite. O domingo chegou, e só percebi, com os primeiros raios dourados do sol entrando em meus aposentos, sem sequer pedir licença. Na verdade, aproveitavam as rótulas entreabertas e desprotegidas da minha janela e, aos poucos, creio eu, talvez até meio tímidos, iam entrando e iluminando os caminhos por onde passavam até então, na penumbra. Conforme percorria a sua rota no céu, os seus raios iam se esticando até que chegarem ao meu rosto.

Assustada, talvez pelo calor - já meio escaldante naquela hora do dia -, despertei tão abruptamente, que fincando os pés no chão, um tanto areada ainda, olhei a minha volta e meio que zonza percebi que havia perdido a hora. Precisei de alguns minutinhos para acordar direito e perceber que estava, sim, muito atrasada para começar a minha rotina!

Já de mau humor, escovei os dentes, e corri para a cozinha preocupada em recuperar o tempo perdido.

Nada dava certo no preparo do café. Aliás, na minha cabeça já era quase hora de almoço... Meu Deus, que loucura!

Liguei o rádio, e assim que a sintonia se fez, uma canção do Roberto Carlos preencheu o ambiente e, de repente, dei-me conta de que era domingo, e que embora houvesse dormido um pouquinho além da conta, ainda podia me reorganizar e fazer tudo dar certo.

Aos poucos fui repensando os planos elaborados na noite anterior, enquanto passava a goma da tapioca na peneira...

Não por acaso, o Roberto começou a cantar “Eu preciso de você”, daí não deu outra, me embalei na canção e por um momento esqueci-me do meu tempo já tão corrido.

Quando voltei do meu devaneio, mandei as favas as minhas obrigações: não mais seria escrava da minha rotina tão “severa”. Decidi que não cumpriria a programação elaborada para aquele dia. Faria apenas o que desse certo e pronto.

Não é nada fácil quebrar rotinas, mas não custa tentar...

De volta às tapiocas, resolvi, literalmente, tomar o meu café com o “Rei” Roberto Carlos, ou melhor, me deliciando com as suas canções enquanto saboreava o meu desjejum!

OBS.: MEDALHA DE DÉCIMO LUGAR EM PROSA

WILSON RODRIGUES PEREIRA (BRASÍLIA - DF)

É geólogo e professor, nasceu na capital de São Paulo, mas mora em Brasília desde sua inauguração.

- Autor do livro “NÃO ME LEVE (muito) A SÉRIO” - Editora PENALUX – 2014.

- Participou da coletânea “HISTÓRIA PRA VOCÊ DORMIR 3” com o texto “A história de uma molécula” – LITERARTE. – 2012.

- Editor e participante da coletânea ”Geologia 40 anos depois” - PUC Goiás – 2012.

- Participou da coletânea VINGANÇA II com o texto “CÃS” – LITERARTE - 2013

- Participou da Coletânea – “Encontros” – com o texto “Reticências e reminiscências” – ALUR 2016

- Participou da Coletânea “Palavras Abraçadas” – com o texto “Mariazinha o 38 e a 12 - Editora Scortecci - 2016

- Teve coluna de crônicas em jornais.

- Prêmio Literário – LITERARTE 2012 - Categoria Criatividade e Originalidade

- Prêmio de Excelência Cultural – ABD – Associação de Desenho e Artes Visuais – 2013.

- Membro Correspondente Estrangeiro do Núcleo Acadêmico de Letras e Artes de Lisboa - 2014

- Prêmio Medalha Personalidade 2014 – Cabo Frio - 2015

-Membro da ARTPOP – ACADEMIA DE ARTES DE CABO FRIO - 2015

- Medalha de ouro no 4º Concurso Erotismo com Arte – Reino dos Concursos – 2015 – com o texto: “Você gosta de Umbu? ”.

- Convidado para participar da “2ª Expo Poemas Itinerantes Internacional” com poema “O MELHOR DIA DA MINHA VIDA” na Escola Superior de Educação de Viana do Castelo, do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, Portugal, com inauguração dia 14 de maio de 2018. O poema deverá ser exposto em várias cidades de Portugal.

- Tem mais de 800 textos publicados no site “Recanto das letras” com mais de 80.000 leituras.

A VIZINHA COZINHEIRA

É DONA DE UM “BISTRÔ”,
DE GENTE ENGRAVATADA,
O CARDÁPIO DO RESTAURANTE,
EU LEIO E NÃO ENTENDO NADA,

OUTRO DIA A VI NA FEIRA,
COMPRANDO PARA A SALADA,
TOMATE, ALFACE, PEPINO,
COM CARA PREOCUPADA,
SERÁ QUE A TAL CARESTIA,
QUE MATA O POBRE DE FOME,
JÁ PEGOU ESSA MOÇADA?

ELA É BOA EM STROGONOFF,
EM PIRÃO E EM PEIXADA,
FAZ TAMBÉM UM MACARRÃO,
E UMA BELA CARNE ASSADA,
PORÉM O MELHOR VEM AGORA,

VOCÊ NÃO SABE DE NADA,
DESCOBRI QUE A VIZINHA,
QUE MORA NA MINHA QUADRA,
ALÉM DE TUTU, CAMARÃO,
PIRÃO E TAMBÉM FEIJOADA,
É UMA ESPECIALISTA,

SÓ SOUBE DEPOIS DA CANTADA,
É QUE A COZINHEIRA BOAZUDA
É BEM MELHOR EM RABADA...

OBS.: MENÇÃO ESPECIAL EM POESIA

PERDA CONSTANTE

JÁ COMECEI PERDENDO, DESDE A CONCEPÇÃO

PRIMEIRO O CALOR DO VENTRE, ANTES DA FORMAÇÃO

DEPOIS O COLO MATERNO, SEM NENHUMA EXPLICAÇÃO

MINHA CAMA TÃO MACIA, MINHA BOLA, MEU PIÃO

O QUINTAL, O VIZINHO AMIGO, MEU PASSARINHO, MEU CÃO

A PRIMEIRA NAMORADA, A TIA DE ESTIMAÇÃO

A MINHA AVÓ PORTUGUESA, PELA QUAL TINHA PAIXÃO

A MADRINHA QUE AO ME VER, DESMAIAVA DE EMOÇÃO

A PRIMA, LINDA MORENA, QUE ERA O MAIOR AVIÃO

O MEU AVÔ MARCENEIRO, QUE AMAVA A PROFISSÃO

MINHA INDEPENDÊNCIA, A SAÚDE, MEUS SONHOS, VERSOS, CANÇÃO

MEUS MEDOS, RECEIOS, FANTASMAS; A MINHA SUPERSTIÇÃO

A MULHER TÃO OCUPADA, QUE NÃO ME DAVA ATENÇÃO

A CASA, OS MÓVEIS, A LOUÇA; A APARELHAGEM DE SOM

MINHA PRÓPRIA IDENTIDADE, O EMPREGO E A RELIGIÃO

O AMIGO CONFIDENTE, QUE CANSOU DO MEU REFRÃO

O HUMOR, OS COMPANHEIROS, O AMOR E O TESÃO

FIQUEI SEM PODER, SEM DINHEIRO; PERDI TODA A AMBIÇÃO

E AGORA NÃO SEI MAIS QUEM SOU;

SE EXISTO, ... OU SE NÃO

OBS.: MENÇÃO ESPECIAL EM POESIA

MEU DOCINHO

VOCÊ É UM DOCE MAIS GOSTOSO
TEM MEL DE ARAPUÁ NO SEU BEIJO
FIGO RAMY, BRIGADEIRO, QUINDIM,
GOIABADA COM UMA TALHADA DE QUEIJO

SEUS SEIOS SÃO DOIS MANJARES
DE LEITE CONDENSADO E COCO
COM CALDA DE AÇÚCAR QUEIMADO
E DUAS AMEIXAS NO TOPO

QUEIJADINHA, OLHO DE SOGRA, COCADA.
PÊSSEGO EM CALDA, CHOCOLATE COM AVELÃ
BANANA SPLIT COM CALDA DE MORANGO
E UMA COLHER DE EXTRATO DE ROMÃ

RAPADURA, FAVO DE MEL, MIL FOLHAS
SUSPIRO, TABLETES DE AMOR
OVOS MOLES, PASTEIZINHOS DE BELÉM.
BOMBOM RECHEADO DE LICOR

JÁ QUE DE TODA ESSA DELÍCIA
NADA É CONSIDERADO DIETÉTICO
ENTÃO NÃO VOU TE COMER,
POIS SAIBA QUE SOU DIABÉTICO.

OBS.: MENÇÃO ESPECIAL EM POESIA

YARA OLIVEIRA
(PASSOS - MG)

Nascida na cidade de Cássia – MG, Yara Oliveira está radicada em Passos desde 1958. Iniciou na pintura em 1990 e fez vários cursos. Óleo sobre tela com textura faz a sua preferência, gosta de escrever e faz esculturas em argila com folhas de ouro (figuras humanas).

Faz parte da Academia de Letras Teófilo Otoni – Minas Gerais (ingresso em 13 de maio de 2017) – membro correspondente.

Pertence a International Writers and Artists Association – I.W.A.

Tem mais de 920 pinturas espalhadas no Brasil e no mundo. É fundadora da Associação de Escritores de Passos e Região – “Escritores e Cia”.

- Exposições:
  - VI Circuito Internacional de Arte Brasileira
  - X Circuito Internacional de Arte Brasileira Argentina/Brasil – representando Minas Gerais
  - Casa do Brasil – Madrid – Arco de La Victoria – s/n
  - Canning House Gallery – Londres
  - Galerie Expression Libre – France
  - Espaço Casa do Brasil – Madrid (Tela Brasileiríssima)
  - Salão 22 de Abril de Belas Artes – Franca, SP – Congada (tela com textura)
  - Banco do Brasil de Muzambinho
  - Banco do Brasil de Passos
  - Arte na Praça (Praça Geraldo da Silva Maia)
  - Casa da Cultura de Passos, MG

- Casa da Cultura de Cássia, MG
- Palácio da Cultura de Passos, MG (individual e coletiva)
- Menção Honrosa VI Circuito de Artes – Rio de Janeiro, RJ
- Menção Honrosa – Madrid, Espanha
- Menção Honrosa – CIC – Espanha
- Menção Honrosa – Escultura – Salão 22 de Abril – Franca, SP
- Exposições em várias escolas públicas e particulares.
- Participou do Gallery Art Brazil, volume 1, página 365/366.
- Participou do Art Book Contemporâneo - 2005, paginas 42 a 44.
- Faz parte do quadro “Estas Mulheres” (artistas plásticas).
- É voluntária da Pastoral da Saúde e do Carmelo São José – Passos, MG.
- Escreveu três livros (trilogia) abordando arte, poesia, prosa e memória: “Simplesmente Yara I, II e III.”
- É fundadora da “Associação dos Escritores de Passos e Região” – “Escritores e Cia”.
- Escreveu duas cartilhas infantis relacionadas ao projeto de “Prevenção às Drogas” – Amigos da Vida, do qual é voluntária.
- Escreveu seu primeiro livro infantil, Uma Floresta de Canetas, em 2013.
- Participou da 1ª, 2ª e 3ª Antologia dos “Escritores & Cia”.
- Participou da Antologia de Poesias, Contos e Crônicas – Memórias e Passagens de um Tempo – Vol 1 – 2015.
- Participou do VI Concurso da Natureza, do Acadêmico Oliveira Caruso, com medalha de prata pela poesia “Verde Oração”.

Zabelinha Zum

Ao da tarde
cair
zuniam as zabelhas
e Zabelinha
corria ligeira
do zumbido das zabelhass

Com medo
de ser picada
Zabelinha corria desenfreada
do zum...zum...zum...
das zabelhadas

E...por causa
do zumbidos das zabelhas
os zovidos
de Zabelinha
zuniam enlouquecidos

Enlouquecida também
Zabelinha tampou os zovidos
pra nunca mais ouvir
o zumbido das zabelhas.

Corda – Acorda

A menina pulava a corda
E a corda pulava a menina
Que brincava e sorria
Enquanto a corda batia.
Batia no chão da ladeira
Onde a menina brincava
E a corda assoviadora
Nem sabia que assoviava
Cada vez mais rápido
Mais rápido,mais rápido
A corda batia no chão
E a menina pulava,pulava
Acelerando o seu coração.
Cansava e quase sem forças
De tanto a corda pular
Levantou-se num só esforço
E resolveu deixar-se acordar.

OBS.: MENÇÃO ESPECIAL EM POESIA

ANJOS DE BARRO

Numa paisagem singular
Qual aquarela de cores
Fica cravado Inhotim
Um rico museu natural
De beleza e de valores.
Só que, desafiando o belo
Eis que surge uma vez mais
Um rio de lama
Nas veias das Minas Gerais
Rio de lama
Rio de lágrimas
Rio de dor
Engolindo consigo
Os gritos da morte
Os gritos de horror!
E... na paisagem verde-serena
Desce uma lama morena
Morena de rejeitos
Morena de restos
Que se mistura furiosamente
Ao povo trabalhador
Que hoje, sem vida
Devorado pela lama,
Torna-se morte e dor.
Tamanha é a tristeza

Tão nobre o sentimento
Que muitos brasileiros
Choram pelo povo mineiro
- Quanto Vale Brumadinho?
Nesta hora de terror?
Em que o sangue se faz lama
E a lama se faz horror?
Não bastando tudo isso
Surge o rio Paraopeba chorando
Chorando peixes mortos, rejeitos e
Mal conseguindo abrir os seus olhos
Clama ao nosso Senhor.
- Nem deu tempo de fechar a porta
Diz a mulher assustada
Mal sabendo que dizia
Pois já era uma desabrigada
- E meu filho, onde está?
Ele é tudo o que eu tenho...
- Meu marido, minha filha, meu pai...
Procurem!!! Ele está lá!!!
Mas a lama não escuta
Está surda-muda!
Seu caminho é destruir
Refeitório, pousada, casas,
Veículos, plantações, animais, rios
Pessoas... pessoas... pessoas...
Pelo ar o socorro vem
Transportando corpos e dor

Pela terra, anjos de barro
Mergulham na lama de horror
Do céu os anjos perguntam
- Quanto Vale Brumadinho?
E cantando muito tristes
Embalam hinos baixinho
- Quanto Vale Brumadinho?

OBS.: MENÇÃO ESPECIAL EM POESIA

JURADOS

ANDRÉ FLORES
(PORTÃO - RS)

André da Silva Flores ou André Flores (Aprendiz de Poeta), 45 anos, natural de Novo Hamburgo – RS, residente da Cidade de Portão – RS. Casado com Cristiane Kochenborger tem uma filha que se chama Letícia Kochenborger Flores. Filho de Antônio da Silva Flores e Teresinha Beatriz Flores. Criado na cidade de São Sebastião do Caí, aonde muito do material de inspiração para seus poemas, vem de experiências e vivências nesta linda, amada, pacata, simpática e acolhedora cidade. Formado em setembro de 2010 em Administração de Empresas pela UCS - Universidade de Caxias do Sul, Pós Graduando em Especialização em Educação a Distância pela UNOPAR. Trabalha no Setor de Faturamento do Hospital Nossa Senhora das Graças em Canoas – RS. Premiado em concurso realizado pela Academia de Letras e Artes de Porto Alegre e Expresso das Letras, em Agosto em 2011. Premiado em Concursos realizados no estado do Rio de Janeiro (Oliveira Caruso) em: 2013, 2014, 2015 e 2016 assim como nos concursos Artífices da Poesia, da Editora A.R Publisher em 2016, Ancguedes 2016, Mérito Cultural da FECI, (Fundação Educacional do Sport Club Internacional), em 2016, 2017 e 2019. Prêmio ABAS em Feira de Santa – BA (Março/2017) entre outros. Atua ativamente em blogs e jornais literários (Cabeça Ativa – SP, Poemas do Brasil - SE e Recanto das Letras - SP). Participou de 20 antologias impressas no Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo e Sergipe,

20 e-books, onde em três oportunidades escreveu o prefácio. Teve seus poemas publicados no jornal Zero Hora de Porto alegre em 10 oportunidades. Atualmente escreve para as revista literária de Portugal (**PORTAL CEN**), como também para a (**Logus da Fênix**). È Editor correspondente do Estado do Rio Grande do Sul da revista e grupo literária eletrônica Poemas do Brasil, e da revista literários Inversos em Feira de Santana – BA. Lançou o seu primeiro livro Aprendiz de Poeta, Simplesmente uma História em Maio de 2017, lançou o seu segundo livro, Subjetiva Poesia, Biblio Editora em 2018, na Feira do Livro de Porto Alegre, MEMBRO DA ALB-MS (ACADEMIA DE LETRAS DO BRASIL – SECIONAL-MS) CADEIRA 49, MEMBRO DA ALB-RS (ACADEMIA DE LETRAS DO BRASIL – SECIONAL RS), MEMBRO DA CAPOLAT (CASA DO PEOTA LATINOAMERICANO – RS), MEMBRO DA SCLB (SOCIEDADE DE CULTURA LATINA DO BRASIL – MA) E MEMBRO DA SOCIEDADE PARTENON LITERÁRIO DE PORTO ALEGRE.

Mordaça

Quero um mundo melhor realmente
No qual a sociedade seja mais igual
Não existindo diferença racial,
Nem o gênero ser tratado discriminadamente.

A mulher é tratada brutalmente
Tentam tornar este assunto banal
Mas, não podemos achar isso normal,
O feminicídio acontecer diariamente.

Entre a cruz e a espada da justiça,
É preciso ter coragem e lutar!
Não podemos aceitar esta injustiça!

Que seja erguido o pano, a cortiça
Sejamos mais educados e cavalheiros
Uma sociedade melhor se faz sem mordaça.

EVANDRO FERREIRA RODRIGUES (CAUCAIA - CE)

Evandro Ferreira Rodrigues, nascido em S. Gonçalo-RJ em 12/06/1979, e radicado no CE. Graduado em Matemática e Pedagogia e Pós-Graduado em Matemática Financeira e Estatística e em Gestão Escolar; PósGraduando em Informática na Educação. Membro Correspondente da Academia de Letras de Teófilo OtoniMG(2018); Acadêmico Nacional de Grande Honra- cadeira 27- patrono: Emílio Ribas-Federação das Ciências, Letras e Artes (2018); Embaixador da Paz e Dr HC em DH-OMDDH (2018); MEMBERInternational Writers and Artists Association-IWA-EUA-2019; Acadêmico Correspondente-cadeira 238- Academia de Artes, Ciências e Letras-ALPAS21(2019); Acadêmico Vitalício-cadeira 56- Academia de Letras Independente. Caneta de Ouro, Destaque Cultural 2017 e Comendador-FEBACLA. Publicou 04 livros: " Momentos Apaixonados Escritos em Poesia", "Amar com Poesia", "Bullying, estou fora!" (infanto-juvenil) e “A Poesitite nos une”. Palestrante sobre o tema "Bullying! e Cyberbullying". Finalista do IV Prêmio Nacional Radiotelegrafista Amaro Pereira-Crônicas-2017. Participação em algumas Antologias nacionais e internacionais: Antologias Chilenas- "Mil almas, mil obras-2017"; "Pensar Positivo”; Revista Portuguesa "Eis-Fluências-2017", Antologia Logos-Portugal; Ní uma más-en contra de los feminicidios- País Vasco, Mayo 2019; Três trovas um Cuento-Colômbia-2019; Alerta niños y Padres-Chile; Family-Consulado de Isla Negra-Chile. Palestrou no Programa LITERATURA no BNB-Juazeiro do Norte-2015 e 2017; Diploma de

Mérito Literário Centro Cultural Cascatinha em Maranguape-CE-2018, Diploma de Mérito Cultural ABT-2018, Menção Honrosa no VII Concurso Literário Oliveira Caruso-2018. Voto de Louvor pelo lançamento do livro- Amar com Poesia-ALMECE-2016, Autor “Estelar”-Ed. Polaris; Coletânea Literária “Entrelinhas” de crônicas-UNY Editora, Diploma de Honor- "Hagamos nacer la esperanza en este mundo hostil" e selecionado no Concurso Internacional em Árvores-Revista Inversos; Antologia “Poesia Sem Fronteiras”; III Encontro Sertanejo de Escritores e Leitores, Moção de aplausos-Escbras 2018; Reconhecimento Internacional de Talentos- Escbras-2018; Delegado Cultural-Delegacia Cultural Internacional -Escbras-2018, Honra ao Mérito-Delegacia Cultural de MG-2018; Baluarte da Paz-2018- Faculdade da Paz(Instituto VAEBRASIL); Doutor Honoris Causa em Direitos Humanos-OMDDH-2018; Mérito Cultural e Social 2017-OMDDH; Comendador da Ordem Benfeitor Cultural da HumanidadeFEBACLA-2018; Participação XII Bienal; Internacional do Livro em Fortaleza-CE(Lançamento do livro “Bullying, estou fora!”; 10ª Feira do; Livro- Festival; Literário; e Cultural de Feira de Santana-BA na qualidade de autor do livro “Bullying, estou fora!”-2017; Voto de Louvor pelo lançamento do livro- e “A Poesitite nos une”-ALMECE-2018, Diploma Mérito Cultural e Social 2017-FEBACLA; Selecionado no Concurso Gonzaga Mota e participação na Revista anual da Academia de Letras de Teófilo Otoni-MG-2018; Paladino da Literatura Brasileira- FEBACLA-2018; Crônica selecionada para Revista Inversos-BA-2019; Crônica selecionada 30º Concurso Internacional-ALPAS21-2019. Finalista-2º lugar do Concurso de Poesia Gonzaga Mota de Carvalho da Academia de Teófilo Otoni-MG-2019; Paladino da Cultura BrasileiraFederação Brasileira das Ciências, Letras e Artes-2019; Benfeitor Cultural da Educação-2019; Medalha e diploma(Brava Gente

Brasileira)-2019-FEBACLA; Dr Honóris Causa em Literatura-FEBACLA 2019; Comenda Ouro Laura Acadêmica- FEBACLA(A mais alta comenda da Instituição)-2019; Jurado do 8ºConcurso Literário Oliveira Caruso-2020; Grande Prêmio Internacional Machado de Assis-Federação Brasileira das Ciências, Letras e Artes- 2020.

CHUVA DE SENTIMENTOS OPOSTOS

Desejo retirar as sandálias dos pés
Pisar no chão que o Criador nos deu
O firmamento...
Caminhar despido como se fosse o paraíso
Apreciar a chuva que cai
e me molha por todo corpo
Lava minha alma e meu ser
Insisto em brincar de barro e me sujar
Fazer lama e me "enlamear"
Sentir cada gota de chuva me tocar
Ensopar...
As roupas encharcadas
que me direcionam a desnudar
O corpo e a alma para me lançar
Nessa "piscina gigante" que a chuva
Tratou de encher e criar
Dentro de um buraco natural
De barro, pedras, mel e terra
Mergulho, me lavo, me banho
Que bato minha perna
O dilúvio chega e meus poros se arrepiam
Sentindo falta da sua presença
O choro e as lágrimas se misturam
Com a chuva que me alegra
Me traz memórias e lembranças
Somos prosa e verso
Iguais e o inverso

Dois inteiros, não a se completarem
Mas a potencializarem um ao outro
Inundar e encharcar de talentos
Dons, dotes e alentos
Somos a palavra e a poesia
O encaixe dentro da caixa maior
Que se chama universo...
Na mesa, a cálida bebida
Somos a melhor "comida"
Nesse instante e para sempre da vida
A razão e a emoção
O choro e o sorriso
O árido e o liso
A alma e o coração
O dedilhar do violão...
A saia e o calção
O seco e o molhado
Dois corações alados
Dois corpos e muita sensação...
Assim somos nós,
nessa brincadeira na chuva
Totalmente inundados por sentimentos
Ilhados nos pensamentos
Os corações medrosos e atentos
Para brincarem na chuva de verão
Que chegou para umidecer nossa aridez,
Em nosso imenso sertão...

JESSÉ MAIA DE OLIVEIRA (BELFORD ROXO - RJ)

Nascido em 09/07/1983, em São João de Meriti, Baixada Fluminense, mas criado no município vizinho de Belford Roxo, na mesma região, Jessé é servidor público e, nas horas vagas, operador de som e comunicador nas rádios antenadanet.com, capitalrio.com e mundialnewsfm.com.br, onde ele apresenta, em cadeia, seu programa denominado “Balbúrdia”. Físico e Matemático, com passagens pelas Universidades do Estado do Rio de Janeiro e Paulista/Objetivo, o rapaz multitarefa da Baixada de infância pobre e filho de uma dona-de-casa com um mecânico de automóveis chegou a enveredar pelos caminhos do Teatro, Áudio Profissional, Dublagem, Desenho, Videografismo, Artes Gráficas e Locução Publicitária. Mas foi através da indescoberta paixão pelas letras acalentada latentemente desde os tempos de escola que Jessé Maia se redescobriu em 2015 um literata. Daí pra frente seu mundo encantado se descortinou passando do Modernismo ao Concretismo leminskiano e gullariano até as poesias clássicas e parnasianas. O perímetro lírico percorrido por Jessé lhe outorgou uma série de diplomas, certificações pelas academias por onde passou e um terceiro lugar na categoria prosa em um concurso de poesias gaúcho. Sua infrene e vasta produtividade em muito pouco tempo lhe concedeu por volta de duas mil e quinhentas poesias escritas de 2015, ao participar de um grupo de poesias no Whatsapp, a convite de Paulo Oliveira Caruso, presidente de ABT (Academia Brasileira de Trovas), até aqui. Ele também tem um

canal no YouTube levando seu nome com quase 5.500 inscritos, no qual ele fala de Cultura, Televisão, Rádio, Efeitos Visuais e Tutoriais diversos em som e imagem. “Existe muito NO3 correndo nas minhas veias poéticas, dilatando em desabalada carreira um mundo que se descortina na alma do poeta. Por isso minha atividade é atipicamente infrene e meu cérebro não para. Por quê? Só pode ser mesmo coisa de Deus. E O agradeço todo dia por cada talento oculto que Ele me desperta a ser aprendiz.”. Conquistas: - Academia Brasileira de Trovas: Amigo da Trova, amigo da Língua Portuguesa, Programa Amigo da Cultura e Programa Divulgador da Poesia (os dois últimos por seu programa na rádio no ar desde 9 de janeiro de 2010). - Concurso Aprendiz de Poeta 2017: terceiro lugar na categoria Prosa. - Poemas do Brasil: participação em sua primeira antologia. - União Brasileira dos Trovadores: delegado da seccional Belford Roxo. - Academia Pan-Americana de Letras & Artes: futuro imortal da instituição.

Vou falar no seu ouvido
tantas frases sussurrantes
que lhe tremem no vestido.
Detalhezinhos errantes
encobertos no joguete
dessa Rua Ramalhete
de cânticos dissonantes.

É um lugar muito bonito
qual uma casa no campo.
Belo Brasil jamais fito
salpicado em pirilampo
onde o que se descortina
é o novo que nos atina:
vista bela abrindo o tampo.

Em meio a tanta riqueza
um misto de mil culturas.
Não lhe bastando a beleza,
há exímias criaturas
escrevendo e divertindo,
rindo, criando e esculpindo;
nuances de tessituras.

A mais bela é só você,
linda no clube da esquina.
Tô saudoso em te querer.
Seu amor é minha sina.
E então? Podemos dançar?
Logo os Beatles vão rolar.
Não dança? O “papai” lhe ensina!

Logo ela pôs-se a sorrir.
Chegou-me a recordação:
música bela a se ouvir;
belas cartas de emoção.
Discos, filhos e o que apraz;
sentimento e tudo o mais.
Muita coisa em curtição.

Lô Borges, 14 Bis,
Bosco, Blanc e Samuel;
até versos que lhe fiz
no amarelo do papel.

É paixão bem verdadeira
por essa estrela faceira
que me instila no cordel.

Os meus versos de Tavito
são todos declaração
que com vênia lhe recito
em terna diapasão.
Minha mente se mistura
entre paixão e ternura
de uma doce confusão.

Luiz Otávio de Melo
mais sobrenome Carvalho.
Seus versos são um anelo;
terno e melífluo trabalho.
Muita musicalidade
composta, mas com vontade
sem algum alho e bugalho.

Desde os hits de sucesso
até a publicidade.
Uma história de progresso.
Foi música de verdade.
Tantos versejos famosos
bons aos ouvidos ditosos.
Rara musicalidade.

Mais de setenta e um anos
vividos na atividade.
Eram milímodos planos;
muita produtividade.
E o cara não era bobo.
No tetra gravou pra Globo
a nossa felicidade.

Uma Rua Ramalhete
com seus mais de mil matizes.
Multicores num filete
de momentos tão felizes.
Passo no Clube da Esquina
em que a vida nos ensina:
bom é sermos aprendizes.

No ano quarenta e oito,
os vinte e seis de janeiro,
quem fez da música um coito
foi dado ao Brasil inteiro.
Tantas melodias lindas
mais inspirações infindas
de um belo langor faceiro.

Avisto ao Belo Horizonte,
em meio a escarpadas Minas,
o amor que senti ao monte;
melhor que as outras meninas.
Amor ao som de Tavito.
Com ela, meu alto grito,
“Amo-te além das esquinas!”.

Vamos dançar mais um pouco;
deixar a vitrola rolar
um canto de amor tão louco
fazendo a cuca pirar.
Faço-lhe agora um pedido
assim bem baixo no ouvido.
Não poderão escutar!

O que lhe disse em bilhete
é de um desejo sincero.
Mais bela que o ramalhete,
você é tudo que eu quero.
Quero-a com amor eterno;
com desejo sempiterno.
Vida por quem tanto esmero.

Sem querer me relembrei
de uma rua e os ramalhetes
e das frases que anotei
em chumaços de bilhetes.
Bailes no clube da esquina;
bela música que atina
nosso amor em mil filetes.

CORDEL DE AMOR VERDADEIRO EM HOMENAGEM A TAVITO

JOSÉ FELDMAN
(MARINGÁ - PR)

José Feldman, nascido em São Paulo, capital, radicou-se no Paraná. Poeta, trovador, contista, gestor cultural. Delegado da UBT Ubiratã/PR, fixou residência em Maringá. Presidente Estadual do Paraná da Academia de Letras do Brasil desde 2007. Conselheiro Internacional do Movimento União Cultural e Consul de Maringá na Associación Poetas del Mundo. Pertence a diversas academias, como Academia de Letras Brasil-Suiça (em Berna), Academia Virtual Internacional de Poesia, Artes e Filosofia, Academia Formiguense de Letras/MG, Academia de Letras de Teófilo Otoni/MG, Sociedade Internacional de Poesia, Ordem Nacional dos Escritores, Academia Virtual de Poetas Trovadores, Casa do Poeta "Lampião de Gaz", de São Paulo, entre outras. Dezenas de prêmios em Concursos de Trovas e Poesias. Publicou o livro "Canteiro de Trovas". Participa de diversas antologias. Seu nome é referência no site de Antonio Miranda, ex-diretor da Biblioteca Nacional e na Academia Maçônica de Letras.

Dr. h.c. José Feldman, Ph.I.

ATESTADO DE POBREZA

Este é um fato comprovado,
que me envolve em pleno breu,
corre o dinheiro adoidado,
dele, seu, menos o meu.

Se o dinheiro está parado,
aonde ele foi parar?
Mas se ele corre adoidado,
não dá para alcançar.

E eu vou indo pela vida,
sempre cheio de esperança
de que um dia vai mudar.

Parcimônia é a pedida,
seguindo com confiança...
de um dia a mesa virar.

ORGANIZADOR

PAULO ROBERTO DE OLIVEIRA CARUSO

(NITERÓI - RJ)

Servidor público do estado do Rio de Janeiro. Administrador, Advogado e Estudante de Letras (tudo pela Universidade Federal Fluminense). Atual Presidente da Academia Brasileira de Trova e membro de outras 25 Casas no Brasil e no exterior. Este é o 42º concurso literário que lança sozinho desde 2011, sendo dois deles com antologia impressa e vários com antologia virtual. Desde 2010 participou de 112 antologias impressas e 263 virtuais. Jurado de concursos literários. Alguns títulos honoríficos e detentor de 349 prêmios literários desde 2010. 140 entrevistas realizadas para o site www.reinodosconcursos.com.br. Revisor literário e palestrante. Autor de 3l livretos artesanais e do livro Sonetos Diversos (2019).

Soneto 10 a Salomé

Salomé, dama tão bela e perversa,
após bailar a Herodes sinuosa,
aos ouvidos do mesmo em vil conversa
deixou-lhe uma sugestão ardilosa.

Na mais pura maldade inteira imersa,
a mãe dela Herodíades em prosa
pedira-lhe em travessa ver dispersa
do profeta a cabeça auspiciosa.

O governante-mor da Galileia
cumpriu seu juramento sem temor
e viu de João Batista o grão terror.

A Bíblia ensina toda essa odisseia
da sogra como serpe a fazer pó
de um homem como não cantou Dicró...

20-5-19

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiríssimo lugar, por tudo. Literalmente por tudo.

A minha mãe, que nunca desistiu de mim.

A minha irmã, por me servir de exemplo no que tange a estudar e se aprimorar.

A meu pai, por seu carinho não mais presente há 20 anos.

A minha esposa, que me incentiva a correr atrás do que amo e que me faz tão feliz como jamais eu tinha imaginado.

A Veber Viana Gusmão, por gerar os e-books que eu organizo.

A todos os demais colegas batalhadores nas letras. Aos participantes, aos jurados e todos os demais.